

Toda a gente tem segredos...

o
HOMEM
DE GIZ



C. J. TUDOR

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Toda a gente tem segredos...

○
HOMEM
DE GIZ



C. J. TUDOR

 Planeta

C. J. Tudor

O Homem de Giz

Tradução
Victor Antunes

 Planeta

Para a Betty. As duas.

Prólogo

A cabeça da rapariga descansava sobre um pequeno monte de folhas castanhas e cor de laranja.

Os olhos cor de avelã fitavam o dossel frondoso dos sicómoros, das faias e dos carvalhos, mas sem verem os dedos hesitantes dos raios de Sol que se insinuavam por entre as ramadas, a polvilhar de ouro o solo da floresta. Não pestanejaram quando os escaravelhos negros de dorso brilhante fugiram apressadamente sobre as pupilas. Já nada viam, além das trevas.

A curta distância, uma mão branca esticava-se para fora do seu sudário de folhagem, como que em busca de auxílio, ou para se certificar de que não estava só. Nada havia para encontrar. O resto do corpo estava fora de alcance, espalhado por outros lugares recônditos do bosque.

Perto dali, um ramo fino estalou com o som de um petardo na quietude da floresta e um bando de pássaros levantou voo, espavorido, de entre a vegetação baixa. Alguém que se aproximava.

Ajoelharam ao lado da rapariga de olhos sem vida e as suas mãos acariciaram-lhe com ternura o cabelo e afagaram-lhe o rosto frio, com dedos trémulos de excitação. Levantaram a cabeça, sacudiram algumas folhas que se agarravam aos bordos irregulares do pescoço, e colocaram-na com cuidado dentro de um saco, aninhada entre fragmentos de paus de giz.

Ao fim de um momento de reflexão, fecharam-lhe os olhos. Depois, correram o fecho do saco, levantaram-se e levaram-na consigo.

A polícia e os especialistas forenses chegaram algumas horas mais tarde. Numeraram, fotografaram, examinaram e por fim transportaram o corpo da rapariga para a morgue, onde permaneceu durante várias semanas, a aguardar que o completassem.

O que nunca aconteceu. Realizaram-se buscas exaustivas, houve interrogatórios, fizeram-se apelos, mas apesar de todos os esforços dos detectives e dos voluntários da cidade, a cabeça nunca foi encontrada, e o corpo da rapariga encontrado no bosque nunca foi reconstituído.

2016

Comecemos pelo princípio.

O problema é que nunca estivemos de acordo quanto ao princípio. Foi quando o Gav *Gordo* recebeu o balde com paus de giz como presente de anos? Foi quando começámos a desenhar bonecos de giz ou quando eles começaram a aparecer por sua iniciativa? Foi quando se deu o terrível acidente? Ou quando encontraram o primeiro corpo?

São muitos princípios. Na minha opinião, qualquer um pode assinalar o começo. Mas creio que tudo teve início naquele dia, na feira. É desse dia que me recordo melhor. Por causa da rapariga do carrossel, evidentemente, mas também porque foi o dia em que tudo deixou de ser normal.

Se o nosso mundo fosse um globo de neve, seria o dia em que um deus qualquer o sacudiria com violência e o voltaria a pousar. Mesmo depois de os flocos e a espuma terem assentado, as coisas já não eram como antes. Não eram iguais. Podiam parecer iguais através do vidro, mas lá dentro era tudo diferente.

Foi também nesse dia que conheci o senhor Halloran. Para falar de princípios, é tão bom como outro qualquer.

1986

– Hoje vamos ter tempestade, Eddie.

O meu pai adorava prever o tempo numa voz grave e autoritária, como as pessoas da televisão. Fazia-o sempre em tom seguro e afirmativo, embora em geral se enganasse.

Olhei pela janela para o céu de um azul sem mácula, tão brilhante que era preciso semicerrar os olhos para o fitar.

– Não me parece que vá haver tempestade, papá – contrapus com a boca cheia da sanduíche de queijo.

– Porque não vai haver nenhuma – disse a minha mãe, que tinha entrado súbita e silenciosamente na cozinha, como um guerreiro *ninja*. – A BBC diz que vai ser um fim-de-semana de sol e calor... e não fales com a boca cheia, Eddie – acrescentou.

– Hmmm – fez o meu pai, como sempre fazia quando discordava da minha mãe mas não se atrevia a contrariá-la.

Ninguém se arriscava a discordar da minha mãe. A mamã era – e continua a ser – uma personagem intimidante. Alta, de cabelos pretos cortados curtos e olhos castanhos capazes de cintilar de alegria, mas que se tornavam quase negros quando estava irritada (e, um pouco à semelhança do *Incrível Hulk*, ninguém desejava vê-la irritada).

A minha mãe era médica, mas não era como os outros médicos, daqueles que cosem os golpes nas pernas e que dão injeções a troco de dinheiro. Uma vez, o meu pai disse-me que ela «ajudava as mulheres em dificuldade». Não explicou que espécie de dificuldade, mas pensei que devia ser muito mau, para precisarem de um médico.

O meu pai também trabalhava, mas em casa. Escrevia para jornais e revistas. Mas nem sempre. Às vezes resmungava que ninguém lhe dava

trabalho ou soltava uma pequena gargalhada e dizia:

– Este mês não tenho audiência, Eddie.

Na minha opinião de miúdo, aquilo não era um «trabalho a sério». Não era um trabalho de pai. Um pai devia usar fato e gravata, sair todas as manhãs para o emprego e regressar ao fim da tarde, para o lanche. O meu pai trabalhava no quarto das visitas e sentava-se ao computador de pijama e *T-shirt*, às vezes sem se pentear.

O meu pai também não se parecia muito com os outros pais. Usava uma grande barba farfalhada e cabelo comprido, apanhado em rabo-de-cavalo. Mesmo no Inverno, vestia umas calças de ganga esburacadas, cortadas para fazerem de calções, e *T-shirts* desbotadas com nomes de grupos musicais antigos, como Led Zeppelin e The Who. Por vezes também calçava sandálias.

O Gav *Gordo* dizia que o meu pai era um «hippie do caraças». E era capaz de ter razão. Mas naquele tempo eu considerava aquilo um insulto, dava-lhe um empurrão e ele respondia com um par de murros, de modo que voltava para casa com meia dúzia de nódoas negras e o nariz a sangrar.

É claro que mais tarde compreendemos. O Gav *Gordo* era capaz de se armar em parvo – um daqueles miúdos gordos que têm sempre de ser os mais barulhentos e mais desagradáveis, para afastar os verdadeiros rufiões –, mas também era um dos meus melhores amigos e a pessoa mais leal e generosa que já conheci.

– Cuida dos teus amigos, Eddie *Munster* – disse-me uma vez, em tom solene. – Os amigos são tudo.

Eddie *Munster* era a minha alcunha. O meu apelido era Adams, como na *Família Adams*. Bem sei que o miúdo da *Família Adams* se chamava Pugsley, e Eddie *Munster* era retirado de *The Munsters*, mas naquele tempo fazia sentido, como é próprio das alcunhas, e pegou.

Eddie *Munster*, Gav *Gordo*, *Metal* Mickey (por causa das grandes próteses metálicas nos dentes), *Hoppo* (David Hopkins) e Nicky. A nossa quadrilha. Nicky não tinha alcunha por ser rapariga, embora fizesse tudo o que podia para fingir que não era. Praguejava como um rapaz. Subia às árvores como um rapaz e lutava quase tão bem como a maioria dos rapazes.

Mas continuava a ter aspecto de rapariga. Uma rapariga bastante bonita, de longos cabelos ruivos e pele clara salpicada por uma infinidade de minúsculas sardas castanhas. Nada em que eu reparasse.

Tínhamos combinado encontrar-nos nesse sábado. Encontrávamo-nos a maior parte dos sábados e íamos para casa de um de nós, ou para o parque de jogos e às vezes para o bosque. No entanto, aquele sábado era especial, por causa da feira. A feira aparecia todos os anos e instalava-se no parque, perto do rio. Era o primeiro ano em que tínhamos autorização para ir sozinhos, sem um adulto para nos vigiar.

Há semanas que aguardávamos aquele dia, desde que os cartazes tinham começado a aparecer pela cidade. Havia carrinhos de choque, um meteorito, um navio-pirata e uma nave espacial. Parecia bestial.

– Bem – disse, a acabar a sanduíche tão depressa quanto possível –, combinei com o pessoal que nos encontrávamos à entrada do parque às duas horas.

– Vai sempre pela estrada principal – recomendou a minha mãe. – Não te metas por atalhos nem fales com ninguém que não conheças.

– Está bem.

Deixei-me escorregar do assento e dirigi-me para a porta.

– E leva a bolsa de cintura.

– *Oh, mãeeee.*

– Vais andar nas corridas. A carteira pode cair-te do bolso. Levas a bolsa de cintura. E não discutas.

Abri a boca e voltei a fechá-la. Sentia a cara a arder. Detestava a estúpida bolsa de cintura. Quem usava bolsas de cintura eram os turistas gordos. Como podia ter um ar *cool* diante dos outros, especialmente de Nicky? Mas quando a minha mãe falava assim não valia a pena discutir.

– Está bem.

Não estava, mas o ponteiro do relógio da cozinha aproximava-se das duas e precisava de me pôr a caminho. Subi a escada a correr, agarrei na estúpida bolsa de cintura e meti o dinheiro lá dentro. Cinco libras inteirinhas. Uma fortuna. Depois, voltei a descer a escada, sempre a correr.

– Até logo.

– Diverte-te.

Não tinha dúvidas quanto a isso. O Sol brilhava. Levava a minha *T-shirt* preferida e os ténis *Converse*. Já se ouvia ao longe a música da feira e no ar fluava o odor dos hambúrgueres e do algodão-doce. O dia adivinhava-se perfeito.



Quando cheguei, o Gav Gordo, Hoppo e Metal Mickey já estavam à espera junto ao portão do parque.

– Ei, Eddie Munster. Que bolsa tão gira! – gritou o Gav Gordo à laia de cumprimento.

Corei até à raiz dos cabelos e fiz-lhe um gesto com o dedo médio. Hoppo e Metal Mickey riam-se como perdidos por causa da graça do Gav Gordo. Depois, Hoppo, que era sempre o mais simpático e o apaziguador, disse para o Gordo:

– Pelo menos não parece tão panasca como os teus calções, ó cara de fuinha.

O Gav Gordo sorriu, agarrou os calções pela bainha e ensaiou uns passos de dança como uma bailarina, a levantar bem alto as pernas curtas e grossas. O Gav Gordo era assim. Não era possível insultá-lo porque ele não se ralava. Ou pelo menos era o que queria que os outros pensassem.

– De qualquer maneira – disse eu, que apesar de Hoppo ter desviado a conversa continuava a achar que a bolsa tinha um aspecto estúpido – não a vou usar.

Desapertei o cinto, enfiei a carteira no bolso dos calções e olhei em redor. Uma sebe espessa corria ao longo do perímetro exterior do parque. Escondi a bolsa na sebe de modo a não ser vista por quem passava, mas não tão longe que não a pudesse recuperar mais tarde.

– Tens a certeza de que a queres deixar aí? – perguntou Hoppo.

– É isso, e se a tua *mamã* descobre? – inquiriu o Metal Mickey, naquele tom monocórdico e escarninho que lhe era característico.

Embora fizesse parte da nossa quadrilha e fosse o melhor amigo do Gav Gordo, nunca gostei muito do Metal Mickey. Havia nele um não-sei-quê tão

desagradável e frio como a prótese que lhe enchia a boca de um lado ao outro. O que não era de estranhar, sabendo de quem era irmão.

– Quero lá saber – menti, a encolher os ombros.

– Quem quer saber? – interpôs o Gav *Gordo* em tom impaciente. – Podemos esquecer a porcaria da bolsa e ir andando? Quero começar pela nave espacial.

Metal Mickey e *Hoppo* começaram a andar – em geral fazíamos o que o Gav *Gordo* queria. Talvez por ser o maior e o que falava mais alto.

– Mas a Nicky ainda não chegou – protestei.

– E então? – ripostou o *Metal Mickey*. – Chega sempre atrasada. Vamos embora. Ela há-de encontrar-nos.

Mickey tinha razão. Nicky chegava *sempre* atrasada. No entanto, não era isso que tínhamos combinado. Devíamos ir todos juntos. Não era seguro andarmos sozinhos pela feira. Especialmente uma rapariga.

– Damos-lhe mais cinco minutos – disse eu.

– *Não podes* estar a falar a sério! – exclamou o Gav *Gordo*, a assumir a sua mais convincente expressão de desagrado, à John McEnroe.

O Gav *Gordo* assumia uma série de expressões. Sobretudo americanas. Tão terríveis que nos escangalhávamos a rir.

Metal Mickey não riu tanto como eu e *Hoppo*. Não gostava de sentir a quadrilha contra ele. O que não teve importância, pois nesse momento uma voz conhecida perguntou:

– O que tem tanta piada?

Virámo-nos. Nicky subia a encosta, ao nosso encontro. Como sempre acontecia, senti um aperto no estômago quando a vi. Como se de repente me sentisse com fome e um pouco agoniado.

Os cabelos ruivos soltos caíam-lhe pelas costas numa massa emaranhada, quase até à cintura dos calções de ganga puídos. Trazia uma blusa amarela, sem mangas, com florinhas azuis na gola. Apercebi-me de um reflexo prateado no seu pescoço. Uma pequena cruz, presa a uma corrente. A tiracolo, carregava um grande saco de serapilheira.

– Vens atrasada – disse o *Metal Mickey*. – Estávamos à tua espera.

Como se a ideia tivesse sido dele.

– O que trazes no saco? – perguntou *Hoppo*.

– O meu pai quer que eu distribua esta merda pela feira.

Tirou um folheto do saco e estendeu-o.

Venha à Igreja de São Tomás adorar o Senhor. É a melhor de todas as atracções!

O pai de Nicky era o vigário da igreja local. Eu nunca fora à igreja – tanto a minha mãe como o meu pai não alinhavam nessas coisas –, mas já o tinha visto na cidade. Usava uns óculos redondos, pequeninos, e a careca dele era coberta de sardas, como o nariz de Nicky. Sorria sempre e cumprimentava-me, mas sempre o achei um tanto assustador.

– Ora cá está um monte de merda malcheirosa, meu – disse Gav.

Merda «malcheirosa» ou merda «voadora» era outra das frases favoritas do Gav *Gordo*, em geral seguida de «meu» com uma pronúncia requintada, sabe-se lá porquê.

– Não vais fazer isso, pois não? – perguntei, a imaginar um dia estragado, a andar de um lado para o outro para a acompanhar enquanto ela distribuía os folhetos.

Atirou-me um olhar que me fez lembrar a minha mãe.

– É claro que não vou, *Joey* – respondeu. – Vou só levar alguns e espalhá-los, como se fossem as pessoas que os tivessem deitado fora, e o resto vou enfiá-lo num caixote de lixo.

Todos esboçámos um sorriso. Não há nada melhor do que fazer uma coisa indevida e enrolar um adulto ao mesmo tempo.

Espalhámos os folhetos, deitámos fora o saco e fomos tratar do que era importante. A nave espacial (que era de facto um espanto) e os carrinhos de choque, onde o Gav *Gordo* me abalroou com tanta força que até senti a coluna a estalar. Os foguetões (muito excitantes no ano anterior, mas agora um tanto desinteressantes), a montanha-russa, o meteorito e o navio-pirata.

Comemos cachorros-quentes, e tanto o Gav *Gordo* como a Nicky tentaram enfiar as argolas no pescoço dos patos e ficaram a saber que nem sempre o prémio cobiçado é desejável, quando saíram de lá a atirar os patinhos empalhados um ao outro.

Por esta altura, a tarde já ia adiantada. A excitação e a adrenalina começavam a esmorecer, além da constatação crescente de que só me restava dinheiro para mais duas ou três corridas.

Meti a mão no bolso para tirar a carteira. O coração saltou-me no peito até à boca. Tinha desaparecido.

– Merda!

– O que foi? – quis saber *Hoppo*.

– A carteira. Perdi-a.

– Tens a certeza?

– Claro que tenho a certeza.

À cautela, procurei no outro bolso. Ambos vazios. Porra para isto.

– Onde a tiraste pela última vez? – perguntou Nicky.

Tentei recordar-me. Sabia que a tinha comigo depois da última corrida, pois tinha verificado. Além do mais, depois disso tínhamos comprado os cachorros-quentes. Não tinha jogado às argolas nos patos, portanto...

– Foi na barraca dos cachorros.

A barraca dos cachorros ficava do outro lado da feira, na direcção oposta à nave espacial e ao meteorito.

– Merda! – repeti.

– Anda daí – disse *Hoppo*. – Vamos lá ver.

– Para quê? – interpôs *Metal Mickey*. – Por esta hora já alguém a apanhou.

– Podia emprestar-te algum dinheiro – disse o *Gav Gordo* –, mas já não me sobra muito.

Tinha a certeza de que era mentira. O *Gav Gordo* tinha sempre mais dinheiro que qualquer de nós. Tal como tinha os brinquedos melhores e a bicicleta novinha em folha. O pai era dono de um dos *pubs* locais, o *The Bull*, e a mãe vendia produtos da *Avon*. O *Gav Gordo* era generoso, mas percebi que estava interessado em fazer mais algumas corridas.

Abanei a cabeça.

– Obrigado. Não faz mal.

Mas fazia. Sentia as lágrimas a queimarem-me os olhos. Não era só por causa do dinheiro que perdera. Sentia-me estúpido, o dia estava estragado.

A minha mãe ia ficar zangada e dizer:

– Eu bem te disse.

– Vocês vão andando – disse. – Eu volto para trás, para procurar a carteira. Não vale a pena todos perdermos tempo.

– Bestial – aproveitou logo o *Metal Mickey*. – Vamos embora. Vamos.

Afastaram-se, embaraçados. Mas percebi que tinham ficado aliviados. O dinheiro perdido não era deles e o dia estragado também não. Comecei a atravessar a feira em passo acelerado, em direcção à barraca dos cachorros. Ficava mesmo em frente do carrossel, que usei como um ponto de referência. Era impossível não dar com o velho carrossel carnavalesco. Mesmo no centro da feira.

A música berrava, distorcida pelos altifalantes roufenhos. As luzes multicores piscavam e os foliões gritavam enquanto os assentos de madeira rodopiavam cada vez mais depressa sobre o estrado de madeira do carrossel.

Quando cheguei mais perto, comecei a olhar para o chão, a movimentar-me com mais cuidado. Lixo, papéis de embrulhar os cachorros, nada de carteira. Claro que não. O *Metal Mickey* tinha razão. Alguém a devia ter apanhado e surripiado o meu dinheiro.

Suspirei e levantei os olhos. A primeira coisa que vi foi o *Homem Branco*. Não era o nome dele, evidentemente. Mais tarde vim a saber que se chamava senhor Halloran e era o nosso novo professor.

Era difícil não reparar no *Homem Branco*. Para já, porque era muito alto e magro. Vestia umas calças de ganga desbotadas, uma camisa branca, muito larga, e um enorme chapéu de palha. Parecia aquele cantor dos anos de 1970 de quem a minha mãe tanto gostava. David Bowie.

O *Homem Branco* estava perto da barraca dos cachorros-quentes, a beber por uma palhinha um refresco de cor azulada enquanto observava o carrossel. Bem, fiquei com a impressão de que observava o carrossel.

Acompanhei o olhar dele, e foi então que vi a rapariga. Continuava chateado por causa da carteira, mas era um garoto de doze anos cujas hormonas começavam a ferver. No quarto, nem todas as noites eram

gastas a ler histórias aos quadradinhos debaixo dos lençóis, à luz de uma lanterna.

A rapariga estava de pé diante de uma amiga loura que reconheci como alguém da cidade (o pai dela era polícia ou coisa parecida), mas releguei-a logo para segundo plano. É triste, mas a beleza, a verdadeira beleza, eclipsa tudo e todos em seu redor. A *Amiga Loura* era bonita, mas a *Rapariga do Carrossel* – como sempre pensaria nela, mesmo depois de saber o seu nome – era verdadeiramente bela. Alta e magra, de longos cabelos escuros e pernas ainda mais longas, tão lisas e tismadas que cintilavam sob o sol. Vestia uma saia de folhos e um casaco largo com a palavra «Relax», sobre um *top* verde-fluorescente. Tinha o cabelo puxado para trás de uma orelha, onde uma argola de ouro refulgia ao sol.

Sinto-me um pouco envergonhado ao dizer que a princípio não prestei atenção ao rosto, mas quando ela se virou para conversar com a *Amiga Loura* não fiquei desapontado. Era de uma beleza que fazia doer o coração, de lábios cheios e olhos amendoados.

E de súbito desapareceu.

Estava ali um minuto antes, vi o rosto *dela*, e no minuto seguinte aquele guincho terrível de rebentar os tímpanos, como se um animal gigantesco urrasse do centro da terra. Mais tarde vim a saber que fora a cinta do rolamento do velho eixo do carrossel a estostrar por causa do excesso de uso e da falta de manutenção. Entrevi um clarão prateado que lhe arrancou metade da cara, a deixar à mostra uma massa hianta de cartilagens, ossos e sangue. Muito sangue.

Uma fracção de segundo mais tarde, sem que tivesse tempo de abrir a boca para gritar, passou por mim uma coisa enorme, negra e púrpura. Ouviu-se um estrondo ensurdecador, e a grande carruagem redonda do carrossel esmagou-se contra a barraca dos cachorros entre uma chuva de pedaços de metal e madeira e mais gritos desenfreados das pessoas que se atiravam para o chão para lhe escapar. Qualquer coisa me derrubou e me fez estatelar no chão.

Outras pessoas caíram por cima de mim. Um pé calcou-me o pulso. Um joelho atingiu-me a cabeça. Uma bota pontapeou-me as costelas. Gritei e

não sei como consegui desembaraçar-me e rebolar. Voltei a gritar. A *Rapariga do Carrossel* jazia ao meu lado. Os cabelos cobriam-lhe o rosto, mas reconheci a *T-shirt* e o *top* fluorescente, ainda que estivessem ambos empapados em sangue. Mais sangue lhe escorria pela perna. Um segundo estilhaço metálico tinha-a rasgado até ao osso, logo abaixo do joelho. A parte inferior da perna pendia, apenas presa por alguns tendões.

Tentei abrir caminho para me afastar, era óbvio que a rapariga estava morta. Não podia fazer nada, e foi então que ela estendeu a mão e me agarrou o braço.

Virou para mim a cara desfeita e coberta de sangue. Algures, por entre a massa avermelhada, um olho castanho fitou-me. O outro pendia, inerte, sobre a face esfacelada.

– Ajuda-me – articulou num arranco. – Ajuda-me.

Quis fugir. Queria gritar, chorar e vomitar, tudo ao mesmo tempo. Podia ter feito tudo isso se outra mão maior e mais firme não me tivesse agarrado o ombro e uma voz suave não me tivesse dito:

– Pronto. Sei que estás apavorado, mas preciso que me oiças e faças tudo o que eu disser.

Virei-me. Lá do alto, o *Homem Branco* olhava para mim. Só então me dei conta de que o seu rosto, parcialmente oculto pelas abas do chapéu, era quase tão branco como a camisa. Até os olhos eram de um cinzento enevoadado e translúcido. Tinha o aspecto de um fantasma, ou de um vampiro, e se as circunstâncias fossem outras teria tido medo dele. Mas naquele momento era apenas um adulto e eu precisava que um adulto me dissesse o que devia fazer.

– Como te chamas? – perguntou ele.

– Ed-Eddie.

– Muito bem, Eddie. Estás ferido?

Abanei a cabeça.

– Muito bem. Mas esta jovem *está*, e temos de a ajudar, *está* bem?

Assenti.

– O que quero que faças é isto... segura-lhe na perna com força, com bastante força.

Agarrou-me as mãos e colocou-as em volta da perna da rapariga. Da perna quente e viscosa por causa do sangue.

– Percebeste?

Voltei a assentir com um movimento da cabeça. Sentia na língua um gosto amargo e metálico. O sangue escorria-me por entre os dedos, embora estivesse a apertar com quanta força tinha.

De longe, de muito longe, chegaram-me aos ouvidos os sons de música e os berros das pessoas que se divertiam. Os gritos da rapariga tinham cessado. Jazia imóvel e calada e apenas se ouvia o estertor cada vez mais sumido da sua respiração.

– Eddie, tens de te concentrar, percebes?

– Percebo.

Olhei para o *Homem Branco*. Tirou o cinto que lhe prendia as calças de ganga. Um cinto comprido, demasiado comprido para a sua cintura tão estreita, com buracos feitos por ele para o encurtar. É curioso como nos momentos mais impróprios se repara nas pequenas coisas. Como reparei que o sapato da *Rapariga do Carrossel* caíra. Um sapato de plástico, transparente. Cor-de-rosa-brilhante. E pensei que ela não devia voltar a precisar dele, com a perna quase cortada em duas.

– Continuas comigo, Eddie?

– Sim.

– Bom. Estamos quase. Estás a portar-te muito bem, Eddie.

O *Homem Branco* pegou no cinto e enrolou-o à volta da coxa da rapariga. Apertou com força, muita força. Era mais forte do que parecia. O fluxo de sangue diminuiu quase de imediato. Olhou para mim e gesticulou com a cabeça.

– Já podes largar. Consegui.

Afastei as mãos. Desaparecida a tensão, começaram a tremer. Apertei-as contra o corpo, debaixo dos braços.

– Ela vai ficar bem?

– Não sei. Espero que lhe possam salvar a perna.

– E a cara? – murmurei.

Olhou para mim, e qualquer coisas nos olhos cinzento-claros me imobilizou.

– Antes de aquilo acontecer, estavas a olhar para a cara dela, Eddie?

Abri a boca, mas sem saber o que devia dizer, e não percebi por que razão a sua voz perdera a afabilidade.

O homem desviou o olhar e disse em voz baixa:

– Vai sobreviver. É isso que é importante.

Nesse momento um trovão estalou por cima das nossas cabeças e as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Creio que foi a primeira vez que fiquei a perceber como as coisas se podem alterar de um momento para o outro. Tudo o que damos por garantido pode desaparecer de súbito. Talvez tenha sido por isso que fixei o momento. Para me agarrar a qualquer coisa. Para me sentir seguro. Pelo menos foi o que disse para comigo.

No entanto, tal como acontece com tantas coisas que dizemos para nós mesmos, talvez não passasse de um monte de merda malcheirosa.



No jornal local aparecemos como heróis. Pegaram em mim e no senhor Halloran, levaram-nos de volta para o parque e fotografaram-nos.

Por incrível que pareça, as duas pessoas que estavam no banco do carrossel que se soltou safaram-se com alguns ossos partidos e algumas contusões e ferimentos superficiais. Alguns dos que assistiam sofreram golpes profundos e tiveram de levar pontos, e além disso houve mais algumas fracturas e costelas partidas devido ao pandemónio que se gerou.

A *Rapariga do Carrossel* (que afinal se chamava Elisa) sobreviveu. Os médicos conseguiram salvar-lhe a perna e o olho. Os jornais chamaram-lhe milagre. Não disseram grande coisa sobre o resto da cara dela.

A pouco e pouco, como acontece com todos os dramas e tragédias, o interesse no caso começou a esmorecer. O *Gav Gordo* deixou de largar piadas de mau gosto (quase todas sobre «pernetas») e até o *Metal Mickey* se cansou de me chamar *Super Rapaz* e de perguntar onde tinha deixado a capa. Outras notícias e banalidades ocuparam o seu lugar. Houve um

acidente de automóvel na A36 onde morreu um primo de um rapaz que andava na nossa escola; Marie Bishop, que frequentava o quinto ano, ficou grávida. E assim a vida foi continuando, como lhe é próprio.

Não me importei. Já estava um tanto farto daquela história. Não era o género de miúdo que gostasse de ser o centro das atenções. Além disso, quanto menos falasse no assunto menos tinha de me recordar da cara destroçada da *Rapariga do Carrossel*. Os pesadelos começaram a ser menos frequentes. As minhas deslocações em segredo ao cesto da roupa suja com os lençóis conspurcados tornaram-se mais raras.

A minha mãe perguntou algumas vezes se não gostaria de ir ao hospital visitar a *Rapariga do Carrossel*. Respondi sempre que não. Não queria voltar a vê-la. Não queria olhar-lhe para a cara destroçada. Não queria que aqueles olhos castanhos me fitassem, acusadores: *Sei que te preparavas para fugir, Eddie. Se o senhor Halloran não te tivesse agarrado tinhas-me deixado ali a morrer.*

Creio que o senhor Halloran a visitou. Muitas vezes. Devia ter tempo para isso. Não começava a leccionar na nossa escola antes de Setembro. Ao que parecia, resolvera mudar-se com alguns meses de antecedência para a vivenda que tinha alugado, para se acostumar à cidade.

Achei boa ideia. Todos tinham oportunidade de se habituarem a vê-lo a deambular por ali. Para dissipar todas as dúvidas antes de entrar na sala de aula.

Qual era o problema da pele dele? Era um *albino*, explicaram pacientemente os adultos. Faltava-lhe uma coisa chamada «pigmentação», que confere à pele das pessoas normais um tom rosado ou acastanhado. *E os olhos?* A mesma coisa. Faltavam-lhes os pigmentos. *Portanto não era um fenómeno, um monstro ou um fantasma?* Não. Apenas uma pessoa normal como as outras, mas com um problema clínico.

Estavam enganados. O senhor Halloran podia ser muitas coisas, mas «normal» não constava dessa lista.

2016

A carta chega sem floreios nem fanfarra, nem mesmo uma sensação premonitória. Escorrega para dentro da caixa do correio, ensanduichada entre um peditório da Macmillan¹ e o prospecto de uma nova pizaria *takeaway*.

Nos dias que correm, quem ainda envia cartas? Até a minha mãe, aos setenta e oito anos, se rendeu ao correio electrónico, ao Twitter e ao Facebook. Para dizer a verdade, é muito mais entusiasta das tecnologias do que eu, que sou um tanto ludita. O que é motivo de constante chacota para os meus alunos, cujas conversas sobre Snapchat, favoritos, *hashtags* e Instagram bem podiam desenrolar-se numa língua estrangeira. *Julgava que ensinava Inglês*, digo-lhes muitas vezes, pesaroso. *Não faço a mínima ideia do que estão a dizer*.

Não reconheço a caligrafia do sobrescrito, mas hoje em dia mal reconheço a minha. São só teclados e ecrãs tácteis.

Sentado à mesa da cozinha, abro o sobrescrito e examino o conteúdo enquanto vou bebericando uma chávena de café. Quero dizer, não é bem assim. Estou sentado à mesa, a olhar para o conteúdo enquanto o café vai arrefecendo ao meu lado.

– O que é isso?

Sobressaltado, olho em redor. Chloe entra descalça na cozinha, a bocejar e com o rosto marcado pela almofada. O cabelo preto pintado está solto e desgrenhado. Veste uma velha camisola de malha e conserva no rosto os restos da maquilhagem da véspera.

– Isto – respondo, a dobrá-la cuidadosamente – é o que se costuma chamar uma carta. No passado, as pessoas costumavam usá-las como meio de comunicação.

Lança-me um olhar assassino e acena-me com o dedo médio espetado.

– Sei que estás a falar, mas só oiço blá, blá, blá.

– É o problema dos jovens de hoje. Não prestam atenção.

– Ed, mal tens idade para seres meu pai. Por que razão falas como se fosses o meu avô?

Tem razão. Estou com quarenta e dois e Chloe deve andar pelos vinte e muitos. (Penso eu. Ela nunca disse, e sou demasiado cavalheiro para perguntar.) Não são muitos os anos que nos separam, mas por vezes parecem décadas.

Chloe é jovem e azougada, parece uma adolescente. Eu não, mais depressa me confundiriam com um reformado. Com simpatia, pode dizer-se do meu aspecto que é «desgastado pela vida». Ainda que tenha descoberto que não são as responsabilidades da vida que nos esgotam, mas sim os desgostos e as preocupações.

O meu cabelo continua espesso e predominantemente escuro, mas as minhas marcas do riso perderam o humor há algum tempo. À semelhança de muitas pessoas altas, ando curvado, e as minhas roupas são o que Chloe designa por «loja de caridade chique». Fatos, coletes e sapatos a condizer. Possuo alguns pares de calças de ganga, mas nunca os uso para trabalhar – a menos que esteja encafudado no escritório – e estou sempre a trabalhar, e nas férias dou explicações para ganhar algum dinheiro.

Podia dizer que o faço por gostar de ensinar, mas ninguém ama assim tanto o seu trabalho. É porque preciso do dinheiro. É pela mesma razão que Chloe vive cá. É minha hóspede, e gosto de pensar que também é minha amiga.

Tenho de reconhecer que formamos um par estranho. Chloe não é o tipo de hóspede que por norma aceito, mas tinha acabado de receber uma recusa de outro potencial inquilino e a filha de uma amiga conhecia «esta rapariga» que precisava com urgência de um quarto. Parece resultar e a renda dá-me jeito. Tal como a companhia.

Pode parecer estranho que precise de um inquilino. Sou relativamente bem pago, a casa onde vivo foi-me dada pela minha mãe e tenho a certeza

de que a maioria das pessoas imagina que levo uma vida desafogada, isenta de hipotecas.

A triste verdade é que a casa foi comprada quando os juros estavam na casa dos dois dígitos, foi objecto de uma segunda hipoteca para pagar as obras, e de novo mais tarde para pagar os cuidados de saúde com o meu pai, quando o seu declínio tornou impossível tratar dele em casa.

Eu e a minha mãe vivemos aqui até há cinco anos, quando ela conheceu Gerry, um antigo banqueiro jovial que decidiu mandar tudo à fava em troca de um estilo de vida auto-suficiente numa casa ecológica que ele construiu em Wiltshire.

Não tenho nada contra Gerry. Na verdade também não tenho nada *a favor* dele, mas parece fazer a minha mãe feliz, e isso, como gostamos de mentir, é o mais importante. Apesar de já ter quarenta e dois anos, há uma parte de mim que não gosta que a minha mãe seja feliz com qualquer homem que não seja o meu pai. É uma infantilidade, imatura e egoísta. E nisso sou bom.

Além do mais, com os seus setenta e oito anos, a minha mãe está-se marimbando. Não foram bem as palavras que usou quando me disse que tinha resolvido ir viver com Gerry, mas retive o subtexto:

– *Tenho de sair desta casa, Ed. Há aqui demasiadas recordações.*

– *Quer vender a casa?*

– *Não, Ed, quero que fiques com ela. Com um pouco de amor, pode ser uma maravilhosa casa de família.*

– *Mãe, eu nem tenho uma companheira, quanto mais uma família.*

– *Nunca é tarde.*

Não respondi.

– *Se não quiseres a casa podes vendê-la.*

– *Não, eu só... só quero que sejas feliz.*

– Então de quem é a carta? – pergunta Chloe, a dirigir-se para a máquina do café e a encher uma caneca.

Enfio a carta no bolso do roupão.

– Ninguém importante.

– Oooh... Tanto mistério.

– Realmente não... É só uma pessoa que conheço há muito tempo.

Ergue uma sobrancelha.

– Mais uma? *Uau!* Parece que brotam do chão. Não fazia ideia de que fosses tão popular.

Franzo a testa. E nesse momento recordo-me de que lhe falei no meu convidado de hoje para o jantar.

– Não te devia surpreender.

– Mas surpreende. Para alguém tão pouco sociável, é espantoso que tenhas amigos.

– Tenho amigos aqui, em Anderbury. Já os conheces. Gav e *Hoppo*.

– Esses não contam.

– Porquê?

– Porque não são mesmo amigos. São só pessoas que conheces desde sempre.

– Não é assim que se definem os amigos?

– Não, isso é uma definição muito redutora. Pessoas com quem te sentes obrigado a conviver por hábito e tradição, não por um desejo real da sua companhia.

Tem alguma razão. Mais ou menos.

– Bem – digo, a mudar de assunto. – É melhor vestir-me. Hoje tenho de ir à escola.

– Não estão de férias?

– Contrariamente ao que em geral se pensa, o trabalho de um professor não termina quando a escola fecha para as férias de Verão.

– Nunca te julguei admirador de Alice Cooper.

– Gosto da música dela – respondo sem expressão.

Chloe sorri, um sorriso peculiar e enviesado que lhe altera o rosto sem graça em algo digno de nota. Algumas mulheres são assim. Invulgares e mesmo um pouco estranhas à primeira vista, até que de súbito um sorriso ou um arquear da sobrancelha as transforma.

Penso que tenho um fraquinho por Chloe, embora nunca o tenha admitido. Sei que me vê mais como um tio protector do que como um potencial namorado. Não quero que se sinta desconfortável ao permitir-lhe que perceba que tenho por ela algo mais do que um afecto paternal. Como

também tenho consciência da minha posição; numa cidade pequena, uma relação com uma mulher muito mais nova pode ser facilmente mal interpretada.

– Quando chega a tua outra «velha amizade»? – pergunta Chloe, a trazer o café para a mesa.

Empurro a cadeira para trás e levanto-me.

– Por volta das sete.

E depois de uma pausa:

– Se te quiseres juntar a nós, és bem-vinda.

– Passo. Não quero estragar o vosso encontro.

– Está bem.

– Fica para outra vez. Pelo que li, ele parece ser uma pessoa interessante.

– Sim – concordo, com um sorriso forçado. – Interessante é um adjetivo possível.



A escola fica a quinze minutos de minha casa, a passo estugado. Num dia como o de hoje – um cálido e agradável dia de Verão, com o céu azul a espreitar por entre uma fina camada de nuvens – é um passeio revigorante. Uma maneira de pôr os pensamentos em ordem antes de começar a trabalhar.

O que, no período das aulas, pode ser muito útil. A maioria dos garotos que ensino na Anderbury Academy é aquilo a que chamamos «um desafio». No meu tempo seriam um «bando de criaturas merdosas». Há dias em que preciso de me preparar mentalmente para os enfrentar. Noutros dias, a única preparação que resulta é uma pinga de vodka no café da manhã.

À semelhança de muitas pequenas cidades com um mercado rural, Anderbury parece, para quem não estiver atento, um lugar pitoresco para viver. Inúmeras ruas calcetadas à maneira antiga, casas de chá e uma catedral quase famosa. O mercado realiza-se duas vezes por semana, abundam os belos jardins e é possível passear ao longo das margens do rio. A curta distância de automóvel das praias arenosas de Bournemouth e da vasta charneca de New Forest.

No entanto, basta raspar a superfície para perceber que o brilho turístico acaba aí. A maior parte dos trabalhos é sazonal e o desemprego é elevado. Grupos de jovens inactivos concentram-se indiferentes em volta das lojas e nos jardins. Mães adolescentes empurram carrinhos de bebés chorões pela rua principal. Não é nada de novo, mas agora é o que parece prevalecer. Ou talvez seja apenas a minha percepção. Muitas vezes, o que se adquire com a idade não é sabedoria, mas intolerância.

Chego às portas do Old Meadows Park. O meu território de brincadeiras da infância. Mudou muito desde o meu tempo, como é óbvio. Há uma pista de *skate* nova e o terreiro de brincadeiras da nossa quadrilha foi substituído por um «espaço recreativo» moderno, do outro lado do parque, com baloiços, um «escorrega» em forma de túnel, cabos para deslizar e toda uma série de aparelhos interessantes com os quais nem sonhávamos quando éramos crianças.

No entanto, a nossa antiga área de recreio permanece, abandonada e em ruínas. O escorrega enferrujou, os baloiços estão enrolados no alto das barras de suporte e a tinta outrora brilhante da cerca de madeira está empolada e a descascar, garatujada com velhos *graffiti* por pessoas que há muito esqueceram por que razão *Helen é uma cabra* ou por que motivo alguém desenhou um coração em redor de *Andy W.*

Estaco por um momento, imerso em recordações.

O leve ranger do baloiço dos bebés, o frio cortante do ar matinal, o giz estaladiço sobre a negrura do alcatrão. Outra mensagem. Mas esta é diferente. Não é um homem de giz... é outra coisa.

Viro-me abruptamente. Agora não. Não me vou deixar outra vez arrastar para o passado.



O trabalho que tenho a fazer na escola não me ocupa muito tempo. Acabo por volta da hora de almoço. Reúno os meus livros e enceto o caminho de regresso ao centro da cidade.

O The Bull continua à esquina da rua principal, é o único que subsiste. Em Anderbury havia dois outros *pubs*, The Dragon e The Wheatsheaf,

entretanto demolidos. Os estabelecimentos do passado fecharam e, para sobreviverem, os pais de Gav foram obrigados a reduzir os preços, a fazer noites especiais para senhoras e para famílias e *happy hours*.

Até que se fartaram. Mudaram-se para Maiorca, onde dirigem um bar chamado Britz. Gav, que tinha trabalhado em *part time* no *pub* desde os dezasseis anos, assumiu a função de tirar cervejas e desde então tem estado à frente do estabelecimento.

Empurro a porta velha e pesada e entro. *Hoppo* e Gav estão sentados à mesa do costume, no canto da janela. Da cintura para cima, Gav continua a ser corpulento, o bastante para me recordar por que lhe chamávamos o Gav *Gordo*. Só que agora é mais músculo do que gordura. Os braços parecem troncos de árvore e as veias azuis salientes fazem lembrar arames esticados. O rosto parece talhado a escopro e o cabelo cortado curto é escasso e grisalho.

Hoppo quase não mudou. Com o seu fato-macaco de canalizador, basta semicerrar os olhos para o tomar por um garoto de doze anos mascarado.

Estão empenhados numa conversa. Sobre a mesa, as bebidas permanecem quase intactas. *Guinness* para *Hoppo* e *Diet Coke* para Gav, que é raro beber álcool.

Peço uma *Taylor's Mild* à rapariga taciturna que serve ao balcão e que olha com ar carrancudo, primeiro para mim, depois para a bomba da cerveja, como se a tivesse ofendido de morte.

– Tenho de mudar o barril – murmura entredentes.

– Está bem.

Fico à espera. A rapariga revira os olhos.

– Eu levo-a à mesa.

– Obrigado.

Viro-me e atravesso o *pub*. Quando olho para trás, ela ainda não se mexeu.

Sento-me num banco desengonçado, ao lado de *Hoppo*.

– B' tarde.

Levantam os olhos e percebo de imediato que algo está mal. Alguma coisa aconteceu. Gav faz girar as rodas e afasta-se da mesa. Os músculos

dos braços contrastam com as pernas tolhidas que descansam na cadeira de rodas.

Viro-me no assento.

– Gav? O que...

O punho dele voa de encontro à minha cara e o meu malar esquerdo explode de dor. Estatelo-me de costas no chão.

Debruçado sobre mim, Gav olha-me.

– Há quanto tempo já sabias?

¹ Organização que auxilia os doentes com cancro. (*N. do T.*)

1986

Apesar de ser o mais matulão e o chefe incontestado do nosso bando, o Gav *Gordo* era na verdade o mais novo.

O aniversário dele era no princípio de Agosto, no começo das férias escolares. Todos tínhamos inveja disso. Especialmente eu. Era o mais velho. O meu aniversário também calhava nas férias, três dias antes do Natal. O que significava que, em vez de receber presentes duas vezes, recebia quase sempre um «grande» presente, ou dois menos bons.

O Gav *Gordo* recebia sempre montes de presentes. Não só porque o pai e a mãe tinham bastante dinheiro, mas porque a família dele era enorme. Tios, tias, primos, avôs, avós, e até bisavós.

Também lhe invejava isso. Só tinha a minha mãe, o meu pai e a avó, que não víamos com frequência porque vivia longe e também porque estava a ficar um tanto «trolaró», como o meu pai dizia. Não gostava de a visitar. A saleta dela estava sempre demasiado aquecida e cheirava mal, e ela via sempre o mesmo filme estúpido na televisão.

– A Julie Andrews não era linda? – perguntava num suspiro, de olhos velados, e todos tínhamos de concordar e dizer «sim» enquanto comíamos biscoitos moles da velha lata de bolachas ferrugenta com figuras de renas a dançar a toda a volta.

A mãe e o pai do Gav *Gordo* faziam-lhe uma grande festa todos os anos. Naquele ano era um churrasco. Haviám contratado um mágico, e depois ia-se para a discoteca.

A minha mãe revirara os olhos ao ver o convite. Não gostava da mãe nem do pai do Gav *Gordo*. Uma vez, tinha-a ouvido dizer ao meu pai que eram «contagiosos». Quando cresci, percebi que o que ela de facto dissera era

«ostentosos», mas durante anos julguei que ela queria dizer que sofriam de uma doença qualquer.

– Uma discoteca, Geoff? – disse para o meu pai num tom de voz estranho, que não percebi se era bom ou mau. – O que te parece?

O meu pai largou a loiça que estava a lavar e olhou para o convite.

– Parece-me divertido – foi o seu comentário.

– O papá não pode ir – disse eu. – É uma festa para miúdos. Não foi convidado.

– De facto, fomos – disse a minha mãe, e apontou para o convite. «As mães e os pais são bem-vindos. Tragam um enchido.»

Olhei para o convite e franzi a testa. Pais e mães numa festa de miúdos? Não me pareceu boa ideia. Não era com certeza uma boa ideia.



– Então o que vais dar ao Gav *Gordo* no aniversário? – perguntou *Hoppo*.

Estávamos no parque, sentados na armação de trepar, a balançar as pernas e a comer chupa-chupas de cola gelados. *Murphy*, o velho labrador preto de *Hoppo*, dormitava lá em baixo, à sombra.

Isto foi por fins de Julho, quase dois meses depois daquele terrível dia na feira, e uma semana antes do aniversário do Gav *Gordo*. A vida começava a retomar a normalidade, o que me agradava. Era um garoto que não apreciava a excitação nem o drama inesperado. Era – e continuo a ser – alguém que gosta da rotina. Mesmo aos doze anos, a minha gaveta das meias estava sempre cuidadosamente arrumada, e tanto os meus livros como as minhas cassetes estavam guardados por ordem alfabética.

Talvez por tudo o resto na nossa casa ser mais ou menos caótico. Para já, a construção nem estava acabada. Mais uma coisa que distinguia a minha mãe e o meu pai dos outros pais que conhecia. Com excepção de *Hoppo*, que vivia com a mãe numa velha casa em banda, a maioria dos miúdos lá da escola vivia em casas modernas com jardins quadrados que pareciam todos iguais.

Nós habitávamos aquela velha e feia casa vitoriana que parecia constantemente rodeada de andaimes. Lá atrás, havia um grande espaço

onde as plantas cresciam livres ao ponto de nunca ter conseguido chegar ao extremo do terreno. No piso de cima, havia pelo menos dois quartos onde se conseguia ver o céu através do tecto.

A mamã e o papá tinham-na comprado para «restaurar» quando eu era muito pequeno. Já lá vão oito anos, e tanto quanto me era dado ver, precisava ainda de muitos restauros. As divisões principais estavam em condições aceitáveis. Mas no corredor e na cozinha as paredes tinham o reboco à mostra e não havia nem uma carpete.

Lá em cima, a casa de banho era a antiga. Uma banheira pré-histórica, de esmalte, com a sua aranha residente, um lavatório que vertia e uma sanita antiga com um autoclismo que se descarregava puxando uma corrente comprida. E nada de chuveiro.

Com os meus doze anos, achava aquilo horrivelmente embaraçoso. Nem tínhamos um irradiador eléctrico. O meu pai tinha de cortar troncos e trazê-los para casa, para acender a lareira. Como se vivêssemos na Idade Média.

– Quando acabam de construir a casa? – perguntava eu às vezes.

– Bem, as obras exigem tempo e dinheiro – respondia o meu pai.

– E nós não temos dinheiro? A mamã é médica. O *Gav Gordo* diz que os médicos ganham montes de dinheiro.

O papá suspirava.

– Já falámos sobre isso, Eddie. O *Gor...* o *Gavin* não sabe tudo sobre tudo. E tens de te lembrar de que o meu trabalho não é tão bem pago como o de alguns, nem com regularidade.

Por mais de uma vez estive tentado a perguntar «Então por que não arranja um trabalho como deve ser?», mas isso só serviria para o deixar maldisposto, e eu não gostava de fazer isso.

Sabia que o meu pai se sentia muitas vezes culpado por não ganhar tanto como a mamã. Entre os artigos que escrevia para as revistas, andava a tentar escrever um livro.

– Quando for um autor de êxito, tudo será diferente – dizia muitas vezes, com uma gargalhada e uma piscadela de olho.

Fingia brincar com o assunto, mas creio que, lá no fundo, esperava que de facto acontecesse.

Mas nunca aconteceu. Sei que enviou manuscritos para diversos agentes e que durante algum tempo despertou um certo interesse. No entanto, não sei porquê, não deu em nada. Se entretanto não começasse a ficar doente talvez tivesse conseguido. Mas a doença corroeu-lhe a mente, e a primeira coisa que lhe engoliu foi o que ele mais adorava. As palavras.

Suguei o chupa-chupa com mais força.

– Não pensei em nenhum presente – repliquei, em resposta à pergunta de *Hoppo*.

Mentira. *Tinha* pensado nisso, e muito. Era esse o problema com o Gav *Gordo*. *Tinha* quase tudo, pelo que comprar-lhe um presente de que gostasse era mesmo difícil.

– Então e tu? – perguntei.

Encolheu os ombros.

– Ainda não sei.

Fiz a agulha para outro lado.

– A tua mãe vai à festa?

Fez uma careta.

– Não sei. É capaz de estar a trabalhar.

A mãe de *Hoppo* fazia limpezas. Víamo-la muitas vezes pelas ruas da cidade, no seu velho e ferrugento *Reliant Robin*, com o porta-bagagens cheio de baldes e esfregonas.

Nas costas de *Hoppo*, o *Metal Mickey* chamava-lhe a *Cigana*. Era uma alcunha cruel, mas a verdade é que se parecia um pouco com uma cigana, com os cabelos grisalhos desgrenhados e os vestidos escorridos.

Não sei quem era o pai de *Hoppo*. Na verdade, *Hoppo* nunca falava nele, mas fiquei com a impressão de que o abandonara quando era pequeno. *Hoppo* tinha um irmão mais velho, que se alistara no Exército, ou qualquer coisa parecida. Em retrospectiva, creio que o motivo de o nosso bando se ter mantido coeso foi o facto de nenhuma das nossas famílias ser «normal».

– O teu pai e a tua mãe vão? – quis saber *Hoppo*.

– Penso que sim. Só espero que não seja uma chatice.

Encolheu os ombros.

– Vai correr bem. E vai haver um mágico.

– Pois é.

Sorrimos, e *Hoppo* disse:

– Se quisesse, podíamos dar uma volta pelas lojas, para ver se encontrávamos alguma coisa para o Gav Gordo.

Hesitei. Gostava da companhia de *Hoppo*. Não era preciso armar-me em esperto a toda a hora. Nem estar alerta. Era muito fácil.

Hoppo não era particularmente inteligente, mas era um miúdo que sabia estar. Não procurava ser estimado por todos, como o Gav Gordo, nem mudar de atitude de acordo com as conveniências, como o *Metal Mickey*, e eu respeitava-o por essa atitude.

Foi por isso que me senti um bocado mal ao dizer:

– Desculpa, não posso. Tenho de voltar para ajudar o meu pai a fazer umas coisas lá em casa.

Era a minha desculpa para me esquivar. Ninguém duvidava de que na nossa casa houvesse sempre muitas coisas para arranjar.

Hoppo concordou com um gesto da cabeça, acabou o chupa-chupa, amarrotou o papel e atirou-o para o chão.

– Está bem. Vou dar uma volta com o *Murphy*.

– Pronto. Até logo.

– Até logo.

Afastou-se devagar, a franja a dançar-lhe na testa, com *Murphy* a trotar a seu lado. Meti o papel do meu chupa-chupa na lata do lixo e segui na direcção contrária, a caminho de casa. Assim que tive a certeza de estar longe da vista, dei uma volta em U e regressei à cidade.

Não gostava de mentir a *Hoppo*, mas há coisas que não se podem partilhar com ninguém, nem com os melhores amigos. Os garotos também têm segredos. Por vezes mais do que os adultos.

De todos os membros da quadrilha, sabia que era o único carola, estudioso e um tanto convencional. O género de miúdo que gosta de colecionar coisas – selos, moedas, miniaturas de automóveis. E também outras coisas: conchas, esqueletos de pássaros apanhados no bosque, chaves. É espantoso o número de vezes que se encontra uma chave perdida.

Gostava da ideia de me poder esgueirar para dentro da casa das pessoas, embora não soubesse quem eram os donos das chaves, nem onde viviam.

Era muito cioso das minhas colecções. Escondia-as bem, em segurança. Julgo que, de certo modo, isso me dava uma sensação de controlo. Os garotos não têm grande controlo sobre as suas vidas, mas só eu sabia o que se encontrava dentro das minhas caixas, só eu podia tirar ou pôr lá alguma coisa.

Desde a feira, coleccionava cada vez mais. Objectos que encontrava, coisas que as pessoas deixavam para trás (começava a notar como as pessoas eram desleixadas, como se não soubessem a importância de nos agarrarmos às coisas, para que não desapareçam para sempre).

Por vezes – quando via qualquer objecto que *tinha* absolutamente de possuir – apoderava-me de coisas pelas quais devia ter pago.



Anderbury não era uma grande cidade, mas no Verão era um local buliçoso, com autocarros repletos de turistas, na maioria americanos. Deambulavam pelas ruas, a entupir os passeios estreitos com as suas camisas floridas e calções largos, a ver mapas e a apontar edifícios.

Além da catedral, havia uma grande loja Debenhams na praça do mercado, uma imensidade de casas de chá e um hotel de luxo. Na rua principal, as lojas eram em geral pouco interessantes, como um supermercado, uma farmácia e uma livraria. Contudo, havia também um enorme Woolworths.

Quando éramos miúdos, o Woolworths – ou Woolies, como toda a gente lhe chamava – era a nossa loja preferida. Tinha tudo quanto se podia imaginar. Corredores atrás de corredores repletos de brinquedos, desde os mais caros até aos montes de porcarias de plástico, das quais se podia comprar uma tonelada e ainda ficar com uns trocos para os rebuçados.

O Woolworths tinha um segurança bastante maldoso chamado Jimbo, do qual todos tínhamos pavor. Jimbo era um *skinhead* e eu tinha ouvido dizer que sob o uniforme escondia um sem-número de tatuagens, incluindo uma enorme suástica nas costas.

Jimbo era um incompetente no serviço. Passava a maior parte do tempo a flunar cá fora, a fumar e a lançar olhares às raparigas. O que quer dizer que quem fosse esperto e rápido iludiria com facilidade a atenção de Jimbo, bastando esperar que ele estivesse distraído.

Era o meu dia de sorte. Um grupo de miúdas adolescentes pavoneava-se à volta da cabina telefónica que havia na rua, um pouco mais abaixo. Fazia calor, e as raparigas vestiam calções ou minissaia. Jimbo estava encostado à esquina da loja, a balançar um cigarro entre os dedos e com a língua a roçar o chão, embora as miúdas não fossem senão um ou dois anos mais velhas do que eu, enquanto ele devia andar pelos *trinta*, ou coisa parecida.

Atravessei a rua a correr e dirigi-me à entrada. A porta abriu-se à minha frente. Corredores cheios de doces e o balcão dos rebuçados à minha esquerda. Do lado direito, cassetes e discos. Mesmo em frente, as prateleiras dos brinquedos. Sentia-me vibrar de excitação. Mas não me podia manifestar nem deixar-me ficar por ali, não fosse algum dos membros do pessoal reparar.

Encaminhei-me resolutamente para os brinquedos, a examinar as prateleiras e a avaliar as opções. Demasiado caro. Excessivamente grande. Demasiado barato. Pouco interessante. Foi então que a vi. A bola *Magic 8*. Steven Gemmel tinha uma. Um dia tinha-a levado para a escola, e recorde-me de pensar que era bestial. E tinha a certeza de que o Gav *Gordo* não tinha uma. Bastava isso para a tornar especial. Além de ser a única que restava no escaparate.

Agarrei nela e relanceei o olhar em redor. Depois, num gesto rápido, meti-a dentro da mochila. Saltitei em direcção aos doces. O próximo passo exigia coragem. Sentia o peso do saque a bater-me contra as costas. Agarrei num saco e forcei-me a escolher os rebuçados sortidos com calma. Optei por uma selecção de garrafas de cola, ratos brancos e discos voadores. Depois, dirigi-me à caixa. A empregada gorda de permanente encaracolada pesou os doces e sorriu-me.

- Quarenta e três *pence*, meu querido.
- Muito obrigado.

Contei os trocos que trazia no bolso e estendi-lhe o dinheiro. A mulher começou a meter o dinheiro na caixa, mas a dado momento franziu a testa.

– Falta um *penny*, meu querido.

– Oh!

Merda. Voltei a procurar nos bolsos. Não tinha mais dinheiro.

– Bem... é melhor não levar todos – disse, a sentir a cara em fogo.

O suor escorria-me pelas mãos e a mochila parecia cada vez mais pesada.

A *Dama da Permanente* fitou-me, inclinou-se para a frente e piscou-me o olho. As pálpebras dela eram engelhadas, como papel amarrotado.

– Não te preocupes, meu querido. Finjo que contei mal.

Agarrei no saco dos rebuçados.

– Muito obrigado.

– Vá, vá, desaparece daqui.

Não precisei que me dissesse duas vezes. Corri para a luz do Sol, passei por Jimbo, que estava a acabar o cigarro e mal me viu. Caminhei em passo rápido pela rua, depressa, cada vez mais depressa, tomado de alegria e excitação pelo feito cometido, até que comecei a correr quase até chegar a casa, com um sorriso imbecil estampado no rosto.

Tinha conseguido, e não era a primeira vez. Gosto de pensar que não era um garoto mau sob qualquer outro aspecto. Tentava ser amável, não denunciava os meus amigos nem falava mal deles nas suas costas. Até fazia o possível por dar ouvidos à minha mãe e ao meu pai. Para minha defesa, argumentava que nunca tinha tirado dinheiro. Se encontrasse uma carteira caída no chão, devolvê-la-ia com todo o dinheiro que lá estivesse (mas talvez sem uma foto de família).

Sabia que tinha procedido mal mas, como já disse, toda a gente tem os seus segredos, coisas que sabem que não devem fazer e mesmo assim fazem. O meu era tirar coisas... *juntar* coisas. O pior é que foi da única vez que tentei devolver uma coisa que estraguei tudo.



No dia da festa fazia muito calor. Parecia que naquele Verão todos os dias eram muito quentes. Tenho a certeza de que não foram. Um bom

meteorologista – um a sério, não como o meu pai – diria que também houve imensa chuva e dias tristes, de céu encoberto. Mas a memória é uma coisa estranha, e o tempo passa de maneira diferente quando se é garoto. Três dias quentes seguidos são como um mês de sol para um adulto.

O dia da festa do Gav *Gordo* foi mesmo quente. A roupa colada à pele, os assentos dos automóveis a queimar as pernas, o alcatrão a derreter na estrada.

– Com este calor nem é preciso um grelhador para a carne – gracejou o meu pai quando saímos de casa.

– Até me admiro que não nos aconselhes a levar as gabardinas – observou a minha mãe enquanto dava as voltas à chave e dava dois ou três empurrões na porta para se certificar de que estava bem fechada.

Estava muito bonita nesse dia. Trazia um vestido azul, de Verão, e calçava sandálias romanas. O azul ficava-lhe bem e tinha prendido a franja com um gancho reluzente, para não lhe cair para a cara.

Quanto ao meu pai, bem, era o meu pai, com os seus calções de ganga, uma *T-shirt* com as palavras *Grateful Dead* e sandálias de couro. Pelo menos a mãe aparara-lhe a barba.

A casa do Gav *Gordo* era uma das mais recentes de Anderbury. Só se tinham mudado para lá no ano anterior. Antes disso, viviam por cima do *pub*. Embora a casa fosse nova, o pai de Gav alargara-a, de modo que apresentava inúmeros pormenores que não se coadunavam com a construção original, para não falar dos dois grandes pilares diante da porta da frente, como nas casas da Grécia Antiga.

Naquele dia tinham pendurado uma infinidade de balões com o número 12 agarrado e por cima da porta estava uma enorme faixa reluzente onde se lia «Feliz Aniversário, Gavin».

Antes de a minha mãe ter tempo para fazer um comentário depreciativo, fungar ou premir a campainha, a porta abriu-se e lá estava o Gav *Gordo*, resplandecente nos seus calções havaianos, na *T-shirt* verde-néon e num chapéu de pirata.

– Olá, senhor e senhora Adams. Olá, Eddie.

– Feliz aniversário, Gavin – gritámos em coro.

Tive de me reprimir para não dizer *Gav Gordo*.

– O churrasco é lá atrás – informou o *Gav Gordo*, a dirigir-se aos meus pais. E agarrou-me no braço. – Anda ver o mágico. É *impressionante*.

O *Gav Gordo* tinha razão. Era *mesmo* impressionante. O churrasco também estava bom. Havia também inúmeros jogos e dois grandes baldes cheios de água e de pistolas de água. Depois de o *Gav Gordo* ter aberto os presentes (e dizer que a bola *Magic 8* era «bestial»), travámos uma intensa luta de água com os outros miúdos da escola. Estava tanto calor que mal nos molhávamos ficávamos logo secos.

A dado momento, tive vontade de ir à casa de banho. Ainda a pingar, atravessei o jardim, a esgueirar-me por entre os adultos, de pé em pequenos grupos, de prato na mão e a beber cerveja pela garrafa ou vinho por copos de plástico.

Para surpresa geral, o pai de Nicky viera. Não pensei que os vigários frequentassem festas nem que se divertissem. Trazia o colarinho branco. Era possível identificá-lo a uma milha de distância, com o cabeção a cintilar ao sol. Lembro-me de ter pensado que devia ter um calor horrendo. Talvez fosse por isso que bebia tanto vinho.

Conversava com o meu pai e com a minha mãe, o que também me surpreendeu, pois não frequentavam a igreja. A minha mãe viu-me e sorriu.

– Tudo bem, Eddie?

– Sim, mamã. Muito bem.

Assentiu com um movimento da cabeça, mas não me pareceu muito contente. Quando passei por eles, ouvi o meu pai dizer:

– Não sei se é assunto para discutir numa festa de crianças.

A resposta do reverendo Martin chegou-me aos ouvidos um tanto abafada:

– Mas é da vida das crianças que estamos a falar.

Para mim, aquilo não fazia qualquer sentido; coisas de adultos. Além disso, já outra coisa me despertava a atenção. Outra figura familiar. Alto e magro, vestido de preto apesar do calor sufocante e com um grande chapéu de abas moles. O senhor Halloran. Especado num dos extremos do jardim,

perto da estátua de um rapazinho que urinava para um bebedouro de pássaros, a conversar com outras mães e papás.

Achei estranho que os pais do Gav *Gordo* tivessem convidado um professor para a festa, em especial um que ainda nem tinha começado a dar aulas, mas talvez fosse para que ele se sentisse bem-vindo. Eles eram assim. Além disso, o Gav *Gordo* tinha-me dito uma vez:

– A minha mãe trata de conhecer toda a gente. Assim, fica também a saber a vida de todos.

Num movimento esquisito de quem *sente* que está a ser observado, o senhor Halloran olhou em volta, viu-me e ergueu a mão. Respondi-lhe levantando um pouco a minha. Um tanto atrapalhado. Podíamos ter salvado juntos a vida da *Rapariga do Carrossel*, mas ele não deixava de ser um professor, e não era fixe ser visto a cumprimentar um professor.

Como se soubesse o que me ia na cabeça, o senhor Halloran saudou-me com um aceno rápido da cabeça e tornou a virar-se. Agradecido – e não só por causa da minha bexiga inchada –, corri através do pátio e das portas envidraçadas.

Na sala de estar estava frio e escuro. Deixei que os meus olhos se adaptassem. Os presentes estavam espalhados por todo o lado. Dezenas e dezenas de brinquedos. Brinquedos que constavam da minha lista de desejos para o *meu* aniversário, mas que sabia que nunca viria a possuir. Olhei em redor, roído pela inveja... e foi então que a vi. Uma caixa de tamanho médio, mesmo no centro da sala, embrulhada em papel com imagens de *Transformers*. Ainda por abrir. Alguém devia ter chegado tarde e deixara-a ali. De outro modo, nunca o Gav *Gordo* deixaria um presente por abrir.

Fiz o que tinha a fazer na casa de banho e voltei a olhar para o presente quando atravessassei a saleta para sair. Após um momento de hesitação, peguei nele e levei-o comigo para fora.

Cá fora, havia vários grupos de miúdos espalhados. O Gav *Gordo*, Nicky, *Metal* Mickey e *Hoppo* estavam sentados em semicírculo sobre a relva, suados, vermelhos, felizes e a beber refrigerantes. O cabelo de Nicky ainda estava húmido e emaranhado. As gotas de água cintilavam nos seus braços.

Naquele dia usava um vestido. Ficava-lhe bem. Era comprido, com flores estampadas. Tapava-lhe algumas das nódoas negras nas pernas. Nicky tinha sempre nódoas negras. Não me recordo de alguma vez a ter visto sem marcas castanhas ou de cor púrpura em qualquer lado. Certo dia até apareceu com um olho negro.

– Ei, *Munster*! – disse o Gav Gordo.

– Ei, o que foi?

– Quando deixas de ser um mariquinhas?

– Ah, ah! Encontrei um presente que ainda não abriste.

– Nem penses. Abri todos.

Mostrei-lhe a caixa.

O Gav Gordo agarrou-a.

– Extraordinário!

– De quem é? – perguntou Nicky.

O Gav Gordo abanou a caixa e examinou o papel de embrulho. Nenhuma indicação.

– Que importância tem isso? – Começou a rasgar o papel e a sua expressão alterou-se. – Que raio é isto?

Olhámos todos para o presente. Um grande balde repleto de pedaços de giz das mais variadas cores.

– Giz? – riu *Metal* Mickey à socapa. – Quem te ofereceu paus de giz?

– Não sei. Não tem remetente, génio – replicou o Gav Gordo.

Levantou a tampa do balde e retirou dois pedaços de giz.

– Que raio vou eu fazer com esta merda?

– Não é assim tão mau... – começou *Hoppo* a dizer.

– Isto é um monte de merda, meu.

Achei que ele estava a ser demasiado severo. Afinal de contas, alguém se dera ao trabalho de comprar o presente e de o embrulhar. Mas o Gav Gordo estava hiperactivo, empanturrado em sol e açúcar. Estávamos todos.

Atirou os paus de giz para o chão, com um gesto enjoado.

– Esquece. Vamos brincar com as pistolas de água.

Começámos todos a levantar-nos. Deixei os outros seguir à frente, agachei-me, apanhei um pedaço de giz e meti-o no bolso.

Mal me acabava de levantar quando ouvi um baque e um grito. Rodei nos calcanhares. Não sei o que esperava ver. Talvez alguém tivesse caído ou deixado cair qualquer coisa.

Precisei de algum tempo para interiorizar o que vi. O reverendo Martin estava de costas no chão entre um montão de copos, pratos, boiões de molho partidos e condimentos espalhados. Agarrado ao nariz, emitia estranhos murmúrios. Debruçado sobre ele e com um punho erguido, um vulto desgrenhado em calções e de *T-shirt* rasgada. O meu pai.

Grande merda! O *meu pai* tinha estendido o reverendo Martin com um soco.

Imobilizei-me, paralisado pelo choque, enquanto ele dizia numa voz rouca e gutural:

– Se volta a dirigir a palavra à minha mulher, juro que...

Mas o que ele jurou perdeu-se quando o pai do Gav *Gordo* o levou dali. Alguém ajudou o reverendo Martin a levantar-se. Estava muito vermelho e o sangue pingava-lhe do nariz. O colarinho branco estava manchado de sangue.

Apontou para a minha mãe e para o meu pai.

– Deus será o vosso juiz.

O meu pai fez menção de avançar para ele, mas o pai do Gav *Gordo* agarrou-o com firmeza.

– Acaba com isso, Geoff.

Apercebi-me de uma fugaz mancha amarela e dei-me conta de que Nicky passara por mim a correr em direcção ao reverendo Martin, que agarrou por um braço.

– Anda, papá. Vamos para casa.

O reverendo afastou-a com um gesto brusco que quase a fez perder o equilíbrio. Tirou do bolso um lenço que levou ao nariz e disse para a mãe do Gav *Gordo*:

– Muito obrigado por me ter convidado – e dirigiu-se, muito direito, para o interior da casa.

Nicky olhou para trás, para o jardim. Gosto de pensar que os seus olhos verdes se cruzaram com os meus, que se estabeleceu entre nós uma corrente

de compreensão, mas na verdade julgo que só estava a ver quem tinha assistido à cena – *toda a gente*, pois claro – antes de dar meia volta e seguir atrás dele.

Por um momento, tudo pareceu parar. Movimentos, conversas. Depois, o pai do Gav *Gordo* bateu as palmas e declarou numa voz tonitruante:

– Então, quem quer mais uma das minhas salsichas gigantes?

Julgo que mais ninguém queria, mas sorriram e acenaram que sim, e a mãe do Gav *Gordo* levantou o som da música, só um bocadinho.

Alguém me bateu nas costas. Dei um salto. Era o *Metal Mickey*.

– *Uau!* Nem acredito que o teu pai acabou de esmurrar um vigário.

Nem eu queria acreditar. Senti que o sangue me subia à cara. Olhei para o Gav *Gordo*.

– Peço muita desculpa.

Ele arreganhou os dentes num sorriso.

– *Não podes* estar a falar a sério. Aquilo foi bestial. É a melhor festa de anos de sempre!

– Eddie – disse a minha mãe, a aproximar-se. Dirigiu-me um sorriso estranho e tenso. – Eu e o teu pai vamos agora para casa. Mas tu podes ficar, se quiseres.

Eu queria, mas não me agradava a ideia de os outros miúdos a olharem para mim, como se fosse um anormal, e o *Metal Mickey* a largar piadas, de maneira que disse, taciturno:

– Não, não faz mal. – Embora fizesse. – Eu também vou.

– Está bem – disse ela, com um aceno de cabeça.

Até esse dia, nunca tinha ouvido os meus pais pedirem desculpa. Quando se é miúdo, cabe-nos a nós pedir desculpa. Mas nessa tarde ambos pediram muitas vezes desculpa ao pai e à mãe do Gav *Gordo*. Os pais do Gav *Gordo* foram muito simpáticos, disseram-lhes para não se ralarem, mas tenho a certeza de que ficaram muito chateados. Mesmo assim, a mãe do Gav *Gordo* deu-me um saco com bolo, algumas *Hubba Bubba* e outros doces.

Assim que a porta da frente se fechou sobre nós virei-me para o meu pai.

– O que aconteceu, papá? Por que razão lhe bateste? O que disse ele à mamã?

O meu pai passou-me o braço pelos ombros.

– Mais tarde, Eddie.

Quis protestar, gritar-lhe. Afinal, o que ele estragara era a festa do *meu* amigo. Mas não o fiz. Porque, quando se tratava do que era importante, adorava o meu pai e a minha mãe, e pela cara deles percebi que não era o momento certo.

Portanto, deixei que o meu pai me enlaçasse, a minha mãe pegou-me no outro braço e seguimos juntos pela rua abaixo. E quando a mamã perguntou: «Apetece-vos umas batatas fritas para o lanche?», esbocei um sorriso forçado e respondi:

– Sim. Bestial.

O meu pai nunca me contou. Mas acabei por vir a saber. Depois de a polícia ter aparecido lá em casa, para o prender por tentativa de homicídio.

2016

– Há duas semanas – digo. – Ele mandou-me um *e-mail*. Peço desculpa.

Hoppo estende-me a mão. Aceito-a e deixo-me cair pesadamente no assento.

– Obrigado.

Podia ter dito a Gav e a *Hoppo* que Mickey estava de regresso a Anderbury. Devia ter sido a primeira coisa a fazer. Não sei ao certo por que motivo o não fiz. Talvez por curiosidade. Ou por Mickey me ter pedido que não dissesse a ninguém. Ou talvez quisesse descobrir por mim qual era o intuito dele.

Já sabia um pouco do historial do nosso velho amigo. Tinha-o lido alguns anos antes. Tédio, à mistura com muito vinho. O nome dele não tinha sido o único que procurara no Google, mas fora o único a apresentar resultados.

Tinha-se safado bastante bem. Trabalhava para uma agência de publicidade – daquelas que têm uma mutação vocálica no nome e aversão a letras maiúsculas. Havia fotos dele com clientes, no lançamento de produtos, a erguer taças de champanhe e a exhibir um daqueles sorrisos que são a garantia da choruda reforma de qualquer dentista.

Nada disto foi surpresa. Mickey era o género de miúdo capaz de triunfar pelos seus méritos. Era muito criativo. Em geral em relação à verdade. O que lhe dava imenso jeito naquela profissão.

No *e-mail*, Mickey tinha mencionado um projecto em que andava a trabalhar. Qualquer coisa que seria «mutuamente benéfica». Tenho a certeza de que não tenciona preparar uma reunião com os antigos colegas de escola. Só consigo imaginar uma razão para Mickey querer contactar-me ao fim de todo este tempo. E essa razão é ele estar decidido a enterrar uma

faca sem gume numa lata ferrugenta e fechada, repleta de vermes apodrecidos.

Não digo nada disto a Gav nem a *Hoppo*. Fricciono a cara, que lateja, e relanceio os olhos pelo *pub*. Não tem mais do que um quarto da capacidade. Os poucos clientes desviam rápidos o olhar, de volta às cervejas ou aos jornais. Bem, a quem se iam queixar? Não é provável que Gav se expulse a si mesmo do seu *pub* por ter feito uma cena.

– Como descobriste? – pergunto.

– Foi o *Hoppo* quem o viu – responde Gav. – Na rua principal, era ele inteirinho, sem tirar nem pôr.

– Estou a ver.

– Até teve a desfaçatez de me cumprimentar. Disse que te tinha vindo fazer uma visita. Fiquei admirado por não teres dito nada.

Senti a irritação a crescer. O velho Mickey de sempre, a espalhar a confusão como de costume.

A empregada do bar traz-me a cerveja e poisa-a descuidadamente no tampo da mesa, a esparrinhar uma parte.

– Uma rapariga simpática – digo para Gav. – De temperamento afável.

Gav esboça um sorriso relutante.

– Peço desculpa – repito para ele. – Devia ter-te contado.

– Podes crer, porra – resmunga. – Pensava que éramos amigos.

– Por que não disseste nada? – pergunta *Hoppo*.

– Porque ele me pediu. Até termos conversado.

– E tu concordaste?

– Creio que lhe quis dar o benefício da dúvida.

– Não te devia ter batido – diz Gav, que bebe um gole de *Diet Cola*. – Perdi a cabeça. Voltar a vê-lo trouxe de novo tudo a lume.

Olho-o. Nenhum de nós é um fã de Mickey Cooper. Mas Gav odeia-o mais do que qualquer de nós.

Tínhamos dezassete anos. Houve uma festa. Não pude ir, ou não me convidaram. Já não me recordo bem. Mickey meteu-se com uma rapariga que *Hoppo* andava a catrapiscar. Gerou-se uma discussão. Gav meteu-se nos copos e alguém convenceu Mickey a levá-lo a casa... mas nunca lá

chegaram porque Mickey virou o volante numa estrada em linha recta e chocaram contra uma árvore.

Mickey esteve uma semana em coma mas recuperou miraculosamente. Quanto ao Gav *Gordo*, bem o Gav *Gordo* fracturou várias vértebras. Sem remédio possível. Desde então, anda numa cadeira de rodas.

Descobriu-se que Mickey bebera muito além dos limites, apesar das suas afirmações de que não tinha bebido nada toda a noite além de *Diet Cola*. O Gav *Gordo* e o Mickey nunca mais se falaram. E tanto *Hoppo* como eu nunca falámos no assunto.

Há coisas na vida que conseguimos alterar – o peso, a aparência, até o nome –, mas há outras que, por muito que se deseje e tente, nunca conseguimos modificar. São essas as coisas que nos moldam. Não as que conseguimos alterar, mas aquelas que não conseguimos.

– Portanto, por que razão voltou? – pergunta Gav.

– Não explicou lá muito bem.

– Que disse ele?

– Falou num projecto em que estava a trabalhar.

– Só isso? – quis saber *Hoppo*.

– Sim.

– Mas a questão não é essa, pois não? – diz Gav. Olha para nós dois com os olhos azuis em brasa. – A verdadeira questão é saber o que vamos fazer.



Quando regresso, encontro a casa vazia. Chloe saiu para se encontrar com os amigos, ou talvez esteja a trabalhar. Sinto-me um bocado perdido. Chloe trabalha numa loja de roupa alternativa na cidade, e as suas folgas são incertas. Pode ser que me tenha dito, mas a minha memória já não é tão boa como dantes. Isto preocupa-me mais do que devia.

A memória do meu pai começou a falhar aos quarenta e muitos. Pequenas coisas a que em geral não damos atenção. Esquecer-se onde tinha posto as chaves, deixar coisas em lugares indevidos, como o comando da televisão dentro do frigorífico e uma banana no aparador, no sítio dos telecomandos. Perder-se a meio de uma frase ou misturar as palavras. Por vezes via-o

debater-se à procura da palavra adequada, apenas para a substituir por outra semelhante.

À medida que a Alzheimer foi piorando, baralhava os dias da semana e por fim, o que realmente o assustou, foi não se recordar de qual o dia que vinha a seguir à quinta-feira. O último dia útil da semana escapou-lhe por completo. Ainda me recordo do pânico nos seus olhos. Perder uma coisa tão básica, uma coisa que sabemos desde a infância, foi o que o levou por fim a admitir que não se tratava apenas de distração. Era muito mais sério.

Decerto sou um tanto hipocondríaco em relação a isto. Leio muito para manter a mente desperta e resolvo problemas de *sudoku*, embora não os aprecie muito. A verdade é que a doença de Alzheimer é por norma hereditária. Já vi o que o futuro me reserva e estou disposto a fazer tudo para o evitar, mesmo que isso signifique tornar a minha vida mais curta do que poderia ser.

Atiro as chaves para cima da velha mesa desengonçada do vestíbulo e olho-me no pequeno espelho empoeirado suspenso por cima dela. Uma marca escura começa a notar-se do lado esquerdo da minha cara, embora quase absorvida pela concavidade da face. Ainda bem. Não tenho de explicar que levei um soco de um homem numa cadeira de rodas.

Dirijo-me à cozinha, hesitante quanto a fazer um café, e resolvo que estou demasiado cheio dos fluidos do almoço. Opto por subir a escada.

O antigo quarto dos meus pais é agora o de Chloe e eu durmo no meu quarto de sempre, nas traseiras; o antigo escritório do meu pai e o quarto das visitas servem-me de arrecadação. Para um monte de coisas.

Não gosto de me imaginar como um acumulador compulsivo. Os meus artigos de «coleção» estão cuidadosamente etiquetados e arrumados em prateleiras. Mas ocupam grande parte dos compartimentos do primeiro andar, e se não fossem as etiquetas já me teria esquecido de muito do que tenho vindo a acumular.

Corro o dedo sobre alguns rótulos: Brincos. Porcelana. Brinquedos. Há várias caixas destes últimos. Coisas antigas, dos anos de 1980, algumas da minha infância, outras compradas no eBay – em geral a preços exorbitantes. Numa outra prateleira há um par de caixas com a etiqueta «Fotografias».

Nem todas são da minha família. Outra caixa contém sapatos. Sapatos de mulher, brilhantes, extravagantes. Meia dúzia de caixas com quadros. Aguarelas e pastéis adquiridos em vendas de ocasião. Muitas caixas apresentam etiquetas preguiçosas com o dizer «Miscelâneas». Mesmo submetido a um interrogatório seria incapaz de dizer o que contêm. Só há uma caixa cujo conteúdo conheço de cor – folhas de papel dactilografadas, um par de sandálias velhas, uma *T-shirt* suja e uma máquina eléctrica de barbear nunca utilizada. A etiqueta desta caixa reza apenas «Pai».

Sento-me à secretária. Tenho a certeza de que Chloe não está em casa nem regressará tão depressa, mas mesmo assim fecho a porta. Abro o sobrescrito que recebi esta manhã e volto a examinar o conteúdo. Não tem nada escrito. Contudo, a mensagem é muito clara. Uma figura apenas esboçada, com um nó em volta do pescoço.

Desenhada a lápis, o que está errado. Talvez por isso, ou para me avivar a memória, o remetente incluiu outra coisa. Volto o sobrescrito ao contrário e a coisa cai sobre a secretária, envolta numa pequena nuvem de pó. Um pedaço de giz branco.

Desde aquele dia na feira, o «terrível dia na feira», como me habituei a pensar nele, nunca mais estivera com o senhor Halloran. Quero dizer, já o tinha visto – a deambular pela cidade, a passear junto ao rio, na festa de aniversário do Gav *Gordo*, mas nunca havíamos falado.

Pode parecer estranho, tendo em consideração o que acontecera. Mas lá por termos sido apanhados juntos naquela situação horrível isso não queria dizer que nos sentíssemos presos por um laço qualquer. Eu, pelo menos, não pensava assim. Ainda não.

Atravessava o parque de bicicleta, no caminho para me encontrar com os outros no bosque, quando o vi. Estava sentado num banco, com um bloco de desenho no colo e ao lado um pequeno tabuleiro com o que me pareceu serem lápis. Vestia *jeans* pretos, camisa branca folgada, com uma gravata estreitíssima, e calçava botas grossas. Como sempre, trazia na cabeça um grande chapéu para se proteger do sol. Mesmo assim, admirei-me que não estivesse derretido. Fazia calor, e eu só trazia uma *T-shirt* sem mangas, calções e uns ténis velhos.

Hesitei um momento, sem me decidir. Não sabia o que lhe havia de dizer, mas também não podia passar por ele sem lhe dar atenção. Enquanto me resolvia, ele ergueu os olhos e viu-me.

- Olá, Eddie.
- Olá, senhor Halloran.
- Como tens passado?
- Ehh... bem, muito obrigado.
- Ora ainda bem.

Fez-se silêncio. Senti que devia dizer mais alguma coisa, portanto perguntei:

– Está a desenhar o quê?

– As pessoas. – Sorriu. Os dentes pareciam sempre amarelados, por causa do contraste com a extrema alvura da pele. – Queres ver?

Na verdade não queria, mas seria indelicado recusar.

– Está bem.

Deitei a bicicleta, aproximei-me e encavalitei-me no banco, ao lado dele. Virou o bloco para que eu pudesse ver o que estava a desenhar. Deixei escapar um arquejo de surpresa.

– Uau! Isso é mesmo muito bom.

Não estava a armar (embora não tivesse deixado de o elogiar, mesmo que não fosse bom). Como ele tinha dito, eram esboços de pessoas no jardim. Um casal de velhotes num banco próximo, um homem com um cão e duas raparigas sentadas na relva. Não parece muito, mas havia no conjunto algo impressionante. Ainda que fosse um garoto, percebi que o senhor Halloran era mesmo dotado de talento. Há qualquer coisa nos desenhos feitos pelas pessoas talentosas. Qualquer pessoa pode copiar uma coisa de modo a que se pareça com o original, mas é preciso mais do que isso para construir um cenário, para imprimir vida às pessoas.

– Obrigado. Queres ver mais?

Disse que sim com a cabeça. O senhor Halloran folheou algumas páginas para trás. O retrato de um velho de gabardina com um cigarro (quase se conseguia cheirar as volutas do fumo acinzentado); um grupo de mulheres a tagarelar numa das ruas pavimentadas com seixos nas imediações da catedral; a catedral, da qual não gostei tanto como das pessoas, e...

– Não te quero maçar – disse o senhor Halloran, a afastar de repente o bloco, sem me dar tempo a ver o desenho seguinte. Apenas captei um relance de cabelos escuros compridos e de um olho castanho.

– Não maça nada – repliquei. – Gosto mesmo deles. Na escola, vai ensinar-nos desenho?

– Não. Vou ensinar inglês. A arte é apenas um entretenimento.

– Está bem.

De qualquer maneira, não me interessava muito pelo desenho. Por vezes garatujava bonecos das minhas personagens favoritas das histórias aos

quadrinhos, mas não eram bons. No entanto, gostava de escrever. Inglês era a minha disciplina preferida.

– Está a desenhar com quê? – perguntei.

– Com isto – e mostrou-me a embalagem do que pareciam ser pedaços de giz. – Chamam-se pastéis.

– Parecem giz.

– São do mesmo género.

– O Gav *Gordo* recebeu uma prenda de paus de giz pelo aniversário, mas achou que não prestava.

Perpassou-lhe no rosto uma estranha expressão.

– Ah sim?

Por qualquer razão, senti que fizera asneira.

– O Gav *Gordo* às vezes é um tanto, percebe...

– Mimado?

Embora sentisse que estava a ser desleal, assenti.

– É isso. Mais ou menos.

Calou-se, pensativo.

– Lembro-me de me darem paus de giz quando era garoto. Desenhávamos no passeio, defronte da casa.

– É mesmo?

– Sim. Nunca fizeste isso?

Tentei recordar-me. Não me parecia que alguma vez o tivesse feito. Como já disse, não sou muito dado a desenhos.

– E queres saber outra coisa que fazíamos? Eu e os meus amigos inventámos símbolos secretos que usávamos para deixar uns aos outros por todo o lado mensagens que só nós entendíamos. Por exemplo, eu desenhava em frente da casa do meu melhor amigo um símbolo que significava «ir para o jardim» e ele percebia o significado.

– Não podia bater-lhe à porta?

– Pois podia, mas não tinha a mesma piada.

Fiquei a pensar naquilo. A ideia era tentadora. Como pistas para um tesouro escondido. Um código secreto.

– Seja como for... – disse o senhor Halloran quando (só percebi mais tarde) me tinha dado o tempo suficiente para digerir a ideia, mas não o bastante para a rejeitar. Fechou o bloco e colocou a tampa na caixa dos pastéis. – ... tenho de ir andando. Preciso de falar com uma pessoa.

– Eu também tenho de ir. Vou encontrar-me com os meus amigos.

– Foi bom voltar a ver-te, Eddie. Continuas a ser corajoso.

Foi a primeira vez que aludiu ao que acontecera no dia da feira. Apreciei-o por isso. Com muitos adultos, seria a primeira coisa de que falaria. *Como estás? Sentes-te bem?* Coisas assim.

– E o senhor também.

Voltou a exhibir o sorriso amarelo.

– Eu não sou corajoso, Eddie. Não passo de um louco.

Inclinou a cabeça para o lado perante a minha expressão intrigada.

– Os loucos arriscam-se onde os anjos receiam pisar. Nunca ouviste este ditado?

– Não, senhor. O que quer dizer?

– Bem, da maneira como eu vejo as coisas, é que é melhor ser louco do que anjo.

Fiquei a pensar. Não percebi muito bem como a coisa funcionava. O senhor Halloran despediu-se com uma chapelada.

– Até mais ver, Eddie.

– Adeus.

Saltei do banco e montei na bicicleta. Gostava do senhor Halloran, mas o homem era mesmo misterioso. *É melhor ser louco do que ser anjo.* Misterioso e um tanto assustador.



A orla do bosque acompanhava os limites de Anderbury, onde os subúrbios davam lugar aos baldios e aos terrenos agrícolas. Mas não por muito tempo. A cidade começava a estender-se. Uma área significativa acabava de ser arrasada. Os tijolos, o cimento e os andaimes erguiam-se do solo.

«Salmon Homes», podia ler-se em letras grandes e alegres num enorme cartaz. «Há trinta anos a construir lares e a conquistar corações.» O estaleiro estava cercado por uma alta vedação de arame. Do outro lado, eram visíveis os contornos gigantescos da maquinaria, enormes dinossáurios mecânicos, de momento inactivos. Rodeados por homens alentados, de calças de ganga e coletes amarelos, a fumar e a beber por canecas. Shakin' Stevens berrava num rádio. Alguns letreiros de aviso tinham sido montados na vedação. «PERIGO. NÃO ENTRAR».

Pedalei ao longo da rede e depois por um carreiro estreito que conduzia aos campos. Até alcançar uma pequena vedação de madeira que se podia transpor por uns degraus. Saltei da bicicleta, passei-a por cima do obstáculo e embrenhei-me na frescura do bosque.

O bosque não era grande, mas era escuro e denso. Formado numa concavidade natural, as árvores mergulhavam nas terras mais fundas e alastravam pela encosta, onde davam lugar à vegetação rasteira e às rochas brancas como giz. À medida que ia penetrando na mata, tão depressa montava a bicicleta como tinha de a conduzir à mão. Chegava-me aos ouvidos o sussurro alegre de um regato. A luz do Sol espreitava por entre o dossel das ramarias.

Um pouco mais à frente ouvi o murmúrio de vozes. Num relance, discerni uma mancha azul e verde. Um clarão de raios prateados. Gav *Gordo*, *Metal Mickey* e *Hoppo* estavam acorados numa pequena clareira, a coberto dos arbustos e da folhagem. Tinham já construído cerca de metade de um refúgio impressionante, feito de ramos entrelaçados, em redor de uma cobertura natural providenciada por um grande tronco caído.

– Ei! – gritou o Gav *Gordo*. – Lá vem o Eddie *Munster*, que tem um pai pugilista.

Era a nova piada do Gav *Gordo* para nos divertir durante a semana.

Hoppo olhou para cima e acenou-me. *Metal Mickey* não se incomodou. Segui o trilho por entre o matagal e larguei a bicicleta junto das deles, consciente de que a minha era a mais velha e a mais ferrugenta.

– Onde está a Nicky? – perguntei.

Metal Mickey encolheu os ombros.

– O que interessa isso? Deve estar a brincar com as bonecas.

Soltou uma gargalhada cínica, divertido com a graça.

– Não sei se ela vem – comentou *Hoppo*.

– Oh!

Não via Nicky desde o dia da festa, mas sabia que ela andara pelas lojas na companhia de *Hoppo* e *Metal Mickey*. Comecei a perceber que me evitava. Tinha esperado encontrá-la ali, na expectativa de que tudo pudesse voltar à normalidade.

– O pai é capaz de a ter mandado fazer qualquer coisa – disse *Hoppo*, como se me adivinhasse os pensamentos.

– Sim, ou então continua chateada contigo por o teu pai ter estendido o dela no chão. *Zás!*

De novo o *Metal Mickey*, que nunca resistia a uma oportunidade de acicatar os ânimos.

– Deve-o ter merecido – repliquei.

– Pois deve – corroborou *Hoppo*. – E além disso estava com os copos.

– Não sabia que os vigários bebiam – observei.

– Talvez beba às escondidas.

O Gav *Gordo* inclinou a cabeça para trás, emitiu um *glu-glu*, revirou os olhos e disse em voz entaramelada:

– Sou o *reverrendo* Martin. Dai graças ao *Senhorrrr. Hic.*

Antes que alguém tivesse tempo de reagir, ouviu-se um restolhar entre os arbustos e um bando de pássaros esvoaçou das árvores, espavorido. Demos um salto, como coelhos assustados.

Nicky surgiu na orla da clareira, a segurar o volante da bicicleta. Fiquei com a impressão de que já ali devia estar há algum tempo.

Relanceou os olhos por nós.

– O que estão aqui a fazer sentados? Pensei que estavam a construir um refúgio.



Com os cinco a trabalhar, não levámos muito tempo a terminar o refúgio. Era bestial. Suficientemente grande para que todos coubésemos lá dentro,

ainda que um pouco apertados. Até fizemos uma porta com ramos folhosos para fechar a entrada. Melhor do que tudo, mal se conseguia distingui-lo até se chegar muito perto.

Sentámo-nos cá fora, de pernas cruzadas. Suados e arranhados, mas felizes. E famintos também. Começámos a desembulhar as sanduíches. Nicky nada tinha dito sobre a festa, de maneira que fiz o mesmo. Agíamos com toda a normalidade. Quando se é garoto, é assim. Conseguimos que as coisas nos passem ao lado. Quando crescemos torna-se mais difícil.

– O teu pai não te preparou nenhuma sanduíche? – perguntou o Gav Gordo a Nicky.

– Ele não sabe que estou aqui. Tive de me pirar sem ele ver.

– Toma – disse *Hoppo*, a estender-lhe duas sanduíches de queijo que tirou da película aderente que as embalava.

Gosto do *Hoppo*, mas naquele momento odiei-o, por se me ter antecipado.

– Também podes ficar com a minha banana – ofereceu o Gav Gordo. – Não gosto muito delas.

– E podes partilhar o meu sumo – apressei-me a dizer, para não ficar de fora.

Metal Mickey enfiou na boca uma sanduíche de manteiga de amendoim. Não ofereceu nada a Nicky.

– Obrigada – agradeceu Nicky, a abanar a cabeça. – Tenho de voltar para casa. O meu pai dá pela minha falta se eu não for almoçar.

– Mas ainda agora acabámos de construir o refúgio – protestei.

– Desculpa. Não posso.

Levantou a manga da *T-shirt* para friccionar o ombro. Só então reparei na grande nódoa negra que lá tinha.

– O que fizeste ao ombro?

Puxou a manga para baixo.

– Nada. Fui de encontro a uma porta. – Levantou-se rapidamente. – Tenho de ir.

Levantei-me também.

– É por causa da festa? – perguntei.

Nicky encolheu os ombros.

– O meu pai continua muito chateado. Mas aquilo passa-lhe.

– Tenho muita pena – disse eu.

– Não tenhas. Ele mereceu.

Quis dizer mais alguma coisa, mas não sabia o quê. Abri a boca.

Qualquer coisa me atingiu na cabeça, de lado. Com força. O mundo rodopiou. As minhas pernas flectiram. Caí de joelhos. Agarrado à cabeça. Senti os dedos peganhentos.

Outra coisa passou no ar, sibilante, e por pouco não atingiu a cabeça de Nicky, que gritou e se agachou. Outra grande pedra caiu no chão em frente de *Hoppo* e *Metal Mickey*, a provocar uma explosão de manteiga de amendoim e pão. Agacharam-se e esgueiraram-se mais para trás, para a protecção da mata.

Mais projecteis continuaram a cair. Pedras e calhaus grandes, pedaços de tijolo. Ouvi o berreiro e a gritaria excitada provenientes do alto da elevação sobranceira ao bosque. Olhei para cima e distingi três rapazes mais velhos. Dois deles com cabelo escuro. Outro louro e mais alto. Reconheci-os de imediato.

Sean, o irmão de *Metal Mickey*, e os seus comparsas, Duncan e Keith.

O Gav *Gordo* agarrou-me o braço.

– Estás bem?

Sentia-me tonto e nauseado, mas acenei que sim. Gav empurrou-me para o arvoredo.

– Protege-te.

Metal Mickey gritou para os rapazes mais velhos.

– Deixa-nos em paz, Sean!

– Deixa-nos em paz, deixa-nos em paz – repetiu o irmão, o rapaz louro, numa voz esganiçada. – Porquê? Vais começar a chorar? Vais contar à mamã?

– Pode ser que sim.

– Isso mesmo. Experimenta fazê-lo com o nariz partido, cabeça de merda! – gritou Duncan.

– Vocês estão no nosso bosque! – gritou Sean.

– Este bosque não vos pertence! – respondeu o Gav *Gordo*, também a gritar.

– É nosso, sim, e vamos lutar por ele.

– Merda – resmungou entredentes o Gav *Gordo*.

– Vamos! Vamos a eles! – berrou Keith.

Começaram a descer a encosta, sem parar de nos bombardear com pedras.

Outro grande pedaço de pedra voou e foi aterrar sobre a bicicleta de Nicky com um ruído de metal retorcido.

Nicky soltou um grito.

– É a minha bicicleta, seus atrasados!

– Olha, é a cabeça de cobre.

– Cabeça de cobre, já tens pintelhos encarnados?

– Ponham-se a andar, maricas.

– Cabra.

Um pedaço de tijolo atravessou a cobertura de folhas e atingiu-a no ombro. Nicky gritou e cambaleou.

A ira cresceu-me no peito. Não se agride uma rapariga. Não se lhe atiram tijolos. Levantei-me com dificuldade e fiquei a descoberto. Agarrei na pedra mais pesada e atirei-a para a encosta com quanta força tinha.

Se a pedra não fosse tão grande e embalada pelo peso, se Sean ainda estivesse lá no alto e não já a meio da encosta, é natural que lhe tivesse passado muito longe.

Mas ouvi um grito. Não foi um grito de troça ou insulto, foi um grito de dor.

– *Foda-se!* O meu olho. Aquele *cabrão* acertou-me na *porra* do olho.

Estabeleceu-se o silêncio. Um daqueles momentos em que o tempo parece parar. Gav *Gordo*, *Hoppo*, *Metal Mickey*, Nicky e eu entreolhámo-nos.

– Sacanas de merda! – gritou uma das outras vozes. – Vão levar uma coça por isto!

– Temos de sair daqui – apressou-nos *Hoppo*.

Corremos para as bicicletas. Atrás de mim, ouvia o bando arfar e arquejar enquanto descia a encosta íngreme com a ajuda dos pés e das mãos.

Ainda precisavam de algum tempo para chegar até nós. Mas estávamos em desvantagem, pois tínhamos de conduzir as bicicletas à mão até sairmos do bosque e chegarmos ao carreiro. Corremos como loucos, a empurrar as bicicletas contra o mato rasteiro. Lá de trás, chegavam-nos o restolhar e as imprecações. Não muito para trás. Tentei acelerar o passo. *Hoppo* e *Metal Mickey* iam mais à frente. Nicky também era rápida. O *Gav Gordo* revelou-se muitíssimo veloz para um miúdo tão grande e também tinha algum avanço em relação a mim. As minhas pernas eram as mais compridas, mas eu era uma desgraça, descoordenado nos movimentos e incapaz de correr depressa. Recordei-me de uma história que o meu pai contava sobre vencer um leão em corrida. Não se tratava de ser mais veloz do que o leão. Bastava ser mais veloz do que o mais lento dos fugitivos. Infelizmente, era eu.

Irrompemos das sombras da mata para a luz ofuscante do Sol e o carreiro estreito. Mais à frente, era visível a escada da vedação de madeira. Olhei de relance para trás. Sean estava a sair do bosque, com o olho esquerdo inchado e vermelho e o sangue a escorrer pela cara, o que não parecia afectar-lhe a velocidade. Pelo contrário, a raiva e a dor pareciam imprimir-lhe maior rapidez. O rosto dele contorceu-se num esgar.

– Vou dar cabo de ti, cara de merda.

Virei-me para trás. O meu coração batia tão depressa que ameaçava explodir. Sentia a cabeça a latejar. O suor escorria-me pela testa e o sal picava-me nos olhos.

Hoppo e *Mickey* chegaram à escada, atiraram as bicicletas e saltaram para o outro lado. Nicky seguiu atrás deles, também a atirar a bicicleta e a trepar com a agilidade de um macaco. Sem largar a bicicleta, o *Gav Gordo* subiu os degraus com dificuldade e passou a barreira. Era a minha vez. Levantei a bicicleta, mas esta era mais velha e pesada do que as dos outros. A roda prendeu-se nos degraus. Um pedaço de madeira entalou-se entre os raios.

– Merda.

Debati-me com a bicicleta, mas só consegui que ela ficasse ainda mais presa. Tentei erguê-la, mas era pequeno, e a bicicleta pesada, além de estar cansado de correr e do esforço de construir o refúgio.

– Deixa-a ficar! – gritou-me o *Gav Gordo*.

Para ele não fazia diferença, com a sua bicicleta de corrida novinha em folha. A minha devia parecer-lhe um monte de sucata.

– Não posso – arquejei. – Foi um presente de aniversário.

O Gav *Gordo* virou-se; *Hoppo* e Nicky voltaram atrás. Após um segundo de hesitação, *Metal Mickey* fez o mesmo. Puxaram do outro lado, enquanto eu empurrava do meu. Um dos raios dobrou e a bicicleta soltou-se. O Gav *Gordo* cambaleou para trás quando ela caiu no chão. Galguei os degraus, e passava a perna por cima do topo quando alguém me puxou para trás, pela *T-shirt*.

Por pouco não caí, mas consegui deitar a mão ao poste da vedação. Virei-me. Atrás de mim, Sean parecia enorme. O punho cerrado sobre a minha *T-shirt*. Sorriu entre os fios de sangue e de suor, os dentes assustadoramente brancos em contraste com o vermelho do sangue. O olho em bom estado cintilava de fúria febril.

– *Estás morto, cara de merda.*

Impelido por um medo visceral, desferi um pontapé com quanta força tinha. Acertou-lhe na boca do estômago e ele dobrou-se, a grunhir de dor. A mão que me agarrava a *T-shirt* afrouxou o aperto. Passei a outra perna por cima da vedação e saltei. Ouviu-se o som da *T-shirt* a rasgar. Mas não queria saber. Estava livre. Os outros já estavam montados nas bicicletas. Levantei a minha do chão e segui atrás deles, a correr ao lado até que saltei para o selim e pedalei tão depressa quanto pude. Desta vez não olhei para trás.



O parque de recreio estava vazio. Sentámo-nos no carrossel, as bicicletas deitadas no chão. Agora que a adrenalina se dissipava, sentia a cabeça a latejar. O meu cabelo estava empastado de sangue.

– Tens um aspecto de merda – disse-me Nicky, sem rodeios.

– Obrigado.

O braço dela estava esfolado e tinha a blusa suja de terra. Agarradas aos caracóis ruivos viam-se partículas de ramos secos e de fetos.

– Olha que tu também.

Baixou os olhos para se ver.

– Merda – disse, a levantar-se. – Agora é que o meu pai vai mesmo dar cabo de mim.

– Queres ir primeiro a minha casa para te lavares? – sugeri.

Gav interveio sem lhe dar tempo a responder.

– Nada disso, a minha casa é mais perto.

– Acho que sim – disse Nicky.

– E agora, o que vamos fazer? – lamentou-se *Metal* Mickey. – O dia ficou estragado.

Olhámos uns para os outros, cabisbaixos. Mickey tinha razão, embora me apetecesse deixar claro que era por culpa do irmão *dele*, não o fiz. Ocorreu-me uma ideia e ouvi-me de súbito dizer:

– Tenho uma ideia bestial de uma coisa que podemos fazer.

2016

Não sei cozinhar. Nesse aspecto, saio à minha mãe. Contudo, viver sozinho requer alguns conhecimentos básicos de cozinha. Consigo fazer um assado decente de frango com batatas, bife, massa e peixes variados. Ainda estou a aperfeiçoar o caril.

Calculei que Mickey estivesse habituado a comer em bons restaurantes. De facto, a primeira sugestão dele foi que nos encontrássemos num restaurante da cidade. No entanto, eu queria encontrar-me com ele no meu território. Para o manter à defesa. Um convite para jantar é difícil de recusar sem parecer mal-educado, mas percebi que aceitou com relutância.

Optei por fazer esparguete à bolonhesa. É fácil e é caseiro. E, de um modo geral, toda a gente gosta. Para acompanhar, tenho uma garrafa de bom vinho e um cacete de pão com alho no frigorífico. Estou a cortá-lo em fatias finas e a preparar o molho quando Chloe regressa, pouco antes das seis. Mickey deve chegar às sete.

Chloe inspira fundo.

– Mmmmm, um dia ainda vais fazer uma mulher feliz.

– Ao contrário de ti.

Leva a mão ao peito, a fingir-se ofendida.

– E eu, que acima de tudo ambiciono ser dona de casa.

Sorrio. Chloe consegue fazer-me sorrir. Está muito... bem, bonita não é a palavra adequada. Esta noite está muito Chloe. O cabelo escuro apanhado em dois rabichos. Traz uma *sweatshirt* preta com um retrato de Jack Skellington, uma minissaia cor-de-rosa por cima das *leggings* pretas e botas de pára-quedista com atacadores multicoloridos. Em muitas mulheres, o conjunto seria ridículo. Mas Chloe aguenta-se bem.

Dirige-se ao frigorífico e tira uma garrafa de cerveja.

– Vais sair esta noite? – pergunto.

– Não, mas não te preocupes. Não apareço enquanto o teu amigo cá estiver.

– Não tens necessidade disso.

– Não me importo. Além disso, acho que me ia sentir a mais enquanto vocês conversam sobre os velhos tempos.

– Está bem.

Concordo. Quanto mais penso nisso mais me convenço de que o melhor é Chloe não estar presente. Não sei a que ponto ela estará ao corrente de Mickey e da nossa história em Anderbury, mas os factos foram copiosamente relatados pelos jornais ao longo dos anos. É um daqueles crimes que despertam sempre o interesse das pessoas. Com todos os ingredientes. O protagonista bizarro, os arrepiantes desenhos a giz, o horrível assassínio. *Deixámos a nossa marca na história. Um pequeno homem desenhado a giz*, penso com amargura. É claro que ao longo dos tempos os factos foram sendo embelezados e a verdade aos poucos limada nas suas arestas. A História não passa de uma história contada pelos sobreviventes.

Chloe emborca uma golada de cerveja.

– Se precisares de mim, estou lá em cima, no quarto.

– Queres que faça um pouco de esparguete a mais para ti?

– Não, deixa estar, almocei tarde.

– Está bem.

E fico à espera.

– Pronto, faz lá. Mais tarde sou capaz de sentir fome.

Chloe come mais do que eu julgara ser humanamente possível para alguém que se pode esconder atrás de um candeeiro. E come às horas mais desencontradas. Já a encontrei muitas vezes na cozinha a comer massa ou sanduíches, e certa vez um pequeno-almoço completo, às primeiras horas da manhã. Mas sofro de insónias e por vezes de sonambulismo, o que não faz de mim a pessoa ideal para criticar os hábitos nocturnos dos outros.

Chloe detém-se ao chegar à porta. A expressão do seu rosto denota preocupação.

– Agora a sério, se precisares de uma desculpa, posso ligar-te para o telemóvel, do género uma chamada de emergência.

Olho para ela.

– Quem vem jantar é um velho amigo, não se trata de um encontro-surpresa.

– Sim, mas «velho» é a palavra-chave. Já não vês esse tipo há dezenas de anos.

– Obrigado por não me deixares esquecer.

– A verdade é que vocês deixaram de ter contacto. Como sabes se arranjam assunto para conversar?

– Bem, ao fim de tanto tempo há muitas conversas para pôr em dia.

– Mas se tivessem alguma coisa importante para dizer já tinham dito, não é? Deve haver um motivo para ele te querer visitar ao fim de tanto tempo.

Percebo o que ela quer dizer, o que me deixa pouco à vontade.

– Não tem de haver uma razão para tudo.

Estendo a mão para o copo de vinho de que me servi para ir saboreando enquanto cozinho, e bebo metade. Sinto que ela me observa.

– Sei o que aconteceu há trinta anos – diz ela. – O homicídio.

Concentro-me a mexer a bolonhesa.

– Tens razão.

– Os quatro garotos que encontraram o corpo dela. Tu foste um deles.

Continuo sem levantar os olhos.

– Quer dizer que andaste a fazer pesquisas.

– Ed, vinha viver com um desconhecido, um homem solteiro que vive numa casa assustadoramente grande. É claro que fiz algumas perguntas a teu respeito.

Como é evidente. Descontraio-me um pouco.

– Nunca tinhas falado no assunto.

– Nunca tive razão para isso. E pensei que não fosse do teu agrado.

Viro-me para ela e esboço um sorriso.

– Muito obrigado.

– Não tens de quê.

Levanta de novo a garrafa da cerveja e bebe o resto.

– Seja como for – diz, a atirar a garrafa vazia para a caixa da reciclagem que está perto da porta das traseiras –, vê se te divertes. Não faças nada que eu não fizesse.

– Já te disse que não é um encontro de namorados.

– Sim, porque se fosse valia a pena escrever sobre o assunto. Até era capaz de alugar uma avioneta com uma tarja a dizer: EDDIE TEM UM ENCONTRO.

– Sinto-me feliz como estou, obrigado.

– Falo por falar, a vida é curta.

– Se me estás a dizer para aproveitar o dia, confisco toda a cerveja.

– Não é o dia, é apenas o saque.

Pisca-me o olho e pavoneia-se para fora da cozinha, em direcção à escada.

Num gesto impensado, sirvo-me de outro copo de vinho. Sinto-me nervoso, o que me parece natural. Não sei o que esperar do serão. Olho para o relógio. 6 h 30 m. O melhor é tornar-me apresentável.

Subo os degraus, tomo um duche rápido, visto uma calças cinzentas de bombazina e uma camisa decente. Passo um pente para alisar o cabelo, que se revolta, ainda mais espigado. No que respeito a cabelo, o meu apresenta uma resistência tenaz a todas as tentativas de o domar, desde o simples pente até ao gel e ao fixador. Uso-o cortado quase até ao couro cabeludo, mas durante a noite miraculosamente parece ter crescido e criado mais alguns remoinhos. Mas pelo menos tenho cabelo. Pelas fotografias que vi de Mickey, não parece ser tão afortunado.

Largo o espelho e volto a descer a escada. Mesmo a tempo. A campainha da porta retine, seguida por algumas pancadas no batente. Eriçam-se-me os pêlos imaginários do pescoço. Detesto quando as pessoas usam a campainha e também o batente, a sugerir que não oiço bem ou que têm tanta pressa de entrar que empreendem um assalto frontal ao exterior da minha propriedade.

Recomponho-me e começo a andar pelo corredor. Após uma curta hesitação, abro a porta...



Nos livros, estes momentos são sempre carregados de dramatismo. Na sua banalidade, a realidade causa um desapontamento.

Depara-se-me um homem baixo e magro, de meia-idade. A cabeça calva e o cabelo rapado dos lados. Veste uma camisa cara, um casaco desportivo, calças de ganga azul-escuras, a condizer com os sapatos luva brilhantes, e sem meias. Sempre achei que os homens ficavam ridículos quando usavam sapatos sem meias. Como se os tivessem calçado à pressa, no escuro, durante uma ressaca.

Sei o que *ele* tem diante dos olhos. Um homem magro, mais alto do que a média, vestido com uma camisa banal e calças de bombazina largas, cabelo espigado e mais rugas do que seria de esperar num tipo com quarenta e dois anos. Mas cada um tem o que merece.

– Ed! Que bom ver-te.

Para ser sincero não posso dizer o mesmo, portanto limito-me a um aceno de cabeça. Antes que ele estenda a mão e me veja obrigado a apertá-la, desloco-me para o lado e convido-o a entrar com um gesto largo.

– Entra, se fazes favor.

– Obrigado.

– Por aqui.

Pego-lhe no casaco, penduro-o no cabide do vestíbulo e indico-lhe o caminho para a saleta, embora tenha a certeza de que Mickey se recorda bem.

Talvez por comparação com o esplendor ostentado por Mickey, choca-me a imagem da divisão acanhada e escura. Uma saleta poeirenta e gasta, ocupada por um homem que não atribuiu grande importância à decoração.

– Posso arranjar-te uma bebida? Tenho uma boa garrafa de *Barolo* aberta, há cerveja, ou...

– Pode ser cerveja.

– Tudo bem. Tenho *Heineken*...

– Qualquer coisa. Não sou grande bebedor.

– Certo.

Mais uma coisa que não temos em comum.

– Vou buscar uma garrafa ao frigorífico.

Regresso à cozinha, agarro uma *Heineken* e abro-a. Estendo a mão para o meu copo de vinho e emborco um grande trago antes de o voltar a encher com a garrafa já meio vazia.

– Vejo que fizeste um bom trabalho com esta casa velha.

Sobressalto-me. Mickey está à porta, a olhar em redor. Não sei se me terá visto beber e voltar a encher o copo. Nem sei por que razão isso me importa.

– Obrigado – digo, embora ambos saibamos que fiz pouca coisa com «a casa velha».

Estendo-lhe a cerveja.

– Uma casa antiga como esta deve ser um sorvedouro de dinheiro, não? – pergunta.

– Nem por isso.

– Admira-me que não a tenhas vendido.

– Razões sentimentais, presumo.

Bebo um pequeno gole de vinho. Mickey vai bebericando a cerveja. O momento prolonga-se demasiado, a converter a pausa natural num silêncio embaraçoso.

– Então – pergunta Mickey –, ouvi dizer que és professor?

– Sim, para mal dos meus pecados – confirmo com um aceno de cabeça.

– Gostas?

– A maior parte das vezes.

Na maior parte dos casos adoro o tema a leccionar e quero partilhar esse amor com os meus alunos. Quero que apreciem as aulas e que saiam com a consciência de terem aprendido alguma coisa.

Mas há dias em que me sinto cansado, exausto, capaz de dar um A+ a quem quer que seja só para me deixarem em paz.

– É curioso – diz Mickey, a abanar a cabeça –, sempre pensei que viesses a ser escritor, como o teu pai. Sempre foste bom a inglês.

– E tu sempre foste bom a inventar coisas. Deve ser por isso que estás na publicidade.

Ele ri, pouco à vontade. Outro silêncio. Finjo que vigio o esparguete.

– Fiz um bocado de esparguete. Espero que não te importes.

– Sim, bestial. – Oiço uma cadeira a arrastar quando ele se senta. – Obrigado por te dares a tanto trabalho. Quero dizer, não me importava se comêssemos no *pub*.

– Mas não no The Bull, pois não?

A expressão endurece.

– Imagino que lhes tenhas falado na minha visita.

Quando fala no plural percebo que se refere a *Hoppo* e a *Gav*.

– De facto, não. Mas *Hoppo* disse que te viu no outro dia na cidade, portanto...

Encolhe os ombros.

– Também não estava a fazer segredo.

– Então por que razão me disseste para não lhes contar?

– Porque sou um cobarde. Depois do acidente, de tudo o que aconteceu... pensei que nenhum deles quisesse ouvir falar de mim.

– Nunca se sabe – respondo. – As pessoas mudam. Já se passou muito tempo.

Também é mentira, mas soa melhor do que dizer: *Tens razão. Têm-te um ódio visceral. Especialmente Gav*.

– Imagino.

Ergue a garrafa da cerveja e bebe os últimos goles. Para quem não bebe muito, está a dar um bom espectáculo.

Tiro-lhe outra do frigorífico e sento-me à mesa, diante dele.

– O que quero dizer é que nesse tempo todos fizemos coisas das quais não nos orgulhamos.

– Excepto tu.

Antes de conseguir responder, oiço atrás de mim o som de qualquer coisa a derramar. O esparguete está a ferver. Apresso-me a reduzir a intensidade do gás.

– Queres que te ajude em alguma coisa? – pergunta Mickey.

– Não, não. Está tudo bem.

– Obrigado – diz, a erguer a cerveja. – Gostava de te falar sobre uma proposta.

Ora cá vamos nós.

– Sim?
– Deves estar a pensar qual a razão que me fez voltar.
– A minha famosa arte culinária?
– Este ano completam-se trinta anos, Ed.
– Eu sei.
– O interesse dos *media* já se manifestou.
– Não presto grande atenção aos *media*.
– Uma atitude sensata. A maior parte do que dizem é treta. É por isso que acho tão importante que alguém lhes conte a verdadeira história. Alguém que lá tenha de facto estado.

– Alguém como tu?
Concorda com um movimento da cabeça.
– E gostaria de contar com a tua ajuda.
– Para quê, exactamente?
– Um livro. Se calhar televisão. Tenho contactos. E já fiz imensas pesquisas.

Olho para ele e abano a cabeça.
– Não.
– Ao menos ouve o que tenho a dizer.
– Não estou interessado. Não quero voltar a desenterrar tudo isso.
– Mas eu quero. – Inclina a garrafa bem alto. – Escuta, durante anos tentei não pensar no que aconteceu. A esquivar-me. A calar-me. Pois bem, concluí que é chegado o momento de enfrentar e lidar com toda essa culpa e todo esse medo.

Descobri que é muito melhor pegar nos medos, fechá-los numa caixa muito bonita e atirá-la para o recanto mais escuro e fundo da memória. Mas cada um pensa à sua maneira.

– Então e nós, os outros? Já te perguntaste se estamos dispostos a enfrentar os nossos medos, a reviver tudo o que aconteceu?

– Percebo o que queres dizer. A sério que percebo. É por isso que te quero envolvido, e não apenas por causa da escrita.

– O que queres dizer com isso?

– Há mais de vinte anos que não venho aqui. Sou um desconhecido. Mas tu continuas a viver cá. Conheces as pessoas, elas confiam em ti...

– Queres que lime as arestas com *Gav* e *Hoppo*?

– Não o farias de graça. Ganharias uma parte do adiantamento. Direitos de autor.

Hesito. Mickey interpreta a minha hesitação como relutância.

– E ainda há outra coisa.

– O que é?

Esboça um sorriso cínico e num instante percebo que tudo quanto disse sobre voltar e enfrentar os medos é só treta, um monte de merda malcheirosa.

– Sei quem realmente a matou.

1986

As férias de Verão aproximavam-se do fim.

– Só mais seis dias – disse o Gav *Gordo* em tom desalentado. – E já incluindo o fim-de-semana, que não conta, portanto só faltam quatro.

Partilhava o seu desalento, mas tentava expulsar da minha cabeça a ideia da escola. Seis dias continuavam a ser seis dias, e agarrava-me a essa ideia por mais de uma razão. Por enquanto, Sean Cooper ainda não tinha dado cumprimento à ameaça.

Já o vira pela cidade, mas conseguira sempre escapar antes que ele desse por mim. O olho direito dele ostentava uma grande mancha negra e um corte de aspecto repugnante. O género de corte que iria ficar com ele durante toda a sua vida adulta – se Sean chegasse a atingir a idade adulta.

Metal Mickey dizia que ele já se tinha esquecido de mim, mas não me parecia. Evitá-lo durante as férias era uma coisa. Como dizem os *cowboys*, a cidade era grande o suficiente para os dois. Mas assim que voltássemos para a escola seria muito mais difícil evitá-lo todos os dias... à hora de almoço, no recreio, no caminho para a escola e no regresso a casa.

Também estava preocupado com outra coisa. As pessoas julgam que a vida dos miúdos é isenta de preocupações. Mas não é verdade. As preocupações dos garotos são maiores porque somos mais pequenos. Estava preocupado com a minha mãe. Ultimamente andava arisca e desabrida e ainda mais irritável do que o costume. O meu pai dizia que era nervosismo, por causa da abertura da nova clínica.

A minha mãe costumava trabalhar em Southampton. Mas agora ia abrir uma nova clínica em Anderbury, perto da escola técnica. Num edifício que tivera outro uso. Já não me lembro qual, mas era um prédio mais do que banal. Creio que o problema era esse. Nem uma tabuleta havia. Era possível

passar por ele sem se dar pela sua existência, se não fossem as pessoas que se juntavam cá fora.

Vinha de bicicleta da minha ida às compras quando as vi. Um grupo talvez de cinco pessoas. Marchavam em círculo, a segurar cartazes e a cantar *slogans*. Nos cartazes liam-se coisas como «ESCOLHE A VIDA», «NÃO MATEM OS BEBÉS» e «DEIXEM VIVER AS CRIANCINHAS».

Reconheci algumas delas. Uma mulher que trabalhava no supermercado e a amiga loura da *Rapariga do Carrossel*, que vira na feira. Por incrível que pareça, a *Amiga Loura* escapara incólume naquele dia. Uma pequena parte de mim – uma parte não muito agradável – entendia que não era justo. Não era tão bonita como a *Rapariga do Carrossel*, nem tão simpática. Empunhava um dos cartazes e marchava atrás de outra pessoa que eu conhecia. O reverendo Martin. A voz dele sobrepunha-se às restantes e marchava com uma Bíblia aberta na mão, a recitar versículos.

Parei a bicicleta e fiquei a ver. Depois da contenda na festa do Gav Gordo, o meu pai tinha tido uma conversa comigo e eu ficara a saber um pouco mais sobre o que se passava na clínica da minha mãe. Mas aos doze anos não se consegue abarcar todas as implicações de um tema como o aborto. Só sabia que a minha mãe ajudava as mulheres que não podiam tomar conta dos filhos. Nem tinha vontade de saber mais.

Todavia, e apesar da minha idade, apercebia-me da indignação – da *virulência* – dos manifestantes. Qualquer coisa nos seus olhos, na saliva que expeliam pelos cantos da boca, no modo como brandiam os cartazes, como se fossem armas. Entoavam cânticos de amor, mas pareciam destilar ódio. Pedalei rapidamente até casa. Estava tudo em silêncio, apenas quebrado pelo ruído do meu pai a serrar qualquer coisa não sei onde. A minha mãe estava lá em cima, a trabalhar. Larguei os sacos das compras e deixei o troco ao lado. Queria falar com eles sobre a cena a que tinha assistido, mas estavam ambos ocupados. Saí sem destino, pela porta das traseiras. Foi quando reparei no desenho a giz no caminho de acesso.

Por essa altura, havia algum tempo que andávamos a desenhar figuras a giz e outros símbolos. Quando se é garoto, as ideias são um pouco como sementes espalhadas pelo vento. Algumas nunca chegam a germinar,

levadas pela brisa, esquecidas e nunca mais mencionadas. Outras ganham raízes. Instalam-se, crescem e alastram.

Os desenhos a giz foram uma dessas ideias bizarras que todos acolheram quase de imediato. Como é evidente, os nossos primeiros desenhos no terreiro dos jogos foram uma multidão de homens de sexos avantajados e as palavras «Vai-te foder». Mas assim que sugeri a ideia de os usarmos para transmitir mensagens secretas entre nós, parece que os homens de giz adquiriram vida própria.

Cada um de nós usava uma cor diferente de giz, de maneira que sabíamos quem tinha deixado a mensagem, e os diversos desenhos comportavam significados diferentes. Uma figura erecta dentro de um círculo queria dizer «encontrem-se comigo no parque de jogos». Uma pluralidade de linhas verticais e triângulos significava «o bosque». Havia símbolos para encontros nas lojas e no recreio. Havia sinais de alerta para Sean Cooper e o seu bando. Reconheço que também usávamos sinais para representar palavrões, de maneira que podíamos escrever «Vai-te foder» e outras coisas piores defronte das casas das pessoas de quem não gostávamos.

Deixámo-nos obcecar um pouco por aquilo? Penso que sim. Mas é o que acontece aos miúdos. Tornam-se obcecados pelas coisas durante algumas semanas ou meses até se cansarem da ideia e a descartarem por completo.

Lembro-me de um dia ir ao Woolies comprar mais giz e a *Dama da Permanente* estar à caixa. Lançou-me um olhar estranho e perguntei-me se ela desconfiaria de que tinha outro pacote de giz enfiado na mochila. Mas o que ela disse foi:

– Vocês gostam muito de giz, não gostam? Hoje já és o terceiro que cá vem. E eu a pensar que agora era só *Donkey Kong* e *Pac-Man*.

A mensagem no caminho de acesso estava escrita a azul, o que significava que era de *Metal Mickey*. Um homem ao lado de um círculo e um ponto de exclamação (que queria dizer «depressa»). Estranhei, pois era pouco habitual o *Metal Mickey* deixar-me mensagens. Em geral preferia comunicar com o *Gav Gordo* ou com o *Hoppo*.

Mas naquele dia não me apetecia andar pela casa, de modo que arredei mentalmente as dúvidas, gritei pela porta que me ia encontrar com Mickey,

montei a bicicleta e meti-me ao caminho.



O parque estava vazio. Outra vez. Nada de invulgar. Estava quase sempre vazio. Havia muitas famílias em Anderbury e uma imensidade de garotos pequenos, que seria de esperar encontrar a brincar nos baloiços. Mas a maioria dos pais e das mães levava os filhos para outro parque, mais distante.

Segundo *Metal* Mickey, a razão pela qual as pessoas evitavam o parque era por este estar assombrado. Ao que parecia, três anos antes tinha lá sido encontrada uma rapariga morta.

– Encontraram-na no carrossel. Tinha a garganta cortada, tão fundo que a cabeça estava quase separada do corpo. E também lhe tinham aberto a barriga e as tripas saíam-lhe como se fossem salsichas.

Há que reconhecer que *Metal* Mickey sabia contar uma história; em geral, quanto mais sanguinolenta melhor. Mas não passavam disso. Histórias. Estava sempre a inventar coisas, embora por vezes incluísse nelas uma pequena parte de verdade.

Contudo, o parque de jogos tinha sem dúvida qualquer coisa de sinistro. Sempre escuro, mesmo nos dias de sol. É claro que se devia mais à ramaria densa das árvores do que a qualquer coisa sobrenatural, mas a verdade é que muitas vezes sentia um ligeiro arrepio quando me sentava no carrossel, ou uma vontade premente de olhar para trás, para ver se alguém me observava, e por norma nunca lá ia sozinho.

A cancela ferrugenta rangeu quando a empurrei, irritado com o facto de *Metal* Mickey ainda lá não se encontrar. Encostei a bicicleta à vedação. Foi quando senti os primeiros sinais de inquietação. Em geral, o *Metal* Mickey não se atrasava. Havia ali algo de errado. Atrás de mim, a cancela voltou a ranger e ouvi uma voz:

– Olá, *Cara de Merda*.

Quando me virei, um punho embateu-me na cabeça, de lado.



Abri os olhos. Sean Cooper olhava-me lá do alto. O rosto oculto pelas sombras. Só lhe conseguia distinguir a silhueta, mas tive a certeza de que estava a sorrir, o que não augurava nada de bom. Nada daquilo era bom.

– Tens andado a ver se nos escapas?

Nos? Da minha posição, deitado de costas no chão, tentei rodar a cabeça para a esquerda e para a direita. Consegui entrever mais dois pares de ténis *Converse* emporcalhados. Não precisava de ver as caras para saber que pertenciam a Duncan e a Keith.

Sentia a cabeça a latejar. O pânico apertava-me a garganta. O rosto de Sean aproximou-se. Percebi que me agarrava a *T-shirt* e que a puxava para o meu pescoço.

– Atiraste-me um tijolo para a porra do olho, *Cara de Merda*. – Sacudiu-me e a minha cabeça embateu no alcatrão. – Ainda não te ouvi pedir desculpa, pois não?

– Peeço... esculp...

As palavras saíram-me distorcidas e entarameladas. Começava a ser difícil respirar.

Sean puxou-me para cima e a minha cabeça deixou de assentar no chão. A *T-shirt* continuava a estrangular-me.

– *Esculp...?* – perguntou numa voz chorosa e esganiçada.

Olhou para Duncan e Keith, que eu agora conseguia ver, encostados à armação de trepar.

– Vocês ouviram isto? O *Cara de Merda* pediu *esculp...*

Ambos riram, a mostrar os dentes.

– Não é muita *esculp...*? – disse Keith.

– Ná. Parece-me mais *Cara de Merda* – concordou Duncan.

Sean chegou-se mais perto. Senti-lhe no hálito o cheiro a tabaco.

– Não me parece que estejas a ser sincero, *Cara de Merda*.

– Est... estou.

– Ná. Mas não faz mal. Porque nós fazemos-te pedir *esculp...*

Senti que esvaziava a bexiga. Felizmente o dia estava quente e suara bastante, pois se tivesse mais uma gota de líquido no corpo tinha-a derramado nas calças.

Sean deu um puxão à *T-shirt* para me levantar. Agitei frenético os pés para me apoiar no alcatrão e não sufocar. Empurrou-me para trás, contra a armação de trepar. Tinha a cabeça a andar à roda, e só não me estatelei no chão porque ele me mantinha de pé.

Em desespero, relanceei os olhos pelo parque, mas estava vazio, com excepção de Sean e do seu bando, com as suas reluzentes bicicletas de corrida *BMX* abandonadas sem cuidado junto aos baloiços. A de Sean era fácil de reconhecer. De um vermelho-vivo, com uma caveira negra pintada de lado. Do outro lado da estrada, apenas um carro azul isolado, estacionado no parque do Spar. Do condutor, nem sinal.

Só então me apercebi de uma coisa: um vulto no parque. Não o distingui bem, mas parecia...

– Estás a ouvir-me, *Cara de Merda*?

Sean atirou-me com violência contra as barras da estrutura metálica. A minha cabeça embateu no metal e a visão toldou-se. O vulto desapareceu; por um instante, tudo desapareceu. Como se alguém me corresse uma pesada cortina cinzenta diante dos olhos. As pernas cederam. Um abismo escuro escancarou-se. Senti uma violenta bofetada. Mais outra. A minha cabeça rodava de um lado para o outro. A pele parecia arder. A cortina voltou a abrir-se.

À minha frente, a cara de Sean rasgava-se num sorriso. Já o conseguia ver bem. O espesso cabelo louro, a pequena cicatriz por cima do olho. Os olhos azuis cintilantes, como os do irmão. Mas com uma luminosidade diferente. *Um brilho de morte*, pensei. Frio, duro, tresloucado.

– Ora bem. Agora já temos toda a tua atenção.

O punho dele atingiu-me no estômago, a arrancar-me todo o ar. Dobrei-me para a frente. Nem conseguia gritar. Nunca antes ninguém me tinha batido assim, e a dor era imensa, colossal. Como se as minhas entranhas estivessem em brasa.

Sean agarrou-me pelos cabelos e levantou-me a cabeça. Dos olhos e do nariz escorriam-me lágrimas e ranho.

– Auu, magoei-te, *Cara de Merda*? Vamos fazer um acordo: não te bato mais se mostrares como queres pedir *esculp*.

Procurei assentir com a cabeça, mas era impossível porque Sean me prendia com tanta força pelos cabelos que até as raízes gritavam.

– Achas que consegues?

Mais um doloroso gesto afirmativo.

– Muito bem. Ajoelha-te.

Não tinha escolha possível, pois ele empurrava-me a cabeça para baixo. Duncan e Keith avançaram para me agarrar os braços.

Esfolei os joelhos no alcatrão áspero do recinto. Fez-me doer, mas não me atrevi a chorar. Demasiado apavorado para isso. De olhos baixos, fixados nos ténis *Nike* brancos de Sean. Ouvi o som de uma fivela e de um fecho de correr e de repente percebi o que se avizinhava. O pânico, o medo e a repulsa avassalaram-se em simultâneo.

– Não!

Debati-me, mas Duncan e Keith imobilizavam-me.

– Mostra-me lá como estás arrependido, *Cara de Merda*. Chupa-me a picha.

Levantou-me a cabeça com um puxão e dei por mim a olhar para o membro dele. Pareceu-me enorme. Muito vermelho e inchado. E malcheiroso também. A suor e a qualquer outra coisa azeda e esquisita. Na base, avultavam os pêlos louros encaracolados.

Cerrei os dentes com força e tentei abanar a cabeça.

Sean comprimiu a extremidade do membro contra os meus lábios. O fedor repugnante subiu-me pelas narinas. Cerrei os maxilares ainda com mais força.

– Chupa.

Duncan torceu-me o braço nas costas. Gritei. Sean enfiou-me o membro na boca.

– *Chupa*, cabrão de merda.

Não conseguia respirar. Engasguei-me. Uma mistura de lágrimas e ranho escorria-me pelo queixo. Julguei que ia vomitar. Nesse momento ouvi distintamente a voz de um homem gritar:

– *Ei!* Que raio pensam vocês que estão a fazer?

A mão que me prendia a cabeça afrouxou o aperto. Sean deu um passo atrás, a retirar o membro da minha boca e a guardá-lo depressa nos calções. Largaram-me os braços.

– Perguntei que raio estão a fazer!

Pestanejei. Através de um véu de lágrimas entrevi um homem alto e muito branco, de pé à entrada do recinto. O senhor Halloran.

Passou a perna por cima da vedação e dirigiu-se para nós em passos largos. Trajava o seu uniforme habitual: a camisa larga, os *jeans* justos e botas. Desta vez o chapéu era cinzento, e por baixo dele saíam-lhe os cabelos brancos da nuca. O seu rosto era de pedra, de mármore para ser mais exacto. Os olhos minúsculos pareciam cintilar com um fogo interior. Furioso e assustador, como um anjo vingador de banda desenhada.

– Nada. Não estávamos a fazer nada – ouvi Sean dizer, agora menos arrogante. – Só andávamos a brincar por aí.

– Só a brincar por aí?

– Sim, senhor.

O olhar do senhor Halloran recaiu sobre mim e suavizou-se.

– Estás bem?

Pus-me de pé e assenti.

– Estou sim, senhor.

– É verdade que só andavam por aí a brincar?

Olhei de relance para Sean que me lançou um olhar. Percebi-lhe o significado. Se revelasse alguma coisa, a minha vida estava acabada. Nunca mais poderia sair de casa. Se ficasse calado, talvez, apenas talvez, a coisa ficasse por ali. Acabavam-se a provação e o castigo.

Voltei a anuir com a cabeça.

– Sim, senhor, só andávamos por aí a brincar.

O senhor Halloran olhou-me. Baixei os olhos para os ténis, a sentir-me cobarde, estúpido e insignificante.

Por fim, ele virou a cara.

– Muito bem – disse, a dirigir-se aos outros rapazes. – Não sei o que vi aqui, e só por isso não vos levo já para a esquadra. Agora desapareçam, antes que mude de ideias.

– Sim, senhor – murmuraram em uníssono, de súbito humildes e dóceis como garotinhos.

Fiquei a vê-los saltar para as bicicletas e pedalarm a toda a velocidade. O senhor Halloran continuou a olhar para eles. Por um instante julguei que se tinha esquecido da minha presença. Depois, virou-se para mim.

– Então, estás mesmo bem?

Qualquer coisa no seu rosto, nos seus olhos e até na sua voz impossibilitaram-me de continuar a mentir. Abanei a cabeça, a sentir as lágrimas que me assomavam aos olhos.

– Também pensei que não. – Os seus lábios tornaram-se mais finos. – Não há coisa que mais deteste que rufiões abusadores. Sabes qual é o problema dos rufiões?

Abanei a cabeça. Naquele momento não sabia nada de nada. Sentia-me fraco e a tremer. Doíam-me o estômago e a cabeça, e a vergonha avassalava-me. Apetecia-me lavar a boca com detergente e esfregar-me até a pele ficar em sangue.

– São cobardes – continuou o senhor Halloran. – E os cobardes recebem sempre o castigo devido. É o *karma*. Sabes o que é?

Abanei outra vez a cabeça, a desejar que o senhor Halloran se fosse embora.

– Quer dizer que se colhe o que se semeia. Fazem-se coisas más e elas acabam por nos vir morder o traseiro. O dia daquele rapaz há-de chegar. Podes estar certo disso.

Pousou a mão no meu ombro e apertou-o um pouco. Esbocei um sorriso forçado.

– Aquela bicicleta é tua?

– É, sim senhor.

– Sentes-te em condições de voltar para casa?

Quis responder que sim, mas sentia-me exausto só de estar de pé. O senhor Halloran dirigiu-me um sorriso de compreensão.

– O meu automóvel está ali adiante. Pega na bicicleta, que eu dou-te uma boleia.

Atravessámos a estrada em direcção ao carro dele. Um *Princess* azul. No parque de estacionamento do Spar não havia sombra; quando ele abriu a porta saiu uma baforada de calor. Felizmente os assentos eram de tecido, e não de plástico como no automóvel do meu pai, e não queimei as pernas ao sentar-me. Mesmo assim, sentia a *T-shirt* colada à pele.

O senhor Halloran instalou-se ao volante.

– *Puff!* Está um bocadinho quente, não te parece?

Baixou o vidro da janela. Fiz o mesmo do meu lado. Quando arrancámos, fez-se sentir uma brisa suave.

Mesmo assim, confinado no espaço quente, apercebia-me do penetrante cheiro a suor que exalava, junto com a sujidade, o sangue e tudo o mais.

A mamã vai matar-me, pensei. Já imaginava a cara dela:

– *Que raio andaste a fazer, Eddie? Andaste à bulha? Estás um nojo, olha para a tua cara. Quem te fez isto?*

Ia querer saber quem tinha sido e depois havia de lá ir e arranjar sarilho. Senti que o estômago me caía lentamente até aos dedos dos pés.

O senhor Halloran olhou-me de soslaio.

– Sentes-te bem?

– A minha mãe – murmurei. – Vai ficar furiosa.

– Mas não tiveste culpa do que aconteceu.

– Isso não interessa.

– Se lhe contares...

– Não, não posso.

– Está bem.

– Ela anda numa pilha de nervos por causa de outras coisas.

– Ah! – disse ele, como se soubesse do que se tratava. – Vou sugerir uma coisa. Por que não vamos até minha casa e te limpas um pouco?

Abrandonou no cruzamento e fez sinal, mas em vez de virar à esquerda para a minha rua virou à direita. Demos mais algumas voltas e estacionou defronte de uma pequena vivenda branca.

Sorriu.

– Vem daí, Eddie.



O interior da vivenda era escuro e fresco. Todas as cortinas estavam corridas. A porta da frente abria para uma pequena sala de estar. A mobília era escassa. Apenas um par de cadeiras de braços, uma mesa de café e uma pequena televisão sobre uma banquetta. Cheirava a qualquer coisa estranha, a ervas. Em cima da mesa de café, um cinzeiro com duas beatas brancas. O senhor Halloran pegou-lhe.

– Vou deitar isto fora. A casa de banho é lá em cima, ao cimo da escada.

– Está bem.

Subi a escada estreita. Ao chegar ao patamar, deparei-me com uma casa de banho minúscula. O chão e as louças eram verdes. Ao lado da banheira e em redor do pé da sanita, havia tapetes claros cor de laranja, convenientemente dispostos. Um pequeno armário de porta espelhada preso à parede, por cima do lavatório.

Fechei a porta da casa de banho e mirei-me ao espelho. O ranho seco no nariz e os sulcos abertos pelas lágrimas na poeira que me cobria a cara. Ainda bem que a minha mãe não me ia ver naquele estado, ou passaria o resto dos dias de férias confinado ao quarto e ao quintal das traseiras. Comecei a limpar a cara com a toalha que estava no lavatório, a molhá-la na água quente que ia ficando turva à medida que a sujidade ia saindo.

Voltei a olhar-me no espelho. Melhor. Quase normal. Enxuguei a cara com uma grande toalha turca e saí da casa de banho.

Devia ter descido de imediato. Se o tivesse feito, tudo se passaria pelo melhor. Podia ir para casa e esquecer-me daquela visita. Em vez disso, dei por mim a olhar para as duas outras portas do patamar. Ambas fechadas. Imaginei o que estaria por detrás delas. Só uma espreitadela. Rodei a maçaneta e empurrei a que me ficava mais próxima.

Não era um quarto. Não havia mobília nenhuma. No centro da sala erguia-se um cavalete com um quadro coberto por um lençol sujo. Em volta do compartimento, encostados à parede, uma imensidade de quadros. Alguns feitos a giz, ou lá como o senhor Halloran lhe tinha chamado. Mas os outros eram em tinta espessa, a sério.

A maioria parecia representar apenas duas raparigas. Uma muito branca e loura, como o senhor Halloran. Linda, mas com um ar contristado, como se alguém lhe tivesse dito qualquer coisa desagradável e procurasse disfarçar.

A outra rapariga, reconheci-a logo. Era a *Rapariga do Carrossel*. No primeiro quadro estava sentada de lado a uma janela, com um vestido branco. Só se lhe via o perfil, mas não tive dúvida de que era ela, e continuava linda. O seguinte era um pouco diferente. Estava sentada num jardim, com um lindo vestido de Verão, e olhava para o pintor. O cabelo castanho sedoso caía-lhe em ondas sobre os ombros. Distinguia-se-lhe o contorno suave do maxilar e um olho grande em forma de amêndoa.

O terceiro quadro mostrava-lhe ainda melhor o rosto, ou melhor, o lado do rosto que o pedaço de metal despedaçara. O aspecto já não era tão terrível porque o senhor Halloran tinha disfarçado as cicatrizes de modo a parecerem uma colagem de diferentes cores, e o cabelo ocultava-lhe em parte o olho defeituoso. Quase outra vez bela, só que de uma maneira diferente.

Olhei para a tela que estava no cavalete e os meus passos levaram-me até ela. Levantei uma ponta da cobertura. Foi então que ouvi estalar uma prancha do soalho.

– Eddie? Que estás a fazer?

Rodei sobre os calcanhares, tolhido pela vergonha pela segunda vez nesse dia.

– Peço desculpa... estava só... só queria ver.

Por um instante julguei que o senhor Halloran me expulsasse dali, mas ele sorriu.

– Não faz mal, Eddie. Devia ter fechado a porta.

Estive tentado a abrir a boca para lhe dizer que a porta estava fechada. Mas depois percebi. Ele facultava-me uma saída airosa.

– São mesmo muito bons – comentei.

– Obrigado.

– Quem é? – perguntei, a apontar para o quadro da rapariga loura.

– A minha irmã, Jenny.

Aquilo explicava a parecença.

- É muito bonita.
- Era, sim. Já morreu. Há alguns anos. Com leucemia.
- Peço desculpa.

Não sabia por que razão pedia desculpa, mas era o que as pessoas diziam sempre quando alguém morria.

– Não faz mal. Em certa medida, os quadros ajudam-me a mantê-la viva... penso que reconheces a Elisa?

A Rapariga do Carrossel. Assenti.

- Visitei-a muito, no hospital.
- Ela está bem?
- Não muito bem, Eddie. Mas há-de ficar boa. É forte. Mais forte do que ela pensa.

Fiquei calado, com a sensação de que o senhor Halloran queria dizer mais alguma coisa.

– Espero que os quadros a ajudem na convalescença. Uma rapariga como Elisa, a quem toda a vida disseram que era bonita. E quando se lhe tira isso fica-se com a impressão de que nada mais resta. Mas há, lá por dentro. É essa beleza que quero mostrar para que saiba que ainda há qualquer coisa a que se agarrar.

Atentei de novo no quadro de Elisa. E percebi. Não se parecia com o que era antes, mas ostentava um tipo de beleza diferente, especial. E percebi também o que era agarrarmo-nos às coisas. Para que não se perdessem para sempre. Estive quase a dizer-lho. Mas quando me virei para trás o senhor Halloran contemplava o quadro, como que esquecido da minha presença.

E aí compreendi outra coisa. Ele estava apaixonado por ela.

Gosto do senhor Halloran, mas mesmo assim experimentei uma sensação de desconforto, como se ali houvesse algo de errado. O senhor Halloran era um adulto. Não era um adulto velho (mais tarde viemos a saber que tinha trinta e um anos), mas não deixava de ser um adulto, e a *Rapariga do Carrossel*, bem, já não era uma rapariguinha de escola, mas continuava a ser muito mais nova do que ele. Não podia apaixonar-se por ela sem que isso fosse causa de sarilhos. Muitos sarilhos.

O senhor Halloran regressou de repente à realidade e apercebeu-se da minha presença na sala.

– Seja como for, cá estou eu a divagar. É por isso que não ensino artes. Ninguém acabaria por aprender nada. – Sorriu-me com o seu sorriso amarelo. – Estás pronto para ires para casa?

– Estou sim, senhor.

Mais do que tudo.



O senhor Halloran estacionou à esquina da minha rua.

– Creio que não desejas que a tua mãe faça perguntas.

– Obrigado.

– Queres que te ajude a tirar a bicicleta do porta-bagagem?

– Não, não é preciso, eu cá me arranjo. Muito obrigado.

– Não tens de quê, Eddie. Só uma coisa.

– Sim, senhor.

– Vamos fazer uma combinação. Não falo a ninguém no que aconteceu hoje se tu também não disseres nada. Especialmente sobre os quadros. São... como hei-de dizer?, um assunto privado.

Não precisei de pensar duas vezes. Não queria que ninguém soubesse o que se tinha passado naquele dia.

– Sim, senhor. Está combinado.

– Boa. Adeus, Eddie.

– Adeus.

Montei na bicicleta e pedalei até ao carroiro de acesso. Encostei-a à parede, ao lado da porta de entrada. Havia um pacote no degrau. Com uma etiqueta colada. *Senhora M. Adams*. Perguntei-me por que razão o carteiro não teria batido à porta, mas talvez o papá e a mamã não tivessem ouvido.

Peguei no pacote e entrei com ele em casa.

– Ei, Eddie! – chamou o meu o pai da cozinha.

Olhei-me de relance no espelho do vestíbulo. Ainda tinha uma nódoa negra na testa e a *T-shirt* estava bastante suja, mas tinha de servir. Inspirei

fundo e entrei na cozinha.

O meu pai estava sentado à mesa, a beber limonada de um grande copo. Olhou para mim e franziu a testa.

– O que te aconteceu à cabeça?

– Eu... ehh... caí do baloiço.

– Estás bem? Não te sentes agoniado, pois não? Tonto?

– Não, estou bem.

Pousei o pacote em cima da mesa.

– Isto estava no degrau.

– Ah, está bem. Não ouvi a campainha. – Levantou-se e gritou lá para cima. – Marianne... uma encomenda para ti.

– Está bem, já lá vou – gritou a minha mãe em resposta.

– Queres limonada, Eddie? – perguntou o meu pai.

– Obrigado – aceitei com um gesto da cabeça.

Dirigiu-se para o frigorífico e tirou uma garrafa da porta. Funguei. Dentro de casa pairava um cheiro estranho.

A minha mãe entrou na cozinha. Trazia os óculos puxados para o cabelo e aparentava um ar de cansaço.

– Ei, Eddie. – Olhou para o pacote e perguntou: – O que é isto?

– Perguntas bem, mas não faço a menor ideia.

A minha mãe farejou o ar.

– Não te cheira a qualquer coisa?

O meu pai abanou a cabeça para dizer que não, mas reconsiderou.

– Sim, talvez um bocadinho.

A minha mãe voltou a olhar para o pacote e pediu, numa voz um pouco tensa:

– Geoff, és capaz de me dar uma tesoura?

O papá estendeu-lhe uma, que tirou da gaveta. A mamã cortou a fita castanha que fechava o pacote e abriu-o.

A minha mãe não era pessoa para se impressionar facilmente, mas deu um passo atrás e exclamou:

– Jesus!

O meu pai espreitou.

– Cristo!

Sem lhe dar tempo a retirar o pacote, espreitei lá para dentro. Aninhada no fundo da caixa estava uma coisa pequena e cor-de-rosa, coberta de sangue e muco viscoso (mais tarde vim a saber que se tratava de um feto de porco). E enterrada nela uma faca de lâmina estreita com um papel espetado onde se liam três palavras:

ASSASSINA DE BEBÉS.

2016

Os princípios são uma coisa muito bonita. Para quem os pode ter. Gosto de pensar em mim como um homem de princípios, mas a maioria das pessoas pensa o mesmo. A verdade é que todos temos o nosso preço, todos temos uns botões que basta premir para que façamos coisas não muito dignificantes. Os princípios não pagam hipotecas, nem dívidas. Na verdade, os princípios são inúteis no dia-a-dia da existência. Um homem de princípios é em geral alguém que tem tudo quanto precisa, ou então que nada tem a perder.

Fico acordado durante muito tempo, e não é só por causa da indisposição causada pelo excesso de vinho e de esparguete.

– *Sei quem realmente a matou.*

Um poderoso efeito dramático. Mickey tinha consciência disso. E, como é evidente, não se deu ao trabalho de explicar.

– *Neste momento não te posso dizer. Primeiro tenho de esclarecer umas coisas.*

Uma ova, pensei. Mas assenti, atordado pelo choque.

– Vou deixar-te dormir sobre o assunto – disse Mickey ao sair.

Não tinha trazido o automóvel e não deixou que lhe chamasse um táxi. Estava alojado num Travelodge, nos arrabaldes da cidade.

– A caminhada vai-me fazer bem – tinha ele dito.

Não tive tanta certeza disso, considerando que mal se aguentava nas pernas. Mas concordei. Afinal de contas ainda não era muito tarde e ele era um adulto.

Depois de ele sair, meti os pratos na máquina de lavar e retirei-me para a saleta com um grande copo de *bourbon*, para reflectir na sua proposta.

Posso ter fechado os olhos por alguns minutos. A soneira que se segue ao jantar... a maldição da meia-idade.

Acordei com o ruído das pranchas do soalho a ranger por cima da minha cabeça e com o som de passos que desciam a escada.

Chloe meteu a cabeça pela abertura da porta.

– Ei!

– Olá!

Estava vestida para se ir deitar. Uma *T-shirt* larga por cima de umas calças de pijama de homem e um par de meias descaídas. O cabelo escuro estava solto. O seu aspecto era *sexy*, vulnerável e ao mesmo tempo desganhado. Enfie o nariz no meu *bourbon*.

– Então, como correu? – perguntou.

– Foi interessante – respondi, ao cabo de uma breve hesitação.

Entrou e empoleirou-se no braço do sofá.

– Conta-me.

Bebi um pequeno trago.

– Mickey quer escrever um livro sobre o que aconteceu, talvez mesmo um argumento para televisão. Quer que trabalhe com ele nisso.

– A trama adensa-se.

– Achas?

– E..?

– E o quê?

– Bem, calculo que tenhas dito que sim.

– Ainda não disse nada. Não sei se me apetece colaborar nisso.

– Porquê?

– Porque há muitas coisas a considerar. Em primeiro lugar, como as pessoas de Anderbury se vão sentir com este desenterrar do passado. Gav e *Hoppo*. As nossas famílias.

E Nicky, pensei. *Teria ele falado com Nicky?*

Chloe franziu a testa.

– Pronto, isso percebo. Mas tu, o que pensas?

– Eu?

Suspirou e olhou para mim como se eu fosse um garotinho de compreensão lenta.

– Pode ser uma boa oportunidade. E tenho a certeza de que o dinheiro também não te faria mal.

– A questão não é essa. Além do mais, tudo isto é apenas hipotético. Projectos destes ficam a todo o momento pelo caminho.

– Sim, mas de vez em quando é preciso tentar.

– É o que fazes?

– *Sim*. De outra maneira nunca se vai a lado algum na vida. Fica-se sentado a fossilizar, em vez de viver realmente.

Ergui o copo.

– Obrigado por isso. Um conselho sábio de alguém que vive no fio da navalha, a trabalhar a tempo parcial na porcaria de uma loja de trapos. De facto, estás a dar o máximo.

Irritada, levantou-se e dirigiu-se para a porta.

– Estás bêbedo. Vou voltar para a cama.

Arrependi-me da tirada. Era um idiota. Um idiota diplomado com distinção, mas um idiota.

– Peço desculpa.

– Esquece. – Esboçou um sorriso amargo. – Seja como for, amanhã de manhã já não te deves lembrar de nada.

– Chloe...

– Vai dormir para esquecer, Ed.



Vai dormir para esquecer. Viro-me de lado, e depois de costas. Um bom conselho. Assim eu conseguisse adormecer.

Recosto-me na almofada, mas sem resultado. O estômago é uma dor persistente e irritante. Devo ter antiácidos por aí em qualquer lado. Talvez na cozinha.

A contragosto, balanço as pernas para fora da cama e desço a escada, descalço. Ligo a luz crua da cozinha, que me agride os olhos doridos. Semicerro os olhos e vasculho uma das gavetas repletas de tralha. Rolos de

película aderente, cola, canetas, tesouras. No fundo, chaves e parafusos que não sei a que pertencem, e um velho baralho de cartas. Por fim, lá encontro os antiácidos, à mistura com uma lima de unhas e um velho saca-cápsulas.

Pego na embalagem e verifico que só me resta uma pastilha. Serve. Enfio-a na boca e trinco-a. Devia saber a fruta, mas sabe-me a giz. Regresso ao corredor, e é então que reparo numa coisa. Bem, de facto são duas coisas: a luz da saleta está acesa e no ar paira um cheiro esquisito. Adocicado e rançoso. Podre. Mas que não me é estranho.

Dou um passo em frente e piso uma coisa estaladiça. Olho para baixo. Um rasto de terra escura percorre o corredor. Pegadas. Arrastadas e a largar terra ao longo do caminho. Uma coisa que se arrastou, vinda de profundezas escuras e gélidas onde pontificam os vermes e os escaravelhos.

Engulo em seco. Não. Não é possível. É a minha mente a pregar-me partidas. A desenterrar um pesadelo antigo sonhado por um rapazinho de doze anos dotado de uma imaginação hiperactiva.

Um sonho desperto. É como lhes chamam. Um sonho que parece quase real. No interior do sonho podem realizar-se actividades que contribuem para a ilusão de realidade, tal como manter conversas, preparar comida, pôr um banho a correr... ou outras coisas.

Isto não é real (mal-grado a sensação concreta da terra entre os dedos dos meus pés e da pastilha com sabor a giz que tenho na boca). Tudo o que tenho a fazer é acordar. *Acorda. Acorda!* Infelizmente, o estado de vigília, tal como o de esquecimento que antes busquei, é também difícil de alcançar.

Avanço e apoio a mão na porta da saleta. Claro que o faço. É um sonho, e em sonhos como este (*maus* sonhos) o caminho a seguir é inevitável: uma senda estreita e sinuosa através das profundezas escuras do bosque, que conduz à vivenda de arquitectura rebuscada alojada no âmago da nossa psique.

Empurro a porta. Aqui também faz frio. Um frio que não é normal. Não é a frescura ligeira de uma casa durante a noite. É um frio que nos envolve os ossos e se nos instala nas entranhas, como um bloco de gelo. Um frio de

medo. E o cheiro é mais intenso. Avassalador. Mal consigo respirar. Quero recuar, sair da saleta. Quero fugir. Quero gritar. Mas o que faço é ligar o interruptor.

Está sentado no meu cadeirão de braços. O cabelo, de um louro-esbranquiçado, agarra-se-lhe ao couro cabeludo como uma teia de aranha pegajosa, a deixar ver por baixo pedaços de osso e de cérebro. A cara é uma caveira irregularmente coberta por pedaços desgarrados de pele putrefacta.

Como sempre, traz vestida uma camisa preta larga, umas calças de ganga justas e pesadas botas pretas. As roupas estão rasgadas, em farrapos. As botas, ruças e incrustadas de terra. O chapéu amachucado repousa no braço da cadeira.

Devia ter percebido. O tempo do espectro da minha infância já lá vai. Agora sou um adulto. Chegou o momento de encarar o Homem de Giz.

O senhor Halloran volta a cabeça na minha direcção. Os olhos já desapareceram, mas há algo no interior daquelas órbitas que se assemelha a reconhecimento e compreensão... e mais qualquer coisa que faz que não as queira fitar com atenção, com receio de nunca vir a recuperar por completo a sanidade mental.

– *Olá, Ed. Há muito tempo que não te via.*



Pouco depois das oito horas, quando desço, exausto e estremunhado, Chloe já está levantada, a beber café e a comer torradas na cozinha.

Sintonizou a telefonia noutra estação e, em vez da Rádio 4, o aparelho berra qualquer coisa que se assemelha aos gritos de um homem em agonia enquanto se tenta suicidar a bater com a guitarra na cabeça.

Escusado será dizer que em nada contribui para aliviar o latejar surdo dentro da minha cabeça. Chloe vira-se e avalia-me num breve instante.

- Pareces um monte de merda.
- É o que sinto.
- Ótimo. Fica-te bem.
- Muito obrigado pela gentileza.
- O sofrimento auto-infligido não merece compaixão.

– Mais uma vez obrigado... e se puderes baixa o volume ao homem branco furioso que tem problemas com o paizinho.

– Chama-se música *rock*, avozinho.

– Foi o que acabei de dizer.

Abana a cabeça mas reduz ligeiramente o volume.

Dirijo-me à máquina do café e sirvo-me de uma chávena.

– Quanto tempo ainda ficaste a pé depois de eu me ter ido deitar? – pergunta Chloe.

Sento-me à mesa.

– Não muito. Estava a cair de bêbedo.

– Não me digas.

– Desculpa.

Desvaloriza o assunto com um aceno da mão branca.

– Esquece. Não me devia ter intrometido. Não é nada que me diga respeito.

– Pois não, quero dizer, tens razão. Naquilo que disseste. Mas por vezes as coisas não são assim tão simples.

– Ótimo. – Bebe um gole de café e continua: – Tens a certeza de que não ficaste a pé até tarde?

– Tenho.

– E não te voltaste a levantar?

– Sim, vim cá abaixo buscar uma pastilha para o estômago.

– Só isso?

Acode-me à memória um fragmento do sonho:

– *Olá, Ed. Há muito tempo que não te via.*

Afugento-o.

– Sim. Porquê?

Atira-me um olhar desconfiado.

– Deixa que te mostre uma coisa.

Ergue-se e sai da cozinha. Com relutância, levanto-me do assento e vou atrás dela.

Estaca à entrada da saleta.

– Perguntei a mim mesma se não andarias a ver coisas, depois da conversa com o teu amigo.

– Mostra lá o que é, Chloe.

– Está bem.

Empurra a porta.

Uma das poucas alterações que introduzi na casa foi a substituição da velha lareira por um fogão de sala com recuperador de calor.

Olho para ele. O fogão está coberto de desenhos que se destacam violentamente a branco sobre a placa cinzenta. Dezenas e dezenas, uns por cima dos outros, como num acesso de furor. Homens de giz.

1986

Apareceu um polícia lá em casa. Nunca tínhamos tido um polícia em casa. Até àquele Verão, creio que nem nunca tinha visto um de perto.

Este era alto e magro. Com uma grande cabeleira escura e uma cara que parecia quadrada. Assemelhava-se a uma gigantesca peça de *Lego*, só que não era amarelo. Chamava-se agente Thomas.

Espreitou para dentro da caixa, meteu-a num saco de lixo e levou-a para o carro da polícia. Voltou e sentou-se desajeitadamente na cozinha enquanto fazia perguntas ao meu pai e à minha mãe e escrevia num pequeno bloco com um arame em espiral.

– Foi o vosso filho que encontrou o pacote lá fora?

– Exacto – disse a minha mãe, que olhou para mim. – Não foi, Eddie?

Fiz que sim com a cabeça.

– Foi sim, senhor.

– A que horas foi isso?

– Às 16 h e 4 m – respondeu a mamã. – Olhei para o relógio antes de descer.

O polícia tomou mais apontamentos.

– E não viste ninguém perto de casa ou na rua?

Abanei a cabeça.

– Não, senhor.

– Muito bem.

Mais garatujas no bloco. O meu pai agitou-se na cadeira.

– Ouça, isto não faz qualquer sentido – afirmou. – Todos sabemos quem deixou o pacote.

O agente Thomas dirigiu-lhe um olhar muito pouco simpático.

– Sabemos mesmo?

– Claro que sabemos. Algum dos membros da pequena quadrilha do reverendo Martin. Andam a intimidar a minha mulher e a minha família, e já é tempo de alguém acabar com isso.

– Tem alguma prova?

– Não, mas é óbvio, não é?

– Talvez seja melhor deixarmos por agora as alegações sem fundamento.

– Sem fundamento?

Percebi que o meu pai começava a perder a cabeça. Não acontecia muitas vezes, mas quando acontecia – como na festa –, saltava-lhe mesmo a tampa.

– Não há nenhuma lei contra os protestos pacíficos, meu caro senhor.

Só então percebi. O polícia não estava do lado do meu pai e da minha mãe. Estava do lado dos manifestantes.

– Tem razão – disse a minha mãe, muito calma. – Os protestos pacíficos não são ilegais. Mas intimidar, perseguir e ameaçar são-no com certeza. Espero que esteja a levar este assunto a sério.

O agente Thomas fechou o bloco com força.

– Com certeza que sim. Se conseguirmos encontrar os culpados, pode crer que receberão o castigo apropriado.

Levantou-se, a arrastar ruidosamente a cadeira no chão de mosaicos.

– Agora, se me dão licença...

Abandonou a cozinha. Ouviu-se bater a porta da frente.

Voltei-me para a minha mãe.

– Ele quer mesmo ajudar?

Ela soltou um suspiro.

– Sim. Claro que quer.

O meu pai fungou.

– Talvez ajudasse mais se a filha não fizesse parte dos manifestantes.

– Geoff – admoestou-o a minha mãe. – Deixa-te disso.

– Muito bem.

Levantou-se, e por um instante não me pareceu nada o meu pai. O rosto estava contorcido num esgar de fúria.

– Mas se a polícia não tratar disto, trato eu.



Antes do começo das aulas, reunimo-nos como deve ser pela última vez. Foi na casa do Gav *Gordo*. Como de costume. Era quem tinha o quarto maior e o melhor quintal, com um baloiço e uma casa na árvore, e a mãe dele abastecia-nos com gasosas e batatas fritas.

Estávamos deitados na relva, a falar de ninharias e a chatear-nos uns aos outros. Apesar do pacto com o senhor Halloran, contei-lhes parte do meu encontro com o irmão de Mickey. Tive de contar, pois ele sabia dos homens de giz, o que significava que o nosso segredo tinha deixado de o ser. É claro que, na minha versão, me debati heroicamente e tinha conseguido escapar. Preocupava-me um pouco a possibilidade de Sean ter contado a Mickey, que se apressaria a desmentir-me com grande prazer, mas ao que parecia o senhor Halloran tinha-o assustado o suficiente para ele também não abrir a boca.

– Então o teu irmão sabe dos homens de giz? – perguntou o Gav *Gordo* a Mickey, com ar de poucos amigos. – És um linguarudo.

– Eu não lhe disse nada – choramingou Mickey. – Deve ter descoberto sozinho. Quero dizer, nós desenhámos dezenas. É provável que nos tenha visto.

Estava a mentir, mas pouco me importava saber como Sean tinha descoberto. O facto é que tinha, e isso alterava tudo.

– Podemos sempre inventar novas mensagens – disse *Hoppo*, mas sem grande convicção.

Percebi como ele se sentia. Agora que havia mais alguém a saber – *em especial Sean* – estava tudo estragado.

– De qualquer maneira era um jogo muito estúpido – disse Nicky, a dar um jeito ao cabelo.

Olhei para ela, ofendido e um tanto irritado. Naquele dia comportava-se de uma maneira estranha. Por vezes acontecia. Mal-humorada e sempre a discutir.

– Não, não era nada – disse o Gav *Gordo*. – Mas parece-me que não vale a pena continuar a jogá-lo, uma vez que Sean o conhece. Além disso, a escola começa amanhã.

– Pois é.

O grupo soltou um suspiro colectivo. Naquela tarde, todos estávamos um pouco cabisbaixos. Nem o *Gav Gordo* se saía com as piadas do costume. E o tempo reflectia a nossa disposição. O céu azul dera lugar a um cinzento-soturno. As nuvens galopavam de um lado para o outro, como se estivessem impacientes por desencadear uma chuvada a sério.

– Tenho de ir andando – disse *Hoppo*. – A minha mãe quer que eu parta uns cavacos para o lume.

Tal como nós, *Hoppo* e a mãe tinham uma lareira antiga na sua velha casa em banda.

– Eu também vou – disse *Metal Mickey*. – Esta noite vamos lanchar a casa da minha avó.

– Vocês desiludem-me, *meeeuus* – contrapôs o *Gav Gordo*, mas sem grande entusiasmo.

– Também tenho de ir – disse eu.

A minha mãe tinha-me comprado algumas roupas novas para a escola e queria que as experimentasse antes da hora do chá, para o caso de alguma precisar de arranjo.

Levantámo-nos, e pouco depois Nicky fez o mesmo.

O *Gav Gordo* deixou-se cair sobre a relva, numa pose teatral.

– Vão-se embora, vão. Vocês matam-me.

Olhando em retrospectiva, creio que foi a última vez que estivemos juntos assim. Descontraídos, amigos, ainda uma quadrilha, antes de as coisas começarem a desintegrar-se.

Hoppo e *Metal Mickey* tomaram uma direcção. Nicky e eu tomámos outra. O vicariato não ficava muito longe da nossa casa e por vezes eu e Nicky fazíamos o caminho juntos. Mas não muitas vezes. Em geral, Nicky era a primeira a sair. Por causa do pai, julgo eu. Era muito rigoroso com os horários. Sempre tive a impressão de que não gostava que Nicky confraternizasse connosco. Mas nunca pensámos muito no assunto. Era um vigário e para nós isso era uma explicação suficiente. Quero dizer, os vigários não estão de acordo com nada, não é?

– Então, ehh... estás preparada para a escola? – perguntei quando atravessámos a rua nos semáforos, em direcção ao parque.

Atirou-me um dos seus olhares de pessoa adulta.

– Eu sei.

– Sabes o quê?

– Do pacote.

– Oh!

Não tinha falado aos outros no pacote. Era demasiado complicado e confuso e constituía uma deslealdade para com o meu pai e a minha mãe.

Tanto quanto sabia, não tinha havido consequências. O agente da polícia não voltara e não tinha constado que alguém tivesse sido preso. A clínica da minha mãe tinha aberto e os manifestantes continuavam cá fora, a marchar em círculos como abutres.

– A polícia veio falar com o meu pai.

– Oh!

– Sim.

– Lamento... – comecei a dizer.

– Lamentas porquê? O meu pai é um idiota.

– É mesmo?

– Toda a gente tem medo de o dizer porque ele é o vigário, até o polícia. Foi patético...

Calou-se e baixou os olhos para os dedos, quatro deles envoltos em ligaduras.

– O que aconteceu à tua mão?

Levou muito tempo a responder. Cheguei a pensar que não me responderia.

Até que disse:

– Gostas muito do teu pai e da tua mãe?

Franzi a testa. Não era o que eu esperava que ela dissesse.

– Com certeza que sim.

– Pois olha, eu odeio o meu pai. É verdade, *odeio-o* mesmo.

– Não estás a falar a sério.

– Estou, sim. Fiquei contente quando o teu pai lhe deu um soco. Só lamento que não tenha sido com mais força.

Olhou para mim, e qualquer coisa nos seus olhos me provocou um ligeiro calafrio.

– Gostaria que o tivesse matado.

Atirou os cabelos para cima do ombro e desatou a andar, tão determinada que percebi que não queria que a seguisse.

Esperei até os cabelos ruivos desaparecerem ao virar da esquina e retomei a caminhada em passos cansados. Parecia carregar sobre os ombros o peso do dia. A única coisa que queria era chegar a casa.

Quando entrei, o meu pai estava a preparar o lanche; para comer tinha o meu prato favorito: lombinhos de peixe panados e batatas fritas.

– Posso ir ver televisão? – perguntei.

– Não. – Agarrou-me o braço. – A tua mãe está lá dentro com uma pessoa. Vai-te lavar e depois vem comer.

– Quem está lá com ela?

– Vai-te lavar e volta.

Entreí no corredor. A porta da saleta estava escancarada. A minha mãe estava sentada no sofá com uma rapariga loura. A rapariga chorava e a minha mãe abraçava-a. Pareceu-me alguém conhecido, mas não a identifiquei de imediato.

Foi só depois de me servir da sanita e de ter lavado as mãos é que percebi quem era. Era a amiga loura da *Rapariga do Carrossel*, a mesma que tinha visto a manifestar-se à porta da clínica. Perguntei-me o que teria ido ali a fazer e por que razão estaria a chorar. Talvez tivesse vindo pedir desculpa à minha mãe. Ou então estava metida nalgum sarilho.

Como se veio a saber, era este o caso. Mas não o género de sarilho que eu imaginara.



Encontraram o corpo num domingo de manhã, três semanas depois do recomeço das aulas.

De certo modo, e embora nenhum de nós o admitisse, voltar à escola depois das férias de Verão não era mau de todo. Seis semanas de férias eram bestiais. Mas brincar e encontrar coisas para nos divertirmos tornava-se um pouco cansativo.

E naquele Verão as férias tinham sido um tanto estranhas. Fiquei contente por deixá-las para trás e por retomar a vida normal. A mesma rotina, as mesmas aulas, os mesmos rostos. Bem, se não contar com o senhor Halloran.

Não era meu professor, o que era uma pena, mas ao mesmo tempo um alívio. Sabia demasiado acerca dele. Os professores devem ser simpáticos e afáveis, mas também devem guardar um certo distanciamento. Eu e o senhor Halloran partilhávamos um segredo, e embora de certa maneira isso fosse formidável, fazia-me sentir embaraçado na sua presença, como se nos tivéssemos visto despidos, ou coisa parecida.

É evidente que me cruzava com ele na escola. Estava lá à hora do almoço, às vezes de serviço durante o intervalo, e um dia deu-nos aula porque a senhora Wilkinson, a nossa professora de Inglês, estava doente. Era um bom professor.

Divertido, interessante, muito bom a tornar as aulas numa sessão alegre e nada monótona. Tão bom, que depressa nos esquecíamos do seu aspecto, embora isso não impedisse os rapazes de lhe porem uma alcunha logo no primeiro dia: o *Senhor Giz* ou o *Homem de Giz*.

Aquele domingo decorria sem nada digno de registo. O que para mim era excelente. Era bom não ter nada para fazer, como de costume. A minha mãe e o meu pai também pareciam um pouco menos tensos. Estava lá em cima, no meu quarto a ler, quando ouvi a campainha da porta. Como às vezes me acontece, tive logo a percepção de que alguma coisa tinha acontecido. Alguma coisa má.

– Eddie? – chamou cá de baixo a minha mãe. – O Mickey e o David estão aqui.

– Já vou.

Um tanto contrariado, desci a escada e dirigi-me à porta da frente. A minha mãe desapareceu na cozinha.

Metal Mickey e *Hoppo* esperavam na soleira da porta, com as respectivas bicicletas. Mickey estava muito corado e excitado.

– Caiu um miúdo ao rio.

– Pois foi – corroborou *Hoppo*. – Está lá uma ambulância, a polícia passou uma fita, e essas merdas todas. Queres vir ver?

Gostaria de poder dizer que achei macabro e despropositado o entusiasmo deles por irem ver um garoto morto. Mas tinha doze anos. *É claro* que também queria ver.

– Está bem.

– Então anda daí – incitou Mickey, impaciente.

– É só tirar a bicicleta.

– Despacha-te – incitou *Hoppo*. – Se não, quando lá chegarmos já não há nada para ver.

– O que há para ver? – perguntou a minha mãe, a espreitar da cozinha.

– Nada, mamã – respondi.

– Parecem com muita pressa para não irem ver nada.

– São só umas coisas novas no parque de jogos – mentiu Mickey.

Sempre foi muito bom a mentir.

– Não te demores. Quero-te em casa à hora de almoço.

– Está bem.

Montei na bicicleta e descemos a rua a toda a velocidade.

– Onde está o *Gav Gordo*? – perguntei a Mickey, que em geral o contactava sempre em primeiro lugar.

– A mãe dele disse que o mandou às compras. Ele é que fica a perder.

Como se veio a verificar, não foi ele quem perdeu. Foi Mickey.



Havia um cordão a vedar o acesso à margem do rio e um polícia afastava as pessoas que se aproximavam demasiado. Os adultos juntavam-se em pequenos grupos, com ar circunspecto. Parámos as bicicletas junto a uma pequena turba de mirones.

Para dizer a verdade, foi um desapontamento. Além do cordão, a polícia tinha montado um grande pano de tenda verde. Não se via mesmo nada.

– Achas que o corpo está por detrás daquilo? – perguntou Mickey.

Hoppo encolheu os ombros.

– Provavelmente.

– Aposto que está verde e inchado e que os peixes lhe comeram os olhos.

– Que nojo! – exclamou *Hoppo*, que emitiu um som de repulsa.

Tentei expulsar da cabeça a imagem que Mickey tinha criado, mas ela recusou-se a mexer.

– É uma merda – suspirou ele. – Viemos demasiado tarde.

– Espera, estão a tirar qualquer coisa – disse eu.

Sentiu-se alguma agitação. Os polícias deslocavam com muito cuidado qualquer coisa que estava por detrás do pano verde. Não era um corpo. Era uma bicicleta. Pelo menos o que restava dela. Retorcida, presa por uma correia e coberta de limos viscosos. Mas assim que a vimos, compreendemos. Todos compreendemos. Era uma bicicleta de corrida *BMX*. De um vermelho-vivo e com uma caveira negra pintada.



Quem se levantasse cedo ao sábado ou ao domingo poderia ver Sean e a sua bicicleta de corrida *BMX* a circular pela cidade para distribuir jornais. No entanto, naquele domingo de manhã, ao sair para procurar a bicicleta, Sean verificara que ela tinha desaparecido. Alguém a tinha roubado.

No ano anterior houvera uma onda de roubos de bicicletas. Alguns dos rapazes mais velhos que andavam na secundária cortavam-lhes as correntes e atiravam-nas para o rio, pelo simples prazer de pregarem uma partida.

Deve ter sido por isso que foi o primeiro sítio onde Sean procurou. Adorava aquela bicicleta. Mais do que tudo. Assim, quando viu o guiador a emergir da água, preso entre os ramos secos das árvores, resolveu entrar na água para a ir buscar, embora toda a gente soubesse que a corrente era forte e Sean Cooper um péssimo nadador.

Por pouco não conseguiu. Já tinha desembaraçado a bicicleta dos ramos das árvores quando o peso lhe fez perder o equilíbrio e caiu de costas. A água chegava-lhe ao peito. O blusão e as calças de ganga puxavam-no para

baixo como dezenas de mãos a agarrá-lo. E estava gelado. Terrivelmente gelado.

Agarrou-se aos ramos. Gritou, mas ainda era muito cedo, e nem havia ninguém a passear o cão. Deve ter sido então que Sean Cooper entrou em pânico. A corrente envolveu-lhe as pernas e os braços e começou a arrastá-lo.

Esperneou desesperadamente, na tentativa de chegar à margem, mas esta ficava-lhe cada vez mais longe e a cabeça não parava de submergir, e em vez de ar o que respirava era a água castanha e malcheirosa.

Na verdade, eu não sabia nada disto. Uma parte, descobri mais tarde. O resto, imaginei. A minha mãe sempre disse que eu tinha uma imaginação fértil. Proporcionava-me boas notas a Inglês, mas também me provocava pesadelos terríveis.

Creio que não dormi nessa noite, apesar do leite quente que a minha mãe me deu antes de me deitar. Só imaginava Sean Cooper verde, inchado e coberto de limos viscosos, como a sua bicicleta. Havia ainda outra coisa que não me saía da cabeça, uma coisa que o senhor Halloran tinha dito: *karma*. Colhe-se o que se semeia.

– *Fazem-se coisas más, e elas acabam por nos vir morder o traseiro. O dia daquele rapaz há-de chegar. Podes estar certo disso.*

Mas não tinha a certeza. Sean Cooper podia ter feito coisas más. Mas seriam assim tão más? Então e o Mickey? O que tinha ele feito?

O senhor Halloran não tinha visto a cara do Mickey quando percebeu que a bicicleta era a do irmão, nem ouviu o grito angustiado que ele lançou. Nunca mais queria voltar a ouvir aquele som.

Fomos precisos os dois, eu e *Hoppo*, para o impedir de correr para a tenda. Por fim, o alarido que ele fazia era tal que um polícia se acercou de nós. Quando explicámos quem o Mickey era, passou-lhe um braço pelos ombros e quase que o transportou para o carro. Ao cabo de alguns minutos, arrancaram. Senti-me muitíssimo aliviado. Ver a bicicleta de Sean tinha sido mau. Ver Mickey naquele estado, enlouquecido e a gritar, foi pior.

– Sentes-te bem, Eddie?

O meu pai aconchegou-me os cobertores e sentou-se na beira da cama. O peso do seu corpo serviu para me tranquilizar.

– O que acontece quando morremos, papá?

– Uau! É uma boa pergunta, Eddie. Acho que ninguém sabe ao certo, ninguém tem a certeza.

– Então não vamos para o Céu ou para o Inferno?

– Há quem pense que sim. Mas há muitas outras pessoas que não acreditam que o Céu e o Inferno existam.

– Então não tem importância se tivermos sido maus, é isso?

– Não, Eddie. Não me parece que as nossas acções em vida façam alguma diferença depois de morrermos. Boas ou más. Mas fazem uma enorme diferença enquanto estamos vivos. Para as outras pessoas. É por isso que deves sempre fazer o possível por tratá-las bem.

Reflecti sobre aquilo e acenei. Quero dizer, achei que era um logro passar a vida a ser bom e depois não ir para o Céu, mas a outra parte agradou-me. Por muito que odiasse Sean Cooper, não me agradava a ideia de que ardesse eternamente nas chamas do Inferno.

– Eddie – disse o meu pai –, aquilo que aconteceu a Sean Cooper foi muito triste. Um acidente trágico. Mas não foi mais do que isso. Um acidente. Por vezes as coisas acontecem sem qualquer razão. A vida é assim. E a morte também.

– Estou a ver.

– Achas que agora consegues dormir?

– Sim.

Não me parecia, mas não queria que o meu pai pensasse que era um bebé.

– Muito bem, Eddie. Vamos apagar a luz.

Inclinou-se e deu-me um beijo na testa. Era raro fazê-lo. Naquela noite gostei de sentir o picar da barba hirsuta. Depois, apagou a luz e o quarto encheu-se de sombras. Há muito que me livrara da luz nocturna, mas naquela noite senti-lhe a falta.

Deitei a cabeça na almofada e procurei uma posição confortável. Ao longe, ouviu-se o piar de uma coruja. Um cão uivou, tentei pensar em coisas alegres e não em rapazes mortos afogados. Coisas como andar de

bicicleta, gelados e *Pac-Man*. Enterrei a cabeça mais fundo na almofada. Os meus pensamentos vaguearam à deriva para os seus suaves recessos. Ao fim de algum tempo não pensava em nada. O sono acercou-se de mansinho e empurrou-me para o mundo das trevas.



Qualquer coisa me despertou de repente. Um fustigar insistente, como de chuva ou granizo. Franzi a testa e virei-me na cama. Voltei a ouvi-lo. Pedrinhas a bater no vidro da janela. Saltei da cama, atravessei o soalho de pranchas nuas e afastei as cortinas.

Devia ter dormido bastante tempo, pois lá fora já era noite cerrada. A Lua era uma pincelada de prata, como um recorte de papel sobre o negrume do céu.

A fornecer-me apenas a luz suficiente para ver Sean Cooper.

De pé sobre a relva, na extremidade do pátio. Vestido com calças de ganga e o blusão azul de basebol, sujo e rasgado. Não estava verde nem inchado e os peixes não lhe tinham comido os olhos; apenas extremamente pálido e morto.

Um sonho. Tinha de ser um sonho. *Acorda*, pensei. *Acorda, acorda, ACORDA!*

– *Ei*, Cara de Merda.

Sorriu. Senti uma contracção no estômago. Com uma tranquilidade horrenda e doentia, percebi que não se tratava de um sonho. Era um pesadelo.

– Vai-te embora – articulei entredentes, os punhos cerrados, a enterrar as unhas nas palmas das mãos.

– *Tenho uma mensagem para ti.*

– Não quero saber. Vai-te embora – disse lá para baixo.

Procurei assumir um tom seguro, de desafio. Mas o medo paralisava-me a garganta e as palavras saíram-me num guincho agudo.

– *Ouve*, Cara de Merda, *se não vieres cá abaixo tenho de ir aí buscar-te.*

Sean Cooper morto no quintal era mau, mas Sean Cooper morto no meu quarto ainda era pior. E continuava a ser um sonho, não era? Só tinha de

alinhar com ele até acordar.

– Está bem... Dá-me só um minuto.

Agarrei nos ténis que estavam aos pés da cama e calcei-os com mãos trémulas. Dirigi-me para a porta em bicos de pés, peguei na maçaneta e abri-a. Não me atrevi a acender a luz, de modo que segui às apalpadelas na parede até à escada, que desci centímetro a centímetro, como um caranguejo.

Cheguei ao fim da escada. Atravessei o corredor e entrei na cozinha. A porta das traseiras estava aberta. Saí para o exterior. O ar da noite beliscou-me a pele através do algodão fino do pijama, e uma brisa ligeira cariciou-me o cabelo. No ar pairava um odor a humidade, a azedo e a podridão.

– *Deixa de farejar o ar como a porra de um cão, Cara de Merda.*

Voltei-me de um salto. Sean Cooper estava de pé, à minha frente. Visto de perto, o seu aspecto era mais horrendo do que da janela do quarto. A pele apresentava uma estranha tonalidade azulada. Viam-se-lhe as veias finas por baixo. Os olhos eram amarelos e encovados.

Perguntei-me se haveria um momento em que não seria possível sentir mais medo. Se havia, julgava tê-lo atingido.

– O que estás aqui a fazer?

– *Já te disse. Tenho uma mensagem para ti.*

– Qual é?

– *Atenção aos homens de giz.*

– Não percebo.

– *E eu, pensas que percebo?*

Deu um passo na minha direcção.

– *Pensas que quero lá estar? Julgas que quero estar morto? Que gosto de cheirar assim mal?*

Apontou para mim com um braço preso ao ombro de uma maneira estranha. Na verdade, percebi então, o braço não encaixava no ombro. Estava rasgado na parte superior. Os ossos brancos cintilavam sob a claridade enevoadada da Lua.

– *Só aqui estou por tua causa.*

– Por minha causa?

– *Isto é culpa tua, Cara de Merda. Foste tu quem começou isto.*

Recuei um passo, em direcção à porta.

– Peço desculpa... peço muita desculpa.

– *Realmente.* – Os seus lábios contorceram-se num esgar. – *Se assim é, por que não me mostras a tua esculp...*

Agarrou-me o braço. Senti o calor da urina a escorrer-me pela perna.

– *Chupa-me a picha.*

– NÃÃÃOOO!

Puxei o braço com força. No mesmo instante em que o caminho de acesso era inundado por uma luz branca e intensa, proveniente da janela do patamar.

– EDDIE, ESTÁS ACORDADO? O QUE ESTÁS A FAZER?

Por um momento. Sean Cooper ficou iluminado como uma horrenda árvore de Natal, atravessado pela luz. Depois, à maneira de todos os monstros bons libertados das trevas, desmoronou-se e flutuou no ar como uma pequena nuvem de pó branco.

Olhei para baixo. No lugar onde ele antes se encontrava estava agora outra coisa. Um desenho. De uma brancura gritante, em contraste com o negrume da vereda. Uma figura rígida, meio submersa em ondas apenas esboçadas, com um braço erguido como se dissesse adeus. *Não, pensei. Está a afogar-se. Não está a dizer adeus.* E não era uma figura rígida... *era um homem de giz.*

Fui sacudido por um arrepio.

– *Eddie?*

Corri para casa e fechei a porta tão silenciosamente quanto pude.

– Está tudo bem, mamã. Só vim beber um copo de água.

– Não ouvi a porta das traseiras?

– Não, mamã.

– Bem, bebe a água e volta para a cama. Amanhã tens escola.

– Está bem, mamã.

– Lindo menino.

Tranquei a porta. Os dedos tremiam-me tanto que precisei de várias tentativas para rodar a chave na fechadura. Subi a escada, despi as calças

molhadas do pijama e enfiei-as no cesto da roupa suja. Tirei umas calças lavadas e meti-me na cama. Durante muito tempo não consegui conciliar o sono. Deitado, imóvel, à espera de ouvir mais pedras a bater nas vidraças, ou o som abafado de pés molhados a subir os degraus.



A dado momento, quando lá fora os pássaros começavam a chilrear nas árvores, devo ter sido vencido pelo sono. Não por muito tempo. Acordei cedo. Antes da minha mãe e do meu pai. Corri escada abaixo e abri a porta das traseiras, na esperança de que tudo não tivesse passado de um sonho. Não vi nenhum Sean Cooper morto. Não vi nenhum...

O homem de giz continuava lá.

– *Ei, Cara de Merda. Vai um mergulho? Anda, a água está de morte.*

Podia tê-lo deixado ficar. Talvez tivesse sido mais sensato. Mas agarrei no balde das limpezas da minha mãe, que estava debaixo do tanque, e enchi-o de água. Despejei-lho em cima, a afogar de novo o homem de giz em água fria com restos de sabão.

Procurei convencer-me de que tinha sido um dos outros a desenhá-lo. Talvez o Gav Gordo ou Hoppo. Uma espécie de piada doentia. Foi só quando já ia a caminho da escola que a verdade se impôs. Cada um de nós usava a sua cor de giz. A do Gav Gordo era encarnada, de Metal Mickey, azul, de Hoppo, verde, de Nicky, amarelo, e a minha, laranja. Nenhum de nós usava giz branco.

2016

A minha mãe telefona pouco antes do almoço. Tem o hábito de ligar nos momentos mais inconvenientes, e hoje não é excepção. Podia ter deixado ir para o correio de voz, mas a minha mãe odeia o correio de voz e da próxima vez que falar com ela vou encontrá-la irritada, por isso primo relutantemente o botão para aceitar a chamada.

– Estou.

– Olá, Eddie.

Saio atabalhoado da sala de aula para o corredor.

– Está tudo bem? – pergunto.

– Claro que sim. Por que não havia de estar?

A minha mãe nunca foi pessoa para fazer telefonemas só para conversar. Se telefona, tem de haver uma razão para isso.

– Não sei. Sente-se bem? Como está o Gerry?

– Muito bem. Temos andado a fazer uma dieta desintoxicante de sumos, portanto transbordamos vitalidade.

Há alguns anos, a minha mãe nunca teria pensado em fazer uma dieta de sumos nem em usar a palavra «vitalidade». Quando o meu pai era vivo. A culpa é do Gerry.

– Formidável. Olhe, mãe, apanhou-me a meio de uma coisa, portanto...

– Não estás a trabalhar, pois não, Eddie?

– Bem...

– Mas estamos nas férias escolares.

– Eu sei, mas nos tempos que correm isso não tem grande significado.

– Não deixes que te obriguem a trabalhar de mais, Eddie. – Suspira. – Há outras coisas na vida.

Mais uma coisa que a minha mãe não diria aqui há uns anos. O trabalho *era* a vida dela. Mas depois o meu pai adoeceu e a vida dela passou a ser ocupar-se dele.

Percebo que tudo quanto agora faz – incluindo Gerry – é a sua maneira de compensar esses anos perdidos. Não a censuro. Censuro-me a mim.

Se fosse casado e tivesse uma família, talvez ela tivesse outras coisas para lhe preencherem a vida, em vez das dietas desintoxicantes de sumos. E até talvez eu também tivesse outras coisas para me ocupar, além do trabalho.

Mas não é isto que ela quer ouvir.

– Eu sei. Tem razão – digo.

– Sabes, devias experimentar fazer Pilates. Faz muito bem a tudo.

– Vou pensar nisso.

É claro que não vou.

– Bem, não te quero prender, visto que estás ocupado. Estava a pensar se me poderias fazer um favor.

– Es... está bem.

– Eu e o Gerry estamos a pensar em passar uma semana fora, na caravana.

– Fazem muito bem.

– Mas a pessoa que nos costuma ficar com o gato deixou-nos pendurados.

– Oh, que pena!

– Ed! Tu gostas de animais.

– Pois gosto. Mas os gatos não gostam de mim.

– Que disparate! É um gato. Não odeia ninguém.

– Não é um gato. É um sociopata com pêlos.

– Podes ficar com ele durante alguns dias ou não?

Deixo escapar um suspiro.

– Posso, sim. Claro que posso.

– Ainda bem. Levo-o aí amanhã de manhã.

– Pode ser.

Desligo a chamada e regresso à sala de aula. Um adolescente esquelético de cabelos pendurados para a cara numa franja mal-amanhada está reclinado numa cadeira, os ténis estendidos sobre a carteira, a premir as teclas do telefone e a mascar pastilha elástica.

Danny Myers é meu aluno de Inglês. É um rapaz muito inteligente, pelo menos é o que toda a gente me diz: o director, os pais de Danny que, curiosamente, são amigos do director, e vários membros do Conselho Administrativo. Não duvido, mas ainda estou para ver no seu trabalho qualquer manifestação dessa inteligência.

Como é evidente, não é o que os pais dele nem o director gostariam de ouvir. Entendem que Danny merece uma atenção especial. Danny está a ser deixado para trás pela «bitola única» do sistema oficial de ensino. Demasiado inteligente, distrai-se com facilidade, é muitíssimo sensível. Blá, blá, blá.

Danny está agora naquilo a que chamamos intervenção pedagógica. Quer dizer que o levam de automóvel para aulas extra durante as férias escolares e que se espera de mim que o estimule, o espreite e o lisonjeie para conseguir alcançar as notas de que os pais o julgam merecedor.

Por vezes, estas intervenções produzem resultados, com garotos que têm capacidades, mas que não se dão bem nas aulas. Outras vezes, é uma total perda de tempo, tanto para mim como para os alunos. Não gosto de me ver como um derrotista. Mas sou realista. Não sou nenhum Mr. Chips². Quando se trata de trabalhar, gosto de ensinar alunos que querem aprender. Interessados e empenhados. Ou que pelo menos querem tentar. Antes um *D* conseguido com esforço do que um *C* de quero-lá-saber.

– Põe os pés para baixo e guarda o telefone – digo quando me sento à secretária.

Tira as pernas de cima da carteira, mas continua a premir as teclas do telefone. Volto a pôr os óculos e localizo a passagem do texto que estávamos a trabalhar.

– Quando acabares talvez possas prestar atenção a *O Deus das Moscas*, não?

Continua a digitar as teclas.

– Danny, não gostaria de sugerir aos teus pais que uma proibição de todas as redes sociais talvez te ajudasse a obter as classificações que pretendes...

Danny olha-me por um momento. Sorrio-lhe educadamente. Vejo que tem vontade de discutir, de me provocar, mas desliga o telefone e mete-o no

bolso. Não considero isto uma vitória, apenas que ele me deixou ganhar desta vez.

Não faz mal. Seja o que for que facilite o decorrer destas duas horas está bem para mim. Por vezes aprecio estes jogos mentais com Danny. E sinto-me sem dúvida satisfeito quando lhe consigo arrancar um trabalho mais ou menos decente. Mas hoje não. Sinto-me cansado e enervado por causa da noite mal dormida. Como se esperasse que alguma coisa acontecesse. Alguma coisa ruim. Irreversível.

Tento concentrar-me no texto.

– Muito bem. Estávamos a falar sobre o que representam as personagens principais, Ralph, Jack, Simon...

Encolhe os ombros.

– Desde o princípio que Simon era um desperdício de espaço.

– Porquê?

– Um peso morto. Um palerma. Merecia morrer.

– *Merecia?* Como assim?

– Pronto. Não se perdeu nada, pois não? Jack tinha razão. Se queriam sobreviver na ilha tinham de esquecer todas as parvoíces da civilização.

– Mas o sentido profundo do romance é que se recorrermos à selvajaria a sociedade se desagrega.

– Talvez devesse. De qualquer maneira, é tudo falso. É o que o livro diz. Fingimos ser civilizados, mas lá no fundo não somos.

Sorrio, mas sinto um mal-estar interior. Pode ser que seja de novo o estômago.

– Bem, é um ponto de vista interessante.

O meu relógio apita. Ligo sempre o alarme para assinalar o fim da sessão.

– Pronto, por hoje é tudo. – Pego nos livros. – Espero que desenvolvas essa teoria no próximo teste, Danny.

O rapaz levanta-se e pega no saco de flanela.

– Até à próxima, senhor professor.

– Na semana que vem, à mesma hora.

Enquanto ele saltita para fora da sala, dou por mim a dizer:

– E nessa tua nova versão de sociedade, serias um dos sobreviventes, Danny?

– Com certeza. – Olha-me com uma expressão estranha e acrescenta: – Mas não se preocupe. O senhor também seria.



O parque é o caminho mais longo para regressar da escola; o dia nem está especialmente quente, mas resolvo fazer um desvio. Um pequeno passeio pelas alamedas da memória.

O percurso ao longo do rio é bonito, com os campos ondulados de um lado, e para lá deles uma perspectiva da catedral, embora hoje esteja meio escondida pelos andaimes, como, aliás, acontece há vários anos. Foram precisos quatrocentos anos para edificar o famoso pináculo, sem ferramentas nem máquinas adequadas. Para o restaurar parece-me que vão ser precisos mais, mesmo com recurso às maravilhas da tecnologia moderna.

Apesar do enquadramento pitoresco, sempre que caminho pela margem do rio o meu olhar é atraído para as águas castanhas e tumultuosas. A imaginar como devem ser frias e traiçoeiras. Mas penso sobretudo em Sean Cooper, a ser arrastado quando tentava agarrar a bicicleta. A bicicleta que ninguém assumiu ter roubado.

Do meu lado esquerdo fica o novo parque de recreio. Dois rapazes usam com enorme estardalhaço o espaço reservado aos *skates*; uma mãe empurra no carrossel um garotinho que se desfaz em gargalhadas; sentada no baloiço, está uma adolescente solitária. Mantém a cabeça baixa e os cabelos cobrem-lhe o rosto como uma cortina lustrosa. Cabelos castanhos, não ruivos. Mas pela maneira como está sentada, fechada na sua concha calma e contida, por momentos faz-me recordar Nicky.

Acode-me à memória outro dia desse Verão. Um momento fugaz, perdido no labirinto confuso de outras recordações. A minha mãe tinha-me mandado à cidade fazer umas compras. Atravessava o jardim para regressar a casa quando vi Nicky no parque de jogos. Sentada no baloiço, sozinha e de cabeça baixa. Estive quase a gritar-lhe: *Ei, Nicky*.

Não sei o que me impediu de o fazer. Talvez a maneira como ela se balançava em silêncio, para a frente e para trás. Aproximei-me sem ruído. Nicky segurava qualquer coisa na mão. Qualquer coisa que cintilava como prata sob a luz do Sol – e reconheci o pequeno crucifixo que costumava usar ao pescoço. Fiquei a ver quando ela o ergueu e o espetou com força na carne macia da coxa. Uma vez, duas vezes, três vezes.

Recuei e corri para casa. Nunca falei a Nicky, nem a mais ninguém, na cena a que assisti nesse dia. Mas nunca mais a esqueci. A maneira como ela espetava repetidamente o crucifixo na perna. Se calhar a verter sangue. Mas nunca lhe ouvi um som, nem um gemido.

A rapariga do parque ergue a cabeça e puxa o cabelo para trás de uma orelha. Várias argolas cintilam, presas no lóbulo da orelha, e do nariz pende-lhe um grande anel metálico. É mais velha do que eu pensava, decerto já frequenta a escola secundária. Mesmo assim, apercebo-me de súbito de que sou um homem de meia-idade, de aparência um tanto excêntrica, a olhar para uma adolescente num parque de jogos.

Baixo a cabeça e recomeço a andar em passo mais estugado. O telemóvel retine no bolso. Tiro-o, na expectativa de ser a minha mãe. Mas não. É Chloe.

– Sim?

– Que cumprimento tão simpático. Devias treinar o modo como atendes o telefone.

– Desculpa. Estou um pouco... o que se passa?

– O teu amigo deixou cá a carteira.

– Mickey?

– Sim, encontrei-a debaixo da consola do corredor, pouco depois de saíres. Deve ter-lhe caído do casaco.

Franzo o sobrolho. Estamos na hora de almoço. Mickey já se deve ter apercebido da falta da carteira. Mas ontem à noite estava perdido de bêbedo. Talvez ainda esteja a dormir no hotel.

– Está bem. Vou telefonar-lhe. Obrigado.

– Pronto.

De súbito, ocorre-me uma ideia.

– Podes dar uma espreitadela na carteira do Mickey?

– Espera aí.

Oiço os passos dela, e depois volta a pegar no telefone.

– Já está. Dinheiro... umas vinte mocas..., cartões de crédito, cartões de débito, recibos, carta de condução.

– E o cartão-chave do hotel?

– Ah, sim, também cá está.

O cartão-chave. Do qual teria precisado para entrar no quarto. É claro que um membro do pessoal não hesitaria em emitir outro, se tivesse com ele algum documento de identificação...

Como um eco dos meus pensamentos, Chloe diz:

– Isto quer dizer que ontem à noite não voltou para o hotel?

– Não sei. Pode ter dormido no automóvel, sei lá.

Mas por que razão não me telefonou? E mesmo que não me quisesse incomodar a noite passada, por que não ligou esta manhã?

– Só espero que ele não esteja para aí caído nalguma valeta – diz Chloe.

– Por que raio estás a dizer isso?

Arrependo-me de imediato da minha brusquidão. Quase consigo ouvi-la a eriçar-se do outro lado da linha.

– O que se passa *contigo* esta manhã? Acordaste com os pés de fora?

– Peço desculpa. Estou só muito cansado.

– Tudo bem – diz ela num tom que me dá a entender que não está nada bem. – O que vais fazer em relação ao teu amigo?

– Vou telefonar-lhe. Se não conseguir encontrá-lo, deixo a carteira no hotel e certifico-me de que está bem.

– Vou deixá-la em cima da consola do corredor.

– Vais sair?

– *Bingo*, Sherlock. Tenho uma vida social incrível, lembras-te?

– Pronto, está bem. Até logo.

– Espero sinceramente que não.

Desliga a chamada e fico a dar voltas à cabeça se seria uma piada sobre ficar a pé até tarde ou a genuína expressão do desejo de nunca mais voltar a ver um lunático mal-humorado como eu.

Suspiro e marco o número do Mickey. Vai para o correio de voz.

– *Fala o Mickey. Neste momento não me é possível atender o telefone. Por favor deixe mensagem depois de ouvir o sinal.*

Não me dou ao incómodo de deixar uma mensagem. Volto para trás, atravesso o parque no sentido inverso e tomo o caminho mais curto para casa. Faço por ignorar os rancos de inquietação na boca do estômago. Não deve ser nada. Mickey deve ter cambaleado até ao hotel e convencido o pessoal a dar-lhe outro cartão-chave. Ainda deve estar a curtir a bebedeira. Quando eu lá chegar deve estar a vestir-se para o almoço. Tudo numa boa, perfeito.

Repito isto para mim mesmo várias vezes, cada vez com mais convicção. E de cada vez acredito menos.



O The Travelodge é um edifício atarracado e feio, paredes meias com um Little Chef bastante degradado. Julguei que Mickey tivesse dinheiro para ficar num hotel melhor, mas este deve servir-lhe.

No caminho para cá tentei mais duas vezes o número de Mickey. Das duas vezes fui parar ao correio de voz. O mau pressentimento começa a consolidar-se.

Estaciono o automóvel e dirijo-me à recepção. Atrás do balcão está um jovem de cabelos cor de gengibre, rabo-de-cavalo hirsuto e grandes buracos nas orelhas, pouco à vontade na camisa demasiado justa e na gravata de nó mal feito. Um crachá na lapela informa-me que se chama «Duds», o que me parece mais uma alcunha bem posta do que um nome de gente.

– Boa tarde. Quer um quarto?

– Na verdade, não. Venho à procura de um amigo.

– Muito bem.

– Mickey Cooper. Creio que chegou ontem.

– Muito bem.

E continua a fitar-me com um olhar vago.

– Portanto – insisto –, importa-se de verificar se ele está?

– Não lhe pode telefonar?

– Não atende o telefone, e depois há isto – tiro a carteira do bolso. – Deixou-a ontem à noite em minha casa. Tem o cartão-chave do quarto e todos os cartões de crédito.

Espero que o significado das minhas palavras lhe chegue ao cérebro. Cresce-me relva à volta dos pés. Formam-se e fundem-se glaciares.

– Peço desculpa – diz por fim. – Não percebo.

– Estou a *pedir-lhe* que veja se ele regressou a noite passada. Estou preocupado com ele.

– Ah, isso. Ontem à noite não estive cá. Quem esteve foi a Georgia.

– Está bem. Não tem nada no computador? – pergunto, a acenar com a cabeça na direcção de um velho computador que estava a um canto, em cima de uma secretária poeirenta. – Deve ter tido que pedir outro cartão-chave. Não há registo disso?

– Bem, posso ver.

– Já calculava que sim.

O sarcasmo passou-lhe a milhas. Deixa-se cair diante do computador e prime várias teclas.

Vira-se para mim.

– Não, não há nada.

– Pode telefonar à Georgia?

Duds hesita. Tenho a impressão de que conseguir que ele faça alguma coisa que esteja ainda que ligeiramente fora das suas atribuições requer um esforço colossal. Para ser sincero, até respirar parece ser um esforço colossal para Duds.

– Por favor?

Suspira fundo.

– Está bem.

Pega no telefone.

– Alô. Georgia?

Espero.

– Ontem à noite apareceu um tipo qualquer chamado Mickey Cooper a dizer que tinha perdido o cartão-chave? Tiveste de o substituir? Está bem. Obrigado.

Poisa o telefone e volta para a secretária.

– Então?

– Não. O seu amigo não voltou na noite passada.

² Personagem principal de um livro da autoria de James Hilton. (*N. do T.*)

1986

Sempre tinha imaginado os enterros em dias cinzentos e chuvosos, com pessoas vestidas de preto, abrigadas sob os chapéus-de-chuva.

O Sol brilhava na manhã em que Sean Cooper foi a enterrar – pelo menos ao princípio. E ninguém vestia de preto. A família tinha pedido que as pessoas se vestissem de azul ou de encarnado. As cores preferidas de Sean. As cores da equipa de futebol da escola. Alguns miúdos compareceram com o equipamento.

A minha mãe escolheu-me uma camisa azul-clara, com uma gravata encarnada e calças escuras.

– Tens de ir bem vestido, Eddie. Para apresentares os teus pêames.

Não me apetecia apresentar os pêames por Sean Cooper. Nem me apetecia ir ao funeral. Nunca tinha ido a nenhum. Pelo menos que me lembrasse. Ao que parece, a minha mãe e o meu pai tinham-me levado ao funeral do avô, mas nessa altura ainda era bebé e além disso o avô era velho. Dos velhos, espera-se que morram. Até cheiram como se já estivessem mais ou menos mortos. A mijo e a mofo.

A morte acontecia às outras pessoas, não a miúdos como nós, não às pessoas que conhecíamos. A morte era remota e abstracta. O enterro de Sean Cooper deve ter sido a primeira ocasião em que percebi que a morte não passa de um sopro frio e distante. O melhor truque dela é fazer-nos pensar que não está lá. E a morte guarda uma imensidade de truques dentro da sua manga escura e gélida.



A igreja ficava apenas a dez minutos da nossa casa. Bem gostaria que fosse mais longe. Arrastei os pés, puxei pelo colarinho da camisa. A minha

mãe vestia o mesmo vestido azul que tinha usado na festa do Gav *Gordo*, mas com um casaco encarnado por cima. O meu pai fez uma cedência e desta vez vestiu calças compridas, o que muito lhe agradeci, e uma camisa com flores vermelhas estampadas (que não agradeci).

Chegámos à entrada do adro da igreja ao mesmo tempo que *Hoppo* e a mãe. Não vemos muitas vezes a mãe de *Hoppo*, a menos que seja cá fora, de carro, nas suas deslocações para as limpezas. Hoje traz os cabelos, habitualmente desgrenhados, apanhados num carrapito, um vestido azul sem formas e nos pés umas sandálias velhas e gastas. Parece horrível dizer isto mas, com aquele aspecto, fiquei contente por ela não ser a minha mãe.

Hoppo trazia uma *T-shirt* encarnada, as calças azuis da escola, e calçava sapatos pretos. O cabelo escuro e espesso tinha sido penteado para o lado. Nem parecia o mesmo *Hoppo*. E não era só por causa do cabelo e das roupas elegantes. Estava tenso, inquieto. *Murphy* vinha com ele, preso por uma trela.

– Bom dia, David. Bom dia, Gwen – cumprimentou a minha mãe.

Não fazia ideia de que a mãe de *Hoppo* se chamava Gwen. A minha mãe era boa com nomes. O meu pai, nem tanto. Antes de ter piorado por causa da Alzheimer, costumava dizer em tom de troça que esquecer os nomes das pessoas não era nada de novo, isto mesmo antes de a sua memória apresentar grandes lacunas.

– Bom dia, senhor e senhora Adams – cumprimentou *Hoppo*.

– Olá – disse a mãe dele numa voz tímida.

Parecia sempre estar a pedir desculpa por qualquer coisa.

– Como está? – perguntou a minha mãe, naquele tom polido que usava quando não estava de facto interessada em saber.

A mãe de *Hoppo* não percebeu.

– Não muito bem. Quero dizer, isto é tudo tão horrível, e *Murphy* esteve toda a noite doente.

– Coitado – disse o meu pai em tom sincero.

Baixei-me para acariciar *Murphy*. Agitou a cauda e voltou a deitar-se. Parecia tão contrariado por ali estar como nós.

– Foi por isso que o trouxe? – perguntou o meu pai.

Hoppo assentiu.

– Não o quisemos deixar em casa. Desata a fazer disparates. E se o pusermos no quintal, salta por cima da vedação e vem para a rua. Portanto achámos melhor trazê-lo connosco e deixá-lo aqui preso.

O meu pai concordou.

– Bem, parece-me uma boa ideia. – Acariciou a cabeça de *Murphy*. – Pobre velhote. Estás a ficar velho, não estás?

– É melhor irmos andando – interrompeu a minha mãe.

Hoppo baixou-se para abraçar *Murphy*. O velho cão passou-lhe a enorme língua molhada pela cara.

– Lindo menino – murmurou *Hoppo*. – Adeus.

Cruzámos o portão da cerca, em direcção à entrada da igreja. Andavam por ali outras pessoas, algumas a fumar com gestos furtivos. Notei a presença do Gav *Gordo* e dos pais. Nicky estava à entrada da igreja, ao lado do reverendo Martin. Com um grosso maço de papéis. As letras dos hinos, calculei.

Para mim, foi um momento de tensão. Era a primeira vez que os meus pais e o reverendo Martin se encontravam cara a cara desde a festa e do pacote. Assim que nos viu, o reverendo sorriu.

– Senhor e senhora Adams, Eddie. Muito obrigado por terem vindo neste dia tão triste e terrível.

Estendeu a mão. O meu pai não a apertou. O sorriso não se apagou do rosto do reverendo, mas detectei nos seus olhos um lampejo fugaz muito pouco agradável.

– Por favor, peguem numa folha de hinos e ocupem os vossos lugares lá dentro.

Aceitámos as folhas dos hinos. Nicky saudou-me com um aceno de cabeça discreto e entrámos vagarosamente na igreja.

Lá dentro estava frio, o bastante para me provocar um arrepio. E escuro, também. Os meus olhos precisaram de algum tempo para se ajustarem. Algumas pessoas já estavam sentadas. Reconheci vários garotos da escola. Alguns professores também, e o senhor Halloran. Impossível não dar pela sua presença, com aquele tufo de cabelo branco. Para variar, trazia vestida

uma camisa encarnada. O chapéu repousava no colo. Quando me viu entrar com a minha mãe e o meu pai, dirigiu-me um sorriso breve. Naquele dia, todos os sorrisos eram breves e constrangidos, como se as pessoas não soubessem o que fazer à cara.

Sentámo-nos e ficámos à espera, até que o reverendo Martin entrou, acompanhado por Nicky, e a música começou a tocar. Uma melodia que já tinha ouvido, mas não me recordava de onde. Não era um hino, nem nada que se parecesse. Era uma canção moderna, lenta. Não sei porquê, e embora fosse moderna, não me pareceu apropriada para Sean, que gostava de ouvir os Iron Maiden.

Todos inclinámos a cabeça quando trouxeram o caixão para dentro. *Metal Mickey*, a mãe e o pai vinham atrás. Era a primeira vez que via Mickey depois do acidente. A mãe e o pai não o tinham deixado ir à escola, e depois tinham ido todos para casa dos avós dele.

Metal Mickey não olhava para o caixão. O corpo erecto, a cabeça levantada, os olhos postos em frente. O esforço de andar, respirar e não chorar parecia requerer toda a sua concentração. Estava já a meio da igreja quando estacou. O homem que vinha atrás por pouco não esbarrou nele. Seguiu-se um momento de confusão, quando Mickey deu meia volta e fugiu da igreja a correr.

Todos os presentes se entreolharam, excepto a mãe e o pai, que deram a impressão de mal se aperceberem da fuga. Continuaram a arrastar-se penosamente como *zombies*, encapsulados no seu desgosto. Ninguém foi atrás do Mickey. Olhei de relance para a minha mãe, que abanou a cabeça e apertou-me a mão.

Creio que foi aquilo que me tocou. Ver Mickey outra vez tão alterado por causa de um rapaz que quase todos detestávamos, mas que nem por isso deixava de ser seu irmão. Talvez Sean não fosse sempre um rufia quezilento. Talvez tivesse brincado com o Mickey quando era mais pequeno. Talvez tivessem ido juntos ao parque, partilhado o banho e as peças do *Lego*.

E agora estava estendido num caixão escuro e frio, coberto de flores que exalavam um odor demasiado forte, enquanto alguém tocava música que

teria detestado, mas não protestava por que nunca mais poderia dizer nada a ninguém.

Engoli em seco o nó que sentia na garganta e pisquei rapidamente os olhos. A minha mãe tocou-me no braço, e todos nos sentámos. A música parou e o reverendo Martin levantou-se para falar de Sean Cooper e de Deus. A maior parte do que disse não fazia sentido. Coisas como o céu ter mais um anjo e como Deus amava mais Sean Cooper do que o tinham feito as pessoas na Terra. Olhei para a mãe e para o pai dele, encostados um ao outro e a chorar, despedaçados pela dor, e achei que ele estava enganado.

O reverendo Martin já tinha quase terminado quando se ouviu um estrondo e uma súbita corrente de ar fez voar para o chão algumas das folhas dos hinos. A maioria dos que estavam na igreja virou-se, incluindo eu.

As portas da igreja abriram-se de par em par. A princípio, julguei que Mickey tinha voltado. Mas depois distingi duas figuras que se destacavam, envoltas num halo de luz. Quando se aproximaram, reconheci a amiga da *Rapariga do Carrossel* e o polícia que tinha ido a nossa casa, o agente Thomas (mais tarde vim a saber que ela se chamava Hannah e que o agente era pai dela).

Por um instante imaginei que a rapariga se tivesse metido em sarilhos. O agente Thomas segurava-a por um braço e quase a arrastava consigo pela nave da igreja. Um murmúrio perpassou pela assistência.

A mãe de Mickey segredou qualquer coisa ao marido, que se levantou. O seu rosto exprimia dureza e raiva. Do alto do púlpito, o reverendo Martin disse:

– Se vieram apresentar os vossos respeitos ao falecido, saibam que estamos prestes a dirigir-nos ao local da sepultura.

O agente Thomas e a rapariga loura estacaram. O homem relanceou os olhos pela igreja. Nenhum olhar o afrontou. Sentámo-nos todos, calados e roídos de curiosidade, mas sem o mostrar. A rapariga loura não tirava os olhos do chão, como se esperasse que este a engolisse, tal como se aprestava a fazer com Sean Cooper.

– Respeitos? – repetiu lentamente o agente Thomas. – Não, não me parece que lhe deva algum respeito. – Escarrou no chão, mesmo diante do caixão. – Não ao rapaz que *violou* a minha filha.

Os murmúrios de surpresa ergueram-se dos bancos até ao travejamento do tecto. Julgo que deixei escapar um ruído abafado. *Violou?* Não sabia ao certo o significado de «violar» (sob muitos aspectos, aos doze anos era muito ingénuo), mas sabia que era obrigar uma rapariga a fazer o que não queria, e que era mau.

– *Seu filho-da-puta mentiroso!* – gritou o pai de Mickey.

– Filho-da-puta? – rosnou Thomas. – Já te mostro o que é um filho-da-puta! – Apontou para a filha. – É a criança que ela traz consigo.

Um novo arquejo colectivo. A cara do reverendo Martin parecia querer a todo o momento despegar-se da caveira. Abriu a boca, mas antes de ter tempo para dizer qualquer coisa ouviu-se um rugido tremendo e o pai de Mickey investiu contra o agente Thomas.

O pai de Mickey não era grande, mas era rápido e bem constituído, e apanhou o agente Thomas desprevenido. O polícia oscilou, mas não perdeu o equilíbrio. O par engalfinhado cambaleava para a frente e para trás, os braços agarrados, como num bailado horrível e bizarro. Até que o agente Thomas se libertou. Desferiu um soco à cabeça do pai de Mickey. Este conseguiu esquivar-se, ripostou e acertou em cheio. O agente Thomas cambaleou para trás.

Apercebi-me do que ia acontecer um milésimo de segundo antes de ter acontecido. Creio que a maioria dos presentes também se deu conta. Ouviram-se gritos e alguém gritou *Nãoooo!* quando o agente Thomas embateu contra o caixão de Sean Cooper, instalado em frente do púlpito, e o atirou para o chão de pedra com um tremendo estardalhaço.

Não sei se imaginei o que se passou a seguir, pois a tampa do caixão devia estar aparafusada, não é? Não haviam de querer que escorregasse quando o metessem na cova. Mas quando o caixão bateu no pavimento com um horroroso som de rachar que me fez imaginar os ossos de Sean Cooper aos trambolhões lá dentro, a tampa deslizou para o lado e entrevi num relance uma mão muito branca.

Ou talvez não tenha visto. Talvez fosse outra vez a minha imaginação estúpida e tresloucada. Aconteceu tudo tão depressa. Mal o caixão embateu no solo, a igreja encheu-se de uma gritaria ensurdecedora e vários homens acorreram para o levantar e voltar a colocar sobre o plinto.

O agente Thomas endireitou-se, inseguro nas pernas. O pai de Mickey também cambaleava. Levantou o braço como que para voltar a agredir o agente Thomas, mas virou-se de repente e lançou-se sobre o caixão, a chorar. Em grandes soluços que lhe sacudiam o corpo.

O agente Thomas olhou em redor. Parecia atordoado, como se acabasse de acordar de um pesadelo. Abria e fechava os punhos. Passou a mão pelo cabelo escuro, suado e revolto. Junto do olho direito começava a despontar uma mancha escura.

– Papá, por favor? – implorou a rapariga loura num murmúrio abafado.

O agente Thomas olhou para ela, voltou a agarrar-lhe a mão e arrastou-a pela nave da igreja. Perto da saída, voltou-se e rosnou:

– Isto não acaba aqui.

E desapareceram.

O incidente não se prolongou por mais do que dois ou três minutos, mas tive a sensação de que fora muito mais longo. O reverendo Martin tossiu alto para limpar a garganta, mas continuou a não se conseguir fazer ouvir acima do choro convulsivo do pai de Mickey.

– Peço imensa desculpa por esta interrupção. Agora vamos lá para fora, para dar continuidade ao serviço. Levantem-se, por favor.

Mais música. Alguns membros da família de Mickey conseguiram arrancar o pai ao caixão e levaram-no consigo, e todos voltámos a sair para o adro.

Mal tinha posto um pé fora da igreja quando senti na cabeça a primeira gota de chuva. Olhei para cima. O azul tinha sido expulso do céu por uma camada de nuvens cinzentas que se começavam a desfazer em chuva sobre o caixão e os participantes no funeral.

Ninguém trazia chapéu-de-chuva, de maneira que nos encapuchámos nas vistosas roupas vermelhas e azuis, os ombros arqueados contra o chuveiro que aumentava de intensidade. Senti um arrepio ligeiro quando o caixão foi

lentamente descido para a cova. As flores já tinham sido tiradas. Como para afirmar que nada alegre e vivo devia descer para as entranhas do buraco negro.

Julgava que a contenda desenrolada lá dentro tinha sido a parte pior do funeral, mas estava enganado. Aquela é que foi a parte pior. O som cavo da terra a cair sobre a tampa de madeira do caixão. O cheiro da terra húmida a elevar-se sob o calor evanescente do sol de Setembro. O olhar cravado no abismo hiante rasgado no chão, ciente de que de lá seria impossível sair. Sem desculpas, sem saídas de fim-de-semana, sem a possibilidade de a mãe escrever um bilhete ao professor. A morte era definitiva e absoluta e ninguém tinha o poder de a alterar.

Por fim, tudo acabou e começámos a abandonar o cemitério. O salão da igreja tinha sido reservado para as pessoas beberem e comerem sanduíches.

– Chama-se velório – explicou a minha mãe.

Já estávamos perto do portão quando alguém conhecido dos meus pais os deteve para falarem. O Gav *Gordo* e a família vinham logo atrás, a falar com a mãe de *Hoppo*. Também vi a família de Mickey, mas a ele não o vi. Calculei que andasse algures por ali.

Dei por mim sozinho na orla do cemitério, mais ou menos perdido.

– Olá, Eddie.

Virei-me. O senhor Halloran aproximou-se. Tinha posto o chapéu na cabeça para se proteger da chuva e segurava na mão um maço de cigarros. Nunca o tinha visto fumar, mas recordei-me do cinzeiro que tinha visto em casa dele.

– Olá, senhor Halloran.

– Como te sentes?

Encolhi os ombros.

– Não sei bem.

O senhor Halloran tinha o dom, que falta a muitos adultos, de nos fazer responder com sinceridade.

– Não faz mal. Não tens de te sentir triste.

Hesitei, sem saber o que responder.

– Não nos podemos sentir tristes por causa de todos os que morrem. – Baixou a voz. – Sean Cooper era um rufia. Não deixou de o ser pelo facto de estar morto. O que não quer dizer que o que lhe aconteceu não tenha sido trágico.

– Por ainda ser um garoto?

– Não. Por não ter tido a hipótese de ser uma pessoa diferente.

Assenti, e depois perguntei:

– Aquilo que o polícia disse é verdade?

– Sobre Sean Cooper e a filha dele?

Acenei com a cabeça.

O senhor Halloran olhou para os cigarros. Creio que lhe apetecia acender um, mas que não achava correcto fazê-lo no adro da igreja.

– Sean Cooper não era um jovem simpático. Aquilo que ele te fez... algumas pessoas também lhe chamariam violação.

Senti um calor na cara. Não queria pensar naquilo. Como se me percebesse, o senhor Halloran prosseguiu:

– Mas terá feito aquilo de que o polícia o acusou? Não, não creio que seja verdade.

– Porquê?

– Não me parece que aquela jovem fizesse o género de Sean Cooper.

– Oh! – exclamei, sem perceber muito bem o que ele queria dizer.

O senhor Halloran abanou a cabeça.

– Esquece. E não te preocupes mais com Sean Cooper. Já não te pode fazer mal.

Pensei nas pedrinhas a bater na vidraça e na pele azul-acinzentada à luz do luar.

– *Ei*, Cara de Merda.

Não estava assim tão certo. Mas disse:

– Pois não. Quero dizer, claro que sim, senhor.

– És um bom rapaz.

Sorriu e afastou-se.

Ainda tentava assimilar tudo aquilo quando alguém me agarrou o braço. Virei-me. *Hoppo* estava à minha frente. O cabelo já despenteado e a camisa

meio desabotoada. Na mão, segurava a coleira e a trela de *Murphy*. Mas nada de *Murphy*.

– O que aconteceu?

Fitou-me, de olhos muito abertos.

– *Murphy*. Desapareceu.

– Libertou-se da coleira?

– Não sei. Nunca o tinha feito. Não está larga, nem nada...

– Achas que foi para casa? – perguntei.

Hoppo abanou a cabeça.

– Não sei. Já é velho, e tanto a visão como o faro não são grande coisa.

Percebi que tentava não entrar em pânico.

– Mas anda devagar. Não pode ter ido longe.

Olhei em volta. Os adultos continuavam a conversar. O Gav *Gordo* estava demasiado longe para lhe chamar a atenção. Continuava a não haver sinal de Mickey... mas vi outra coisa.

Desenhado numa pedra tumular lisa, perto do portão da igreja. Começava a desaparecer, esborratado pela chuva, mas chamou-me a atenção porque havia ali algo de errado. Deslocado e, no entanto, tão familiar. Aproximei-me. Senti que se me eriçavam os pêlos dos braços e das pernas e o couro cabeludo pareceu-me apertado no crânio.

Um homem desenhado a giz branco. Os braços levantados, a boca um pequeno «O», como se gritasse. E não estava só. Ao lado, alguém tinha esboçado um cão rudimentar. De súbito, tive um mau pressentimento. Muito mau, mesmo.

Procura o homem de giz.

– O que é isso? – perguntou *Hoppo*.

– Nada. – Endireitei-me depressa. – Devíamos ir à procura do *Murphy*. Já.

– David! Eddie! O que se passa?

A minha mãe e o meu pai aproximavam-se, acompanhados pela mãe de *Hoppo*.

– É o *Murphy* – respondi. – Parece que fugiu.

– Oh, não! – exclamou a mãe de *Hoppo*, a levar a mão à cara.

Hoppo limitou-se a apertar a trela com mais força.

– Mamã, temos de ir à procura dele – disse eu.

– Eddie... – começou ela a dizer.

– *Por favor...* – implorei.

Vi que reflectia. Não me pareceu contente. Estava pálida e tensa. Só depois me lembrei que estávamos num funeral. O meu pai pousou-lhe a mão no braço e anuiu discretamente.

– Está bem – disse a minha mãe. – Vão lá à procura do *Murphy*. Quando o encontrarem, venham ter connosco ao salão da igreja.

– Obrigado.

– Vão lá. Corram.

Corremos pela estrada, a gritar o nome de *Murphy*, o que era inútil, já que o bicho era surdo.

– Não devíamos ir primeiro a tua casa, à cautela? – perguntei.

Hoppo assentiu.

– Tens razão.

Hoppo vivia do outro lado da cidade, numa rua estreita com casas em banda. O género de rua em que os homens se sentavam na soleira da porta a beber cerveja de lata, os bebés de fraldas brincavam no passeio e havia sempre um cão a ladrar. Na altura nunca pensei nisso, mas devia ser a razão pela qual raramente íamos a casa de *Hoppo*. Nós, os outros membros do grupo, vivíamos em casas boas. A minha podia ser um pouco antiquada e estar em mau estado, mas mesmo assim era numa rua bonita, bordejada de árvores, e essas coisas.

Seria simpático dizer que a casa de *Hoppo* era uma das melhores da rua, mas não era. As cortinas de rede penduradas nas janelas eram amareladas, a tinta da porta da frente estava a descascar e o minúsculo pátio fronteiro estava atafalhado com vasos partidos, gnomos de jardim e uma velha cadeira de lona.

Lá dentro, o caos era semelhante. Lembro-me de pensar que, para quem fazia limpezas, a mãe de *Hoppo* não se incomodava muito a manter o asseio dentro da sua casa. Havia coisas empilhadas por todo lado e nos sítios mais estranhos: embalagens grandes de cereais na sala de estar, em cima da televisão, um monte de rolos de papel higiénico no corredor, embalagens

industriais de lixívia e caixas de veneno para as lesmas em cima da mesa da cozinha. Também tresandava a cão. Gostava muito de *Murphy*, mas o cheiro que deitava não era o seu ponto forte.

Hoppo atravessou a casa a correr até ao quintal das traseiras e voltou para trás, a abanar a cabeça.

– Pronto – disse eu. – Vamos ver no parque. Pode ser que tenha ido para lá.

Acenou com a cabeça, mas percebi que se esforçava por conter as lágrimas.

– Ele nunca fez isto.

– Vai correr tudo bem – disse eu, o que era uma parvoíce, porque nada ia correr bem.

Pelo contrário, tão longe disso quanto possível.



Fomos encontrá-lo enroscado debaixo de um arbusto, não longe do recinto de jogos. Penso que deve ter procurado um refúgio. A chuva caía agora com bastante intensidade. O cabelo de *Hoppo* escorria-lhe da cabeça como algas finas e a minha camisa estava colada ao corpo. Os sapatos também deixavam entrar água, que esparrinhava a cada passo que dava na direcção de *Murphy*.

Ao longe, parecia estar a dormir. Só quando se chegava perto se distinguia o movimento penoso do peito amplo e o raspar áspero da sua respiração. Quando se estava mesmo perto, percebia-se que tinha vomitado. Todo ele era vomitado. Mas não era um vómito normal. Grosso, preto como alcatrão, devido ao sangue misturado. E ao veneno.

Ainda me lembro do cheiro e da expressão dos seus grandes olhos castanhos quando nos ajoelhámos a seu lado. Confusos, perplexos, e ao mesmo tempo gratos. Como se fôssemos pôr tudo em ordem. Mas não podíamos. Pela segunda vez no mesmo dia, percebi que há coisas que não se podem remediar.

Tentámos levantá-lo para o levarmos connosco. *Hoppo* sabia de um veterinário na cidade. Mas *Murphy* era muito pesado e a massa fumegante

de pêlo molhado tornava-o ainda mais pesado. Ainda não tínhamos saído do parque quando ele começou a tossir e voltou a vomitar. Deitámo-lo com cuidado sobre a erva molhada.

– E se eu for a correr ao veterinário e trazer alguém comigo? – sugeri.

Hoppo abanou a cabeça e contrapôs numa voz rouca:

– Não, não vale a pena.

Enterrou a cara no pêlo espesso e ensopado de *Murphy*, agarrado ao cão como se assim evitasse que ele fugisse, que se escapasse deste mundo para o outro.

Mas é algo que nem a pessoa que mais nos ama pode evitar. Tudo o que pudemos fazer foi acarinhá-lo, segredar-lhe junto às orelhas felpudas, desejar que não sofresse mais. Deve ter sido o bastante, pois *Murphy* foi sacudido por um tremor, inspirou uma derradeira lufada de ar e ficou-se imóvel.

Hoppo soluçava, agarrado ao corpo inerte. Tentei reter as lágrimas, mas não evitei que me corressem pela cara. Mais tarde, ocorreu-me que nesse dia tínhamos chorado mais pelo cão morto do que pelo irmão de Mickey. E que isso também nos viria a causar remorsos.

Por fim, lá conseguimos congregas as energias necessárias para o transportar até casa de *Hoppo*. Era a primeira vez que tocava em algo morto. *Ainda parece mais pesado do que antes*, pensei. *Um peso morto*. Levámos uma boa meia hora. Houve pessoas que pararam para ver, mas ninguém se ofereceu para ajudar.

Deitámo-lo na cama dele, na cozinha.

– O que vais fazer com ele? – perguntei.

– Vou enterrá-lo – respondeu *Hoppo*, como era óbvio.

– Sozinho?

– É o meu cão.

Não soube o que responder, por isso fiquei calado.

– Devias voltar – disse *Hoppo*. – Para aquilo do velório.

Qualquer coisa em mim me dizia que me oferecesse para o ajudar, mas algo mais poderoso instava-me a sair dali.

– Está bem.

Virei-me para sair.

– Eddie.

– Sim?

– Quando encontrar quem fez isto vou matá-lo.

Nunca esqueci o que vi nos seus olhos quando disse aquilo. Talvez tenha sido por isso que não lhe falei no homem de giz e no cão. Nem no facto de nunca mais ter visto *Metal* Mickey, depois de ele ter saído a correr da igreja.

2016

Não me considero um alcoólico. Da mesma maneira que não me considero um açambarcador. Sou um homem que gosta de uma bebida e que coleciona coisas.

Não bebo todos os dias, e em geral não chego à escola a cheirar a álcool. Embora já tenha acontecido. Não chegou ao conhecimento do director, mas valeu-me um aviso amistoso de um colega professor:

– Ed, vai para casa, toma um duche e compra um elixir. E, de futuro, bebe só ao fim-de-semana.

Na verdade, bebo mais do que devia, e com mais frequência. Hoje, sinto a necessidade. Um aperto na garganta. Uma secura nos lábios, que não desaparece por muito que os humedeça com a língua. E não preciso apenas de uma bebida. Preciso de *beber*. Uma subtilidade gramatical. Uma enorme diferença na intenção.

Entro no supermercado e escolho duas garrafas de tintos robustos na prateleira dos vinhos. Depois, pego numa garrafa de *bourbon* de qualidade e empurro o carrinho das compras até à caixa. Troco algumas palavras de ocasião com a mulher que superintende nas caixas e deposito as garrafas no automóvel. Regresso a casa pouco depois das seis, selecciono alguns velhos discos de vinil que não oiço há muito tempo e sirvo-me do primeiro copo de vinho.

É quando oiço a porta da frente a bater com tanta força que faz estremecer os castiçais sobre a prateleira do fogão de sala e o meu copo cheio oscilar periclitante em cima da mesa.

– Chloe?

Tem de ser ela. Forçosamente. Tranquei a porta e mais ninguém tem a chave. Mas Chloe não costuma atirar com as portas. Chloe desliza com a

subtileza de um gato ou de uma neblina sobrenatural.

Olho com desejo para o copo de vinho e depois, com um suspiro de resignação, levanto-me e dirijo-me à cozinha, onde agora a posso ouvir a abrir e a fechar o frigorífico e a fazer tilintar os vidros. Depois, um outro som. Um som com o qual não estou familiarizado.

Preciso de algum tempo antes de o assimilar. Chloe está a chorar.

Não sou bom com choros. Eu não choro muito. Nem no funeral do meu pai. Não gosto da porcaria, do ranho, do som. Ninguém é atraente quando chora. Pior ainda, quando uma mulher chora, com certeza precisa de alguém que a conforte. E também não sou bom a confortar pessoas.

Hesito à entrada da cozinha. Até que oiço Chloe dizer:

– Porra, Eddie. Sim, estou a chorar. Ou entras e enfrentas isto ou então pões-te a andar.

Empurro a porta. Chloe está sentada à mesa da cozinha. À sua frente, uma garrafa de gim e um grande copo. Não há água tônica. O seu cabelo está mais desganhado do que o costume, e na cara tem riscos de *rimmel* preto.

– Não te vou perguntar se estás bem...

– Ainda bem. Era capaz de te enfiar a garrafa de gim pelo cu acima.

– Queres falar sobre isso?

– Não.

– Muito bem. – Inclino-me sobre a mesa. – Posso fazer alguma coisa?

– Senta-te e bebe um copo.

Embora esta noite tenha sido essa a minha intenção, o gim não é a minha bebida preferida, mas percebo que não é negociável. Tiro um copo do armário e deixo que Chloe me sirva uma porção generosa.

Com mão pouco firme, empurra desajeitadamente o copo por cima da mesa. Percebo que esta bebida não é a sua primeira, nem a segunda ou a terceira. O que é invulgar. Chloe gosta de sair. Chloe gosta de beber um copo. Mas creio que nunca a vi bêbeda.

– Então – pergunta em voz entaramelada –, que tal foi o teu dia?

– Bem, tentei participar à polícia o desaparecimento do meu amigo.

– E?

– Apesar de não ter voltado ao hotel na noite passada, de não ter a carteira nem os cartões do banco e de não atender o telefone, parece que não pode ser oficialmente dado como desaparecido antes de se passarem vinte e quatro horas depois de ter sido visto pela última vez.

– Que merda!

– Sim, que merda.

– Pensas que lhe aconteceu alguma coisa?

Parece preocupada.

Bebo um gole de gim.

– Não sei...

– Pode ser que tenha ido para casa.

– Pode ser.

– Então, o que vais fazer agora?

– Amanhã tenho de voltar à esquadra.

Chloe fita o copo.

– Amigos, não é? Dão mais chatices do que merecem. Embora não sejam tão maus como a família.

– Suponho que sim – respondo na defensiva.

– Oh, podes acreditar. Com os amigos podemos cortar. Com a família, não. Estão sempre lá, em fundo, para nos dar cabo do juízo.

Emborca o que resta de gim no copo e serve-se de outro.

Chloe nunca tinha falado na sua vida pessoal e eu nunca lhe fizera perguntas. É como com os miúdos. Se nos querem contar alguma coisa, fazem-no! Mas se lhes perguntamos, refugiam-se de imediato na sua concha.

É evidente que teci as minhas conjecturas. Durante algum tempo, considerei a sua presença na minha casa a consequência de uma ruptura desagradável com um namorado. Bem vistas as coisas, há inúmeras casas que alugam quartos e que ficam mais próximas do emprego dela, e com pessoas de idade e aspecto mais consentâneos com o seu. Não é por acaso que se escolhe uma velha casa assombrada, habitada por um homem solteiro e excêntrico, a menos que se procure solidão e privacidade.

Mas Chloe nunca me contou nada e eu nunca insisti, talvez com receio de a afugentar. Encontrar um inquilino para o quarto de hóspedes é uma coisa. Encontrar uma companhia para a minha solidão é outra, muito diferente.

Bebo mais um gole de gim, mas a vontade de beber está rapidamente a dissipar-se. Não há nada como falar com um tipo embriagado para repelir a ideia de ficar no mesmo estado.

– Bem... tanto a família como os amigos podem ser difíceis – digo.

– Sou tua amiga, Ed?

A pergunta desconcerta-me. Chloe fita-me com uma expressão sincera, os músculos do rosto descontraindo, os lábios entreabertos.

Engulo em seco.

– Espero que sim.

Sorri.

– Ainda bem. Porque nunca faria nada para te magoar. Quero que saibas isso.

– Eu sei – respondo, embora não saiba.

Na verdade não sei. As pessoas podem magoar-nos sem que se apercebamos disso.

Chloe magoa-me um pouco todos os dias, só pelo simples facto de existir. Mas não faz mal.

– Ainda bem.

Aperta-me os dedos e fico alarmado ao ver os seus olhos outra vez marejados. Limpa a cara com a mão.

– Por Cristo, sou mesmo uma idiota.

Bebe outra golada e diz:

– Devia contar-te uma coisa...

Não gosto daquelas palavras. Não se pode esperar nada de bom de uma frase que começa assim. Como «Devíamos conversar...».

– Chloe...

Sou salvo pela campainha. Está alguém à porta. Não recebo muitas visitas, sobretudo das que chegam sem aviso prévio.

– Quem será agora, porra? – interroga-se Chloe no seu habitual tom caloroso e bem-disposto.

– Não sei.

Arrasto-me devagar até à porta e abro-a. Lá fora estão dois homens de fato cinzento. Ainda antes de abrirem a boca percebo que são polícias. Há neles qualquer coisa de peculiar. O rosto fatigado. O cabelo mal cortado. Os sapatos baratos.

– Senhor Adams? – pergunta o mais alto, de cabelos escuros.

– Sim?

– Sou o inspector Furniss. Este é o sargento Danks. Foi esta tarde à esquadra participar o desaparecimento de um amigo seu, Mick Cooper?

– Tentei. Disseram-me que oficialmente não estava desaparecido.

– É verdade. Lamentamos que assim seja – interveio o mais baixo e careca. – Podemos entrar?

Tenho vontade de lhes perguntar para quê, mas como de qualquer maneira vão entrar, não me dou a esse trabalho.

– Com certeza.

Passam por mim para o corredor e fecho a porta.

– Por aqui.

Por força do hábito, levo-os para a cozinha. Assim que vejo Chloe percebo que pode ser um erro. Continua com a «roupa de sair». Um casaco preto muito justo decorado com caveiras, uma minissaia de licra, meias de rede e botas.

Levanta os olhos à entrada dos polícias.

– Oh, que bom, temos companhia.

– É Chloe, a minha inquilina. E amiga.

Os polícias são demasiado profissionais para erguerem uma sobrancelha, mas tenho a certeza do que estão a pensar. Um velho e uma rapariga bonita a viverem na mesma casa. Ou ando a dormir com ela ou não passo de um velho parvo. Infelizmente, é o segundo caso.

– Querem beber alguma coisa? – pergunto. – Chá, café?

– Gim? – pergunta Chloe, a erguer a garrafa.

– Lamento, mas estamos de serviço, menina – replica o inspector Furniss.

– Como queiram. Ehhh... sentem-se por favor.

Olham um para o outro.

– Na verdade, senhor Adams, seria melhor se conversássemos consigo a sós.

Olho para Chloe.

– Não te importas?

– Peço *desculpa*. – Agarra na garrafa e no copo. – Se precisares de mim estou aqui ao lado.

Brinda os dois agentes com um olhar carrancudo e sai furtiva da cozinha.

Sentam-se os dois, a arrastar as cadeiras pelo chão, e eu encavalito-me todo desajeitado na extremidade da mesa.

– Posso saber qual é o motivo da vossa visita? Já disse tudo o que sabia ao sargento de serviço.

– Posso pedir-lhe que repita tudo, com todos os pormenores?

Danks tira a caneta do bolso.

– Bem, Mickey saiu daqui ontem à noite.

– Desculpe, pode ir um pouco mais atrás? Ele veio cá porquê? Tanto quanto sei, ele vive em Oxford, não é?

– Bem, é um velho amigo, voltou a Anderbury e quis encontrar-se comigo.

– Velho amigo de há quanto tempo?

– Desde a infância.

– E mantiveram-se em contacto?

– Não. Mas às vezes é bom recordar.

Ambos assentiram.

– Seja como for, ele veio cá jantar.

– E a que horas foi isso?

– Chegou por volta das sete e meia.

– Veio a conduzir?

– Não, veio a pé. O hotel onde ficou não é longe e deve ter calculado que íamos beber uma pinga.

– Quanto pensa que ele bebeu?

– Bem – vêm-me à memória as garrafas de cerveja vazias para reciclar –, sabe como é. Come-se, conversa-se... não sei, umas seis ou sete cervejas.

– Uma quantidade razoável, portanto.

– Suponho que sim.
– Então, em que estado estava ele quando saiu?
– Não estava a cair, mas estava bastante embriagado.
– E deixou-o voltar a pé para o hotel?
– Ofereci-me para lhe chamar um táxi, mas ele disse que o passeio o ajudaria a aclarar as ideias.

– Muito bem. E a que horas diria que isso aconteceu?
– Por volta das dez, dez e meia. Não muito tarde.
– E foi essa a última vez que o viu nessa noite?
– Sim.
– Entregou a carteira dele à sargento de serviço?
Com alguma dificuldade. A agente tinha insistido comigo para que a guardasse.

– Sim.
– E como entrou na posse da carteira?
– Mickey deve ter-se esquecido dela quando saiu da minha casa.
– E não tentou devolver-lha nessa mesma noite?
– Só me apercebi disso no dia seguinte. Foi a Chloe que a encontrou e me telefonou.

– E a que horas foi isso?
– À hora de almoço. Tentei ligar ao Mickey para lhe dizer que tinha cá deixado a carteira, mas ele não atendeu.

Mais garatujas no bloco.
– Foi então que se dirigiu ao hotel para saber se o seu amigo se encontrava bem?

– Foi. E eles disseram-me que ele não tinha regressado na noite anterior.
Foi quando resolvi ir à polícia.

Mais gestos de assentimento. Depois, Furniss perguntou:
– Que tal lhe pareceu o seu amigo nessa noite?
– Bem... pareceu-me bem.
– Estava bem-disposto?
– Sim, acho que sim.
– Qual foi o objectivo da visita?

- Qual é a importância disso, posso saber?
- Bem, ao fim de tantos anos sem contacto, de repente ele faz-lhe uma visita. É um pouco estranho.
- As pessoas são estranhas, como diria Jim Morrison.
- Olharam para mim sem expressão. Não eram apreciadores de *rock* clássico.
- Oiça, foi um encontro social. Falámos numa imensidade de coisas, naquilo que andávamos a fazer. De trabalho. Nada especialmente importante. Agora, posso saber qual o motivo de todas estas perguntas? Aconteceu alguma coisa ao Mickey?
- Ponderaram a pergunta e Danks fechou o bloco.
- Foi hoje encontrado um corpo que corresponde à descrição do seu amigo Mickey Cooper.
- Um corpo. Mickey. Procuro digerir a informação. Agarra-se-me à garganta. Não consigo falar. Respirar é difícil.
- O senhor sente-se bem?
- N... não sei. É um choque. O que aconteceu?
- Retirámos o corpo do rio.
- Aposto que está verde e inchado e que os peixes lhe comeram os olhos.*
- Mickey... afogado?
- Ainda estamos a tentar estabelecer as circunstâncias exactas da morte do seu amigo.
- Se ele caiu ao rio, o que há para estabelecer?
- Pareceu-me que qualquer coisa perpassou entre os dois.
- Old Meadows Park é na direcção oposta ao hotel do seu amigo, não é?
- É, sim.
- Então, por que razão estava ele lá?
- Talvez tenha resolvido dar uma volta maior para arejar a bebedeira. Ou será que se enganou no caminho?
- Talvez.
- Em tom céptico.
- Não acreditam que a morte de Mickey tenha sido um acidente?

– Pelo contrário, parece-nos a explicação mais plausível. No entanto, temos de explorar todas as opções.

– Tais como?

– Conhece alguém que desejasse fazer mal a Mickey?

Sinto uma veia a palpitar na têmpora. Alguém que desejasse mal a Mickey? Lembro-me pelo menos de uma pessoa, mas essa pessoa não está em condições de correr à noite pelos parques para empurrar Mickey para o rio.

– Não, não me recordo de ninguém. – E depois, numa voz mais firme, acrescento: – Anderbury é uma cidade pacata. Não consigo imaginar alguém a atacar Mickey.

Ambos concordam com um gesto da cabeça.

– Creio que tem razão. Deve ter sido um acidente triste e infeliz.

Tal como o irmão, penso. Triste, infeliz, e um raio de uma coincidência...

– Lamentamos transmitir-lhe esta notícia, senhor Adams.

– Não tem importância. É a vossa função.

Empurram as cadeiras para trás. Levanto-me para os acompanhar até à porta.

– Há mais uma coisa.

Pois claro, há sempre mais qualquer coisa.

– O que é?

– Encontrámos no seu amigo um objecto que nos intrigou. Gostaríamos de saber se nos poderá esclarecer.

– Se puder.

Furniss mete a mão ao bolso e retira um saco de plástico transparente. Dentro do saco, um pedaço de papel com o esboço de um homem enforcado e um pedaço de giz branco.

– Oh, homens de pouca fé³.

Era o que o meu pai costumava dizer à minha mãe quando ela não acreditava que ele fosse capaz de fazer alguma coisa. Era uma piada entre ambos, pois ela olhava sempre para ele e respondia:

– Não, não tenho fé em nada.

E riam os dois à gargalhada.

Penso que isto se devia ao facto de não serem religiosos e de não fazerem segredo disso. Talvez fosse a razão que levava algumas pessoas da cidade a olhá-los com uma certa desconfiança e a tomarem o partido do reverendo Martin no que respeitava à clínica. Mesmo os que apoiavam a minha mãe não o queriam demonstrar como se isso fosse o mesmo que discordar de Deus, ou sei lá o quê.

A minha mãe emagreceu nesse Outono e também envelheceu. Nunca me tinha detido a pensar que os meus pais eram mais velhos que os outros (talvez porque, quando se tem dez anos, todos os que têm mais de vinte são velhos). A minha mãe só me teve aos trinta e seis anos, portanto estava quase com cinquenta.

Em parte, devia-se ao muito trabalho. À noite, chegava a casa cada vez mais tarde e era o meu pai quem preparava o lanche, o que era sempre interessante, ainda que nem sempre comestível. Mas a causa principal – presumi – eram os manifestantes que todos os dias desfilavam em círculos defronte da clínica. Agora eram cerca de vinte. Também tinha visto cartazes em algumas lojas da cidade:

ESCOLHA A VIDA. ACABE COM O CRIME.

DIGA NÃO AO ASSASSÍNIO LEGAL.

Era assim que os manifestantes se intitulavam, os Anjos de Anderbury, o que deve ter sido ideia do reverendo Martin. Mas não se pareciam muito com anjos. Sempre imaginei os anjos calmos e serenos. Os manifestantes apresentavam rostos vermelhos de fúria, gritavam e cuspiam. Em retrospectiva, era uma multidão de gente radicalizada que acreditava fazer o que era correcto em prol de um fim mais elevado. Tão radicalizada que se sentia justificada em todas as más acções que cometia em favor da sua causa.



Estávamos em Outubro. O Verão já tinha recolhido as toalhas de praia, os baldes e as pás e preparava-se para a nova estação. As campainhas dos carros de venda de gelados tinham dado lugar aos assobios e estrondos dos foguetes comprados às escondidas, ao aroma das flores e dos churrascos e ao cheiro mais acre das fogueiras.

Mickey dava-se menos connosco. Tinha mudado desde a morte do irmão. Ou talvez fôssemos nós que já não soubéssemos como lidar com ele. Estava mais duro, mais frio. Sempre tinha sido sarcástico e falso, mas agora era ainda mais cáustico. E o seu aspecto também era diferente. Tinha crescido (ainda que nunca viesse a ser alto), as suas feições tornaram-se angulosas e deixou de usar o aparelho nos dentes. De certo modo, já não era o *Metal* Mickey, o nosso amigo. De um momento para o outro passara a ser Mickey Cooper, o irmão de Sean Cooper.

Todos nos sentíamos pouco à vontade com ele, mas então com *Hoppo* era uma briga constante. Uma espécie de antagonismo latente que se vinha a acumular e que estava destinado a eclodir a qualquer momento numa guerra aberta. Como aconteceu. No dia em que nos reunimos para espalhar as cinzas de *Murphy*.

Afinal, *Hoppo* tinha acabado por não o enterrar. A mãe levava o corpo do animal ao veterinário para que fosse cremado. *Hoppo* guardou as cinzas

durante algum tempo, até decidir espalhá-las no parque, no sítio onde *Murphy* se costumava deitar e onde soltara o derradeiro suspiro.

Combinámos um encontro no parque de jogos às onze horas de um sábado. Sentámo-nos no carrossel, *Hoppo* agarrado à pequena caixa que continha os restos de *Murphy*, e todos enrolados em casacos grossos e cachecóis. Fazia frio naquela manhã. Um frio que mordida a cara e os dedos através das luvas. Isso, com o facto de nos aprestarmos para um trabalho lúgubre, criara entre nós uma atmosfera deprimente. Quando Mickey apareceu a correr, com um atraso de quinze minutos, *Hoppo* levantou-se de um salto.

– Onde estiveste?

Mickey encolheu os ombros.

– Tinha umas coisas para fazer. Agora sou só eu em casa e a minha mãe encarrega-me de mais trabalhos.

Disse aquilo no seu habitual trejeito de desafio.

Pode parecer cruel, mas tudo quanto ele dizia remetia invariavelmente para a morte do irmão. Tínhamos consciência de que era triste e trágico e todas essas coisas, mas gostaríamos que deixasse de repisar o assunto todos os dias e a cada minuto.

Vi que *Hoppo* se acalmava, compadecido.

– Pronto, agora já cá estás – disse ele, num tom que devia ter posto cobro a qualquer animosidade.

Como *Hoppo* sempre fazia. Mas naquela manhã Mickey não estava pelos ajustes.

– Não sei qual é o teu problema, meu. Não passa da porcaria de um cão.

Senti uma vibração no ar.

– *Murphy* era mais do que um cão.

– Ah, sim? Então o que fazia ele? Falava, fazia truques de cartas?

Era para provocar *Hoppo*. Todos o percebemos, até o *Hoppo*. Mas ainda que percebamos que alguém nos tenta fazer perder a cabeça isso não significa que nos consigamos conter. Mas, *Hoppo* fez um esforço.

– Era o meu cão e significava muito para mim.

– Também o meu irmão significava muito para *mim*.

O Gav *Gordo* desceu do carrossel.

– Nós sabemos isso. Mas isto é diferente.

– Pois é, todos se incomodam muito com a morte de um cão estúpido, mas com a morte do meu irmão ninguém se rala.

Olhámos todos para ele. Ninguém sabia o que lhe responder. Porque, em certa medida, ele tinha razão.

– Estão a ver? Nenhum de vocês consegue falar dele, mas estamos aqui por causa de um rafeiro bronco, estúpido e cheio de pulgas.

– Retira já o que disseste – ordenou *Hoppo*.

– Senão o quê? – perguntou Mickey com um sorriso provocador e a dar um passo na direcção de *Hoppo*.

Hoppo era bastante mais alto do que Mickey, e também mais forte. Mas Mickey tinha aquele brilho tresloucado no olhar. Tal como o irmão. E com doidos não se deve brigar. Os doidos levam sempre a melhor.

– Era um rafeiro bronco, estúpido e carregado de pulgas que se estava sempre a cagar e cheirava mal. De qualquer maneira já não devia durar muito tempo. Alguém o ajudou a acabar com o sofrimento.

Vi que *Hoppo* cerrava os punhos, mas continuo a pensar que não teria agredido Mickey se este não se tivesse chegado à frente e derrubado com uma palmada a caixa das cinzas que ele segurava. Ao embater no chão, a caixa abriu-se e as cinzas esvoaçaram numa pequena nuvem cinzenta.

Mickey espezinhou-as.

– Cão velho, estúpido, malcheiroso e morto.

Foi nesse momento que *Hoppo* investiu, com um grito estrangulado, incompreensível. Rolaram ambos pelo chão e durante alguns segundos não se viu mais do que punhos a desferir socos, os dois engalfinhados, a rebolar no pó cinzento que tinha sido *Murphy*.

O Gav *Gordo* intrometeu-se para pôr fim à contenda. Nicky e eu secundámo-lo. Não sei como, mas conseguimos separá-los. O Gav *Gordo* agarrou o Mickey. Tentei segurar *Hoppo*, mas ele afastou-me com um safanão.

– *O que se passa contigo?* – berrou ele para Mickey.

– O meu irmão morreu, ou será que te esqueceste? – Olhou em redor, para cada um de nós. – Vocês todos se esqueceram?

Limpou o nariz, que escorria sangue.

– Não – disse eu. – Não nos esquecemos. Só queremos ser outra vez teus amigos.

– Amigos, não é? Está bem. – Olhou para *Hoppo* com um sorriso de escárnio. – Queres saber quem matou o teu cão estúpido? *Fui eu*. Para que soubesses o que custa perder alguém que se ama. Talvez vocês todos devessem sentir o mesmo.

Hoppo soltou um grito. Libertou-se das minhas mãos e disparou um poderoso soco em Mickey.

Não estou certo do que aconteceu a seguir. Ou Mickey se desviou ou foi Nicky que se tentou interpor. Seja como for, lembro-me de me virar e ver Nicky no chão, agarrada à cara. No calor da refrega, o soco de *Hoppo* tinha-a atingido num olho.

– Cabrão! – gritou ela. – Estúpido cabrão de merda!

Não sei se ela se referia a *Hoppo* ou a Mickey, nem se isso faria alguma diferença.

A expressão de *Hoppo* passou da raiva ao horror.

– Peço desculpa. Peço desculpa.

O Gav *Gordo* e eu corremos para a ajudar. Sacudiu-nos com um gesto trémulo.

– Estou bem.

Mas não estava. O olho começava a inchar e a ficar negro. Percebi de imediato que aquilo era mau e senti-me avassalado pela raiva. Uma raiva como nunca tinha sentido. Tudo aquilo era por culpa de Mickey. Ainda que nunca tenha sido um lutador, tive ganas de lhe esmurrar as ventas, tal como *Hoppo* tinha feito. Mas não tive oportunidade.

Quando acabámos de ajudar Nicky a pôr-se de pé e o Gav *Gordo* dizia que a levava à mãe para ela lhe pôr um pacote de ervilhas congeladas sobre o olho, já Mickey tinha desaparecido.



Como se veio a saber, Mickey tinha mentido. Segundo o veterinário, *Murphy* tinha sido envenenado pelo menos vinte e quatro horas antes do enterro, talvez mais. Mickey não tinha matado *Murphy*. Mas isso já não tinha importância. A presença de Mickey tornara-se um veneno em si mesma, a contaminar todos os que o rodeavam.

As ervilhas ajudaram a desinchar um pouco o olho de Nicky, mas quando foi para casa a nódoa negra continuava bem visível. Esperei que aquilo não lhe arranjasse nenhum problema. Disse para comigo que ela havia de inventar uma história qualquer para contar ao pai e que tudo correria pelo melhor. Mas estava enganado.

Nessa tarde, quando o meu pai me estava a preparar o lanche, ouviu-se bater furiosamente à porta da frente. A minha mãe continuava no trabalho, de modo que o meu pai limpou as mãos aos calções de ganga e revirou os olhos. Dirigiu-se para a porta e abriu-a. Lá fora estava o reverendo Martin, enfarpelado nas suas vestes de vigário e com um pequeno chapéu preto. Parecia saído de um quadro de tempos passados. E com ar furioso. Deixei-me ficar no corredor.

– Posso ajudá-lo nalguma coisa? – perguntou o meu pai, numa voz que denunciava que era a última coisa que lhe apetecia fazer.

– Pode. Pode manter o seu filho longe da minha filha.

– Desculpe...?

– A minha filha tem um olho negro por causa do seu filho e da quadrilha dele.

Estive quase a protestar num atropelo que não era a *minha* quadrilha. Mas depois senti-me orgulhoso por ele ter dito aquilo.

O meu pai virou-se.

– Ed?

Agitei os pés, embaraçado. Sentia a cara a arder.

– Foi um acidente.

O meu pai virou-se de novo para o reverendo.

– O meu filho diz que foi um acidente e eu acredito nele.

Os dois homens fitaram-se. Depois, o reverendo Martin sorriu.

– Mas de que estava à espera? A maçã não cai longe da árvore apodrecida: «Vós tendes por pai o diabo, e quereis realizar os desejos do vosso pai. Quando ele profere a mentira, profere-a a partir dos seus; pois é mentiroso e é pai da mentira.»

– Pode pregar à vontade, reverendo – disse o meu pai. – Mas todos sabemos que não faz aquilo que prega.

– O que quer dizer com isso?

– Não é a primeira vez que a sua filha tem um olho negro, pois não?

– Isso é uma calúnia, senhor Adams.

– Ai é? – O meu pai deu um passo em frente. Fiquei contente por ver o reverendo Martin estremecer. – «Porque não há coisa oculta que não venha a manifestar-se, nem escondida que não se saiba e venha à luz.»⁴

Foi a vez de o meu pai esboçar um sorriso odioso.

– A sua Igreja não o protegerá para sempre, reverendo. Agora, ponha-se a andar da minha porta antes que eu chame a polícia.

A última coisa que vi foi a boca escancarada do reverendo Martin antes de o meu pai lhe bater com a porta na cara.

Senti o peito inchado de orgulho. O meu pai tinha vencido. Tinha levado a melhor.

– Obrigado, papá. Aquela foi bestial. Não sabia que conhecia passagens da Bíblia.

– Catequese... Há coisas que nos ficam para sempre na cabeça.

– Na verdade foi mesmo um acidente.

– Eu acredito em ti, Eddie... mas...

Não, pensei. Não há aqui nenhum «mas». Os «mas» nunca são bons, e aquele pareceu-me particularmente mau. Como um dia disse o *Gav Gordo*, os «mas» eram o pontapé nos tomates no fim de um dia bom.

O meu pai suspirou.

– Olha, Eddie. Talvez seja mesmo melhor não veres a Nicky durante uns tempos.

– Ela é minha amiga.

– Tens mais amigos. Gavin, David e Mickey.

– Mickey não.

– Ah, vocês zangaram-se?

Não respondi.

O meu pai inclinou-se e pousou-me as mãos nos ombros. Só fazia aquilo quando falava mesmo a sério.

– Não estou a dizer que nunca mais podes ser amigo da Nicky, mas neste momento as coisas estão complicadas e o reverendo Martin... bem, não é um homem muito simpático.

– E então?

– Talvez seja melhor manteres a distância.

– Não! – E afastei-me.

– Eddie...

– Não é o melhor. O papá não sabe. O papá não sabe nada.

Embora soubesse que estava a ser estúpido e infantil, dei meia volta e galguei a escada a correr.

– O teu lanche está pronto...

– Não quero comer.

E não queria. Sentia o estômago a roncar de fome, mas não era capaz de engolir nada. Tudo estava a correr mal. O meu universo – e quando se é criança o nosso universo são os amigos – estava a cair aos bocados.

Empurrei a cómoda e levantei as tábuas soltas que estavam por baixo. Olhei para o conteúdo do esconderijo e retirei uma pequena caixa de paus de giz coloridos. Escolhi um branco e, sem pensar, comecei a rabiscar gatafunhos nas tábuas do soalho, uma vez, mais outra e mais outra.

– Eddie.

Toc toc à porta.

Imobilizei-me.

– Vá-se embora.

– Eddie. Olha, não te vou proibir de veres a Nicky...

Esperei, de giz na mão.

– ... só te estou a *pedir*, está bem? Por mim e pela tua mãe.

Pedir era pior, e o meu pai sabia isso. Apertei com força o pau de giz, que se esboroou na minha mão.

– O que dizes?

Não disse nada. Não podia. Era como se todas as palavras me entupissem a garganta, a sufocar-me. Por fim, ouvi os passos pesados do meu pai a descer os degraus. Baixei os olhos para os meus desenhos. Figuras de giz branco, freneticamente garatujadas, umas por cima das outras. Uma súbita inquietação apertou-me o estômago. Apaguei-os depressa com a manga, até que no chão não restou mais do que uma mancha esbranquiçada.



O tijolo entrou pela janela nessa noite, mais tarde. Foi uma sorte, pois já estava no meu quarto e os meus pais estavam a comer um jantar tardio na cozinha, porque se estivessem na sala da frente podiam ter sido atingidos pelos estilhaços de vidro, ou pior. O tijolo abriu na vidraça um buraco de tamanho considerável e destruiu a televisão, mas ninguém se feriu.

Como era de prever, o tijolo trazia agarrada uma mensagem, presa com um elástico. Na ocasião, a minha mãe não me disse qual era o teor. Deve ter pensado que me poderia assustar e perturbar. Mais tarde, revelou-me o conteúdo do bilhete: «Deixa de matar bebés ou a tua família será a próxima.»

A polícia voltou a aparecer. Veio também um homem que pregou uma tábua a tapar a janela. Depois, ouvi os meus pais a discutirem na saleta, quando pensavam que eu já estava deitado. Acocorado na escada, fiquei a ouvir, um pouco assustado. A minha mãe e o meu pai nunca discutiam. Às vezes desconversavam, mas não eram discussões. Sem vozes alteradas e carregadas de azedume, como agora.

- Isto não pode continuar assim – declarou o meu pai, em tom irado.
- Assim, como? – replicou a minha mãe, em voz tensa.
- Sabes muito bem o que quero dizer. Já basta que estejas sempre a trabalhar, que esses evangelistas idiotas intimidem as pessoas à porta da tua clínica, mas agora isto? Ameaças contra a nossa família?
- São apenas tácticas de intimidação, e sabes que não lhes podemos ceder.
- Isto é diferente. Isto é pessoal.
- São apenas ameaças. Já aconteceu antes. Acabam por se fartar. Hão-de encontrar outra causa divina, e isto morre. É sempre assim.

Embora não o conseguisse ver, imaginei o meu pai a abanar a cabeça e andar de um lado para o outro em grandes passadas, como sempre fazia quando estava transtornado.

– Penso que estás enganada e não sei se estou disposto a arriscar.

– Então o que queres que faça? Que abandone o trabalho? O meu trabalho? Que fique em casa a amarinhar pelas paredes enquanto tentamos sobreviver com o salário de um escritor *free lancer*?

– Não estás a ser justa.

– Eu sei. Peço desculpa.

– Não podes voltar para lá? Para Southampton? Deixar outra pessoa encarregada de Anderbury?

– Este projecto foi meu. A minha... – retraiu-se – a minha oportunidade de mostrar o que valho.

– Oportunidade de quê? De seres alvo do ódio desses doidos?

Silêncio.

– Não vou deixar o meu trabalho na clínica. Não me peças isso.

– Então e o Eddie?

– O Eddie está bem.

– Está mesmo? Como sabes, se ultimamente mal o tens visto?

– Portanto, estás dizer-me que ele não está bem?

– O que estou a dizer é que, com tudo o que tem acontecido – a briga na festa de Gavin, o rapaz dos Cooper, o cão do David Hopkins – já tem mais do que o suficiente para o perturbar. Sempre dissemos que lhe íamos proporcionar amor e segurança e não quero que isto o atinja seja de que maneira for.

– Se eu pensasse por um minuto que qualquer destas coisas poderia magoar o Eddie...

– Então? Largavas tudo?

A voz do meu pai tinha um som estranho. Carregada de ira e amargura.

– Farei tudo o que for preciso para proteger a família, mas isso não me impede de continuar a trabalhar.

– Bem, vamos esperar que não, não é?

Ouvi a porta da saleta a abrir-se e o roçar de tecido.

– Aonde vais? – perguntou a minha mãe.

– Vou dar uma volta.

A porta da frente bateu com tanta força que os balaústres estremeceram e do tecto do patamar caiu um pequeno pedaço de estuque.

O meu pai deve ter ido dar uma volta muito grande, pois não o ouvi regressar. Devo ter adormecido, Mas ouvi outra coisa, que nunca antes tinha ouvido: a minha mãe a chorar.

³ Mateus: 8, 26.

⁴ Respectivamente: João 8:44; Lucas 8:17, Bíblia dos Capuchinhos.

2016

Sento-me num banco, à entrada da igreja. Como era de calcular, estava vazia. Hoje em dia, as pessoas procuram outros locais de culto. Bares, centros comerciais, a televisão e o mundo virtual *on line*. Quem precisa da palavra de Deus quando a palavra de uma qualquer estrela de televisão faz o mesmo efeito?

Não tinha voltado a entrar em St. Thomas desde o funeral de Sean Cooper, embora tenha passado muitas vezes à porta. É um edifício velho e de traça antiquada. Não tão grande nem grandioso como a Catedral de Anderbury, mas mesmo assim bonito. Gosto de igrejas antigas, mais para as ver por fora do que para orar lá dentro. Hoje é uma excepção, ainda que não esteja cá para rezar. Nem sei bem o que vim fazer.

Do alto do grande vitral, São Tomás fita-me com olhar benevolente. Santo patrono sabe-se lá de quê. Por qualquer razão, imagino-o um santo simpático. Não um chato, como Maria ou Mateus. Um santo modernão. Até a barba dele está de novo na moda.

Pergunto-me se os santos terão de viver uma existência impoluta ou se é possível viver como um pecador e basta fazer depois uns milagres para se ser santo. Parece que com a religião é assim. Homicídio, violação, massacre e mutilação, tudo pode ser perdoado desde que a pessoa se arrependa. Nunca me pareceu justo. Mas, tal como a vida, Deus também não é justo.

Além disso, como disse Cristo, quem entre de nós está isento de pecado? A maioria das pessoas fez coisas más a dado momento da sua vida, coisas que gostaria que nunca tivessem acontecido e das quais se arrepende. Todos cometemos erros. Em todos nós coexistem o bem e o mal. Só porque alguém cometeu um acto terrível é justo que isso se sobreponha a todas as

coisas boas que fez? Ou haverá coisas tão más que nenhuma boa acção as pode redimir?

Penso no senhor Halloran. Nos seus quadros belíssimos, na maneira como salvou a vida da *Rapariga do Carrossel* e, de certo modo, como também me salvou a mim e ao meu pai.

Seja o que for que ele tenha feito depois, não acredito que fosse um homem mau. Como Mickey também não era um rapaz mau. Não era mesmo. É verdade que às vezes podia ser um bandalho, e não tenho a certeza de gostar do adulto em que se tornou. Mas seria possível que alguém o odiasse ao ponto de o matar?

Ergo o olhar para São Tomás. Não tem sido um grande auxílio. Não sinto nenhuma inspiração divina. Deixo escapar um suspiro. Talvez esteja a exagerar em tudo isto. A morte de Mickey foi com certeza um acidente trágico e a carta apenas uma coincidência desagradável. Se calhar escrita por um parvalhão mal-intencionado que descobriu as nossas moradas e nos quis fazer uma velhacaria. Pelo menos é disso que me tenho tentado convencer, depois da visita da polícia.

O problema é que conseguiu o que queria. Partiu-se a tampa da caixa. A mesma caixa que tenho conservado hermeticamente fechada a cadeado no mais recôndito da minha mente. E uma vez aberta a caixa de Eddie, tal como a de Pandora, é um sarilho dos diabos voltar a fechá-la. Pior ainda, o que jaz lá no fundo não é esperança. É culpa.

Há uma canção que Chloe põe muitas vezes a tocar e à qual já me habituei, da autoria de um cantor popular *punk*: Frank Turner.

O refrão é assim: «Ninguém é lembrado por aquilo que não fez.»

Mas não é verdade. A minha vida tem-se pautado por aquilo que não fiz. Pelas coisas que não disse. Creio que o mesmo acontece a muita gente. Em muitos casos, aquilo que nos define não é o que fazemos, mas sim as nossas omissões. Não estou a falar de mentiras, mas de verdades que não se dizem.

Quando a polícia me mostrou a carta, devia ter-lhes dito alguma coisa. Devia ter-lhes mostrado a carta igual que recebi. Mas não o fiz. Continuo a não saber porquê, da mesma maneira que não posso explicar com

sinceridade por que razão durante todos estes anos nunca contei as coisas que sabia ou que fiz.

Nem sei como me sinto em relação à morte de Mickey. De cada vez que o tento imaginar no presente tudo o que vejo é o jovem Mickey de doze anos, com a boca cheia de metal e a maldade no olhar. E, no entanto, continuava a ser um amigo. Só que agora desapareceu. Deixou de *partilhar* as minhas recordações, agora está reduzido a uma recordação.

Levanto-me e aceno um adeus a São Tomás. Quando me viro para sair, detecto um movimento. A vigária. Uma mulher loura e gorda que gosta de usar botas de pele de carneiro com a batina. Já a tinha visto na cidade. Para vigária, parece bastante simpática.

Sorri.

– Encontrou o que precisava?

Ao que parece, agora a igreja assemelha-se a um centro comercial. Infelizmente, o meu cesto continua vazio.

– Ainda não – respondo.



Quando volto para casa, o automóvel da minha mãe está estacionado à entrada. Merda. Só agora me lembro da nossa conversa a respeito de *Mittens*, o Hannibal Lecter do universo felino. Empurro a porta, poiso o sobretudo no corrimão da escada e dirijo-me à cozinha.

A minha mãe está sentada à mesa. *Mittens* está aos seus pés, numa transportadora. Encostada ao balcão, Chloe prepara um café. Está vestida de uma forma algo discreta para Chloe, com uma camisola larga, *leggings* e meias às riscas.

Apesar disso, sinto a reprovação da minha mãe a fluir como uma aura. Não gosta da Chloe. Nunca esperei que gostasse. Também nunca gostou de Nicky. Há raparigas de quem as mães nunca gostam e, claro está, são aquelas que nos dão a volta ao miolo.

– Ed... finalmente – diz a minha mãe. – Onde tens andado?

– Eu... ehh, saí para dar um passeio.

Chloe vira-se.

– E não pensaste em dizer-me que a tua mãe vinha cá a casa?

Olham-me as duas com ar irritado. Como se o facto de não se suportarem fosse culpa minha.

– Peço desculpa. Perdi a noção do tempo.

Chloe bate com uma caneca na mesa em frente da minha mãe e diz, virada para mim:

– Prepara um café para ti. Eu vou tomar um duche.

Abandona a cozinha e a minha mãe olha para mim.

– Uma rapariga encantadora. Nem sei como ainda não arranjou namorado. Dirijo-me para a máquina do café.

– É só um pouco irritadiça.

– Ora aí está uma palavra que lhe fica bem.

Sem me dar tempo a responder, acrescenta:

– Estás com muito mau aspecto.

Sento-me.

– Obrigado. Ontem à noite recebi uma má notícia.

– Sim?

Relato-lhe em termos concisos os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas, enquanto ela vai sorvendo pequenos goles de café.

– Que coisa mais triste. E pensar que foi assim que o irmão morreu.

Uma coisa em que já pensei. Imenso.

– Por vezes o destino pode ser cruel – diz ela. – Mas, não sei porquê, não me surpreende.

– Não?

– Mickey sempre foi um rapaz com pouca sorte na vida. Primeiro, o irmão. Depois, aquele horrível acidente com Gavin.

– Por *culpa dele* – digo em tom indignado. – Era ele que ia a conduzir. E por causa dele o Gav está agora numa cadeira de rodas.

– É uma culpa muito pesada para se viver com ela, um peso que esmaga.

Olho para ela, exasperado. A minha mãe gosta sempre de exprimir um ponto de vista contrário, o que não tem importância quando não me diz respeito nem aos meus amigos.

– Não me pareceu esmagado por nada além da camisa cara e dos dentes postiços novos.

Ignora-me, tal como costumava fazer quando eu era garoto e dizia qualquer coisa que ela achava nem merecer um comentário.

– Ele ia escrever um livro – digo.

A minha mãe pousa a caneca e assume uma expressão séria.

– Sobre aquilo que aconteceu quando vocês eram miúdos?

Confirmo com um aceno de cabeça.

– Queria que o ajudasse.

– E o que lhe disseste?

– Disse que ia pensar.

– Estou a ver.

– Ainda há outra coisa, ele disse que sabia quem a matou.

Fitou-me com os seus grandes olhos escuros. Mesmo aos setenta e oito anos, continuam a ser penetrantes e límpidos.

– Acreditaste nele?

– Não tenho a certeza. Talvez.

– Ele disse mais alguma coisa sobre o que aconteceu então?

– Não. Porquê?

– Só por curiosidade.

Mas a minha mãe nunca faz uma pergunta só por curiosidade. A minha mãe nunca faz nada *só porque*.

– O que é, mãe?

Hesita.

– Mãeee...?

Poisa a mão fria e engelhada sobre a minha.

– Não é nada. Tenho pena do Mickey. Sei que não o vias há muito tempo. Mas vocês foram amigos. Deves estar transtornado.

Estou prestes a insistir com ela quando a porta da cozinha se abre e Chloe volta a entrar.

– Preciso de uma recarga – diz, a erguer a caneca. – Não vim interromper, pois não?

Olho de relance para a minha mãe.

– Não, de maneira nenhuma. Já estava de saída.



Antes de sair, a minha mãe deixa alguns sacos grandes que parecem ser vitais para a continuidade da harmonia e do bem-estar de *Mittens*.

Baseado em experiências anteriores, julgava que tudo quanto *Mittens* precisava para dar continuidade à sua harmonia e bem-estar era um fornecimento interminável de passarinhos e de ratos para estripar, em geral na minha cama quando eu acordava de uma ressaca, ou sobre a mesa da cozinha, quando estava a tomar o pequeno-almoço.

Liberto-o da transportadora e fitamo-nos, desconfiados, antes de ele saltar para o colo de Chloe e se espreguiçar com notória satisfação felina.

Odeio a crueldade para com os animais, mas para *Mittens* era capaz de abrir uma excepção.

Deixo-os sentados no sofá a ronronar de contentamento (não sei se *Mittens* se Chloe). Subo a escada até ao escritório, abro uma gaveta da secretária e tiro de lá o inofensivo sobrescrito castanho. Enfio-o no bolso e volto a descer a escada.

– Vou dar um salto às lojas – grito, e saio apressado de casa antes que Chloe me dê uma lista de compras comparável à *Guerra e Paz* e suficiente para forrar a papel uma pequena sala.

É dia de mercado. As ruas estão pejadas de automóveis estacionados que não encontraram lugar nos parques da cidade. Em breve chegarão os autocarros e os passeios estreitos ficarão apinhados de turistas a olhar para os mapas do Google e a apontar *iPhones* a tudo que tenha uma trave ou um telhado de colmo.

Dirijo-me para a pequena loja da esquina, onde compro um maço de cigarros e um isqueiro. Depois, atravesso o centro da cidade em direcção ao The Bull. Cheryl está a servir, mas, contra o costume, Gav não se encontra no seu poiso habitual, na mesa mais próxima.

Sem me dar tempo a aproximar do balcão, Cheryl levanta os olhos.

– Ele não está, Ed... e já sabe.



Vou encontrá-lo no nosso velho terreiro de brincadeiras, onde passávamos os dias ensolarados e quentes de Verão a chupar caramelos e a comer barras *Wham*. O mesmo sítio onde tínhamos encontrado os desenhos que nos guiaram até ao corpo dela.

Está sentado na cadeira de rodas, ao lado do velho banco. Daqui consegue entrever-se o reflexo das águas do rio e os restos da fita colocada pela polícia em redor das árvores, no local onde retiraram da água o corpo de Mickey.

A cancela range quando a empurro. Os baloiços retomaram a sua posição habitual, enrolados no alto, em volta da barra. O chão está juncado de lixo, de beatas, algumas mais suspeitas que outras. Já apanhei Danny Meyers e o seu bando a flanarem por aqui ao fim da tarde. Durante o dia, não. Durante o dia não vem aqui ninguém.

Gav não se vira à minha aproximação, embora deva ter ouvido a cancela a ranger. Sento-me no banco, perto dele. No colo tem um saco de papel, que me estende. Lá dentro há um sortido de rebuçados à moda antiga. Embora não me apeteça, agarro num disco voador.

– Custou-me três libras, isto – diz ele. – Numa daquelas lojas elegantes. Lembras-te de quando comprávamos um saco grande por vinte *pence*?

– Lembro. É por isso que tenho tantos dentes chumbados.

Deixa escapar uma gargalhada forçada.

– A Cheryl disse-me que já sabias do Mickey – começo.

– Pois sei. – Tira do saco um rato branco, que começa a chupar. – E nem vou fingir que tenho pena.

Acredito nele, mas tem os olhos vermelhos e a voz um pouco embargada. Quando éramos miúdos, o Gav *Gordo* e Mickey eram grandes amigos, até que tudo se começou a desmoronar. Muito antes do acidente, embora isso tenha sido o último prego ferrugento no caixão podre e rachado.

– A polícia foi falar comigo – continuo. – Fui a última pessoa a ver Mickey naquela noite.

– Não o empurraste, pois não?

Se era uma piada, não me arranca nem um sorriso. Gav olha para mim e franze o sobrolho.

– *Foi mesmo* um acidente?

– Provavelmente.

– Provavelmente?

– Quando o tiraram do rio encontraram-lhe uma coisa no bolso.

Olho em volta. Não há quase movimento no parque. Apenas um tipo que passeia o cão no caminho que bordeja o rio.

Tiro do bolso a minha carta e estendo-lha.

– Uma coisa destas.

Gav inclina-se para a frente. Espero. Gav sempre teve uma expressão impenetrável, mesmo quando era garoto. Era capaz de dizer uma mentira com uma desfaçatez que se aproximava da de Mickey. Percebo que hesita entre dizer ou não dizer outra.

– Parece-te familiar? – pergunto.

Confirma com a cabeça e acaba por dizer num tom cansado:

– Sim. Recebi uma. E o *Hoppo* também.

– *Hoppo*?

Fico a digerir a informação, e de repente sou assaltado por um ressentimento infantil, por não me terem dito nada. Por me terem deixado de fora.

– Por que razão não me disseram nada? – pergunto.

– Pensámos que se tratava de uma piada de mau gosto. E tu?

– O mesmo, creio. – Faço uma curta pausa. – Só que agora o Mickey está morto.

– Um resultado perfeito.

Gav mete a mão no saco dos rebuçados, tira uma garrafa de cola e enfia-a na boca.

Olho para ele durante um momento.

– Qual é a razão para odiar tanto o Mickey?

Deixa escapar uma gargalhada seca.

– Precisas mesmo de perguntar?

– Então é por isso? Por causa do acidente?

– É um motivo de peso, não te parece?

Tem razão. Só que, de repente, tenho a sensação de que guarda qualquer coisa para si. Levo a mão ao bolso e retiro o maço de *Marlboro Lights*, ainda por abrir. Gav olha para mim.

– Quando voltaste a fumar?

– Não voltei. Ainda.

– Tens um a mais?

– *Não podes* estar a falar a sério!

Ambos sorrimos. Ou quase.

Abro o maço e tiro dois cigarros.

– Pensei que também tinhas deixado.

– Pois sim. Mas hoje parece-me um dia bom para quebrar promessas.

Estendo-lhe o cigarro. Acendo o meu e passo-lhe o isqueiro. Quando inalo pela primeira vez sinto-me um pouco tonto, agoniado e eufórico.

Gav expele o fumo e diz:

– Porra, estas coisas sabem a merda. – Olha-me de viés. – Mas merda da boa, meu.

Outro sorriso.

– Portanto – digo –, já que estamos em maré de quebrar votos, não me queres contar nada a respeito do Mickey?

Baixa os olhos e o sorriso desaparece.

– Sabes do acidente? – Faz um gesto largo, com o cigarro na mão. – Uma pergunta estúpida. É claro que sabes.

– Sei o que me contaram. Não estava lá.

Franze a testa, a tentar recordar-se.

– Não, de facto não estavas, pois não?

– Devia estar a estudar.

– Bem, quem ia a conduzir nessa noite era o Mickey. Como sempre, aliás. Lembras-te de como adorava aquele *Peugeot* pequenino que tinha?

– Andava sempre nele como um louco.

– É isso. Era por isso que nunca bebia. Preferia conduzir. No meu caso, gostava mais de me meter nos copos.

– Éramos adolescentes. É o que se faz nessa idade.

Mas eu, não. Nesse tempo, não. Só que depois, tenho compensado sobremaneira.

– Foi o que fiz nessa festa. Apanhei uma bebedeira de caixão à cova. Perdido de bêbedo. Quando comecei a vomitar por todos os lados, Tina e Rich quiseram ver-se livres de mim e convenceram o Mickey a levar-me a casa.

– E o Mickey, também tinha bebido?

– Parece que sim. Não me recordo de o ver beber, mas a verdade é que não me lembro de muitas coisas dessa noite.

– Quando lhe mediram o grau alcoólico, ele estava acima do limite?

Gav acena.

– Estava. Mas disse-me que alguém lhe tinha misturado qualquer coisa na bebida.

– Quando te disse isso?

– Depois de sair do coma, foi visitar-me ao hospital. Nem pediu desculpa, começou logo a justificar-se, a dizer que a culpa não fora dele. Alguém lhe tinha misturado álcool na bebida e que se eu não estivesse naquele estado lastimável não se veria obrigado a levar-me a casa.

Muito típico do Mickey. Sempre a atirar as culpas para cima dos outros.

– Agora percebo por que razão continuas a odiá-lo.

– Não o odeio.

Olho-o com atenção, com o cigarro a meio caminho dos lábios.

– Já o odiei – afirma. – Durante algum tempo. Queria que fosse ele o culpado. Mas não consegui.

– Não estou a perceber.

– Não é por causa do acidente que não falo sobre o Mickey nem foi por causa disso que nunca mais o quis ver.

– Então foi porquê?

– Porque me faz lembrar que tive o que merecia. Mereço estar nesta cadeira de rodas. Por aquilo que fiz. *É o karma.*

De súbito, volto a ouvir a voz do senhor Halloran:

– Karma. *Colhe-se o que se semeia. Fazem-se coisas más e elas acabam por nos vir morder o traseiro.*

- O que fizeste?
- Matei o irmão dele.

1986

Além de trabalhar em casas particulares, a mãe de *Hoppo* também fazia a limpeza da escola primária, da igreja e do salão da igreja.

Foi assim que ficámos a saber sobre o reverendo Martin.

Como de costume, Gwen Hopkins chegou a St. Thomas no domingo de manhã, por volta das seis e meia, para lavar o chão, limpar o pó e deixar tudo a brilhar antes da primeira missa, às nove e meia. (Parece que o descanso dominical não se aplicava a quem prestava serviços ao vigário.) Os relógios ainda não tinham sido atrasados, de modo que ainda era escuro quando ela se dirigiu às grandes portas de carvalho, pegou na chave que guardava no chaveiro da cozinha e a meteu na fechadura.

As chaves de todas as casas que limpava estavam penduradas nesse chaveiro, com a indicação da morada do proprietário. Não muito seguro nem muito inteligente, sobretudo quando se considera que a mãe de *Hoppo* vinha à noite fumar para as traseiras da casa e às vezes se esquecia de voltar a fechar a porta à chave.

Mais tarde, nessa manhã, disse à polícia (e aos jornais) que tinha reparado que as chaves da igreja estavam na escápula errada. Não dera importância ao caso, nem ao facto de a porta das traseiras não estar fechada à chave porque, como ela disse, era um bocado distraída, mas costumava pendurar as chaves na escápula certa. O problema é que toda a gente sabia onde ela as guardava. Era um milagre que ninguém ainda as tivesse usado para roubar.

Bastava penetrar furtivamente lá em casa e depois ter acesso a uma casa da qual se soubesse que os donos estavam fora. Podia levar-se qualquer coisa por cuja falta não dessem, como um pequeno objecto decorativo ou uma caneta tirada de uma gaveta. Qualquer coisa pouco valiosa e que

pensariam ter deixado fora do lugar. Podia ser só isso. Para quem fosse o género de pessoa que gosta de tirar coisas.

A primeira coisa errada que Gwen notou foi que a porta da igreja não estava fechada à chave. Mas não lhe deu importância. Podia ser que o reverendo já lá estivesse. Por vezes ele levantava-se cedo e quando Gwen chegava à igreja ele já lá estava, a rever os sermões. Foi só quando penetrou na nave que se deu conta de que qualquer coisa estava mal. Muito mal.

A igreja não estava às escuras.

Em condições normais, tanto os bancos corridos como o púlpito não passavam de sombras negras e sólidas. Naquela manhã refulgiam, cobertos de traços brancos.

Talvez tenha hesitado. Talvez tenha sentido que se lhe arrepiavam os pêlos da nuca. Um daqueles arrepios de medo que atribuímos a uma partida da nossa imaginação, quando a verdadeira partida é iludirmo-nos com a ideia de que tudo está bem.

Gwen benzeu-se, procurou o interruptor, que ficava junto à porta, e ligou-o. Ao longo das naves laterais, as velhas lâmpadas, algumas fundidas e a precisarem de substituição, zumbiram e foram-se iluminando.

Gwen soltou um grito. O interior da igreja estava coberto de desenhos. No chão de pedra, nos bancos de madeira, no púlpito. Para onde quer que olhasse. Dezenas e dezenas de figuras brancas, desenhadas a giz. Umas a dançar, outras a acenar. E outras, muito mais profanas. Homens de pénis rígidos. Mulheres de peitos avultados. Pior do que tudo, homens enforcados, com laços em volta do pescoço. Fatídico, arrepiante. Mais do que arrepiante, aterrador.

Gwen esteve prestes a virar-se para fugir. Por pouco não deixou cair o balde das limpezas e desatou a correr para fora da igreja, tão depressa quanto lhe permitiam as pernas brancas. Se o tivesse feito, poderia ter sido demasiado tarde. Mas hesitou, e foi quando ouviu um ligeiro ruído. Um gemido fraco.

– Está aí alguém?

Novo gemido, desta vez um pouco mais alto. Que não podia deixar de ouvir. Um gemido de dor. Persignou-se outra vez – agora com mais

determinação – e percorreu a nave, com os cabelos da nuca eriçados e os braços em pele-de-galinha.

Foi encontrá-lo por detrás do púlpito. Enroscado no chão, em posição fetal. Todo nu, com excepção do plastrão eclesiástico. O tecido deste, dantes branco, apresentava manchas vermelhas. Tinha sido violentamente agredido na cabeça. Mais uma pancada e tê-lo-iam morto, disseram os médicos. Mas foi poupado à morte, se é que «poupado» é a palavra adequada.

Todavia, o sangue não provinha apenas da cabeça. Era também dos ferimentos nas costas. Gravados com uma faca; duas longas linhas irregulares que lhe corriam das omoplatas até às nádegas. Foi só depois de todo o sangue ser limpo que as pessoas perceberam que se tratava de...

Asas de anjo.



O reverendo Martin foi transportado para o hospital e ligado a uma imensidade de tubos e de outras coisas. O cérebro tinha sido afectado e os médicos precisavam de avaliar a gravidade das lesões antes de se decidirem a operá-lo.

Nicky foi ficar em casa de uma das manifestantes amigas do pai – uma senhora de idade, de cabelos encaracolados e óculos de lentes grossas. Mas não ficou lá muito tempo. Um ou dois dias mais tarde, um automóvel desconhecido estacionou à porta do vicariato. Um *Mini* amarelo, brilhante, com uma enorme quantidade de autocolantes: Greenpeace, um arco-íris, «Combater a SIDA» – esse género de coisas.

Não a cheguei a ver. Quem me contou foi Gav, que ouviu do pai dele, que por sua vez tinha ouvido a alguém no *pub*. Do automóvel saiu uma mulher. Uma mulher alta, de cabelos ruivos que lhe chegavam quase à cintura, vestida com umas calças de ganga grossas, um blusão verde do exército e botas de pára-quedista.

*Como uma daquelas tipas de Greenham Common*⁵.

Mas afinal não era de Greenham Common. Vinha de Bournemouth e era a mãe de Nicky.

Não tinha morrido, como todos pensávamos. Muito longe disso. Era apenas o que o reverendo Martin tinha dito a toda a gente, incluindo Nicky. Ao que parecia, tinha-se ido embora quando Nicky ainda era muito pequena. Mas eu não sabia porquê. Não percebia como uma mãe podia desaparecer. Mas agora estava de volta e Nicky ia viver com ela porque não tinha mais família e o pai não estava em condições de tomar conta dela.

Os médicos operaram-no e disseram que iria melhorar, que talvez até recuperasse. Mas não se podia ter a certeza. Quando se trata de lesões na cabeça, nunca se sabe. Com um pouco de ajuda, conseguia sentar-se numa cadeira, comer, beber, ir aos lavabos. Mas não conseguia falar – ou não queria – e eles não faziam ideia se ele percebia alguma coisa do que se lhe dizia.

Foi levado para uma casa onde cuidavam de pessoas com perturbações mentais, para «convalescer», disse a minha mãe. A Igreja pagava a conta. E ainda bem, pois não creio que a mãe de Nicky tivesse dinheiro para isso, ou talvez nem o quisesse fazer.

Tanto quanto sei, nunca levou Nicky a visitá-lo. Talvez fosse a sua maneira de se vingar dele. Durante todos aqueles anos ele andara a dizer a Nicky que a mãe tinha morrido e impedira-a de ver a filha. Ou talvez Nicky não quisesse lá ir. Não lhe posso levar a mal.

Só uma pessoa o visitava com regularidade, todas as semanas, sem falhar, e não era nenhum dos membros da congregação, nem nenhum dos seus «anjos» devotos. Era a minha mãe.

Nunca percebi porquê. No passado, tinham-se odiado. O reverendo Martin tinha dito e feito coisas horríveis à minha mãe. Mais tarde, ela havia de me dizer:

– Exactamente por isso, Eddie. Tens de compreender que ser uma pessoa boa nada tem a ver com entoar hinos nem rezar a um qualquer deus mítico. Não é usar um crucifixo nem ir todos os domingos à igreja. Uma pessoa boa não precisa de religião porque está em paz consigo mesma ao fazer o que deve ser feito.

– E é por isso que o visita?

Esboçou um estranho sorriso.

– Não, não é por isso. Tenho pena dele.



Acompanhei-a numa dessas visitas. Não sei porquê. Talvez não tivesse nada melhor para fazer. Ou porque fosse agradável estar na companhia da minha mãe, já que ela continuava a trabalhar muito e não passávamos muito tempo juntos. Ou motivado pela curiosidade mórbida de uma criança.

A casa chamava-se St. Magdalene e ficava a dez minutos de automóvel, na estrada para Wilton. Situada no fundo de uma alameda estreita bordejada de árvores de um lado e do outro. Era imponente: uma grande mansão antiga, com um extenso relvado às riscas em frente, salpicado de elegantes mesas e cadeiras brancas.

Havia uma barraca de madeira situada ao fundo e dois homens de fato-macaco que trabalhavam de modo penoso. Jardineiros, pensei. Um andava para trás e para diante com uma ruidosa máquina de cortar relva; o outro cortava os ramos secos das árvores com um machado e amontoava-os numa pilha, para os queimar.

Sentada a uma das mesas do jardim estava uma senhora idosa. Envergava um vestido com flores estampadas e na cabeça usava um chapéu profusamente ornamentado. Quando passámos por ela no automóvel ergueu o braço numa saudação:

– Ainda bem que vieste, Ferdinand.

Olhei para a minha mãe.

– Está a falar connosco?

– Não, Eddie, está a falar com o noivo.

– E ele vem visitá-la?

– Duvido. Já morreu há quarenta anos.

Estacionámos e subimos por uma vereda de gravilha que rangia debaixo dos nossos pés, em direcção a um grande portão. Lá dentro não era nada como eu imaginara. Continuava a ser agradável, ou pelo menos tentava ser, com as paredes pintadas de amarelo, ornatos, quadros e coisas assim. Mas cheirava a médicos. Um cheiro característico a desinfetante, urina e couves podres.

Senti que ia vomitar, ainda antes de chegarmos ao pé do reverendo. Uma senhora em uniforme de enfermeira conduziu-nos ao longo de uma sala muito comprida com muitas mesas e cadeiras. A um canto, uma televisão emitia uma claridade pálida. Estavam duas pessoas sentadas em frente dela. Uma mulher muito gorda que parecia meio adormecida e um jovem com óculos de lentes grossas e um aparelho auditivo, que de vez em quando se levantava, agitava os braços no ar e gritava:

– Dá-me com o chicote, Mildred!

Era ao mesmo tempo engraçado e embaraçoso. As enfermeiras nem pareciam dar por ele.

O reverendo Martin estava sentado numa cadeira, perto das portas envidraçadas, as mãos apoiadas nas pernas e um rosto tão inexpressivo como o de um manequim numa montra. Tinham-no colocado numa posição de onde podia ver o jardim, mas não sei se apreciava a vista. Olhava em frente sem expressão, para qualquer coisa situada ao longe – ou talvez para nada. Os seus olhos não se moviam, nem mesmo quando alguém passava perto ou quando o homem do aparelho auditivo gritava. Nem sei se chegava a piscar os olhos.

Não fugi da sala a correr, mas pouco faltou. A minha mãe sentou-se para lhe ler um livro clássico de um autor já falecido. Inventei uma desculpa para dar uma volta pelo jardim, só para sair dali e apanhar um pouco de ar fresco. A senhora do chapéu grande continuava sentada no mesmo sítio. Esforcei-me para me manter fora do seu ângulo de visão, mas quando me aproximei ela virou-se.

– O Ferdinand não vem, pois não?

– Não sei – gaguejei em resposta.

Os seus olhos fixaram-se em mim.

– Eu conheço-te. Como te chamas, rapaz?

– Eddie.

– Eddie, *minha senhora*.

– Eddie, *minha senhora*.

– Vieste visitar o reverendo.

– A minha mãe é que veio.

Assentiu com a cabeça.

– Queres saber um segredo, Freddie?

Estive para lhe dizer que me chamava Eddie, mas resolvi ficar calado. Havia algo de assustador naquela senhora, e não era só por ser velha, embora isso também contasse. Para um garoto, os velhos de peles engelhadas e mãos esqueléticas são figuras monstruosas.

Com um dedo fino e ossudo, fez-me sinal para que me aproximasse. A unha era amarela e recurvada. Uma parte de mim quis correr para longe. Mas qual é o garoto que não deseja conhecer um segredo? Dei um pequeno passo em frente.

– O reverendo... está a enganá-los a todos.

– Como?

– Já o vi, à noite. É o diabo disfarçado.

Esperei. A dama reclinou-se na cadeira e franziu o sobrolho.

– Eu conheço-te.

– Sou o Eddie – repeti.

De repente, apontou para mim.

– Sei o que fizeste, Eddie. Roubaste uma coisa, não foi?

Dei um salto.

– Não, não fiz nada disso.

– Devolve-a. Ou a devolves ou te mando açoitar com o chicote dos cavalos, meu vagabundo.

Recuei, seguido pelos gritos dela.

– Devolve o que roubaste, rapaz. Devolve!

Corri com todas as minhas forças de volta ao carreiro que conduzia à casa, o coração aos saltos no peito, a cara a arder. A minha mãe continuava a ler para o reverendo. Sentei-me cá fora nos degraus, até ela acabar.

Mas antes disso repus no seu lugar a pequena figura de porcelana que tinha tirado da sala comum.



Aconteceu tudo mais tarde, muito mais tarde. Depois da visita da polícia. Depois de terem vindo prender o meu pai. Depois de o senhor Halloran ter

sido obrigado a demitir-se da escola.

Nicky fora viver com a mãe em Bournemouth. O Gav *Gordo* foi uma ou duas vezes a casa do *Metal* Mickey para tentar fazer as pazes com ele, mas em ambas as ocasiões a mãe de Mickey lhe disse que o filho não podia vir e lhe bateu com a porta na cara.

– *Aquilo* era uma treta de merda – disse o Gav *Gordo*, que mais tarde tinha visto o Mickey a andar pelas lojas, na companhia de dois rapazes mais velhos.

Uns tipos grosseiros, que costumavam andar com o irmão dele.

Quanto a mim, pouco me importava saber com quem Mickey andava. Ainda bem que já não fazia parte da nossa quadrilha. Mas *importava-me* o facto de Nicky já não estar connosco, mais do que estava disposto a admitir ao *Hoppo* e ao Gav *Gordo*. E não era a única coisa que não lhes contava. Nunca lhes disse que ela tinha vindo ver-me uma última vez. No dia em que se fora embora.

Estava sentado à mesa da cozinha, a fazer os trabalhos de casa. O meu pai encontrava-se não sei onde a martelar e a minha mãe aspirava. Eu tinha o rádio ligado e foi por milagre que ouvi a campainha da porta.

Esperei um momento. Quando se tornou evidente que ninguém a ia abrir, deixei-me escorregar para o chão, corri para a entrada e fui abri-la.

Nicky estava lá fora, agarrada ao guiador da bicicleta. Muito pálida, com os cabelos ruivo-baços e emaranhados, e por baixo do olho esquerdo ainda era visível uma mancha amarela e azulada. Parecia um dos quadros abstractos do senhor Halloran. Uma versão pálida e atamancada da sua pessoa.

– Ei – saudou ela, e nem a voz parecia a mesma.

– Ei – disse eu em resposta. – Erámos para te fazer uma visita, mas...

Não continuei. Era mentira. Tínhamos medo, não sabíamos o que dizer. Como com o Mickey.

– Não faz mal – disse.

Mas fazia. Afinal, éramos os amigos dela.

– Queres entrar? – perguntei. – Tenho limonada e bolachas.

– Não posso. A minha mãe julga que estou a fazer a mala. Escapuli-me.

– Vais-te embora hoje?

– Vou.

O coração caiu-me aos pés. Senti que qualquer coisa dentro de mim dava de si.

– Vou sentir a tua falta – disse, a atropelar as palavras. – Vamos todos.

Preparei-me para uma resposta mordaz, sarcástica. Mas em vez disso deu um súbito passo em frente e abraçou-me. Um abraço tão apertado que nem parecia um abraço, foi mais um enlace desesperado, como se eu fosse a última tábuia a flutuar num mar de águas negras e tumultuosas.

Deixei que me apertasse. Inalei o cheiro dos caracóis retorcidos. Baunilha e pastilha elástica. Senti a agitação do peito dela. Os mamilos incipientes, através da camisola larga. Não me importava de ficar assim para sempre. Que ela nunca desfizesse o amplexo.

Mas desfez. Virou-se com a mesma brusquidão e passou a perna por cima da bicicleta. Depois, pedalou furiosamente pela estrada fora, os cabelos ruivos a flutuar atrás dela como uma massa de chamas furiosas. Sem mais uma palavra. Sem um adeus.

Fiquei a vê-la desaparecer e tomei consciência de outra coisa: não tinha feito qualquer alusão ao pai. Nem uma única vez.



A polícia apareceu de novo para falar com a mãe de *Hoppo*.

– Então, já sabem quem fez aquilo? – perguntou o Gav Gordo a *Hoppo*, enquanto metia na boca um rebuçado em forma de garrafa de cola.

Estávamos no recreio da escola, sentados num banco. O sítio onde nos costumávamos sentar os cinco, na orla do campo, perto dos quadrados do jogo da macaca. Agora, éramos só três.

Hoppo abanou a cabeça.

– Não creio. Estiveram a perguntar-lhe pela chave, quem sabia onde ela a guardava. E também lhe perguntaram outra vez pelos desenhos na igreja.

Aquilo despertou-me a atenção.

– Os desenhos? O que perguntaram?

– Se ela já tinha visto alguma coisa daquelas. Se o reverendo tinha falado noutras mensagens ou ameaças. Se alguém tinha algum ressentimento contra ele.

Agitei-me no banco, pouco à vontade. *Cuidado com os homens de giz.*

O Gav Gordo olhou para mim.

– O que foi, Eddie Munster?

Hesitei. Não sei porquê. Eram os meus companheiros. A minha quadrilha. Podia falar-lhes de tudo. Devia falar-lhes sobre os outros homens de giz.

Mas qualquer coisa me impediu.

Talvez porque o Gav Gordo, ainda que divertido, leal e generoso, não era muito seguro a guardar segredos. Talvez porque não quisesse falar a Hoppo no desenho do cemitério, pois teria de explicar o motivo que me levava a nada dizer na ocasião. E ainda porque me recordava do que ele tinha dito nesse dia: *Quando descobrir quem fez isto, mato-o.*

– Nada – respondi. – Só que nós desenhámos homens de giz, não foi? Espero que a polícia não pense que fomos nós.

O Gav Gordo fungou depreciativamente.

– Isso era só uma brincadeira de merda. Ninguém vai pensar que fomos nós a dar com uma tranca na cabeça do vigário. – O seu rosto iluminou-se.

– Aposto que foi algum desses tipos do satanismo. Um adorador do diabo. A tua mãe tem a certeza de que era giz? Não era *saaangue*?

Inclinou-se para trás, dobrou os dedos a imitar garras e soltou uma gargalhada demoníaca.

– *Aah, aahh, aaahh.*

A campainha tocou para as aulas da tarde e o assunto, embora não encerrado, foi adiado por algum tempo.



Quando voltei da escola, vi um carro desconhecido parado no caminho de acesso, e o meu pai estava sentado na cozinha com um homem e uma mulher que vestiam roupas cinzentas de má qualidade.

Pareceram-me secos e antipáticos. O meu pai estava sentado de costas para mim, mas pela maneira como o seu corpo se afundava na cadeira

imaginei-lhe o rosto perturbado, com as sobrancelhas farfalhudas unidas pela preocupação.

Não tive oportunidade para ver muito mais porque a minha mãe saiu da cozinha e fechou a porta atrás de si. Empurrou-me pelo corredor fora.

– Quem são? – perguntei.

A minha mãe não era pessoa para adoçar uma resposta.

– São detectives, Eddie.

– Polícias? O que estão eles aqui a fazer?

– Querem fazer umas perguntas a mim e ao teu pai, por causa do reverendo Martin.

Levantei os olhos para ela, com o coração já um pouco acelerado.

– Porquê?

– É a rotina. Estão a falar com muitas das pessoas que o conheciam.

– Mas não falaram com o pai do Gav *Gordo* e ele conhece toda a gente.

– Não sejas atrevido, Eddie. Vai ver televisão enquanto nós acabamos.

A minha mãe nunca me mandava ver televisão. Não havia televisão até ter terminado os trabalhos de casa, portanto percebi logo que se passava alguma coisa.

– Ia buscar qualquer coisa para beber.

– Eu trago-te.

Olhei demoradamente para ela.

– Há algum problema, mamã? Eles pensam que o papá fez alguma coisa?

O seu olhar adoçou-se. Pousou-me a mão no braço e deu-lhe um ligeiro aperto.

– Não, Eddie. O teu pai não fez nada de mal. Está bem? Agora, desaparece. Já te trago um sumo.

– Está bem.

Dirigi-me para a saleta e liguei a televisão. A minha mãe nunca me trouxe o sumo. Mas não fazia mal. Pouco depois, o polícia e a mulher saíram. O meu pai foi com eles. E percebi que nada estava bem. Nem um bocadinho.



Veio a saber-se que o meu pai *tinha* saído para dar uma volta na noite em que o reverendo foi atacado, mas que não tinha ido mais longe do que o The Bull. O pai de Gav atestou a sua presença lá, a beber uísque (o meu pai não bebia muitas vezes, mas quando o fazia nunca bebia cerveja como os outros pais, só uísque). O pai do Gav *Gordo* tinha conversado com ele, mas estava muito ocupado nessa noite, e além disso observou:

– Percebe-se quando um freguês apenas quer estar sozinho.

Mesmo assim, quando ele saiu, perto da hora de fecho, já tinha pensado em não lhe servir mais uísque.

Depois disso, o meu pai lembrava-se de pouca coisa, só que se tinha sentado para apanhar ar fresco num dos bancos do adro da igreja, que ficava a caminho de casa. Alguém o tinha visto lá, por volta da meia-noite. A minha mãe disse à polícia que o papá tinha voltado para casa pela uma da madrugada. A polícia não sabia ao certo a que horas o reverendo Martin tinha sido atacado, mas acreditavam que teria sido entre a meia-noite e as três da manhã.

Não deviam ter matéria bastante para acusar o meu pai, mas com a briga e as ameaças contra a minha mãe, não precisavam de mais nada para o levarem para a esquadra, para outro interrogatório. E talvez o tivessem retido lá, se não fosse o senhor Halloran.

Na manhã seguinte, entrou na esquadra da polícia para lhes dizer que naquela noite tinha visto o meu pai a dormir num banco do adro da igreja. Como não o queria deixar ali ficar, tinha-o acordado e ajudado a regressar a casa, até à cancela. Isto tinha acontecido entre a meia-noite e a uma hora. Tinham precisado de uns bons quarenta minutos (embora a distância se percorresse em dez) dado o estado em que o meu pai se encontrava.

E, disse ainda o senhor Halloran à polícia, que o meu pai não tinha quaisquer vestígios de sangue na roupa, não estava irado nem violento. Apenas embriagado e um tanto sentimental.

Este depoimento ilibou por completo o meu pai. Infelizmente, também suscitou perguntas sobre o motivo que levava o senhor Halloran a vaguear pelo adro da igreja a uma hora tão tardia e foi assim que todos ficaram a saber sobre a *Rapariga do Carrossel*.

⁵ Base militar americana no Reino Unido que encerrou em 1981 e onde depois se instalou um grupo de mulheres que protestavam contra o emprego de armas nucleares. (*N. do T.*)

2016

Pensamos que queremos respostas, mas o que realmente pretendemos são as respostas *certas*. É a natureza humana. Fazemos perguntas que esperamos nos dêem as verdades que queremos ouvir. O problema é que não podemos escolher as nossas verdades. A verdade tem o hábito de ser a verdade. A única opção que nos resta é acreditar ou não nela.

– Roubaste a bicicleta do Sean Cooper? – pergunto a Gav.

– Sabia que à noite ele a costumava deixar no carro de acesso. Julgava-se tão importante que ninguém se atreveria a levá-la. Mas foi o que fiz. Só para o chatear. – Cala-se por instantes. – Nunca pensei que ele se fosse meter no rio para a ir buscar. Nunca imaginei que acabasse por morrer afogado.

Pois não, digo para comigo. Mas toda a gente sabia a que ponto Sean adorava aquela bicicleta. Devia ter passado pela cabeça de Gav que roubá-la só poderia causar sarilho.

– Por que o fizeste? – pergunto.

Gav expele um anel de fumo.

– Vi o que ele te fez. Naquele dia, no campo de jogos.

A confissão atinge-me como um murro no estômago. Já se passaram trinta anos e ainda sinto a cara a arder com a vergonha da recordação. Os joelhos esfolados no alcatrão áspero. O sabor a urina e a suor na boca.

– Eu estava no parque – prossegue Gavin. – Vi como tudo aconteceu, e não fiz nada. Apenas fiquei a ver. Depois vi o senhor Halloran aparecer e disse para comigo que tudo ia ficar bem. Mas não ficou.

– Não podias ter feito nada – assegurei. – Eles davam cabo de ti.

– Mesmo assim, devia ter tentado. Os amigos são tudo. Lembras-te? Era o que eu sempre dizia. Mas quando o momento chegou, abandonei-te. Deixei

que Sean levasse a dele avante. Como acontecia com toda a gente. Se fosse hoje, ia parar à prisão por aquilo que fez. Naquela altura, todos tínhamos medo dele. – Olha-me com uma expressão de dureza. – Não era apenas um rufia. Era um psicopata de merda.

Gav tem razão. Pelo menos em parte. Não estou certo de que Sean Cooper fosse um psicopata, mas era de certeza um sádico. Em certa medida, é o que acontece com a maioria dos miúdos. Mas talvez se tornasse diferente quando fosse mais velho. Penso nas palavras do senhor Halloran no cemitério:

– *Nunca teve a hipótese de ser diferente.*

– Ficaste calado – observa Gav.

Aspiro o cigarro com mais força. O choque da nicotina provoca-me um zumbido nos ouvidos.

– Na noite a seguir à morte de Sean, alguém desenhou um homem de giz no acesso à minha casa. Um homem de giz *a afogar-se*. Uma espécie de mensagem.

– Não fui eu.

– Então quem foi?

Gav esmaga o cigarro no banco.

– Sabe-se lá. E que interesse tem isso? A porra dos homens de giz. É só disso que todos se lembram desse Verão. São mais os que se borrifaram para esses desenhos estúpidos do que os que se melindraram.

É verdade. Mas os dois casos estão indissoluvelmente associados. Como o ovo e a galinha. Qual deles surgiu primeiro? Os homens de giz ou a morte?

– És a única pessoa a saber, Ed – diz Gav.

– Não digo nada.

– Eu sei. – Suspira. – Alguma vez fizeste uma coisa tão má que nem aos amigos mais chegados possas contar?

Esmago o cigarro até ao filtro.

– Tenho a certeza de que toda a gente fez.

– Sabes o que uma vez me disseram? Os segredos são como o olho do cu. Todos os temos, só que uns são mais sujos do que outros.

– Uma excelente imagem mental.

– Pois é – e solta uma pequena gargalhada. – Um monte de merda.



Regresso a casa já ao cair da tarde. Entro, dirijo-me à cozinha, e logo franzo o nariz por causa do odor penetrante a dejectos de gato. Espreito para o tabuleiro de plástico. Não parece haver lá nada. O que tanto pode ser uma sorte como uma preocupação, dependendo do nível de perversidade de *Mittens* no dia de hoje. Tomo nota para inspeccionar os chinelos antes de lá enfiar os pés.

Tentadora, a garrafa de *bourbon* está sobre o balcão da cozinha, mas em alternativa (para manter a cabeça lúcida), tiro uma cerveja do frigorífico e subo para o piso de cima. Detenho-me um instante à porta do quarto de Chloe. Lá de dentro não vem nenhum som, mas sinto uma leve vibração nas pranchas do soalho, o que deve querer dizer que está a ouvir música com os auscultadores postos. Ainda bem.

Sigo em bicos de pés para o meu quarto e fecho a porta. Poiso a cerveja sobre a mesa-de-cabeceira, agacho-me e desloco a cómoda que está ao lado da janela. É pesada e arrasta pelo chão, mas não me incomodo com o ruído. Quanto Chloe ouve música, é de rebentar os tímpanos. Era capaz de não se aperceber de um pequeno tremor de terra.

Pego numa velha chave de parafusos que guardo na gaveta da roupa interior e uso-a para levantar as tábuas do soalho. Quatro. São mais do que quando era garoto. Agora tenho mais coisas para esconder.

Retiro uma das duas caixas entaladas na cavidade, levanto a tampa e observo o conteúdo. Tiro o objecto mais pequeno e desenrolo com cuidado o papel de seda envolvente. Lá dentro está um brinco de ouro solitário, em forma de argola. Não é ouro verdadeiro, é uma peça barata, de fantasia, já um tanto manchada. Seguro-o na palma da mão por alguns momentos, a deixar o metal aquecer. A primeira coisa que tirei dela, julgo eu. Na feira, no dia em que tudo começou.

Percebo como Gav se deve sentir. Se não tivesse roubado a bicicleta de Sean Cooper, este ainda poderia estar vivo. Um estúpido acto infantil que resultou numa tragédia terrível. Mas Gav não poderia ter previsto

semelhante desenlace. Como eu também não podia. Mesmo assim, sou avassalado por uma sensação estranha, de desconforto. Não de culpa. Uma sensação gêmea. De responsabilidade. Por tudo.

Tenho a certeza de que Chloe diria que é por eu ser um homem isolado e obcecado consigo mesmo, que assume a responsabilidade de tudo e acredita que o mundo gira à sua volta. Em certa medida, é verdade. A solidão pode levar à introspecção. Por outro lado, talvez eu não tenha concedido tempo suficiente à introspecção, nem à análise do passado. Volto a embrulhar cuidadosamente o brinco e recoloco-o na caixa.

Talvez seja o momento para uma longa deambulação pelas velhas alamedas da memória. Mas não se trata de um glorioso passeio ao sol, a evocar ternas recordações. É uma vereda escura, ensombrada por nós entrelaçados de mentiras e segredos e semeada de buracos ocultos.

E ao longo do caminho há homens de giz.

1986

– Não se escolhe quem se ama.

Foi o que me disse o senhor Halloran.

Creio que tinha razão. O amor não é uma escolha. É uma compulsão. Agora sei isso. No entanto, por vezes *devíamos* escolher. Ou pelo menos escolher *não nos deixarmos* apaixonar. Combatê-lo, afastarmo-nos dele. Se o senhor Halloran escolhesse não se apaixonar pela *Rapariga do Carrossel*, tudo poderia ter sido diferente.

Isto foi só depois de ele ter abandonado a escola, quando me esgueirei de casa e atravessei a cidade de bicicleta para o visitar na sua pequena vivenda. Um dia frio. O céu de um cinzento-férreo, duro e inflexível como um bloco de betão. Por vezes, despejava aqui e ali uns chuviscos esparsos. Demasiado desesperado para uma chuvada a sério.

O senhor Halloran tinha sido obrigado a pedir a demissão. O caso não foi publicitado. Penso que esperavam que ele se afastasse discretamente. Mas, como é evidente, todos sabíamos que ele se ia embora, e por que razão.

Durante a convalescença da *Rapariga do Carrossel*, o senhor Halloran fora visitá-la ao hospital. E continuara a visitá-la depois de ela sair. Encontravam-se no parque, ou para beber um café. Imagino que devem ter agido com muita discrição, porque nunca ninguém os viu, ou se alguém viu não se apercebeu. A *Rapariga do Carrossel* tinha pintado o cabelo de uma tonalidade mais clara, quase loura. Nunca percebi porquê, pois o cabelo dela era muito bonito. Mas talvez sentisse a necessidade de o mudar, já que também ela tinha mudado. Por vezes usava uma bengala para andar. Outras vezes, coxeava. Presumo que se alguém os *tivesse* visto pensaria que o senhor Halloran estava apenas a ser simpático. Por essa altura, ainda era considerado um herói.

Mas isso mudou quando as pessoas descobriram que a *Rapariga do Carrossel* o visitava à noite na vivenda, e que ele se introduzia em segredo em casa dela, na ausência da mãe. Fora por isso que naquela noite, ao regressar a casa, passara pelo adro da igreja.

Foi aí que a merda chegou à ventoinha, pois a *Rapariga do Carrossel* tinha apenas dezassete anos e o senhor Halloran mais de trinta, e era professor. As pessoas deixaram de o ver como um herói, mas antes como um perverso e um pedófilo. Os pais indignados foram à escola falar com a directora. E embora ele não tivesse oficialmente, ou legalmente, feito nada de errado, ela não teve remédio senão pedir-lhe que se fosse embora. Estava em causa a reputação da escola e a «segurança» das crianças.

Começaram a circular histórias sobre como o senhor Halloran deixava cair as borrachas durante a aula para poder espreitar para as saias das raparigas ou como se deixava ficar por ali durante o recreio, a olhar para as pernas delas, e como uma vez na cantina tinha tocado no peito de uma das empregadas, quando ela lhe fora limpar a mesa.

Nada daquilo era verdade, mas os boatos são como os germes. Espalham-se e multiplicam-se num abrir e fechar de olhos, e antes que se dê por isso já toda gente está contaminada.

Gostaria de poder dizer que tomei o partido do senhor Halloran e que defendi o seu nome perante os outros miúdos. Mas não é verdade. Tinha doze anos e aquilo era a escola. Ri-me das piadas que contavam sobre ele e não disse uma palavra quando as pessoas lhe chamavam nomes ou espalhavam rumores insidiosos.

Nunca lhes disse que não acreditava em nada do que diziam. Que o senhor Halloran era uma pessoa boa. Porque tinha salvado a vida da *Rapariga do Carrossel* e também tinha salvado o meu pai. Não lhes pude falar nos belos quadros que ele pintava nem do dia em que me salvou das garras de Sean Cooper, nem como me tinha ensinado a manter-me firme no que era importante. A mostrar verdadeira firmeza.

Creio que foi por isso que naquele dia o fui visitar. Além de ser obrigado a pedir a demissão, fora forçado a abandonar a vivenda. Era alugada pela escola e seria ocupada pelo professor que o viesse substituir.

Quando estacionei a bicicleta cá fora e bati à porta, continuava a sentir-me pouco à vontade e um tanto assustado. O senhor Halloran levou algum tempo a abrir. Hesitava quanto a ir-me embora, pensando que ele não estava em casa, embora o automóvel estivesse estacionado na rua em frente, quando a porta se abriu e o senhor Halloran assomou à entrada.

Não sei como, mas pareceu-me diferente. Sempre fora magro, mas agora tinha um ar esquelético. Se isso fosse possível, diria mesmo que a sua pele estava mais branca. Tinha os cabelos soltos, vestia *jeans* e uma *T-shirt* escura que deixava à vista os braços musculosos, onde a única cor era o azul das veias, surpreendentemente vivo sob a pele translúcida. Naquele dia, o seu aspecto era mesmo de uma criatura estranha e não humana, como o *Homem de Giz*.

– Olá, Eddie.

– Olá, senhor Halloran.

– O que estás aqui a fazer?

Uma boa pergunta, pois agora que ali estava não fazia ideia.

– O teu pai e a tua mãe sabem que estás aqui?

– Bem... não.

Franziu a testa, veio à rua e olhou em redor. Na ocasião, não percebi porquê. Mais tarde acabaria por compreender – com todas as acusações que lhe eram dirigidas, a última coisa que desejava era ser visto a convidar um rapazinho para entrar em sua casa. Julgo que esteve quase a mandar-me embora, mas depois olhou para mim e a sua voz adoçou-se:

– Entra, Eddie. Queres beber alguma coisa? Um sumo, leite?

Na verdade não me apetecia, mas seria mal-educado recusar, de maneira que disse:

– Eh... pode ser leite.

– Está bem.

Segui o senhor Halloran até à cozinha acanhada.

– Senta-te.

Sentei-me numa das cadeiras de pinho desengonçadas. O balcão da cozinha estava atafalhado de caixas e o mesmo acontecia com a sala de estar.

– Vai-se embora? – perguntei.

Uma pergunta estúpida, pois já sabia que sim.

– Vou – respondeu o senhor Halloran, a tirar o leite do frigorífico e a verificar a data de validade antes de procurar um copo dentro das caixas.

– Vou morar com a minha irmã, na Cornualha.

– Oh, pensei que a sua irmã tinha morrido.

– Tenho outra irmã, mais velha. Chama-se Kirsty.

– Oh!

O senhor Halloran estendeu-me o copo de leite.

– Está tudo bem, Eddie?

– Eu... eh... queria agradecer-lhe, pelo que fez pelo meu pai.

– Não fiz nada. Limitei-me a dizer a verdade.

– Pois sim, mas não tinha de o fazer, e se não tivesse...

Deixei no ar o resto da frase. Aquilo era horrível. Mais horrível do que tinha imaginado. Não queria ali estar. Queria ir-me embora e, no entanto, senti que não podia.

O senhor Halloran soltou um suspiro.

– Eddie, nada disto tem a ver com o teu pai ou contigo. De qualquer maneira, tencionava ir-me embora dentro de pouco tempo.

– Por causa da *Rapariga do Carrossel*?

– Estás a falar da Elisa?

– Sim – assenti.

Bebi um gole de leite. Pareceu-me um pouco passado.

– Pensamos que um novo começo pode ser o melhor para os dois.

– Então ela vai consigo para a Cornualha?

– Espero que sim.

– As pessoas andam a dizer coisas más a seu respeito.

– Eu sei. Não são verdadeiras.

– Eu sei.

Mas deve ter percebido que eu precisava de uma explicação convincente, de maneira que continuou:

– Elisa é uma rapariga muito especial, Eddie. Não quis que nada disto acontecesse. Só queria ajudá-la, ser amigo dela.

– Então por que não ficou só amigo dela?

– Quando fores mais velho vais perceber. Não escolhemos as pessoas que amamos, que nos podem fazer felizes.

Mas ele não parecia feliz. Como se espera das pessoas apaixonadas. O seu ar era triste e desorientado.



Pedalei de regresso a casa, um tanto confuso e também desorientado. O Inverno estava a chegar, e às três horas da tarde o dia perdia consistência e dissolvia-se numa poalha crepuscular.

Tudo parecia frio e lúgubre e irremediavelmente diferente. O nosso grupo estava desfeito. Nicky vivia com a mãe em Bournemouth. Mickey tinha novos amigos, pouco simpáticos. Continuava a encontrar-me com *Hoppo* e o Gav *Gordo*, mas já não era a mesma coisa. Um grupo de três apresentava os seus problemas próprios. Sempre tinha visto *Hoppo* como o meu melhor amigo e agora, quando ia à procura dele, descobria que ele tinha saído com o Gav *Gordo*. O que dava origem a um sentimento diferente: despeito.

O meu pai e a minha mãe também estavam diferentes. Depois da agressão ao reverendo Martin, os protestos à porta da clínica da minha mãe tinham cessado.

– Foi como cortar a cabeça do monstro – disse o meu pai.

Mas enquanto a minha mãe andava mais descontraída, o meu pai parecia mais nervoso e irritadiço. Talvez aquela coisa com a polícia o tivesse abalado ou houvesse outra razão. Esquecia-se das coisas e irritava-se por tudo e por nada. Por vezes ia encontrá-lo sentado numa cadeira, a olhar para o vazio, como se esperasse alguma coisa mas não soubesse o que era.

Essa atmosfera de expectativa parecia pairar sobre toda a Anderbury. Tudo parecia suspenso. A polícia ainda não tinha acusado ninguém do ataque ao reverendo Martin, de modo que talvez fosse o efeito da suspeita: um olhar em volta, a dúvida se alguém conhecido teria sido capaz de fazer uma tal coisa.

As folhas encarquilhavam-se, secavam e acabavam por perder a frágil ligação que as prendia às árvores. Uma sensação de atrofia e morte que

penetrava todas as coisas. Já nada parecia fresco, colorido ou inocente. Como se toda a cidade estivesse provisoriamente suspensa na sua cápsula temporal poeirenta.

Como se veio a verificar, *estávamos* mesmo à espera. E quando a mão branca da rapariga acenou por entre o montão de folhas mortas, foi como se toda a cidade despertasse de um longo torpor estagnado. Porque tinha acontecido. O pior tinha por fim acontecido.

2016

Na manhã seguinte acordo cedo. Ou melhor, acabo por desistir do sono ao fim de horas às voltas e reviravoltas, apenas interrompidas por sonhos dos quais só em parte me recordo.

Num deles, o senhor Halloran está montado no carrossel com a *Rapariga do Carrossel*. Tenho a certeza de que é ela por causa das roupas, pois falta-lhe a cabeça, poisada no colo do senhor Halloran, a gritar de cada vez que o empregado do carrossel, que identifico como Sean Cooper, lhes faz dar voltas atrás de voltas.

– *Grita se quiseses andar mais depressa, Cara de Merda. Já disse, GRITA!*

Arranco-me pesadamente da cama, a tremer e sem ter descansado. Visto qualquer coisa antes de descer a escada. Como penso que Chloe ainda deve estar a dormir, vou matando o tempo fazendo café, a ler e a fumar dois cigarros, do lado de fora da porta das traseiras. Quando o relógio marca mais de nove horas, o que é uma hora respeitável, pego no telefone e ligo para *Hoppo*.

Quem atende é a mãe.

– Olá, senhora Hopkins. O David está?

– Quem fala?

A voz dela é débil e trémula. Em acentuado contraste com os sons secos e precisos da minha mãe. A mãe de *Hoppo* sofre de demência. Como o meu pai, só que a Alzheimer dele surgiu mais cedo e progrediu mais depressa.

É por essa razão que *Hoppo* ainda vive na casa onde cresceu. Para tomar conta da mãe. Por vezes gracejamos sobre o facto de nenhum de nós, dois homens adultos, termos abandonado o lar de infância. Uma piada um tanto amarga.

– É Ed Adams, senhora Hopkins – digo.

- Quem?
- Eddie Adams. O amigo do David.
- Ele não está.
- Oh! Sabe quando volta?

Uma pausa prolongada. Depois, em tom mais áspero.

- Não precisamos de nada. Já temos vidros duplos.

Poisa bruscamente o telefone. Fico por um momento a olhar. Sei que não se deve dar grande importância ao que Gwen diz. O meu pai perdia-se com frequência a meio de uma conversa e dizia as coisas mais disparatadas que lhe vinham à cabeça.

Ligo para o telemóvel de *Hoppo*. Vou parar ao correio de voz. É sempre assim. Se não fosse por causa do negócio, tenho a certeza de que nunca havia de ligar o maldito telefone.

Bebo de um trago o que resta do meu quarto café e dirijo-me para o corredor. O dia está frio para meados de Agosto e o vento sopra com força. Olho em volta, à procura do sobretudo. Costuma estar dependurado no cabide, ao lado da porta. Há já algum tempo que não o visto, pois o tempo tem estado agradável. No entanto, agora que preciso dele, não está no sítio.

Franzo o sobrolho. Detesto coisas fora do lugar. Foi o princípio do declínio do meu pai, e de cada vez que perco o norte às chaves sofro um ligeiro ataque de pânico. Começa-se por perder os objectos, depois perdem-se as palavras que os designam.

Lembro-me do meu pai uma manhã, o olhar vago fixado na porta da rua, a mexer em silêncio os lábios, as sobrancelhas cerradas de inquietação. Depois, bateu as palmas de repente como uma criança, sorriu e apontou para o puxador da porta.

– O *cabide* da porta. O *cabide* da porta. – Virou-se para mim. – Pensava que me tinha esquecido.

Estava tão feliz, tão contente, que não o pude contradizer. Limitei-me a sorrir.

- Boa, pai. Essa foi mesmo boa.

Verifico de novo o cabide. Pode ser que tenha deixado o sobretudo lá em cima. Mas não, por que razão haveria de levar o sobretudo lá para cima?

Mesmo assim, subo penosamente a escada e procuro no meu quarto. Nas costas da cadeira? Não. Pendurado atrás da porta? Não. Dentro do roupeiro? Passo em revista as roupas penduradas nos cabides... até que vejo uma coisa enrolada a um canto, mesmo no fundo.

Dobro-me para a apanhar. O meu sobretudo. Olho para ele. Amarrotado, vincado e um pouco húmido. Tento recordar-me da última vez que o vi. Na noite em que Mickey cá esteve. Recordo-me de pendurar o seu elegante e caro casaco desportivo no cabide ao lado dele. E depois disso? Não me recordo de o ter voltado a vestir.

Mas talvez tenha. Talvez o tenha vestido mais tarde, nessa mesma noite, e vagueado pela noite fria e húmida e... *e o quê?* Empurrei o Mickey para o rio? Tenho a certeza de que me havia de lembrar se tivesse atirado ao rio o meu velho amigo.

É mesmo, Ed? Mas não te lembras de ter descido a escada e desenhado os homens de giz na lareira, pois não? Tinhas bebido imenso. Não fazes ideia do que poderás ter feito nessa noite.

Calo a vizinha irritante. Não tinha motivo para fazer mal ao Mickey. Estava a dar-me uma grande oportunidade. E se Mickey soubesse quem de facto matara a *Rapariga do Carrossel* – e assim ilibar o senhor Halloran – eu teria ficado satisfeito, não era?

Então, o que faz o sobretudo amarrotado no fundo do teu roupeiro, Ed?

Volto a olhar para ele e faço correr os dedos pelo tecido de lã áspera. Só então reparo noutra coisa. No punho de uma das mangas. Umas manchas baças, cor de ferrugem. Sinto um aperto na garganta.

Sangue.



Ser adulto não passa de uma ilusão. Quando penso nisso a sério, não estou seguro de que alguém chegue a adulto. Ficamos apenas mais altos e com mais pêlos na cara. Por vezes espanto-me por me deixarem conduzir um automóvel ou que ninguém me tenha denunciado por beber no *pub*.

Por baixo do verniz da idade adulta, sob as camadas de experiência que vamos acumulando à medida que os anos vão inexoravelmente avançando,

continuamos a ser crianças com os joelhos esfolados e ranho no nariz que precisam dos pais... e dos amigos.

A furgoneta de *Hoppo* estava parada cá fora. Ao dar a volta à esquina deparo com *Hoppo* a descer da sua velha bicicleta, dois sacos cheios de paus secos e cascas sobre o guiador e uma grande mochila às costas. Acodem-me à memória os dias ensolarados de Verão, quando ele vinha do bosque carregado de lenha e gravetos para a mãe.

Apesar de tudo, não consigo evitar um sorriso quando o vejo passar a perna por cima do selim e encostar a bicicleta ao lancil.

– Ed, o que andas por aqui a fazer?

– Tentei ligar-te, mas tinhas o telemóvel desligado.

– Pois é. Fui ao bosque. O sinal lá é muito fraco.

– Os velhos hábitos levam tempo a morrer – respondo com um aceno de cabeça.

Hoppo sorri.

– A memória da minha mãe pode estar a desaparecer, mas nunca me havia de perdoar se eu tivesse de pagar pela lenha.

O sorriso desaparece-lhe do rosto, talvez ao atentar na minha cara.

– O que se passa?

– Já sabes do Mickey?

– Que fez ele agora?

Abro a boca, a língua agita-se lá dentro, até que o cérebro lhe ordena que articule as palavras óbvias:

– Está morto.

– Morto?

É curioso como as pessoas repetem sempre aquela palavra, ainda que saibam que a ouviram bem. Uma espécie de negação por adiamento.

Ao fim de alguns instantes, *Hoppo* pergunta:

– Como? O que aconteceu?

– Afogado. No rio.

– Jesus! Como o irmão.

– Não exactamente. Olha, posso entrar?

– Claro, com certeza.

Hoppo conduz a bicicleta à mão pelo carreiro curto. Sigo atrás dele. *Hoppo* abre a porta. Entramos por um corredor estreito e escuro. Não venho a casa de *Hoppo* desde que éramos garotos e mesmo então era raro entrar, por causa da barafunda. De vez em quando brincávamos no quintal dele, mas não durante muito tempo, pois o espaço era pequeno, pouco mais de um metro. Muitas vezes também lá havia cocó de cão por apanhar, algum recente, outro já esbranquiçado.

A casa cheira a suor, a comida azeda e a desinfetante. Do meu lado direito, através da porta aberta da sala de estar, vejo o mesmo sofá coçado de tecido às flores, e as cobertas de renda de um amarelo-sujo, cor de nicotina. A um canto, a televisão. No outro, uma cadeira com retrete e um andarilho.

A mãe de *Hoppo* está sentada ao lado do sofá, num cadeirão de costas altas, a olhar para um concurso qualquer na televisão. Gwen Hopkins sempre foi uma mulher pequena, mas com a idade e a doença parece ter encolhido ainda mais. Perdida dentro de um enorme vestido estampado e de um *cardigan* verde. Os seus punhos emergem das mangas como minúsculas excrescências de carne seca e mirrada.

– Mãe? – chama *Hoppo* em tom carinhoso. – Está aqui o Ed. Lembra-se do Eddie Adams?

– Olá, senhora Hopkins – cumprimento, naquele tom ligeiramente mais alto que as pessoas adoptam para falar com os velhos e os doentes.

Vira-se devagar e faz um esforço para perceber o que vê, ou talvez seja a sua mente a procurar um ténue entendimento. Sorri, a revelar os dentes postiços, regulares e de cor creme.

– Lembro-me de ti, Eddie. Tinhas um irmão. Sean, não era?

– Não, mãe, esse era o Mickey – corrige *Hoppo*. – Mickey é que tinha um irmão chamado Sean.

A senhora Hopkins franze a testa e sorri de novo.

– Ah, pois claro. *Mickey*. Como está ele?

– Está bem, mãe – responde *Hoppo* com rapidez. – Muito bem.

– Ainda bem. Podes arranjar-me um chá, David?

– Com certeza, mãe. – Olha-me de relance. – Vou pôr a cafeteira ao lume.

Deixo-me ficar à porta, a sorrir para Gwen, embaraçado. Paira na sala um cheiro desagradável. Pergunto-me há quanto tempo não será despejado o bacio.

– É um bom rapaz – diz Gwen.

– Pois é.

Franze a testa.

– Quem é você?

– Ed. Eddie. O amigo do David.

– Ah, sim, sim. Onde está o David?

– Foi à cozinha.

– Tem a certeza? Pensei que tinha ido passear o cão.

– Qual cão?

– *Murphy*.

– É isso. Não, não me parece que tenha ido passear o *Murphy*.

Aponta-me um dedo, que agita no ar.

– Tem razão. O *Murphy* morreu. Estava a falar do *Buddy*.

Buddy era o nome do cão que *Hoppo* tivera depois de *Murphy* e que também já tinha morrido.

– Oh, com certeza.

Faço um gesto de assentimento, ao qual ela corresponde. Acenamo-nos com a cabeça. Teríamos feito um figurão no óculo traseiro de um automóvel.

Inclina-se na minha direcção, sobre o braço da cadeira de rodas.

– Lembro-me de ti, Eddie. A tua mãe matava bebés.

A respiração prende-se-me na garganta. Gwen continua a sorrir e a acenar com a cabeça, mas agora há nisso qualquer coisa diferente, um esgar amargo no canto dos lábios, uma súbita lucidez nos olhos azul-baços.

– Não te preocupes. Eu não lhes digo nada. – Inclina-se para a frente, bate no nariz e pisca o olho num gesto vagaroso e trémulo. – Sei guardar um segredo.

– Ora cá está – diz *Hoppo*, a emergir da cozinha com uma chávena de chá.

– Está tudo bem?

Olho para Gwen, mas a sua lucidez desvanece-se e o olhar volta a toldar-se, perdido na confusão.

– Tudo bem – respondo. – Estávamos só a conversar.

– Pronto, mãe, está aqui o chá. – Pousa a chávena sobre a mesa. – Cuidado, está quente. Tem de o soprar antes de beber.

– Muito obrigada, Gordy.

– Gordy? – pergunto, virado para *Hoppo*.

– O meu pai – responde num murmúrio.

– Oh!

Em geral, o meu pai não confundia as pessoas, mas por vezes chamava-me «filho» para que eu não percebesse que se tinha esquecido outra vez do meu nome.

Gwen reclina-se na cadeira, a olhar para a televisão, uma vez mais fechada no seu mundo, ou talvez num outro qualquer. Como é fino o tecido que separa as diversas realidades. Pode ser que os espíritos não se percam. Pode ser que apenas se passem para um outro lugar, onde podem vaguear.

Hoppo dirige-me um sorriso triste.

– Vamos até à cozinha?

– Claro.

Se tivesse sugerido nadar com tubarões também teria concordado, só para sair daquela sala abafada e malcheirosa.

A cozinha não é muito melhor. Os pratos sujos amontoam-se no lava-loiças. Sobre o balcão, pilhas de revistas antigas, envelopes, embalagens económicas de sumos e de *cola*. A mesa foi limpa à pressa, mas ainda se vêem os restos de um velho rádio, ou talvez sejam peças internas de um motor. Não sou habilidoso com as mãos – como sempre aconteceu com *Hoppo* –, não tenho jeito para montar e desmontar coisas.

Sento-me numa das velhas cadeiras de madeira. Range e desengonça-se um pouco.

– Chá? Café? – oferece *Hoppo*.

– Ehhh... pode ser café, obrigado.

Hoppo dirige-se para a cafeteira, que para variar é nova, e pega num par de canecas que estavam a escorrer.

Despeja algum pó de café na minha e vira-se para me encarar.

– Então? O que aconteceu?

Volto a relatar os acontecimentos dos dois últimos dias. *Hoppo* escuta-me em silêncio. A sua expressão não se altera até eu chegar ao último pormenor.

– O Gav diz que também recebeste uma carta – digo.

Faz um gesto de concordância e acrescenta água a ferver ao pó de café.

– Sim, já lá vão mais ou menos duas semanas. – Dirige-se ao frigorífico, tira um pacote de leite, cheira-o e despeja um pouco em cada caneca. – Achei que se tratava de uma piada de mau gosto.

Traz as bebidas para a mesa e senta-se à minha frente.

– Mas a polícia pensa que foi um acidente, a morte do Mickey?

Eu tinha sido intencionalmente vago quanto a isso, mas agora digo:

– Para já.

– Pensas que vão mudar de opinião?

– Encontraram a carta.

– Não quer dizer nada.

– Não?

– O quê? Pensas que alguém nos vai apanhar um por um, como uma coisa saída de um livro?

Não era o que eu pensava, mas agora que ele o dizia tornava-se demasiado plausível. E faz-me pensar noutra coisa. Será que Nicky também teria recebido uma carta?

– Estou a brincar – diz ele. – Tu disseste que o Mickey estava embriagado. Estava escuro e não há luzes ao longo daquele troço do caminho. O mais provável é ter caído. Os bêbedos estão sempre a cair aos rios.

Tem razão, *mas*. Há sempre um «mas». Uma coisa chata e irritante que nos causa um nó nas tripas.

– Há mais alguma coisa?

– Naquela noite, quando o Mickey foi lá a casa, estivemos a conversar, e ele disse... disse que sabia quem tinha morto a Elisa.

– Uma ova!

- Bem, foi o que eu pensei, mas e se ele estivesse a dizer a verdade?
Hoppo bebe um pequeno gole de café.
- Então pensas que foi o «verdadeiro» assassino que empurrou Mickey para o rio?
- Não sei – digo, e abano a cabeça.
- Olha, o Mickey sempre foi bom a armar confusões. E parece que o consegue fazer mesmo depois de morto. – Cala-se por um momento. – Além disso, foste a única pessoa a quem ele falou nessa teoria, não foste?
- Penso que sim.
- Se assim é, como podia o «verdadeiro» assassino saber que o Mickey desconfiava dele?
- Bem...
- A menos que tenhas sido tu.
- Olho-o nos olhos.
- As manchas baças, cor de ferrugem. Sangue.*
- Estava a brincar – diz ele.
- É evidente.
- Beberico um gole de café. *É evidente.*



No regresso da casa de *Hoppo*, pego no telemóvel e ligo para Chloe. Continuo a sentir que as coisas não estão bem entre nós. Como se houvesse algo pendente, à espera de resolução. Incomoda-me. Além de *Hoppo* e de Gav, é a única amiga verdadeira que tenho.

Atende ao terceiro toque.

- Estou.
- Olá. Sou eu.
- Já percebi.
- Refreia o teu entusiasmo.
- Estou a tentar.
- Desculpa aquilo de ontem, da minha mãe.
- Não faz mal. É a tua mãe. É a tua casa.

– Sim, mas de qualquer maneira peço desculpa. O que estás a fazer para o almoço?

– Estou no trabalho.

– Oh! Pensei que hoje estivesses de folga.

– Adoeceu uma pessoa.

– Está bem. Bem...

– Olha, desculpas aceites, Ed. Tenho de desligar. Uma cliente.

– Tudo bem. Então, até logo.

– Talvez.

Desliga a chamada. Fico por um momento a olhar para o telefone. Com Chloe, as coisas nunca são fáceis. Paro, acendo um cigarro e penso em comprar uma sanduíche a caminho de casa. Depois, reconsidero. Chloe pode estar a trabalhar, mas há-de ter um intervalo para almoço. Não me deixo pôr de parte com tanta facilidade. Volto para casa, pego no automóvel e conduzo até Boscombe.

Nunca visitei Chloe quando ela está a trabalhar. Devo confessar que uma «loja alternativa *rock*/gótica» não é o meu *habitat* natural. Creio que tenho tido um certo receio de lhe causar embaraço, e a mim também.

Nem sei ao certo onde é. Abro caminho por entre o tráfego habitual de um feriado e lá encontro um estacionamento com parquímetro. Gear, a loja de Chloe (o símbolo da marijuana no anúncio sugere mais do que vestuário), fica a meio de uma rua lateral, entalada entre um bar para estudantes e uma loja de artigos em segunda mão e em frente de um clube de *rock* chamado The Pit.

Empurro a porta, que faz retinir uma sineta. Dentro da loja, a luz é escassa e o ruído intenso. Qualquer coisa que tanto pode ser música como alguém a quem arrancam os membros do corpo – um coro de gritos por cima da minha cabeça que logo me agredem dolorosamente os tímpanos.

Algumas adolescentes esqueléticas deambulam por entre as roupas expostas, não sei se fazem parte do pessoal ou se são clientes. Do que *tenho* a certeza é que Chloe não está. Franzo a testa. À caixa está uma jovem esguia, de cabelo encarniçado de um lado, o crânio rapado do outro, e uma abundância de *piercings* de prata disseminados pela cara. Quando se vira,

noto que na *T-shirt* que lhe cobre o corpo escanzelado exhibe as palavras «*Furada. Penetrada. Mutilada.*» Que maravilha.

Dirijo-me para a caixa. A *Rapariga dos Piercings* olha-me e sorri.

– Olá. Posso ajudá-lo?

– Bem... na verdade estava à procura de outra pessoa.

– Que pena.

Solto uma risada, um tanto nervoso.

– Uma pessoa que trabalha aqui. Uma amiga. Chloe Jackson.

A rapariga franze o sobrolho.

– Chloe Jackson?

– Sim. Magra. Cabelo escuro. Costuma vestir-se de preto.

Continua a olhar para mim e dou-me conta de que a descrição é aplicável a quase todas as pessoas que ali se encontram.

– Desculpe. Não me estou a lembrar de ninguém. Tem a certeza de que ela trabalha aqui?

Tinha, mas começo a duvidar de mim. Se calhar, enganei-me na loja.

– Há mais alguma loja deste género em Boscombe?

Pensa antes de responder.

– Na verdade, não.

– Está a ver.

Talvez por causa da expressão desolada do meu rosto e com pena do cavalheiro de meia-idade atrapalhado, diz:

– Oiça, só aqui estou há duas semanas. Deixe-me perguntar ao Mark. É o gerente.

– Muito obrigado – agradeço, embora aquilo não esclareça nada.

Chloe disse que estava *hoje* na loja, e tanto quanto sei tem vindo para cá trabalhar durante os últimos nove meses.

Enquanto espero observo uma fiada de relógios cujos mostradores são lúbricas caveiras vermelhas e uma pilha de postais de aniversário com os dizeres impressos «Aniversário Fodido» e «Feliz Aniversário, puta».

Ao cabo de alguns minutos surge em passo vagaroso um tipo alto e esgalgado, de cabeça rapada e com uma barba enorme.

– Olá. Chamo-me Mark e sou o gerente.

– Olá.

– Anda à procura da Chloe?

Experimento um certo alívio. Ele conhece-a.

– Sim. Julguei que trabalhava aqui.

– Trabalhou, mas já não trabalha.

– Sim? E quando saiu?

– Há mais ou menos um mês.

– Pronto. Estou a ver. – Embora de facto não esteja. – Estaremos a falar da mesma Chloe?

– Magra, cabelo preto, quase sempre apanhado em dois rabichos?

– Parece-me ela.

Fita-me com atenção.

– Disse que é sua amiga?

– Pensei que era.

– Para ser franco consigo, tive de a mandar embora.

– O que quer dizer com isso?

– Por causa das suas maneiras. Foi muito rude para com alguns clientes. Mais uma vez, parece coisa de Chloe.

– Pensei que fosse natural, numa loja destas.

O homem sorri.

– Descontracção, sim. Insultos, não. Além disso, teve uma discussão aos berros com uma mulher que aqui entrou. Fui obrigado a intervir. Cheguei a pensar que se iam envolver à pancada. Por disso, despedi-a.

– Estou a ver.

Dou-me tempo para digerir tudo aquilo, como se fosse *salmonela*. Percebo que estão os dois a olhar para mim.

– Peço desculpa – digo. – Devem ter-me dado uma informação errada.

Uma forma elegante de dizer que fui enganado por alguém que pensava conhecer.

– Muito obrigado pela ajuda.

Dirijo-me para a porta e é então que tenho o meu momento Columbo. Viro-me.

– A mulher com quem Chloe discutiu, qual era o aspecto dela?

– Magra, bastante atraente para uma mulher daquela idade. Cabelos ruivos, compridos.

Imobilizo-me, com todos os nervos alerta.

– Cabelos ruivos?

– Sim. Vermelho-labareda. De facto, era uma brasa.

– Presumo que não tenha percebido o nome dela, não?

– Apontei-o, embora ela não quisesse, mas tinha de o fazer para o caso de haver alguma queixa.

– E ainda tem o papel onde o apontou? Sei que é pedir muito, mas... é mesmo importante.

– Bem, gosto sempre de ajudar os clientes. – Franze a testa, puxa pela barba e olha-me de alto a baixo. – É cliente, não é? Como não lhe vi nenhum saco...

Era de esperar. Não há almoços grátis. Suspiro, volto atrás e agarro na primeira camisola preta que encontro, decorada com caveiras lascivas. Passo-a à *Rapariga dos Piercings*.

– Levo esta.

A rapariga sorri, abre uma gaveta e tira de lá um pedaço de papel amarrotado, que me estende. Mal consigo decifrar o nome garatujado:

Nicola Martin.

Nicky.

1986

– *Tens de ter um sonho. Se não tiveres um sonho, como se pode o sonho tornar realidade?*

Curiosamente, essa canção vem-me sempre à memória quando penso no dia em que a encontrámos. Conheço muitas canções de filmes musicais antigos, talvez por ser o que tinham sempre a tocar na casa de repouso, quando íamos visitar o papá. Depois de a minha mãe ter admitido a sua incapacidade para cuidar dele em casa.

Já vi muitos horrores, mas a terrível decadência do meu pai por causa da Alzheimer, antes de se poder reformar, é o que me atormenta os dias e me faz acordar encharcado em suores frios. Há a morte violenta, repentina e sangrenta, e há outra coisa muito pior. Se tivesse de escolher, saberia por qual optar.

Tinha vinte e sete anos quando assisti à morte do meu pai. Tinha doze anos, onze meses e oito dias quando pela primeira vez vi um cadáver.

Por estranho que pareça, já esperava que acontecesse. Desde a agressão ao reverendo Martin. Talvez mesmo desde o acidente de Sean Cooper e do primeiro homem de giz.

E também porque tinha tido um sonho.

Estava no bosque. Bem embrenhado. As árvores erguiam-se como velhos gigantes nodosos, a esticar os membros queixosos em direcção ao céu. Uma Lua pálida e remelosa espreitava-lhes por entre os dedos curvos e retorcidos.

Estava de pé numa pequena clareira, cercado por montões de folhas castanhas apodrecidas. O ar húmido da noite penetrava-me na pele e entranhava-se-me nos ossos. Só trazia vestido o pijama, uns ténis e uma

camisola com capuz. Arrepiado de frio, puxei para cima o fecho de correr da camisola. Frio como o gelo, o metal do fecho encostou-se-me ao queixo.

Verdadeiro. Demasiado verdadeiro.

Havia mais qualquer coisa. Um cheiro. Um cheiro doentio, adocicado e ao mesmo tempo azedo. Invadiu-me as narinas e entupiu-me a garganta. Uma vez tínhamos topado com um texugo morto no bosque. Já tinha apodrecido, e estava coberto de larvas. Era o mesmo cheiro.

Percebi de imediato. Já tinham decorrido quase três meses sobre o acidente. Muito tempo para estar debaixo de terra. Muito tempo para estar deitado num caixão duro e brilhante enquanto as flores se transformam em pó e os vermes castanhos se retorcem sobre a carne amolecida, a abrir caminho para o interior.

Virei-me. Sean Cooper, ou o que restava dele, sorria para mim com os lábios gretados que se desfaziam em escamas à volta dos pedúnculos esbranquiçados dos dentes que emergiam das gengivas negras e apodrecidas.

– *Ei, Cara de Merda.*

No lugar onde antes eram os olhos agora só havia duas cavernas escuras e vazias. Mas não vazias. Lá dentro, consegui entrever coisas que se mexiam. Coisas pretas e brilhantes que deslizavam, frenéticas, no interior mole da concavidade das órbitas.

– O que estou aqui a fazer?

– *Diz-me tu, Cara de Merda.*

– Não sei. Não sei por que razão estou aqui. Não sei por que razão *estás* aqui.

– *É fácil, Cara de Merda. Eu sou a Morte, a tua primeira experiência próxima com a Morte. Parece que nunca te saio da cabeça.*

– Não quero pensar em ti. Quero que te vás embora.

– *Difícil como a merda. Mas não te preocupes, em breve terás mais merda para te aparecer em pesadelos.*

– O quê?

– *O que te parece?*

Olhei em redor. Os troncos das árvores estavam cobertos de desenhos. Homens brancos, de giz. Moviam-se. Agitavam-se e vibravam sobre a casca, como que entregues a uma folia macabra. Os membros finos acenavam e esvoaçavam. Não tinham rosto, mas sem saber como, tinha a noção de que sorriam. E não era um sorriso agradável.

Senti um arrepio que me chegou aos ossos.

– Quem os desenhou?

– *O que te parece*, Cara de Merda?

– Não sei!

– *Sabes sim*, Cara de Merda. *Só que ainda não percebeste*.

Piscou-me o olho, não sei como, pois não tinha olhos nem pálpebras, e desapareceu. Desta vez não foi numa nuvem de pó, mas numa repentina cascata de folhas que, chegadas ao solo, se começaram de imediato a encarquilhar e a decompor.

Voltei a erguer os olhos. Os homens de giz tinham desaparecido. O bosque também. Estava no meu quarto, a tremer de medo e de frio e sentia nas mãos as picadas da dormência. Enfiei-as nos bolsos. E só então me apercebi.

Tinha os bolsos cheios de giz.



A nossa quadrilha não se voltara a reunir desde a zaragata. Nicky tinha-se ido embora, como é óbvio, e agora o *Metal Mickey* tinha os seus novos companheiros. Quando encontrava algum de nós, *Hoppo*, o *Gav Gordo* ou eu, fingia não nos ver. Por vezes, quando passávamos, ouvíamos os risos abafados da quadrilha dele e alguém a murmurar «Maricas», «Panascas», ou qualquer outro insulto.

Naquela manhã, ao passar pelo parque de jogos, mal o reconheci. Tinha o cabelo mais comprido e mais claro. Começava a parecer-se assustadoramente com o irmão. E tive a certeza de que andava a vestir algumas das roupas de Sean.

Na verdade, durante um horrível momento, julguei ver o irmão sentado no carrossel, à minha espera.

– *Ei, Cara de Merda, não me queres chupar a picha?*

E desta vez tive a certeza – bem, tive *quase* a certeza – de que não se tratava de um sonho. Para já, era de dia. Os espíritos e os *zombies* não aparecem à luz do dia. Só existem naquele vácuo adormecido que se arrasta da meia-noite até ao romper da madrugada e se desfazem em poeira sob os efeitos dos primeiros raios do Sol. Pelo menos era nisso que acreditava, quando tinha doze anos.

Mas então Mickey sorriu, e era apenas ele. Escorregou para fora do carrossel, onde se tinha encavalitado a mascar pastilha elástica e saltitou na minha direcção.

– Ei, Eddie *Munster*. Viste a mensagem?

Vira-a quando descera a escada, desenhada a azul no caminho de acesso. O símbolo que usávamos quando nos queríamos encontrar no parque, e três pontos de exclamação. Um, indicava urgência; dois, queria dizer que tinha de ser já; três, era uma questão de vida ou de morte.

– Para que queres um encontro? O que é assim tão urgente?

Mickey franziu a testa.

– Eu? Não fui eu que deixei a mensagem.

– Deixaste-me uma mensagem. A azul.

Sacudiu a cabeça.

– *Não*. Recebi uma mensagem do *Hoppo*. A verde.

Olhámo-nos.

– Uau! O regresso do filho pródigo! – exclamou o Gav *Gordo* ao entrar no parque. – O que se passa?

– Alguém te deixou uma mensagem para vires aqui? – perguntei.

– Sim. Foste tu, *Cara de Caralho*.

Entrávamos em explicações quando *Hoppo* chegou.

– Quem *te* disse para vires? – perguntou-lhe o Gav *Gordo*.

Hoppo lançou-lhe um olhar intrigado.

– Foste tu. O que se passa?

– Alguém quis que nos reuníssemos aqui – disse eu.

– Porquê?

– *Sabes, sim, Cara de Merda. Só que ainda não percebeste.*

– Penso que vão fazer mal a alguém, ou já fizeram.

– Vai-te lixar! – desdenhou Mickey.

Relanceei os olhos em volta. Outra mensagem. Tinha de haver outra, estava certo disso. Comecei a andar à volta do parque de jogos. Os outros ficaram a olhar para mim, como se eu estivesse maluco. E então aponte. Por baixo do baloiço dos bebés. Um desenho a giz branco. Mas este era diferente. A figura tinha cabelos compridos e usava um vestido. Não era um *homem de giz*, era uma rapariga, e desenhadas ao lado dela apareciam várias árvores, também a giz branco.

Recordo-me bem desse momento. A aspereza do giz branco sobre o alcatrão preto. O ligeiro ranger do ferrugento baloiço de bebé e o frio cortante do ar matinal.

– Mas que merda é esta? – perguntou *Metal Mickey* quando se aproximou.

Hoppo e o *Gav Gordo* vieram atrás dele. Todos baixaram os olhos para o desenho.

– Temos de ir ao bosque – disse eu.

– *Não podes* estar a falar a sério! – exclamou o *Gav Gordo*, mas sem grande convicção.

– Eu não vou ao bosque – declarou *Metal Mickey*. – Vai demorar imenso tempo, e para quê?

– Eu vou – afirmou *Hoppo*, e embora desconfiasse que dizia aquilo só para contrariar o Mickey, agradou-me ter o apoio dele.

O *Gav Gordo* revirou os olhos, encolheu os ombros e disse:

– Eu também alinho.

Metal Mickey deixou-se ficar de parte, numa atitude rebelde, com as mãos enfiadas nos bolsos. Olhei para os outros dois.

– Vamos embora.

Voltámos a atravessar o parque de jogos para ir buscar as bicicletas.

– Esperem! – *Metal Mickey* aproximou-se. Olhou para nós, ameaçador. – É melhor que isto não seja uma piada parva.

– Não é nenhuma piada – disse eu e ele assentiu com um gesto da cabeça.

Conduzimos as bicicletas à mão para fora do parque. Olhei para trás, na direcção dos baloiços. Não sei se algum dos outros reparou, mas havia algo de diferente na figura da rapariga. Parecia partida. As linhas do corpo não eram contínuas. Braços, Pernas. Cabeça. Não estavam juntos.



De uma maneira estranha – a mesma maneira como quando as coisas horríveis acontecem e se sente um desejo avassalador de rir até não se conseguir parar – a ida dessa manhã ao bosque foi a mais alegre e divertida de sempre.

Era raro irmos ao bosque durante o Inverno, com excepção de *Hoppo*, que pedalava até lá para ir buscar lenha. Naquele dia o Sol brilhava, e o vento cortante fustigava-nos o rosto e sacudia-nos o cabelo. Sentia na pele um formigueiro fresco. As minhas pernas pareciam conseguir pedalar mais rapidamente do que nunca. Nada nos poderia parar. Apetecia-me que a cavalgada não tivesse fim, o que, como é evidente, não podia ser. Mais depressa do que esperávamos, a massa escura do bosque surgiu-nos à frente.

– E agora? – perguntou o *Metal Mickey*, um pouco ofegante.

Descemos das bicicletas. Olhei em volta. Foi então que o vi. Desenhado na cerca de madeira, perto dos degraus. Um braço de giz, com um dedo a apontar para a frente.

– Para a frente é que é o caminho – disse o *Gav Gordo*, a levantar a bicicleta por cima dos degraus.

A expressão dos seus olhos denunciava o mesmo que eu sentia. Um pressentimento, uma excitação que rondava a histeria. Não sei se algum deles sabia ao certo o que devia procurar. Ou talvez soubessem, mas não se atreviam a dizê-lo em voz alta.

Não há miúdo que não anseie por encontrar um cadáver. Melhor do que isso só se for uma nave espacial, um tesouro enterrado ou uma revista pornográfica. Naquele dia estávamos dispostos a encontrar uma coisa horrível. E foi o que aconteceu. Mas creio que ninguém previu a que ponto seria horrível.

O Gav *Gordo* seguia à frente e lembro-me de isso me ter irritado. Aquela aventura era *minha*. Era a *minha* coisa. Mas o Gav *Gordo* sempre tinha sido o nosso chefe, de modo que achei justo. A quadrilha estava de novo reunida. Quase.

Penetrámos muito fundo no bosque antes de a ver. Uma mão desenhada no tronco de uma árvore.

– Por aqui – disse o Gav *Gordo*, já a arquejar.

– Sim, isso já nós vimos – observou o *Metal Mickey*, a desvalorizar a indicação.

Hoppo e eu trocámos um olhar e sorrimos. Parecia que as coisas voltavam à normalidade. As alterações estúpidas. Os comentários depreciativos de Mickey.

Abandonámos a vereda e fomos avançando com dificuldade pela espessura do matagal. De vez em quando ouvia-se um súbito restolhar e um bando de estorninhos ou de corvos debandava das árvores. Por duas vezes julguei ouvir o restolhar ao nível do solo. Possivelmente um coelho, ou alguma raposa, que por vezes também lá apareciam.

– Parem! – ordenou o Gav *Gordo*, e todos estacámos.

Apontou para outra árvore, à nossa frente. No tronco da árvore, desta vez não havia nenhum braço desenhado, mas uma rapariga. Por cima de um grande montão de folhas. Olhámos uns para os outros. E depois de novo para o montão de folhas, de onde emergia qualquer coisa.

– Foda-se! – exclamou o Gav *Gordo*.

Eram dedos.



As unhas eram curtas e limpas, pintadas de uma bela cor pastel. Nem roídas, nem partidas, nada. A polícia diria que ela não oferecera resistência. Ou que não tivera hipótese. A pele era mais clara do que eu me recordava, com o bronzeado do Verão a dar lugar a uma pigmentação mais própria do Inverno. No dedo médio usava um pequeno anel de prata com uma pedra verde ao centro. Assim que o vi, percebi que o braço pertencia à *Rapariga do Carrossel*.

Hoppo foi o primeiro a debruçar-se. De todos nós, era quem tinha mais estômago. Uma vez vi-o pôr cobro com uma pedra ao sofrimento de um pássaro ferido. Com a mão, afastou mais folhas.

– Oh, merda! – murmurou *Metal Mickey*.

A extremidade lascada do osso era muito branca. Foi o que mais me despertou a atenção, mais do que o sangue, que tinha coagulado num tom baço, de ferrugem, que se confundia com as folhas que continuavam a cobrir parcialmente o braço. Cortado por altura do ombro.

De repente o *Gav Gordo* sentou-se no chão.

– É um braço – disse num sussurro. – É a porra de um braço.

– Bem visto, *Sherlock* – comentou *Mickey*, mas até os seus habituais comentários cáusticos lhe saíam com uma tremura na voz.

O *Gav Gordo* olhou para mim, esperançado.

– Isto pode ser uma piada? Pode não ser verdadeiro?

– É verdadeiro – respondi.

– O que fazemos?

– Chamamos a polícia – disse *Hoppo*.

– É isso, é isso – murmurou *Gav*. – Pode ser que ainda esteja viva...

– Não pode estar viva, meu gordo estúpido – contrapôs *Mickey*. – Está tão morta como o *Sean*.

– Não sabes isso.

– Sabemos, sim – repliquei, a apontar para outra árvore, onde se via um dedo desenhado a giz. – Há mais indicações... para os restos dela.

– Temos de chamar a polícia – insistiu *Hoppo*.

– Ele tem razão – apoiou *Mickey*. – Venham daí. Temos de lá ir.

Todos anuímos. Começámos a andar. Até que o *Gav Gordo* disse:

– Não devia ficar alguém... para o caso de...?

– De quê? De o braço se levantar e fugir? – troçou *Mickey*.

– Não. Não sei. Só para termos a certeza de que não lhe acontece nada.

Trocámos olhares. Ele tinha razão. Alguém tinha de ficar de guarda. Mas ninguém queria. Nenhum de nós desejava ficar sozinho na clareira do bosque com um braço desmembrado, a ouvir o restolhar das folhas caídas, a sobressaltar-se com a debandada dos pássaros, a imaginar...

– Eu fico – prontifiquei-me.

Quando os outros se foram embora, sentei-me ao lado dela. Estendi hesitantemente a mão e toquei-lhe nos dedos. Porque era o que ela também parecia querer. A estender a mão, para que alguém a agarrasse. Esperasse que estivesse fria como o gelo. Mas na verdade era macia, e quase quente.

– Tenho muita pena. Tenho tanta pena – disse eu.

Não sei durante quanto tempo permaneci no bosque. Não deve ter sido mais do que meia hora. Quando a quadrilha regressou, acompanhada por dois polícias locais, as minhas pernas estavam entorpecidas e julgo ter caído numa espécie de transe.

Mas pude garantir à polícia que ninguém tinha vindo importunar o braço. Que estava tal e qual o tínhamos encontrado. O que era quase verdade.

A única diferença era um círculo ligeiramente mais claro no dedo médio, onde antes tinha estado um anel.



Encontraram o que restava dela espalhado pelo bosque, oculto debaixo de outros montes de folhas. Quero dizer, encontraram quase tudo. Deve ter sido por isso que levaram tanto tempo a perceber de quem se tratava. É claro que eu já sabia. Mas ninguém me perguntou. Perguntaram muitas outras coisas. *O que andavam a fazer pelo bosque? Como encontraram o corpo?* Quando lhes falámos nos desenhos a giz nas árvores mostraram grande interesse *nisso*, mas quando lhes tentei falar nos outros desenhos, nas mensagens, creio que não me perceberam.

É o mal dos adultos. Por vezes não dão importância ao que dizemos, só ouvem o que querem ouvir.

Para a polícia, éramos apenas garotos a brincar no bosque que seguiram as indicações traçadas a giz e depararam com um cadáver. Não foi assim que aconteceu, mas também não foi muito diferente. Deve ser assim que nascem os mitos. O passado é contado e recontado e, de cada vez que isso acontece, qualquer coisa é acrescentada ou elidida e ao fim de algum tempo a nova história acaba por se tornar um facto.

Como é natural, não havia ninguém na escola que não quisesse falar connosco. Foi mais ou menos como depois da feira, só que desta vez as pessoas estavam ainda mais interessadas, porque ela tinha morrido. E estava em bocados.

Houve uma reunião em que esteve presente um polícia que nos avisou para sermos muitíssimo cautelosos e não falarmos com desconhecidos. Por essa altura, havia inúmeros desconhecidos na cidade. Gente com câmaras de televisão e microfones, a falar pelas ruas ou na orla do bosque. Não fomos autorizados a voltar lá. Passaram uma fita a rodear o local, e por todo o lado havia polícias de guarda.

Tanto o *Gav Gordo* como o *Metal Mickey* deliciaram-se a relatar os pormenores macabros e a inventar outros. *Hoppo* e eu deixámos que fossem eles a fazer as despesas da conversa. Era uma coisa excitante, e tudo o mais, mas também me sentia um tanto culpado. Não me parecia correcto tirar tanto partido da morte de uma rapariga. Como me parecia injusto que a *Rapariga do Carrossel* tivesse sobrevivido àquele dia na feira sem perder a perna para que lha cortassem depois. Um monte de merda malcheirosa.

Também me senti mal por causa do senhor Halloran. Parecera-me tão triste da última vez que o vira, e a *Rapariga do Carrossel* estava viva e preparavam-se para partir e viver juntos. Agora ela estava morta e não iria para lado algum, excepto para o mesmo lugar escuro e frio onde repousava Sean Cooper.

Uma noite, durante o jantar, tentei falar nisso ao meu pai e à minha mãe.

– Tenho muita pena do senhor Halloran.

– Do senhor Halloran? Porquê? – quis saber o meu pai.

– Porque ele a salvou e agora ela está morta e todo aquele trabalho foi para nada.

A minha mãe soltou um suspiro.

– Tu e o senhor Halloran foram muito corajosos nesse dia. E não penses que não valeu de nada. Nunca deves pensar isso, seja o que for que as pessoas digam.

– E o que dizem as pessoas?

A minha mãe e o meu pai trocaram um olhar de «adultos», daqueles de que julgam que os miúdos não se apercebem, como por magia.

– Eddie – disse a minha mãe –, sabemos que gostas muito do senhor Halloran. Mas por vezes não conhecemos as pessoas tão bem como julgamos. O senhor Halloran não está cá há muito tempo. Ninguém o conhece verdadeiramente.

Olhei para um e para o outro.

– As pessoas pensam que foi ele quem a matou?

– Não foi isso que nós dissemos, Eddie.

Nem precisavam. Tinha doze anos, mas não era estúpido.

Senti um nó na garganta.

– Ele nunca a teria matado. Ele amava-a. Iam-se embora juntos. Foi ele que disse.

A minha mãe franziu a testa.

– Quando te disse ele isso, Eddie?

Estava encurralado.

– Quando o fui visitar.

– Foste visitá-lo? Quando?

Encolhi os ombros.

– Há mais ou menos duas semanas.

– A casa dele?

– Sim.

O meu pai pousou a faca com ruído.

– Eddie, nunca mais lá deves ir, percebes?

– Mas ele é meu amigo.

– Já não é, Eddie. Neste momento, não sabemos ao certo o que ele é. Nunca mais te deves encontrar com ele.

– Porquê?

– Porque é isso que te dizemos, Eddie – replicou a minha mãe em tom áspero.

A minha mãe *nunca* dizia aquilo. Costumava dizer que não se pode mandar uma criança fazer qualquer coisa e esperar que ela o faça sem uma razão. Mas detectei-lhe no rosto uma expressão que nunca lhe tinha visto.

Nem quando o pacote chegou. Nem quando o tijolo nos entrou pela janela. Nem mesmo quando aquelas coisas más aconteceram ao reverendo Martin. Parecia assustada.

– Então, prometes?

Baixei os olhos e disse entredentes:

– Prometo.

O meu pai pousou-me no ombro uma grande mão pesada.

– Lindo menino.

– Posso ir um bocadinho para o meu quarto?

– Com certeza.

Deixei-me escorregar da cadeira e subi a escada. Pelo caminho, descruzei os dedos.

2016

Respostas. Para uma pergunta que nem formulei. Que nunca pensei formular. Seria Chloe o que aparentava ser? Teria andado a mentir-me?

Tive de a despedir. Teve uma discussão com uma cliente. Nicky.

Procuro nas gavetas da cozinha, a vasculhar freneticamente entre listas de restaurantes de *take away*, cartões de vendedores e folhetos de supermercado, na tentativa de pôr em ordem os meus pensamentos tumultuosos, em busca de uma explicação racional.

Talvez Chloe tenha encontrado outro emprego e não se tenha dado ao trabalho de me contar. Talvez se sentisse envergonhada por ter sido despedida, embora isso não seja muito próprio de Chloe. Talvez a discussão com Nicky fosse accidental. Talvez nem fosse a Nicky que eu conheço (ou conhecia). Podia ser outra mulher de meia-idade, magra e atraente, com cabelos ruivos e chamada Nicky. Sim, pode ser. Estou a imaginar coisas, mas é *possível*.

Por diversas vezes me sinto tentado a ligar-lhe, mas não o faço. Ainda não. Antes disso, tenho de fazer outra chamada.

Fecho a gaveta com força e dirijo-me para o andar de cima. Não para o meu quarto, mas para o quarto onde guardo as minhas colecções. Olho para as caixas empilhadas e de cabeça excluo logo algumas.

Depois de partir, Nicky enviou um postal a cada um de nós com o seu novo endereço. Escrevi-lhe várias vezes, mas nunca tive resposta.

Tiro três caixas de uma das prateleiras mais altas e começo a trabalhar nelas. A primeira não oferece resultados, nem a segunda. Desencorajado, abro a terceira.

Quando o meu pai morreu, recebi outro postal. Apenas com uma palavra. *Lamento. N.* E desta vez, acompanhada por um número de telefone. Nunca

lhe liguei.

O meu olhar aterra sobre um postal amarrotado com uma imagem do cais de Bournemouth. Pego nele e viro-o. *Bingo!* Agarro no telefone.

Farta-se de tocar. Pode ser que o número já não seja este. Pode ter mudado de telefone. É...

– Estou?

– Nicky, é o Ed.

– *Ed?*

– Eddie Adams...

– Não, não, sei muito bem quem és. Apenas fiquei surpreendida. Já se passou bastante tempo.

É verdade. Mas ainda consigo perceber quando ela está a mentir. Não está surpreendida. Está preocupada.

– Eu sei.

– Como tens passado?

Uma boa pergunta. Com muitas respostas. Opto pela mais fácil.

– Já estive melhor. Escuta, sei que isto é inesperado, mas podemos conversar?

– Julguei que era o que estávamos a fazer.

– Pessoalmente.

– A respeito de quê?

– Chloe.

Silêncio. Tão prolongado que pensei que desligara o telefone.

Até que diz:

– Largo o trabalho às três.



O comboio para Bournemouth chega às três e trinta. Passo o resto do dia a fingir que leio, a virar as páginas do livro mais recente de Harlan Coben. Quando o comboio pára, saio da estação e junto-me à multidão que se dirige para a beira-mar. Atravesso nos semáforos e enveredo pelos carreiros sinuosos de Bournemouth Gardens.

Apesar de não ficar a mais de trinta quilómetros, raramente vou a Bournemouth. Não sou um apreciador da beira-mar. Já em criança tinha medo das ondas e detestava a areia esponjosa e áspera que se metia entre os dedos dos pés; uma sensação que se agravou quando uma vez vi alguém a enterrar uma sanduíche meio comida. Desde então, recuso-me a andar descalço pela areia e uso sempre chinelos ou ténis.

No dia de hoje, não um dos mais quentes deste fim de Verão, ainda há um número razoável de pessoas a vaguear pelos jardins e a jogar minigolfe (de que gostava muito quando era criança).

Chego à marginal, rodeio o espaço agora vazio, onde o monstruoso cinema IMAX vai caindo em ruínas após anos de abandono, sigo ao longo da arcada das diversões e viro à direita, na direcção dos cafés da beira-mar.

Sento-me na esplanada de um deles e vou fumando enquanto bebo devagar um *cappuccino* morno. Só há outra mesa ocupada por um casal jovem. Uma mulher de cabelos louros curtos, pintados, e o seu companheiro, de tranças e uma infinidade de *piercings*. Sinto-me – e decerto pareço – muito velho e formal.

Tiro o livro do bolso, mas mais uma vez não me consigo concentrar. Olho de relance para o relógio. São quase quatro menos um quarto. Tiro outro cigarro do maço – é o terceiro no espaço de meia hora – e inclino-me para a frente para o acender. Quando levanto a cabeça, Nicky está de pé à minha frente.

– Um hábito repugnante. – Puxa uma cadeira e senta-se. – Tens um a mais?

Empurro o maço e o isqueiro por cima da mesa, grato pelo facto de não me tremer a mão. Nicky tira um cigarro e acende-o, o que me dá a oportunidade para a ver melhor. Parece mais velha. Como é óbvio. O tempo cavou-lhe linhas na testa e nos cantos dos olhos. O cabelo ruivo está mais liso e com madeixas louras. Continua magra, veste calças de ganga e uma camisa de xadrez. Por baixo da maquilhagem meticulosa, distingo um ligeiro vestígio de sardas. A rapariga sob a pele da mulher.

Levanta a cabeça.

– Pois é. Envelheci. Mas tu também.

Tomo de súbito consciência do aspecto que lhe devo apresentar. Um tipo esguio, malpronto, vestido com um casaco de corte antiquado, camisa amarrotada e gravata de nó mal feito. De cabelo desgrenhado, e óculos para ler. Até me espanto que me tenha reconhecido.

– Obrigado – digo. – Ainda bem que deixámos de parte as amabilidades.

Fita-me com os olhos verdes muito vivos.

– Sabes o que é mais estranho?

Aquilo pode ter muitas respostas.

– O que é?

– Não fiquei surpreendida quando telefonaste. Na verdade, creio que estava à espera.

– Nem sabia se tinha o número correcto.

Um empregado de farda preta, com uma barba comprida que não combina com a idade dele e um tufo de cabelo que parece desafiar a gravidade, acerca-se em passos ligeiros.

– Um expresso duplo – encomenda Nicky.

O empregado afasta-se depois de um quase imperceptível gesto de compreensão.

– Sendo assim... – pergunta ela, a dirigir-se a mim – quem começa primeiro?

Percebo que não faço ideia por onde principiar. Olho para o café, em busca de inspiração. Como não aparece, resolvo começar pelo óbvio:

– Portanto, ficaste a viver em Bournemouth?

– Trabalhei longe daqui durante algum tempo. Agora estou de volta.

– Certo. E o que fazes?

– Nada de excitante. Trabalho de escritório.

– Bestial.

– Nem por isso. Para dizer a verdade, é muito monótono.

– Oh!

– E tu?

– Ensino. Sou professor.

– Em Anderbury?

– Sim.

– Melhor para ti.

O empregado regressa com o café dela. Nicky agradece. Bebo um gole do meu *cappuccino*. Os gestos são deliberados e exagerados. Ambos protelamos.

– Como está a tua mãe? – pergunto.

– Morreu. Cancro da mama. Há cinco anos.

– Lamento.

– Não precisas. Não nos dávamos muito bem. Saí de casa aos dezoito anos. Depois disso, pouco a vi.

Olho para ela. Sempre tinha pensado que Nicky tivera sorte. Sair da casa do pai. O regresso da mãe. Mas na vida real não há fins felizes, são sempre confusos e desordenados.

Nicky expele o fumo do cigarro.

– Continuas a dar-te com os outros?

Confirmo com um movimento da cabeça.

– Sim. *Hoppo* agora é canalizador. Gav tomou conta do The Bull. – Hesito. – Soubeste do acidente?

– Ouvi falar.

– Como?

– Ruth costumava escrever-me. Foi por ela que soube do teu pai.

Ruth? Desperta-me uma recordação longínqua. Tento localizá-la. A amiga do reverendo Martin, aquela de cabelos encaracolados. Que ficou com Nicky depois da agressão.

– Mas ela continuou a visitar o meu pai – prossegue. – Ao fim de algum tempo deixei de ler as cartas dela. Depois mudei-me e não lhe dei a nova morada. – Bebe um gole de café. – Ele ainda é vivo, não sei se sabes.

– Sei.

– Ah, sim – diz ela, com um aceno de cabeça. – A tua mãe. A Boa Samaritana. Irónico, não é?

Esboço um sorriso breve.

– Nunca o foste visitar?

– Não. Irei vê-lo quando estiver morto.

– Nunca pensaste em regressar a Anderbury?

– São muitas recordações penosas. E nem lá estava quando o pior aconteceu.

Pois não, penso. Não estava lá. Mas continuava a fazer parte daquilo.

Inclina-se para esmagar o que resta do cigarro.

– Bem, já fizemos a conversa de circunstância. Vamos ao que interessa? Por que razão me fazes perguntas a respeito de Chloe?

– Como a conheces?

Observa-me durante alguns segundos antes de dizer:

– Diz-me tu primeiro.

– É minha hóspede.

Ebugalha os olhos.

– Merda!

– Muito reconfortante.

– Desculpa, mas... bem, é uma merda. – Abana a cabeça. – Nem quero acreditar que fez uma coisa dessas.

Olho para ela, intrigado.

– Que fez o quê?

Estende o braço e tira outro cigarro do maço, sem me pedir. A manga da camisa subiu, a revelar uma pequena tatuagem no pulso. Asas de anjo. Percebe que eu vi.

– Em memória do meu pai. Um tributo.

– Mas ele não está ainda vivo?

– Não chamo àquilo viver.

E eu não chamo à tatuagem um tributo. É qualquer outra coisa. Qualquer coisa com a qual não me sinto muito à vontade.

– Seja como for – prossegue ela, a acender o cigarro e a inalar profundamente o fumo –, só a conheci há pouco mais de um ano. Quando ela me encontrou.

– Quando te encontrou? Quem é ela?

– A minha irmã.



– Lembras-te da Hannah Thomas?

Preciso de alguns segundos, até haver um clique. A amiga da *Rapariga do Carrossel*, a loura que fazia parte dos manifestantes. A filha do polícia. E, é claro...

– Foi a rapariga que o Sean Cooper violou – digo. – E que engravidou.

– Não foi ele – afirma Nicky. – Isso foi uma calúnia. Sean Cooper não violou Hannah Thomas. E não era o pai do bebé dela.

– Então quem era? – pergunto em tom perplexo.

Olha para mim como se eu fosse um idiota.

– Vá lá, Eddie. Pensa um bocadinho.

Depois de reflectir um pouco julgo compreender.

– O teu pai? Foi o *teu pai* que a engravidou?

– Não faças esse ar tão escandalizado. Aquelas manifestantes eram o pequeno harém do meu pai. As suas fãs. Adoravam-no como a uma estrela de *rock*. E o meu pai? Bem, digamos que a carne é fraca.

Procuro digerir tudo aquilo.

– Então, por que motivo a Hannah mentiu e disse que tinha sido o Sean Cooper?

– Porque o meu pai a mandou. Porque o pai *dela* não podia matar um rapaz que já estava morto.

– Como descobriste?

– Ouvi-os a discutir, uma noite. Pensavam que eu estava a dormir. Tal como pensavam que dormia enquanto fornicavam.

Acudiu-me à memória o dia em que vi Hannah Thomas na sala de estar, com a minha mãe.

– Ela foi ver a minha mãe – disse. – Estava muito transtornada. A minha mãe estava a confortá-la. – Esboço um sorriso. – É curioso como os princípios vão pela janela fora quando se trata da *nossa* criança que não queremos e da *nossa* vida.

– Ela queria ter o bebé. O meu pai é que queria que ela se livrasse dele.

Olho para ela, incrédulo.

– Ele queria que ela fizesse um *aborto*? Depois de tudo o que fez?

Nicky ergue uma sobrancelha.

– É curioso como as nossas crenças vão pela janela fora quando é o *nosso* filho e a *nostra* reputação que estão em causa.

Abano a cabeça.

– Foda-se!

– Isso. É mesmo isso.

O meu cérebro dá voltas e mais voltas, a tentar absorver tudo.

– Então ela teve a criança? Não me recordo.

– A família mudou-se dali. O pai conseguiu uma transferência, ou coisa parecida.

E depois o reverendo Martin foi agredido, e não ficou em condições de manter o contacto.

Nicky sacode o morrão do cigarro para dentro do cinzeiro, que começa a assemelhar-se a um cartaz do governo sobre saúde pública.

– Avançando quase trinta anos – diz ela –, Chloe aparece-me à porta. Continuo a não saber como me encontrou o rasto.

– Apresentou-se como filha de Hannah, e minha meia-irmã. A princípio, não acreditei nela. Mandeia-a embora. Mas deu-me o número do telefone. Não tencionava telefonar-lhe, mas não sei, acho que fiquei curiosa...

«Encontrámo-nos para almoçar. Trouxe fotografias e contou-me coisas que me convenceram de que *era* quem dizia ser. Dei por mim a gostar dela. Talvez me fizesse lembrar um pouco de mim, quando era mais nova.

Talvez tenha sido por isso que também gostei dela, penso.

– Disse-me que a mãe tinha morrido, de cancro – continua. – Não tinha uma relação afectuosa com o padrasto. Tive pena dela.

«Encontrámo-nos mais algumas vezes. Um dia disse que tinha de sair do apartamento onde vivia e que tinha dificuldade em encontrar outro. Disse-lhe que, se fosse preciso, podia ficar no meu durante algum tempo.

– O que aconteceu?

– Nada. Durante três meses foi uma hóspede perfeita, quase demasiado perfeita.

– E depois?

– Uma noite voltei para casa e Chloe devia ter saído. Deixara a porta do quarto escancarada... e o computador portátil aberto em cima da mesa.

– Andaste a bisbilhotar no quarto dela.
– No *meu* quarto... e, não sei, ia só...
– Invadir-lhe a privacidade?
– E ainda bem que o fiz. Descobri que andava a escrever a meu respeito. Sobre os homens de giz. Sobre todos nós. Como se andasse a fazer pesquisas.

– Para quê?
– Quem sabe?
– Deu-te alguma explicação?
– Não lhe dei oportunidade. Certifiquei-me de que fazia as malas nessa mesma noite.

Esmaga a ponta do segundo cigarro e bebe um grande gole de café. Reparo que as mãos lhe tremem um pouco.

– Há quanto tempo foi isso?
– Vai para nove ou dez meses.

Mais ou menos quando me apareceu à porta, a agradecer-me por lhe ceder o quarto tão depressa.

Uma rajada de vento varre a marginal. Arrepiado, levanto a gola do casaco. É apenas o vento. Nada mais.

– Se já não a vias há meses, o que te levou a discutir com ela na loja?
– Soubeste disso?
– Foi assim que descobri que ela te conhecia.
– Recebi uma carta...

O coração cai-me aos pés.

– O enforcado e o giz?

Olha-me fixamente.

– Como sabes?

– Porque também recebi uma, e o Gav, o *Hoppo*... e o Mickey.

Nicky franze a testa.

– Quer dizer que ela escreveu a todos nós?

– *Ela*? Achas que foi Chloe quem escreveu essas cartas?

– Claro que sim – retorquiu com secura.

– Ela reconheceu que as tinha escrito?

– Não. Mas quem mais poderia ser?

Silêncio. Penso na Chloe que conheço. A pessoa irreverente, divertida e inteligente, a cuja presença quotidiana mais do que me acostumei. Nada disto faz sentido.

– Não sei. Mas talvez seja melhor não chegar a conclusões precipitadas.

Encolhe os ombros.

– Tudo bem. O funeral é teu.

Aproveito a deixa e espero que ela beba o café antes de dizer, agora em tom mais afável:

– Já ouviste sobre o Mickey?

– Ouvi o quê?

Ed Adams, o mensageiro da alegria e das boas notícias.

– Morreu.

– *Cristo!* O que aconteceu?

– Caiu ao rio e afogou-se.

Olha-me com atenção.

– Ao rio de Anderbury?

– Sim.

– O que estava ele a fazer em Anderbury?

– Foi lá para me ver. Estava a pensar escrever um livro sobre os homens de giz. Queria que o ajudasse. Bebemos bastante, insistiu em voltar a pé para o hotel... mas nunca lá chegou.

– Foda-se!

– É isso.

– Foi um acidente?

Hesito.

– Ed?

– É provável.

– É provável?

– Ouve, isto parece uma coisa de doidos, mas nessa noite, antes de sair, o Mickey disse-me que sabia quem de facto assassinara Elisa.

Funga depreciativamente.

– E acreditaste nele?

- E se ele estivesse a dizer a verdade?
- Bem, seria a primeira vez.
- Mas *se* estava, talvez a morte dele não tenha sido um acidente.
- E então? Quem quer saber disso?

Por um instante, sou apanhado desprevenido. Pergunto-me se ela seria sempre assim, tão insensível. Um pedaço de rocha com um convite «MORDE-ME» estampado por todos os lados.

- Não estás a falar a sério.
- Estou, sim. Mickey passou a vida a fazer inimigos. Não era amigo de ninguém. Tu foste. Foi por isso que aceitei encontrar-me contigo. Mas agora acabou.

Empurra a cadeira para trás.

– Segue o meu conselho, vai para casa, dá um pontapé no cu da Chloe... e continua com a tua vida.

Devia dar-lhe ouvidos. Deixá-la ir embora. Devia acabar o meu *cappuccino* e apanhar o comboio. Mas a minha vida é uma longa sequência de coisas que *devia* ter feito, uma teia emaranhada de arrependimentos.

- Nicky. Espera.
- *O que é?*
- E quanto ao teu pai? Não sabes quem foi o responsável?
- Ed, deixa-te disso.
- Porquê?
- Porque *eu sei* quem fez aquilo.
- É a segunda vez que me apanha desprevenido.
- Sabes? Como sabes?
- Olha-me com uma expressão dura.
- Porque ela me disse.



O comboio para Anderbury está atrasado. Tento atribuir o facto a uma infeliz coincidência, mas não consigo. Vagueio entre a multidão, a amaldiçoar a minha decisão de vir de comboio e não de automóvel (e também de ter ficado a beber uma garrafa de vinho e de não ter apanhado

outro comboio, mais cedo). De vez em quando olho para o quadro das PARTIDAS. Atrasado. Bem podia dizer: «Só para te lixar a vida, Ed.»

Chego pouco depois das nove, suado, amarrotado e dormente de um lado por ter sido esmagado contra a janela por um tipo que devia jogar rãguebi nos Titans (falo dos deuses, não da equipa).

Quando por fim apanho o autocarro que sai da estação e depois me dirijo para casa, sinto-me cansado, com os nervos em franja e lamentavelmente sóbrio. Empurro a cancela e subo pelo carreiro. A casa está às escuras. Chloe deve ter resolvido sair. Talvez seja melhor assim. Não sei se já estou preparado para a conversa que precisamos de ter.

O primeiro arrepio de estranheza eriça-me os pêlos do pescoço quando chego à porta e verifico que não está fechada. Chloe pode ser de uma futilidade irritante, mas em geral não é irresponsável nem esquecida.

Estaco por um momento, hesitante como um vendedor diante da minha porta, até que me decido a empurrá-la.

– Está alguém em casa?

A única resposta é o silêncio, apenas quebrado por um zumbido proveniente da cozinha. Ligo a luz do corredor e deixo-me ficar, agarrado às chaves inúteis.

– Chloe?

Dirijo-me à cozinha, acendo a luz e olho em redor.

A porta das traseiras está escancarada e sou recebido por uma rajada de vento frio. Sobre o balcão abundam os restos dos preparativos para o jantar: de um lado, uma piza; uma tigela com salada. Sobre a mesa, um copo de vinho meio bebido. O zumbido que ouço provém do forno.

Inclino-me para o desligar. O silêncio parece pesar mais. O único som que agora se ouve é o tumulto do sangue nos meus ouvidos.

– Chloe?

Avanço um passo. Escorrega-me o pé em qualquer coisa que está no chão. Olho para baixo. O coração pára-me no peito. O rugido do sangue nos ouvidos aumenta. Vermelho. Vermelho-escuro. Sangue. Um rasto esbatido dirige-se para a porta aberta das traseiras. Dirijo-me para lá, com o coração

aos saltos no peito. Chegado à porta, hesito. Já está bastante escuro. Volto atrás, tiro a lanterna da gaveta da tralha e transponho a porta.

– Chloe? Estás aí?

Rodeio a casa com precaução pelo lado de trás, a apontar a lanterna para o matagal espesso que se estende até um pequeno conjunto de árvores. Em certos sítios, a erva alta foi espezinhada. Alguém andou há pouco por ali.

Sigo o trilho rudimentar. As ervas e as urtigas agarram-se-me às calças. À luz da lanterna distingo qualquer coisa entre as ervas. Qualquer coisa vermelha, cor-de-rosa e castanha. Inclino-me para ver melhor e o meu estômago faz uma pirueta como uma ginasta russa.

– Merda!

Uma ratazana. Uma ratazana estripada. Abriram-lhe a barriga e os intestinos derramam-se como uma massa de minúsculas salsichas cruas.

Oiço um restolhar à minha direita. Viro-me de um salto. Um par de discos verdes brilha por entre as ervas altas. *Mittens* salta em frente, a bufar selvaticamente.

Recuo atabalhoado, com um grito abafado na garganta.

– Foda-se!

Mittens olha-me, divertido – *Assustei-te, não foi, Eddie?* –, e depois avança em movimentos furtivos, agarra o que resta da ratazana entre os dentes brancos pontiagudos e desaparece na noite.

Solto uma gargalhada histérica.

– Foda-se para isto!

Uma ratazana. A origem do sangue. Apenas uma ratazana e a porra de um gato. Sou invadido por uma onda de alívio. Até que uma vozinha me segreda ao ouvido:

– *Mas o gato e a ratazana não explicam a porta das traseiras aberta, pois não, Eddie? E os preparativos inacabados para o jantar? O que quer dizer isto tudo?*

Regresso a casa.

– Chloe! – grito.

Subo a escada a correr e páro à porta dela. Bato uma vez e abro, esperançado em ver uma cabeça desgrenhada a emergir de entre os lençóis.

Mas a cama está vazia. O quarto está vazio. Num impulso, abro a porta do guarda-vestidos. Os cabides vazios entrechocam-se. Abro violentamente as gavetas da cómoda. Nada. Nada. Nada.

Chloe foi-se embora.

1986

Julguei que teria de deixar passar algum tempo antes de ter a oportunidade de me escapulir. Mas só tive de esperar dois dias, até ao fim-de-semana.

A minha mãe recebeu um telefonema e teve de ir a correr para a clínica. O meu pai, que devia tomar conta de mim, tinha um prazo para entregar o trabalho e estava fechado no escritório. Vi o bilhete que a minha mãe lhe deixou: «Prepara o pequeno-almoço do Eddie. Cereais ou torradas. NADA de batatas fritas ou de chocolates! Beijos, Marianne.»

Creio que o meu pai nunca o chegou a ler. Parecia mais distraído do que nunca. Quando me dirigi ao louceiro, vi que tinha posto o leite numa prateleira e guardado o café no frigorífico. Abanei a cabeça, tirei uma tigela, despejei lá para dentro uma pequena porção de *Rice Krispies* e um pouco de leite e deixei-a no escurredouro do lava-loiças, com uma colher lá dentro.

Agarrei num pacote de batatas fritas e comi-as rapidamente na saleta, enquanto via Saturday Superstore. Deixei a televisão ligada e voltei para o quarto em bicos de pés. Arredei a cómoda para o lado, tirei a caixa de sapatos e levantei a tampa.

O anel continuava lá dentro. Ainda sujo da humidade do solo da floresta, mas não queria limpá-lo. Se o fizesse, não seria mais dela, não seria especial. Aquilo era importante. Se nos queremos afeiçoar a uma coisa temos de o fazer na sua integralidade. Para recordar o tempo e o lugar.

Mas havia alguém que precisava mais dele. Alguém que a amava e que não tinha nada para a recordar. Bem, tinha os quadros. Mas os quadros não faziam parte dela, não lhe tinham tocado a pele nem ficado encostados a ela enquanto arrefecia no chão da floresta.

Voltei a embrulhar o anel num pedaço de papel higiénico e guardei-o no bolso com todo o cuidado. Creio que naquele momento não sabia o que tencionava fazer. Na minha cabeça, imaginava-me a visitar o senhor Halloran, a dizer-lhe quanta pena sentia, a dar-lhe o anel e ele a ficar muito agradecido, e era uma maneira de o recompensar por tudo quanto tinha feito por mim. Creio que não queria mais nada.

Ouvi um ruído proveniente da porta ao lado: tosse, o ranger da cadeira do meu pai e o zumbido e o matraquear da impressora. Voltei a arrastar a cómoda para o sítio e desci a escada sem fazer barulho. Agarrei no casaco grosso de inverno e no cachecol e, para o caso de o meu pai descer e ficar preocupado, escrevi-lhe apressadamente um bilhete. «Fui a casa do *Hoppo*. Não o quis incomodar. Eddie.»

De uma maneira geral, não era um garoto desobediente. Mas era teimoso, obsessivo mesmo. Quando se me metia uma ideia na cabeça, nada me fazia largar. Não posso afirmar que não fui assaltado pela dúvida e pela ansiedade ao pedalar para fora da garagem e ao longo da estrada, em direcção à vivenda do senhor Halloran.

Este já devia ter partido para a Cornualha. Mas a polícia pedira-lhe para não ir, por causa da investigação. Por essa altura eu não sabia como eles estavam perto de considerar se tinham ou não provas suficientes para o acusarem do homicídio da *Rapariga do Carrossel*.

Na verdade, as provas que tinham eram irrelevantes. Na sua maior parte eram circunstanciais, e de ouvir dizer. Todos queriam que ele fosse culpado porque seria bonito, limpo e compreensível. Era um forasteiro, e além disso um forasteiro de aspecto estranho, que já tinha demonstrado a sua perversão ao corromper uma jovem.

A teoria deles era que a *Rapariga do Carrossel* quis acabar com a relação e que o senhor Halloran se passara e que a tinha matado quando ela lho dissera. Isto era em parte confirmado pela mãe da *Rapariga do Carrossel*, que havia contado à polícia que na noite anterior a filha tinha vindo para casa lavada em lágrimas, depois de uma discussão com o senhor Halloran. Este reconheceu que discutiram, mas negou que tivessem terminado a relação. Admitiu mesmo que combinaram encontrar-se no bosque na noite

em que ela foi morta, mas que, depois da discussão que tinham tido, ele resolvera não aparecer. Não posso ter a certeza de qual será a verdade, e não havia ninguém que pudesse confirmar ou negar qualquer das histórias, excepto uma rapariga que nunca mais voltaria a falar, salvo num lugar onde a sua voz seria abafada pela terra e pelos vermes.

Era uma calma manhã de sábado, uma daquelas manhãs em que o dia parece não ter pressa de se levantar da cama, como um adolescente amuado que se recusa a afastar os cobertores e a abrir as cortinas à madrugada. Às dez horas, o dia continuava cinzento e escuro, e a única luz na estrada provinha dos raros automóveis que circulavam. A maioria das casas continuava às escuras. Embora não faltasse muito tempo para o Natal, poucas eram as decorações. Creio que ninguém tinha vontade de festejar. O meu pai ainda não tinha comprado uma árvore e eu mal me tinha lembrado do meu aniversário.

A vivenda erguia-se como um fantasma branco de contornos algo desfocados sob a luz difusa. O automóvel do senhor Halloran estava estacionado cá fora. Parei a curta distância e olhei em redor. A vivenda, isolada, ficava num extremo de Armory's Lane, uma rua pequena onde havia mais algumas moradias. Não havia ninguém à vista. Apesar disso, em vez de encostar a bicicleta à casa do senhor Halloran, deixei-a em frente, meio escondida por uma sebe, onde dificilmente podia ser vista. Atravessei a rua com rapidez e corri pelo caminho de acesso.

As cortinas estavam abertas, mas lá dentro não se viam luzes. Ergui a mão, bati à porta e esperei. Não se ouviu qualquer som de movimentos. Tentei outra vez. O silêncio perdurou. Bem, não era bem silêncio. Julguei ouvir um ruído. Hesitei. Talvez ele não quisesse ver ninguém. Talvez o melhor fosse voltar para casa. Estive quase a fazê-lo. Mas houve qualquer coisa – ainda hoje não sei o quê – que me impeliu a ficar, dizendo: *Experimenta a porta.*

Pousei a mão no puxador e rodei. A porta abriu-se. Olhei para a nesga escura que me convidava a entrar.

– Está aí, senhor Halloran?

Não houve resposta. Inspirei fundo e dei um passo para dentro.

– Está aí alguém?

Olhei em volta. Continuava a haver caixas empilhadas por todo o lado, mas havia uma coisa nova na pequena sala de estar. Garrafas. De vinho, de cerveja, e duas mais baixas e atarracadas, com um rótulo onde se lia *Jim Beam*. Franzi a testa. Tinha a impressão de que todos os adultos bebiam de vez em quando. Mas eram muitas garrafas.

Do piso de cima chegou-me o som de água a correr. Era esse o ruído distante que tinha ouvido antes. Experimentei uma sensação de alívio. O senhor Halloran estava a preparar um banho. Fora por isso que não me ouvira bater à porta.

É claro que aquilo me deixou numa situação incómoda. Não podia gritar lá para cima. Ele podia estar despido, ou assim. E ficaria a saber que lhe tinha entrado em casa, sem que me convidasse. Mas também não queria esperar lá fora, não fosse dar-se o caso de alguém me ver.

Depois de alguns momentos de hesitação, decidi-me. Dirigi-me pé ante pé para a cozinha. Tirei o anel da algibeira e deixei-o ficar em cima da mesa, onde ele não deixaria de o encontrar.

Devia ter deixado também um bilhete, mas não vi nenhum papel nem caneta. Olhei para cima. O tecto apresentava uma mancha estranha. Mais escura do que o resto. Passou-me pela cabeça que havia ali algo de errado, a juntar ao contínuo correr da água. De repente, ouviu-se na rua o escape de um motor. Sobressaltei-me, alertado pelo som, para o facto de ser um intruso em casa alheia, e também a recordar-me do aviso solene do meu pai e da minha mãe. O meu pai já devia ter acabado o trabalho; e se a minha mãe tivesse voltado para casa? Deixara um bilhete, mas ela podia sempre desconfiar e telefonar à mãe de *Hoppo* para confirmar.

Com o coração aos saltos no peito, esgueirei-me para fora da vivenda e fechei a porta atrás de mim. Atravessei a rua a correr e agarrei na bicicleta. Pedalei em direcção a casa tão depressa quanto pude, encostei a bicicleta à porta das traseiras, despi o casaco e o cachecol e atirei-me para o sofá da sala de estar. O meu pai desceu cerca de vinte minutos mais tarde e meteu a cabeça pela porta.

– Tudo bem, Eddie? Saíste?

– Fui à procura do *Hoppo*, mas ele não estava.

– Devias ter-me avisado.

– Deixei um bilhete. Não o queria incomodar.

Sorriu.

– És um bom rapaz E se fôssemos fazer uns queques, para quando a mãe voltar para casa?

– Está bem.

Gostava de fazer bolos com o papá. Alguns miúdos pensavam que fazer bolos era coisa de raparigas, mas quando o papá os fazia não era. Não seguia nenhuma receita e misturava na massa as coisas mais extravagantes. Ou ficavam muito bons ou um bocado esquisitos, mas descobri-lo era sempre uma aventura.

Estávamos a tirar do forno os queques de passas, *Marmite* e manteiga de amendoim quando a minha mãe voltou, decorrida mais ou menos uma hora.

– Estamos aqui! – exclamou o meu pai em voz alta.

A minha mãe entrou. Percebi imediatamente que alguma coisa estava mal.

– Tudo bem na clínica? – perguntou o meu pai.

– O quê? Sim, sim. Tudo resolvido.

Mas o ar dela não indicava que tudo estivesse bem. Parecia preocupada e transtornada.

– O que se passa, mamã?

Olhou para mim e para o meu pai e finalmente disse:

– No regresso passei em frente da casa do senhor Halloran.

O meu corpo inteiriçou-se. Ter-me-ia visto? Com certeza que não. Estava em casa há imenso tempo. Ou talvez alguém me tivesse visto e lhe fosse contar, ou talvez apenas soubesse, porque era a minha mãe e tinha um sexto sentido para as minhas asneiras.

Mas não era nada disso.

– Havia polícias cá fora... e uma ambulância.

– Uma ambulância? – repetiu o meu pai. – Porquê?

A minha mãe respondeu em voz abafada.

– Estavam a retirar um corpo, numa maca.



Suicídio. A polícia fora lá a casa para prender o senhor Halloran, mas tinham-no encontrado no andar de cima, dentro da banheira a transbordar. O tecto da sala de baixo estava cheio de bolhas e a cair aos pedaços. As gotas de água que caíam do tecto sobre a mesa da cozinha tinham uma coloração rósea. Na água do banho, onde jazia o senhor Halloran, a cor era mais escura, devido aos golpes nos seus antebraços, cortados dos cotovelos até aos pulsos. No sentido do comprimento. Não fora um grito a pedir auxílio. Fora um grito de adeus.

Encontraram o anel. Ainda com terra do bosque agarrada. Para a polícia, foi um pormenor decisivo. Era a prova concreta de que precisavam. O senhor Halloran assassinara a *Rapariga do Carrossel* e depois suicidara-se.

Nunca confessei. Devia tê-lo feito, bem sei. Mas tinha doze anos, estava assustado e de qualquer maneira não sei se alguém teria acreditado em mim. A minha mãe havia de julgar que tentava ajudar o senhor Halloran, que já ninguém podia ajudar, bem como à *Rapariga do Carrossel*. De que valia dizer a verdade agora?

Não houve mais mensagens. Não houve mais homens de giz. Nem mais acidentes terríveis, ou crimes horrendos. Creio que a coisa pior que aconteceu em Anderbury durante os anos que se seguiram foi o roubo, por uns ciganos, do telhado de cobre da igreja. Ah, e quando Mickey chocou com o automóvel numa árvore e quase se matou, bem como a Gav.

O que não quer dizer que as pessoas se tenham esquecido imediatamente. O crime, e todas as outras peripécias que se seguiram, conferiram a Anderbury uma triste fama. Os jornais locais chafurdaram no assunto durante semanas a fio.



– Não tarda que vão distribuir paus de giz com as edições de fim-de-semana – ouvi a minha mãe murmurar certa noite.

O Gav Gordo disse-me que o pai tinha pensado em mudar o nome do *pub* para *O Homem de Giz*, mas que a mãe o dissuadira.

– É demasiado cedo – afirmara.

Durante algum tempo, era frequente ver grupos de desconhecidos na cidade. Vestiam anoraques, calçavam sapatos práticos e traziam máquinas fotográficas e blocos de apontamentos. Faziam fila para entrar na igreja e deambulavam pelo bosque.

Paspalhões curiosos, como o meu pai lhes chamava.

Tive de lhe perguntar o que aquilo queria dizer.

– São pessoas que gostam de olhar para coisas terríveis ou de visitar o lugar onde uma coisa horrível aconteceu. Também conhecidos por perdigueiros mórbidos.

Gostei mais da segunda definição. *Perdigueiros mórbidos*. Condia com o aspecto, os cabelos compridos, os rostos abatidos e a maneira como esmagavam o nariz contra os vidros das janelas para espreitar, ou se inclinavam para o chão para o fotografar com as suas *Polaroids*.

Por vezes também faziam perguntas como: *Onde era a vivenda do Homem de Giz? Alguém o conheceu pessoalmente? Alguém possui algum dos seus desenhos?*

Nunca perguntavam pela *Rapariga do Carrossel*. Ninguém o fazia. A mãe deu uma entrevista aos jornais. Disse que Elisa apreciava música, que aspirava a ser enfermeira, para ajudar as pessoas feridas, como acontecera com ela, e que tinha demonstrado uma grande coragem depois do acidente. Mas foi só um artigo curto. Era como se as pessoas a *quissem esquecer*. Como se lembrá-la como uma pessoa concreta que tinha morrido estragasse a magia da história.

Por fim, até os perdigueiros mórbidos regressaram aos seus canis. Outros acontecimentos terríveis ocuparam as primeiras páginas dos jornais. O crime era às vezes referido num artigo de revista, ou reencenado nalgum programa de *reality show* da televisão.

É claro que havia pontas soltas. Coisas bizarras que não faziam sentido. Toda a gente assumiu que tinha sido o senhor Halloran a agredir o reverendo Martin e a fazer os desenhos na igreja, mas ninguém conseguia explicar porquê. Nunca foi encontrado o machado que utilizara para decepar o corpo...

E, é claro, nunca encontraram a cabeça da *Rapariga do Carrossel*.

Mesmo assim, e embora nenhum de nós estivesse de acordo sobre quando aquilo tinha começado, todos acreditámos que o dia em que o senhor Halloran morreu assinalava o fim de tudo

2016

Sob certos aspectos, o funeral do meu pai ocorreu com vários anos de atraso. O homem que eu tinha conhecido morrera muito antes. O que restara fora uma casca vazia. Tudo o que fazia dele a pessoa que era, a simpatia, o humor, o calor humano, e mesmo as suas previsões falhadas do tempo, tinha desaparecido. E a sua memória também. O que talvez fosse o pior de tudo, pois quem somos nós senão o somatório das nossas experiências, as coisas que reunimos e congregamos ao longo da vida? Se nos tiram isso, não somos mais do que um monte de carne, ossos e vasos sanguíneos.

Se existe algo a que se possa chamar «alma» – e ainda não estou convencido disso –, então a do meu pai partiu muito antes de a pneumonia o arrebatar de um leito branco e estéril de hospital, onde gemia e delirava; uma versão mirrada e esquelética do homem alto e pleno de vitalidade que toda a vida conheci. Nunca o identifiquei naquela concha de ser humano. Tenho vergonha de dizer que quando me comunicaram a sua morte a minha primeira reacção não foi de desgosto, mas de alívio.

O funeral foi pequeno e teve lugar no crematório. Só a minha mãe e eu, alguns amigos dos jornais para os quais o meu pai escrevia, *Hoppo* e a mãe, o Gav *Gordo* e a família. Não me importei. Não creio que se possa aquilatar o valor de uma pessoa pelo número dos que comparecem no seu funeral. A maioria das pessoas tem demasiados amigos. E aqui uso a palavra «amigos» no seu sentido mais lato. Os «amigos» *on line* não são amigos verdadeiros. Os amigos verdadeiros são uma coisa diferente. Os amigos verdadeiros são os que estão presentes, sejam quais forem as circunstâncias. Os amigos verdadeiros são pessoas que amamos e odiamos na mesma medida, mas que são parte integrante de nós.

Depois do serviço fúnebre, fomos todos para nossa casa. A minha mãe tinha preparado sanduíches e outras coisas para comer, mas o que as pessoas sobretudo fizeram foi beber. Embora antes de morrer o meu pai tivesse estado num lar durante mais de um ano e a casa nunca tivesse visto tanta gente, creio que nunca a senti tão vazia como nessa ocasião.

No dia do aniversário da sua morte, eu e a minha mãe vamos ao crematório. A minha mãe deve lá ir mais vezes. Há sempre flores frescas junto da pequena placa com o seu nome, e uma ou duas linhas no Livro de Recordações.

Encontro-a lá hoje, sentada num dos bancos do jardim. O Sol descobre de vez em quando. Uma massa de nuvens cinzentas cavalga o céu sem descanso, empurrada por uma brisa impaciente. A minha mãe veste umas calças de ganga e um elegante casaco vermelho.

– Olá.

– Olá, mãe.

Sento-me a seu lado.

Os pequenos óculos redondos, tão meus conhecidos, assentam-lhe no nariz e reflectem a luz quando se vira para mim.

– Tens um ar cansado, Ed.

– É verdade. Foi uma semana cansativa. Desculpe ter-lhe abreviado as férias.

Desvaloriza o assunto com um gesto da mão.

– Não abreviaste nada. Foi uma opção minha. Além disso, quem já viu um lago já viu todos.

– De qualquer maneira, muito obrigado por ter vindo.

– Bem, quatro dias na companhia de *Mittens* deve ter sido de mais para os dois.

Esboço um sorriso. Requer esforço.

– Então, vais contar-me o que se passa?

Olha para mim como costumava fazer quando eu era garoto. Aquele olhar que me faz sentir que consegue ver o âmago das minhas mentiras.

– Chloe desapareceu.

– Desapareceu?!

– Fez as malas e pôs-se a andar. Desapareceu.

– Sem uma palavra?

– Sim.

Nem espero nenhuma. Não, é mentira. Durante os primeiros dois dias acalentei a esperança ténue de que entrasse em contacto. Que entrasse casualmente pela porta, preparasse um café e me olhasse, com uma sobranceira irónica levantada, enquanto me dava uma explicação lacónica e plausível que me faria sentir pequeno, idiota e paranóico.

Mas não o fez. Agora, decorrida quase uma semana, seja qual for o aspecto que considere, não encontro qualquer explicação, além da óbvia. É uma jovem de carácter ínvio que resolveu levar-me à certa.

– Bem, a rapariga nunca me caiu no goto – diz a minha mãe –, mas não me parece coisa dela.

– Não devo ser um bom avaliador do carácter das pessoas.

– Não te culpes, Ed. Há pessoas que mentem muito bem.

– Sim, pois há. Lembra-se da Hannah Thomas, mãe?

Franze o sobrolho.

– Lembro-me, mas o que...

– *Chloe* é filha da Hannah Thomas.

Arregala um pouco os olhos por detrás das lentes, mas sem perder a compostura.

– Estou a ver. E foi ela quem te disse isso, não foi?

– Não, foi a Nicky.

– Falaste com a Nicky?

– Fui vê-la.

– Como está ela?

– Deve estar mais ou menos como estava quando a mãe a foi ver, há uns cinco anos... para lhe contar o que de facto acontecera ao pai dela.

Segue-se um silêncio prolongado. A minha mãe olha para baixo. Tem as mãos enclavinhas, sulcadas de veias azuis. As mãos traem-nos sempre, acho eu. A idade. Os nervos. As mãos da minha mãe eram capazes de fazer coisas maravilhosas. Desfazer os nós do meu cabelo emaranhado, acariciar-me gentilmente o rosto, lavar e aplicar um emplastro num joelho esfolado.

Mas também eram capazes de fazer outras coisas. Coisas que algumas pessoas considerariam menos aceitáveis.

Por fim, diz:

– Foi o Gerry que me convenceu a ir. Conte-lhe tudo. Fiquei aliviada, depois de confessar. Fez-me ver que devia uma explicação a Nicky. Que lhe devia a verdade.

– E qual era a verdade?

Sorri com tristeza.

– Sempre te disse para não te arrependeres de nada. Quando se toma uma decisão é a que no momento nos parece mais correcta. Mesmo que mais tarde se venha a revelar errada, temos de viver com isso.

– Nunca olhes para trás.

– Sim. Mas é mais fácil dizer do que fazer.

Espero. Ela deixa escapar um suspiro.

– Hannah Thomas era uma jovem vulnerável. Fácil de manipular. Sempre à espera de alguém a quem seguir. De alguém a quem venerar. Infelizmente, encontrou-o a ele.

– O reverendo Martin?

Confirma com um aceno de cabeça.

– Foi visitar-me uma noite...

– Eu lembro-me.

– Lembras-te?

– Vi-a consigo, na saleta.

– Ela devia ter marcado consulta na clínica. Eu devia ter insistido, mas ela estava tão transtornada, pobre rapariga, não sabia com quem falar, de maneira que a deixei entrar, fiz-lhe uma chávena de chá...

– Embora ela fosse uma das manifestantes?

– Sou médica. Os médicos não julgam. E estava grávida. De quatro meses. Apavorada com a ideia de contar ao pai. E tinha apenas dezasseis anos.

– Ela queria ter o bebé?

– Não sabia o que queria. Não passava de uma rapariguinha.

– O que lhe disse?

– Disse-lhe o mesmo que dizia às mulheres que me apareciam na clínica. Fiz-lhe ver todas as opções. E, é claro, perguntei se o pai estaria disposto a ajudar.

– O que disse ela?

– Ao princípio negou-se a dizer quem era, mas depois saiu-lhe tudo num repelão. Que ela e o reverendo estavam apaixonados, mas que a Igreja os proibia de se continuarem a ver. – Abana a cabeça. – Aconselhei-a o melhor que pude, e quando se foi embora estava um pouco mais calma. Mas devo admitir que fiquei perturbada, dividida. E naquele dia, no funeral, quando o pai dela entrou de rompante para acusar Sean Cooper de a ter violado...

– Já sabia a verdade?

– Sabia, mas o que podia fazer? Não podia trair a confiança da Hannah.

– Contou ao papá?

Diz que sim com a cabeça.

– Ele já sabia que ela tinha vindo falar comigo. Nessa noite contei-lhe tudo. Ele queria ir à polícia e à Igreja denunciar o reverendo Martin, mas convenci-o a ficar calado.

– Mas ele não conseguiu, pois não?

– Não. Quando nos atiraram o tijolo pela janela ficou furioso. Discutimos...

– Eu ouvi-os. O pai saiu e embriagou-se...

Já conheço o resto, mas deixo que a minha mãe acabe.

– O pai de Hannah e alguns dos amigos estavam nessa noite no *pub*. O teu pai tinha bebido muito, estava furioso...

– E disse-lhes que o reverendo Martin era o pai da criança de Hannah?

A minha mãe volta a assentir.

– Tens de perceber que ele não podia prever o que aconteceria. O que eles fariam ao reverendo Martin naquela noite. Entrar-lhe em casa, arrastá-lo para a igreja e espancaram-no como fizeram.

– Eu sei. E compreendo.

Da mesma maneira que Gav não podia ter previsto o que aconteceria quando roubara a bicicleta de Sean. Como eu não podia ter previsto o que aconteceria quando deixara o anel em casa do senhor Halloran.

– Mas depois, por que razão a mãe nunca disse nada? Por que razão o pai nunca falou no assunto?

– Andy Thomas era agente da polícia. E não podíamos provar nada.

– Portanto, ficou assim? Deixou que escapassem com aquilo que tinham feito?

Leva algum tempo a responder.

– Não foi só isso. Naquela noite, Andy Thomas e os amigos estavam bêbedos e sedentos de sangue. Não tenho dúvidas de que foram eles que fizeram o reverendo Martin em papas...

– Mas...?

– Aqueles horríveis desenhos a giz e os golpes nas costas? Ainda hoje acho difícil que tenham sido eles a fazer isso.

Asas de anjos. Acode-me à memória a pequena tatuagem no pulso de Nicky. «*Em memória do meu pai.*»

E outra coisa que ela disse, pouco antes de se ir embora, quando lhe perguntei sobre os desenhos.

– *O meu pai adorava aquela igreja. Era a única coisa que ele amava. Aqueles desenhos. A violação do seu precioso santuário. Esquece o espancamento. Era isso que era capaz de o matar.*

Sou assaltado por uma onda de frio. Um sopro gélido, fino como uma teia de aranha.

– Devem ter sido eles – digo. – Quem mais poderia ter sido?

– Creio que sim. – Suspira. – Fiz coisas erradas, Ed. Contar ao teu pai. Nunca denunciar quem atacou o reverendo.

– Era por isso que o ia visitar todas as semanas? Porque se sentia responsável?

Confirma com um gesto da cabeça.

– Podia não ser um homem bom, mas todos merecemos perdão.

– Não de Nicky. Diz que só o irá visitar quando ele estiver morto.

A testa da minha mãe enrugou-se.

– Isso é estranho.

– É uma maneira de dizer.

– Não, quero dizer, é estranho porque ela o tem visitado.

- Desculpe?
- Segundo as enfermeiras, no último mês foi lá todos os dias.



À medida que vamos envelhecendo o mundo vai encolhendo à nossa volta. Tornamo-nos Gullivers no nosso pequeno Liliput. Recordava-me da casa de repouso de St. Magdalene como um edifício enorme. Uma mansão imponente ao fundo de uma longa alameda sinuosa, cercada por hectares de relva impecavelmente cortada.

Hoje, a alameda é mais curta, e o relvado não é maior do que um jardim suburbano, mal aparado e irregular. Nem sinal de um jardineiro que cuide dele e o mantenha. A velha cabana aguenta-se, adornada para um lado, a porta escancarada, a revelar algumas peças de equipamento negligenciadas e vários fatos-macaco pendurados nos cabides. Mais adiante, onde outrora encontrei a velha senhora com o grande chapéu, o mesmo conjunto de mobiliário de jardim em ferro forjado assenta sobre as pernas enferrujadas, entregue às inclemências do tempo e à porcaria dos pássaros.

A casa é mais pequena, as paredes brancas precisam de uma pintura e as janelas de madeira carcomida clamam por uma substituição urgente. À semelhança de alguns dos seus ocupantes, creio, a casa parece uma velha senhora a murchar nos seus anos crepusculares.

Primo a campainha da porta da frente. Há uma pausa, ouve-se um estalido, e uma voz feminina pergunta em tom impaciente:

- Quem é?
- Edward Adams, para visitar o reverendo Martin.
- Está bem.

Oiço o zumbido do trinco e empurro a porta. Lá dentro, o lar não é tão diferente das minhas recordações. As paredes continuam amarelas, talvez mais cor de mostarda. Tenho a certeza de que os quadros são os mesmos, e o cheiro também. *Fragrance à la Institution*. Detergente, urina e comida rançosa.

A um canto do corredor está uma secretária de recepção, vazia. Um computador exhibe um *screensaver* irrequieto, e no telefone pisca uma luz. O

livro de registo dos visitantes está aberto. Avanço e olho em volta. Percorro a página com o dedo, a examinar nomes e datas...

Não são muitos. Ou os residentes não têm família ou, como diria Chloe, foram abandonados por esta, que os deixou a afundar-se lentamente no pântano lamacento das suas mentes.

Encontro logo o nome de Nicky. Visitou-o na semana passada. Então, por que razão me mentiu?

– Posso ajudá-lo?

Dou um pulo. O livro dos visitantes fecha-se. Uma mulher possante, de rosto severo, com o cabelo apanhado atrás num carrapito e ameaçadoras unhas falsas, olha-me de sobrelance erguidas. Pelo menos parece-me que estão. Podem ser apenas pintadas.

– Bom dia... eh, só estava a assinar o livro.

– Estava, não estava?

As enfermeiras têm o mesmo olhar das mães. daquelas que dizem: *Não me tentes enganar, rapaz. Sei muito bem o que estavas a fazer.*

– Desculpe, o livro estava aberto na página errada e...

Bufa desdenhosamente, aproxima-se, abre o livro e folheia-o até encontrar a página do dia, que marca com um talão brilhante de cor púrpura.

– Nome. Pessoa que vem visitar. Amigo ou parente.

– Está bem.

Agarro numa esferográfica e escrevo o meu nome e o do reverendo Martin. Após um momento de hesitação acrescento: «Amigo.»

A enfermeira observa-me.

– Já cá esteve antes? – pergunta.

– Eh, a minha mãe costuma visitá-lo.

Olha-me mais atento.

– *Adams*. Pois claro, Marianne.

A sua expressão suaviza-se.

– É uma boa mulher. Tem vindo ao longo de todos estes anos todas as semanas, para o ver e para lhe ler um bocadinho. – A sua testa enrugou-se de súbito. – Ela está bem, não está?

– Está. Quero dizer, apanhou uma constipação. Foi por causa disso que vim.

Faz um gesto de assentimento.

– O reverendo está no quarto. Ia agora buscá-lo para o chá da tarde, mas se o quiser fazer...

Não queria. Agora que aqui estou, repugna-me a ideia de o ver, de estar perto dele, mas não tenho alternativa.

– Com certeza.

– Siga pelo corredor. O quarto do reverendo é a quarta porta do lado direito.

– Muito obrigado.

Começo a andar muito devagar, a arrastar os pés. Não foi para isto que vim. Vim para saber se Nicky tinha visitado o pai. Não sei bem porquê, mas senti que era importante. Agora que aqui estou, não sei mesmo *porquê*, mas tenho de dar continuidade à farsa.

Chego ao quarto do reverendo. A porta está fechada. Por pouco não me viro e volto atrás pelo corredor. Mas qualquer coisa me impede, talvez uma curiosidade mórbida. Levanto a mão e bato com os nós dos dedos. Não estou à espera de uma resposta, mas é uma questão de boa educação. Passado um momento, abro a porta.

Se o resto da casa tentava, sem êxito, parecer algo mais do que um hospital para doentes mentais irrecuperáveis, o quarto do reverendo resistia tenazmente a esses toques de domesticidade.

É vazio e austero. Não há quadros a adornar as paredes, nem jarras com flores. Não há livros, nem objectos de decoração ou recordações. Só uma cruz pendurada na parede, por cima da cama muito bem feita, e uma Bíblia na mesa-de-cabeceira. A janela dupla, de vidro simples e fecho inseguro, que não cumpre as normas de saúde e segurança, dá para um espaço de relva descuidada que se estende até à orla do bosque. Uma vista agradável para quem está em condições de a apreciar, o que duvido seja o caso do reverendo.

O homem, ou o que resta dele, está sentado numa cadeira de rodas a um canto do quarto, defronte de uma televisão. No braço da cadeira repousa um

telecomando. Mas o ecrã da televisão permanece apagado.

Pergunto-me se estará a dormir, até que lhe vejo os olhos muito abertos, a olhar sem ver, como antes. O efeito é desconcertante. A boca dele move-se um pouco, a dar a impressão de que mantém um diálogo interior com alguém que só ele vê e ouve. Se calhar Deus.

Faço um esforço para entrar no quarto e detenho-me, num momento de incerteza. Parece-me uma intrusão, embora tenha a certeza de que o reverendo mal se apercebe da minha presença. Por fim, sento-me na beira da cama, ao lado dele.

– Olá, reverendo Martin.

Não há reacção. Mas, afinal, de que estava eu à espera?

– Provavelmente não se lembra de mim. Eddie Adams. A minha mãe vem visitá-lo todas as semanas, apesar... bem, apesar de tudo.

Silêncio, apenas quebrado pela sua respiração sibilante e rala. Nem o tiquetaque de um relógio. Nada para assinalar a passagem das horas. Mas num lugar como aquele talvez seja a última coisa que se deseja. Ser recordado do lento arrastar do tempo. Desvio o olhar, a evitar os olhos fixos e sem expressão do reverendo. Apesar de já ser adulto, continuam a parecer-me espectrais e um tanto assustadores.

– Da última vez que me viu eu ainda era garoto. Doze anos. Um dos amigos de Nicky. Lembra-se *dela*? A sua filha?

Calo-me por um momento. Uma pergunta estúpida. Claro que se lembra. Algures, lá dentro.

Calo-me de novo. Não tivera a intenção de dizer nada, mas agora que aqui estou percebo que quero falar.

– O meu pai. Teve problemas mentais. Não como os seus. O problema dele foi um esvaziamento gradual. Um gotejar constante. Não retinha nada: nem recordações, nem palavras e, por fim, nem a sua identidade. Creio que o seu caso é o oposto. Está tudo fechado aí dentro. Algures. Muito fundo. Mas continua lá.

Ou então foi apagado, destruído, obliterado para sempre. Mas não acredito nisso. Os nossos pensamentos, as nossas recordações, têm de ir para qualquer lado. Os do meu pai podem ter-se escoado, mas tanto a minha

mãe como eu tentámos limpar o que podíamos. A lembrarmo-nos por ele. A guardar em segurança nas nossas mentes os seus momentos mais preciosos.

No entanto, à medida que vou envelhecendo, tenho mais dificuldade em recuperá-los. Acontecimentos, coisas que alguém disse, o que as pessoas vestiam, o seu aspecto, tudo se vai tornando indistinto. O passado esbate-se, como uma fotografia antiga, e por muito que me esforce não há nada que possa fazer para o evitar.

Volto a olhar para o reverendo, e por pouco não caio da beira da cama.

O homem olha para mim, com os olhos cinzentos límpidos e duros.

Os seus lábios movem-se e deixam escapar um sussurro:

– Confessa.

Sinto que se me eriçam os cabelos.

– *O quê?*

De repente, a mão dele move-se para me agarrar o braço. Para um homem que durante os últimos trinta anos não foi capaz de ir sozinho à retrete, o aperto é surpreendentemente forte.

– Confessa.

– Confesso o quê? Eu não...

Antes que consiga dizer mais alguma coisa, uma pancada na porta faz-me virar com brusquidão. O reverendo larga-me o braço.

Uma enfermeira espreita pela abertura da porta. Muito diferente da anterior. Magra e loura, com um rosto simpático.

– Olá – diz com um sorriso. – Vinha só ver se estava tudo bem por aqui. – O sorriso desvanece-se. – Está tudo bem, não está?

Tento recompor-me. A última coisa que desejo é que alguém accione o alarme e me obriguem a sair das instalações.

– Sim, está tudo bem. Só estávamos... só *estava* a falar.

A enfermeira sorri.

– Digo sempre às pessoas que devem falar com os residentes. É bom para eles. Parece que não estão a ouvir, mas percebem mais do que se pensa.

Esboço um sorriso forçado.

– Sei o que quer dizer. O meu pai teve Alzheimer. Era frequente reagir a coisas que pensávamos que não tinha compreendido.

Acena com a cabeça, a mostrar que percebe.

– Há tantas coisas que não sabemos a respeito das doenças mentais. Mas lá dentro continuam a ser pessoas. Seja o que for que tenha acontecido a isto – e bate com um dedo na cabeça –, o coração permanece o mesmo.

Volto a olhar para o reverendo. Os seus olhos retomaram a expressão abstracta.

Confessa.

– Pode ser que tenha razão.

– Vamos lanchar na sala comum – anuncia, em tom mais alegre. – Não quer trazer o reverendo?

– Sim, com certeza.

Faço o que for preciso para sair daqui. Agarro a cadeira de rodas e empurro-o pela porta. Seguimos ao longo do corredor.

– Nunca o tinha visto por cá a visitá-lo – observa a enfermeira.

– Não. Quem costuma cá vir é a minha mãe.

– Oh, Marianne?

– Sim.

– Ela está bem?

– Apanhou uma constipação.

– Coitada. Espero que melhore depressa.

Abre a porta da sala comum – a mesma onde eu e a minha mãe já estivemos – e empurro a cadeira do reverendo lá para dentro. Resolvo arriscar.

– A minha mãe disse que a filha o tem vindo visitar.

A enfermeira assume uma pose pensativa.

– Sim, de facto, há pouco tempo vi uma jovem com ele. Magra, de cabelo escuro?

– Não – começo a dizer. – Nicky é...

Mas interrompo-me.

Mentalmente, dou uma palmada na testa. *Pois claro.* Não é Nicky que cá tem vindo, apesar do que a jovem astuta escreveu no livro de visitas. O reverendo tem outra filha. *Chloe.* Chloe tem vindo visitar o pai.

– Peço desculpa – digo, a emendar-me. – Sim, deve ser ela.

A enfermeira acena.

– Não sabia que era da família. Bem, tenho de servir o chá.

– Muito bem. Com certeza.

Afasta-se. Algumas peças ajustam-se. Onde Chloe tem ido, quando não estava a trabalhar. A visita da semana passada. No mesmo dia em que voltou para casa embriagada e em lágrimas e a fazer aqueles estranhos comentários em relação à família.

Mas porquê? Mais pesquisas? A revisitar o passado? Que anda ela a tramar?

Empurro a cadeira do reverendo e posiciono-a de modo a que ele possa ver a televisão, onde passa um episódio antigo de *Diagnosis Murder*. Por Cristo, se alguém ainda não perdeu o juízo antes de cá entrar, ver todos os dias as interpretações exageradas de Dick Van Dyke e da família deve acabar com ele de vez.

É então que algo me desperta a atenção. Para lá da televisão e dos corpos reclinados nas cadeiras de espaldar, uma figura frágil está sentada do outro lado das portas duplas envidraçadas. Envolta num espesso casaco de peles, com um turbante cor de púrpura equilibrado na cabeça, a deixar ver algumas mechas de cabelo branco que se escapam por baixo.

A *Dama do Jardim*. A mesma que me contou um segredo. Mas já lá vão quase trinta anos. Nem quero acreditar que ainda esteja viva. É possível que na época andasse apenas pelos sessenta e tal. Mas isso implicaria que já tem mais de noventa.

Movido pela curiosidade, avanço e abro a porta. O ar está fresco, mas o Sol imprime-lhe um pouco de calor.

– Olá?

A *Dama do Jardim* vira-se. Os seus olhos são leitosos, nublados pelas cataratas.

– Ferdinand?

– Não, o meu nome é Ed. Já cá vim uma vez, há muito tempo, com a minha mãe, lembra-se?

Inclina-se para a frente e olha-me de viés. Os olhos escondem-se por detrás de um leque de rugas castanhas, encarquilhadas como pergaminho

velho.

– Lembro-me de ti. O rapaz. O ladrão.

Sinto vontade negar, mas para quê?

– Isso mesmo.

– Voltaste a pô-lo no sítio?

– Voltei.

– És um bom rapaz.

– Posso sentar-me? – pergunto, a indicar com um gesto da mão a única cadeira vaga existente.

Hesita antes de assentir.

– Mas só um pouco. Ferdinand deve estar a chegar.

– Com certeza.

Sento-me na cadeira.

– Veio vê-lo – diz ela.

– Ferdinand?

– Não – diz, a abanar a cabeça. – O reverendo.

Olho de relance para onde ele se encontra, afundado na cadeira. *Confessa*.

– Sim. Da outra vez disse que ele os engana a todos. O que queria dizer com isso?

– As pernas.

– Perdão?

Inclina-se para a frente e agarra-me a perna com uma garra branca e ossuda. Estremeço. Não gosto que me toquem sem aviso prévio, nem mesmo na ocasião apropriada. E esta não é uma ocasião apropriada.

– Gosto de um homem com boas pernas – diz ela. – Ferdinand. Tem boas pernas. Pernas *fortes*.

– Estou a ver. – Não estou, mas concordar torna as coisas mais fáceis. – O que tem isso a ver com o reverendo?

– O reverendo?!

A sua expressão volta a toldar-se. O reconhecimento esbate-se. Quase consigo ver-lhe a mente a saltar do presente para o passado. Larga-me a perna e olha para mim.

– Quem és tu? O que estás a fazer sentado na cadeira do Ferdinand?

– Peço desculpa – digo, a levantar-me.

Sinto um ardor na perna esquerda, do aperto que lhe deu.

– Vai chamar o Ferdinand. Está atrasado.

– Eu vou. Gostei... de a voltar a ver.

Acena com a mão, a despedir-me. Volto a transpor as portas duplas. A mesma enfermeira que me deixou entrar anda por ali, a limpar a boca de alguém. Ergue o olhar para mim.

– Não sabia que conhecia a Penny – observa.

– Conheci-a quando cá vim com a minha mãe, já lá vão muitos anos. Fiquei admirado por ainda a encontrar cá.

– Já vai nos novena e oito e continua rija.

Pernas *fortes*.

– E à espera do Ferdinand?

– Sim, claro.

– Isso é que é amor. Todos estes anos à espera do noivo.

– Era capaz de ser. – A enfermeira endireita-se e oferece-me outro sorriso rasgado. – Só que, ao que parece, o noivo que morreu chamava-se Alfred.



Regresso a casa em passo rápido. Podia ter ido de automóvel até St. Magdalene, mas são apenas trinta minutos a pé desde a cidade, e queria clarificar as ideias. Embora, para ser franco, não tenha havido qualquer clarificação. As palavras e as frases continuam a flutuar-me na cabeça, como *confetti* num globo de neve.

Confessa. Pernas fortes. O falecido noivo chamava-se realmente Alfred.

Há aqui qualquer coisa. Apenas perceptível por entre toda esta agitação. Mas não consigo dissipar o torvelinho dos meus pensamentos para a ver com clareza.

Levanto a gola do casaco. O Sol escondeu-se, substituído por nuvens cinzentas. O crepúsculo iminente ergue-se como uma sombra negra por detrás do ombro do dia.

Paira uma sensação de estranheza em redor das paisagens familiares. Como se eu fosse um estranho naquilo que é o meu mundo. Como se

sempre tivesse olhado as coisas de maneira errada. Sem as ver *bem*. Tudo se afigura mais duro e acerado. Quase me é possível imaginar que se tocasse a folha de uma árvore ela me deceparia os dedos.

Rodeio o que era a orla do bosque, e que agora é um vasto complexo habitacional. Dou por mim a olhar para trás, a estremecer a cada rajada de vento. As únicas pessoas que vejo são um homem que passeia um labrador relutante e uma jovem mãe que empurra o carrinho do bebé em direcção à paragem do autocarro.

Mas não é verdade. Por uma ou duas vezes tenho a impressão de ver alguém ou *alguma coisa* escondida entre as sombras que se vão cerrando atrás de mim: um relance de pele cor de marfim, a aba de um chapéu preto, o reflexo pálido de uma cabeleira branca, vejo-os por fracções de segundo pelo canto do olho.

Chego a casa tenso e ofegante, encharcado em suor apesar da frescura do ar. Pouso a mão pegajosa sobre o puxador da porta. Tenho de chamar um serralheiro para mudar as fechaduras. Mas antes disso quero tomar uma bebida. Melhor, *preciso* de tomar uma bebida. Ou mais do que uma. Entro no corredor e estaco. Pareceu-me ouvir um ruído, mas pode ser apenas o vento, ou um rangido da casa. Ainda assim... olho em redor... há qualquer coisa que está mal. Há qualquer coisa na casa que faz que pareça diferente. Um vago aroma a baunilha. Feminino. Deslocado. E a porta da cozinha. Está aberta de par em par. Não a fechei antes de sair?

Chamo em voz alta:

– Chloe!

Responde-me o silêncio. Pois claro. Que estúpido. São apenas os meus nervos, mais tensos do que as cordas de um *Stradivarius*. Atiro as chaves para cima da mesa. E nesse momento dou um pulo que quase me faz chegar ao tecto quando uma voz lacónica e arrastada me saúda da cozinha:

– Já não era sem tempo.

2016

Tem o cabelo solto, a chegar-lhe aos ombros. Pintado de louro. Não lhe fica bem. Usa calças de ganga, ténis *Converse* e uma velha camisola *Foo Fighters*. O rosto não apresenta a habitual carga de maquilhagem em volta dos olhos. Não parece Chloe. A minha Chloe. Que afinal nunca foi.

– Assumiste um *new look*? – pergunto.

– Apeteceu-me mudar.

– Creio que preferia a versão antiga.

– Eu sei. Desculpa.

– Não faz mal.

– Nunca tive intenção de te magoar.

– Não estou magoado. Apenas chateado.

– Ed...

– Poupa-me. Dá-me uma boa razão para não chamar imediatamente a polícia.

– Não fiz nada de mal.

– Perseguição. Cartas ameaçadoras. E que tal homicídio?

– *Homicídio*?

– Naquela noite, seguiste Mickey até ao rio e empurraste-o.

– *Cristo*, Ed. – Abana a cabeça. – Por que havia de matar o Mickey?

– Não me queres dizer?

– É aquela parte em que tenho de confessar tudo, como numa história policial de má qualidade?

– Pensei que fosse por isso que tinhas voltado.

Ergue uma sobrancelha.

– Voltei porque me esqueci de uma garrafa de gim no frigorífico.

– Serve-te à vontade.

Dirige-se ao frigorífico e tira de lá uma garrafa de *Bombay Sapphire*.

– Também queres?

– É uma pergunta desnecessária.

Serve duas porções generosas, senta-se à minha frente e ergue o copo.

– *Cheers!*

– Brindamos a quê?

– Às confissões?

Confessa.

Bebo um grande trago e só então me lembro de que não gosto de gim, mas neste momento qualquer bebida alcoólica me serve.

– Muito bem. Começas tu. Por que razão vieste viver para minha casa?

– Talvez por ter um fraquinho por homens mais velhos.

– Em tempos idos, isso seria a felicidade de um velho.

– E agora?

– Só quero saber a verdade.

– Muito bem. Há pouco mais de um ano, o teu amigo Mickey entrou em contacto comigo.

Não é a resposta que esperava.

– Como te encontrou ele?

– Não me encontrou. Encontrou a minha mãe.

– Julguei que a tua mãe tinha morrido.

– Não. Isso foi o que eu disse à Nicky.

– Mais uma mentira. Que surpresa.

– Bem podia estar morta. Não era uma mãe a sério. Passei metade da minha adolescência a entrar e a sair de lares.

– Pensei que ela tivesse encontrado Deus.

– Sim, mas depois dele encontrou a bebida, a erva e qualquer tipo que lhe pagasse uma vodca com cola.

– Lamento.

– Não lamentos. Seja como for, não precisou de muito para contar a Mickey quem era o meu verdadeiro pai. E quando digo *muito* estou a falar de meia garrafa de *Smirnoff*.

– Foi assim que Mickey te encontrou?

– Foi.

– Já sabias quem era o teu pai?

Faz um gesto de assentimento.

– A minha mãe contou-me há alguns anos, quando estava bêbeda. Não quis saber. Foi apenas um doador de esperma, um acidente biológico. Mas a visita de Mickey despertou-me a curiosidade. Além disso, ele fez-me uma proposta. Se o ajudasse nas pesquisas para um livro que estava a escrever, ele arranjava-me umas massas.

Experimento uma sensação deprimente de *déjà vu*.

– Conheço essa história.

– Eu sei. Só que eu exigi um pagamento adiantado.

Esboço um sorriso triste.

– É claro que exigiste.

– Ouve, não me sinto orgulhosa disso, mas disse para comigo que também devia fazer qualquer coisa por mim... descobrir a minha família, o meu passado.

– E o dinheiro não te fazia mal, pois não?

A sua expressão endurece.

– O que queres que eu diga, Ed?

Quero que *não* diga nada daquilo. Quero que não passe tudo de um pesadelo horrível. Mas a realidade é sempre mais dura e cruel.

– Portanto, e resumindo, Mickey pagou-te para me espiares a mim e à Nicky. Porquê?

– Disse que talvez te abrisses mais. O que daria um bom pano de fundo.

Pano de fundo. Creio que para Mickey nunca fomos mais do que isso. Não éramos amigos. Só a porra de um pano de fundo.

– Foi então que a Nicky descobriu o que andavas a fazer e te pôs a andar?

– Mais ou menos.

– E eu até tinha um quarto vago. A ocasião não podia ser melhor.

Demasiado perfeita. Perguntara-me por que razão o jovem que estava para entrar (um aluno de medicina, muito nervoso) tinha mudado de repente de ideias e solicitado a devolução da caução. Mas agora posso arriscar uma conjectura.

– O que aconteceu ao outro potencial inquilino? – pergunto.

Passa o dedo pela borda do copo.

– Pode ser que tenha bebido uns copos com uma jovem que lhe disse que eras um velho libidinoso com um fraco por estudantes de medicina e que devia fechar o quarto à chave durante a noite.

– Muito *Uncle Monty*.

– Na verdade fiz-te um favor. O tipo era um idiota.

Abano a cabeça. Não há nada pior do que um velho parvo, talvez com excepção de um parvo de meia-idade. Estendo a mão para a garrafa e encho o copo. Emborco metade de um único trago.

– E as cartas?

– Não fui eu que as enviei.

– Então quem foi?

Sem lhe dar tempo de falar, respondo à minha pergunta:

– Foi o Mickey, não foi?

– *Bingo!* Ganhaste o *jackpot*.

Pois claro. A agitar as águas do passado. Para nos encher de cagaço. Mesmo coisa do Mickey. Mas o tiro acabou por lhe sair pela culatra.

– Não lhe fizeste mal?

– Evidentemente que não. Jesus, Ed. Pensas mesmo que era capaz de matar alguém? – Cala-se por um momento. – Mas tens razão. Naquela noite fui atrás dele.

De repente, dá-se um clique.

– Levaste o meu sobretudo?

– Estava frio. Agarrei nele ao sair.

– Porquê?

– Porque me ficava bem...

– O que eu quero saber é *por que* razão o seguiste.

– Sei que não vais acreditar em mim, mas estava farta de mentir. Ouvi mais ou menos a história que ele te estava a impingir. Fiquei furiosa. De modo que fui atrás dele. Para lhe dizer que já chegava.

– O que aconteceu?

– Riu-se na minha cara. Acusou-me de ser um arranjinho teu e que mal podia esperar para incluir isso no livro, para lhe dar cor.

Mesmo uma coisa do velho Mickey.

– Preguei-lhe uma chapada – prossegue. – Na cara. Talvez com mais força do que queria. Saltou-lhe o sangue do nariz. Insultou-me e foi-se embora aos tropeções...

– Em direcção ao rio?

– Não sei. Não fiquei a ver. Mas não o empurrei.

– E o meu sobretudo?

– Ficou sujo, com o sangue do Mickey. Não podia voltar a pendurá-lo no cabide, de maneira que o encafuei no fundo do teu guarda-fatos.

– Obrigado.

– Não pensei que precisasses dele e contava mandá-lo limpar, quando as coisas estivessem mais calmas.

– Até agora convenceste-me.

– Não estou aqui para te convencer, Ed. Acredita naquilo que quiseres.

Mas acredito nela. Como é evidente, fica por esclarecer o que depois aconteceu a Mickey.

– Por que te foste embora? – pergunto.

– Uma amiga da loja disse-me que tinhas lá ido procurar-me. Telefonaram-me. Percebi que se descobrisses sobre Nicky perceberias que te tinha mentido. Não era capaz de te encarar, pelo menos de momento.

Baixo os olhos para o copo.

– E então foste-te embora sem mais nem menos?

– Voltei.

– Por causa do gim.

– Não foi só por causa do gim. – Estende a mão para agarrar a minha. – Não foram só mentiras, Ed. Tu és meu amigo. Naquela noite em que me embebedei estive para te dizer a verdade, sobre tudo.

Gostaria de conseguir retirar a minha mão. Mas o meu orgulho não é assim tanto. Deixei que os seus dedos brancos e frios repousassem por um momento sobre os meus antes de ela afastar a mão para procurar qualquer coisa no bolso.

– Olha. Sei que não posso emendar tudo, mas pode ser que isto ajude.
Deposita sobre a mesa um pequeno bloco de apontamentos, de capa preta.

– O que é isso?

– É o bloco do Mickey.

– Como está em teu poder?

– Roubei-lho do bolso do casaco, enquanto ele estava cá em casa.

– Não me estás a convencer muito quanto à tua honestidade.

– Nunca disse que era honesta. Apenas disse que não eram só mentiras.

– O que tem escrito?

Encolhe os ombros.

– Não li muito. Para mim não faz sentido, mas pode ser que faça para ti.

Folheio algumas páginas. Os rabiscos de Mickey são quase tão ilegíveis como os meus. As frases nem são coerentes. São apontamentos soltos, ideias, nomes (o meu é um deles). Volto a fechá-lo. Pode ser alguma coisa, mas também pode não ser nada. Prefiro olhar para ele mais tarde, quando estiver sozinho.

– Obrigado.

– Não tens de quê.

Há outra coisa que preciso de saber.

– Por que motivo foste visitar o teu pai? Foi também por causa do Mickey e do livro?

Olha-me com ar espantado.

– Tens andado a fazer as tuas pesquisas, não é?

– Um pouco.

– Bem, não teve nada a ver com o Mickey. Foi por mim. Inútil, é claro. Ele não faz a mínima ideia de quem eu sou. Talvez seja melhor assim, não?

Levanta-se e pega numa mochila que está no chão. Na parte de cima vejo uma tenda enrolada.

– O dinheiro do Mickey não chega para um hotel de cinco estrelas?

– Nem para um Travelodge. – Fita-me friamente. – Se queres saber, usei-o para pagar um curso na universidade, para o ano que vem.

Atira a mochila para as costas. Ajoujada sob o peso, parece ainda mais magra e frágil.

Apesar de tudo, pergunto:

– Vais ficar bem, espero?

– Uma noite ou duas a acampar no bosque não fazem a mal a ninguém.

– *No bosque*. Não estás a falar a sério, pois não? Não podes ir para uma pensão, ou coisa parecida?

Olha-me e diz:

– Não tem importância. Já fiz isto antes.

– Mas não é seguro.

– Estás a falar no Grande Lobo Mau ou na Bruxa Malvada e na Casinha de Chocolate?

– Isso. Troça de mim.

– É a minha função. – Dirige-se para a porta. – Até à vista, Ed.

Devia ter dito alguma coisa. *Nos teus sonhos. Não se for eu a ver-te primeiro. Nunca se sabe*. Qualquer coisa. Qualquer coisa adequada ao fim do nosso relacionamento.

Mas não o faço. E o momento passa, a cair pelo grande abismo para se juntar a todos os outros momentos perdidos; a todos os *devia ser, podia ser e se ao menos*, que constituem o enorme buraco negro que é o cerne da minha vida.

Oiço bater a porta da frente. Levanto o copo e descubro que está vazio. E o mesmo acontece com a garrafa de gim. Levanto-me, agarro numa garrafa de *bourbon* e sirvo-me abundantemente. Sento-me e volto a folhear o bloco de apontamentos. A minha intenção é apenas dar-lhe uma vista de olhos. Mas depois de quatro grandes doses de uísque ainda o estou a ler. Devo ser sincero: Chloe tem razão, nada disto faz sentido. Pensamentos avulsos, corrente de consciência, muita bília injustificada. E a ortografia de Mickey era ainda pior do que a letra. Contudo, insisto em regressar a uma página, perto do fim:

Quem queria matar Elisa?

O Homem de Giz? Ninguém.

Quem queria mal ao reverendo Martin?

Toda a gente! Suspeitos: o pai de Ed, a mãe de Ed, Nicky. Hannah Thomas? Grávida do filho de Martin. O pai de Hannah? Hannah?

Hannah – revendo Martin. Elisa – senhor Halloran. Ligação?

Ninguém queria fazer mal a Elisa – importante.

CABELO.

Qualquer coisa me faz comichão num canto do cérebro, mas não consigo lá chegar para me coçar como deve ser. Por fim, fecho o bloco e ponho-o de parte. É tarde e estou embriagado. Nunca ninguém encontrou respostas no fundo de uma garrafa. A ideia também não é essa. Quando se chega ao fundo da garrafa é para esquecer as perguntas.

Apago a luz e começo a subir a escada em passos hesitantes. Até que reconsidero e volto aos tropeções para a cozinha. Agarro no bloco de Mickey e levo-o comigo. Sirvo-me da casa de banho, atiro o bloco para cima da mesa-de-cabeceira e deixo-me cair sobre a cama. Espero que o *bourbon* me faça perder a consciência antes de o sono se apoderar de mim. A distinção é importante. O torpor provocado pelo álcool é diferente. É um mergulho directo na inconsciência, *on the rocks*. Com o verdadeiro sono, vagueamos, sonhamos. E por vezes... estamos despertos.



Abro de súbito os olhos. Não é um despertar gradual, por entre as camadas do sono. O coração cavalga-me no peito, tenho o corpo coberto por uma fina capa de suor e sinto os olhos arregalados. Qualquer coisa me despertou. Não. Corrijo. Qualquer coisa me *arrancou* para um estado de vigília.

Relanceio os olhos pelo quarto. Vazio, só que nenhum compartimento está vazio, pelo menos na escuridão. As sombras pairam nos cantos e derramam-se pelo chão, em movimentos sonolentos. Mas não foi isso que me acordou. É a sensação de que, ainda há poucos segundos, alguém estava sentado na minha cama.

Sento-me. A porta do quarto está escancarada. Tenho a certeza de que a fechei antes de me deitar. A claridade pálida da Lua penetra pela janela do patamar, a iluminar o corredor. Deve ser noite de lua cheia, penso. Muito adequado. Rodo as pernas para fora da cama, apesar de a pequena parte racional do meu cérebro, a única que subsiste mesmo num estado de sono

letárgico, me dizer que é má ideia, uma ideia *mesmo* má, o pior possível. Preciso de acordar. Já. Mas não consigo. Não me liberto deste sonho. À semelhança de algumas coisas na vida, há sonhos que têm de seguir o seu rumo. Mesmo que conseguisse acordar, o sonho havia de voltar. É o que estes sonhos sempre fazem, até que os sigamos até ao seu núcleo putrefacto e lhes cortemos as raízes em supuração.

Enfio os pés nos chinelos e visto o roupão. Aperto-o na cintura e dirijo-me para o patamar. Olho para baixo. No chão vejo terra e mais alguma coisa. Folhas.

Movo-me mais depressa, a descer a escada que range, atravesso o corredor e vou à cozinha. A porta das traseiras está aberta. Uma lufada de ar frio acaricia-me os tornozelos. Lá fora, a escuridão chama-me com um gesto dos seus dedos gélidos. Pela porta aberta, o cheiro que me chega não é o do ar fresco da noite, mas o odor fétido da podridão. Num gesto instintivo, tapo o nariz e a boca com a mão. Enquanto isso, olho para baixo. Nos mosaicos escuros da cozinha, um homem de giz de braço esticado aponta para a porta. Pois claro. Um homem de giz a indicar o caminho. Tal como dantes.

Espero ainda um momento e depois, com um derradeiro olhar triste sobre os contornos familiares da cozinha, atravesso a soleira da porta.

Não estou no caminho de acesso. Como é próprio dos sonhos, este saltou para outro lugar. O bosque. As sombras rumorejam e murmuram à minha volta, as árvores gemem e estalam, as ramarias agitam-se de um lado para o outro, insones, atormentadas pelos terrores da noite.

Tenho uma lanterna na mão, mas não me lembro de ter pegado nela. Dirijo o foco em volta e detecto movimento mais à frente, entre as ervas. Avanço, a ignorar deliberadamente os batimentos acelerados do coração, apenas concentrado nos pés que esmagam e fazem estalar o solo irregular. Não sei durante quanto tempo ando. Parece uma eternidade, mas não devem ser mais do que segundos. Sinto que já devo estar perto. Mas perto de quê?

Estaco. De repente, o bosque perdeu espessura. Estou numa pequena clareira. Que reconheço. É a mesma onde estive, há muitos anos.

Ilumino o espaço à minha volta. Está vazio, com excepção de alguns pequenos montes de folhas. Mas não são enroladas, castanhas e alaranjadas como da outra vez. Já estão mortas, encarquilhadas, cinzentas, apodrecidas. E movem-se, apercebo-me com um terror crescente. Cada um dos pequenos montes se agita sem descanso.

– *Eddieeee! Eddieeee?*

Não é a voz de Sean Cooper, nem mesmo a do senhor Halloran. Esta noite tenho uma companhia diferente. Uma companhia feminina.

O primeiro monte de folhas abre-se numa explosão e uma mão branca emerge como um animal nocturno que desperta da hibernação. Sufoco um grito. De outra pilha de folhas brota um pé, a flectir os dedos de unhas pintadas de cor-de-rosa. Uma perna avança sobre um coto sangrento, e por fim, a pilha maior explode e dela irrompe um torso esguio que se arrasta pelo chão como uma horrenda lagarta humana.

Mas continua a faltar uma peça. Olho em redor e vejo que a mão saltita, a caminhar sobre as pontas dos dedos, para o monte de folhas mais distante. Desaparece debaixo dele para logo em seguida ela emergir do monturo apodrecido, numa pose quase majestática, os cabelos a caírem sobre o rosto desfigurado, transportada ao alto pela mão decepada.

Deixo escapar um gemido. A bexiga, repleta de *bourbon*, trai-me vergonhosamente e a urina quente escorre-me pelas pernas das calças do pijama. Mal dou por isso. Tudo quanto vejo é a cabeça dela a correr apressada pelo solo da floresta na minha direcção, o rosto ainda encoberto por um véu de cabelos sedosos. Cambaleio para trás, prende-se-me o pé na raiz de uma árvore e caio com grande aparato sobre o traseiro.

Os dedos dela enclavinham-se em volta do meu tornozelo. Quero gritar, mas as minhas cordas vocais estão paralisadas. O híbrido cabeça/mão sobe-me com delicadeza pela perna, evita as virilhas molhadas e descansa por momentos sobre o meu estômago. Passei além do medo. Além da repulsa. Se calhar, vários pontos além da sanidade mental

– *Eddieeee* – sussurra ela. – *Eddieeee*.

A mão rasteja sobre o meu peito. Ela começa a levantar a cabeça. Sustenho a respiração, à espera que os olhos acusadores pousem sobre mim.

Confessa, penso. Confessa.

– Perdão. Peço perdão.

Os dedos acariciam-me o queixo e os lábios. Só então reparo num pormenor. As unhas dela. Estão pintadas de preto. Não está certo. Não está...

Puxa o cabelo para trás, o cabelo recém-pintado de louro, manchado pelo sangue que escorre do pescoço cortado.

Só então percebo o meu erro.



Acordo no chão, ao lado da cama, enrolado nos cobertores. Sinto uma dor no cóccix. Deixo-me ficar deitado, a arquejar, até que a realidade me penetre os sentidos. Mas não resulta. A proximidade do sonho continua a subjugar-me. Ainda lhe consigo ver a cara. Sinto nos lábios o toque dos seus dedos. Levo a mão ao cabelo e desembaraço um caule de erva. Baixo os olhos para os pés. As dobras do pijama e as solas dos meus chinelos estão sujas de terra e de folhas esmagadas. Chega-me ao nariz o odor acre da urina. Engulo em seco.

Mas há mais alguma coisa, e tenho de lhe compreender depressa o significado, antes que se esgueire para longe como a horrenda cabeça aracnídea do meu sonho.

Levanto-me com esforço e apalpo a cama às cegas. Ligo o interruptor do candeeiro da mesa-de-cabeceira e agarro no bloco de apontamentos de Mickey. Folheio-o em movimentos frenéticos até chegar à última página. Olho para as notas garatujadas por Mickey e de repente qualquer coisa se abre no meu espírito com uma clareza absurda. Quase consigo ouvir o *ping* da lâmpada que se ilumina.

É como quando se olha para uma daquelas ilusões de óptica e, por muito que se tente, não se vê mais do que uma série de pontos e linhas retorcidas. E ao mover a cabeça apenas um milímetro depara-se-nos de repente a imagem oculta. Clara como água. E depois de tê-la visto, espanta-nos como *não* a vimos antes. Tão enganadora e loucamente óbvia.

Tenho estado a ver mal. Todos têm estado a ver mal. Talvez por não possuírem a última peça do *puzzle*. Talvez porque todas as fotos de Elisa que apareceram nos jornais e nos noticiários a mostravam *antes* do acidente. *Essa* imagem, *essa* representação, tornou-se Elisa, a rapariga encontrada no bosque.

Mas não era a imagem verdadeira. Não era a rapariga cuja beleza tinha sido arrancada com tanta crueldade. Não era a rapariga que eu e o senhor Halloran tínhamos tentado salvar.

Mais importante ainda, não era a Elisa que tinha há pouco resolvido operar uma mudança. Que pintara o cabelo. Que, à distância, já nem se parecia com Elisa.

«Ninguém queria mal a Elisa – importante. CABELO.»

1986-1990

Quando tinha os meus nove ou dez anos era um grande admirador de *Doctor Who*. Quando cheguei aos doze, a série tinha-se tornado uma porcaria pouco convincente. Com efeito, e na sincera opinião dos meus doze anos, tinha começado a perder quando Peter Davison se tinha regenerado em Colin Baker, que nunca foi tão interessante, com o seu estúpido casaco de muitas cores e a gravata às bolas.

Seja como for, antes disso tinha adorado todos os episódios, em especial aqueles em que entravam os Daleks e os que deixavam o fim em suspenso. Um «fim em aberto», como lhe chamavam.

A verdade é que o «fim em aberto» era sempre melhor do que a solução pela qual esperávamos ansiosamente todas as semanas. O primeiro episódio deixava em geral o Doutor exposto a um grande perigo, cercado por uma horda de Daleks dispostos a exterminá-lo, ou numa nave espacial prestes a explodir, ou a enfrentar um monstro enorme e horrendo ao qual não havia maneira de escapar.

Mas ele escapava sempre, e isso implicava aquilo a que o Gav Gordo chamava «uma fuga do caraças». Um alçapão secreto, um salvamento à última hora pela UNIT, ou qualquer outra coisa incrível que o Doutor conseguia fazer com o auxílio da sua chave de parafusos sónica. Embora continuasse a gostar de ver a segunda parte, sentia-me sempre um tanto desiludido. Como se tivesse sido intrujado.

Na vida real não há dessas intrujices. Ninguém escapa a um destino terrível porque possui uma chave de parafusos sónica que funciona na mesma frequência do botão de autodestruição do *Cybermen*. A vida não é assim.

E, no entanto, durante algum tempo, depois de ouvir dizer que o senhor Halloran tinha morrido, ansiava por ser intrujado. Queria que o senhor Halloran estivesse vivo. Que aparecesse e dissesse a toda a gente: *Como podem ver, continuo vivo. Não fiz nada de mal, e o que de facto aconteceu...*

Embora tivéssemos um fim, não me parecia *adequado*. Não era um *bom* fim. E havia coisas que me intrigavam. Era um anticlímax. Quanto a mim, tinha de haver mais qualquer coisa. «Lacunas na intriga», como lhes poderiam chamar, se estivessem a falar do Doctor Who. Coisas que o escritor esperava que passassem despercebidas, mas que não passavam. Mesmo quando se tem doze anos. *Especialmente* quando se tem doze anos. Quando se tem doze anos procura-se ser astuto para não se ser ludibriado.

O que quero dizer é que, depois, todos afirmavam que o senhor Halloran era louco, como se isso explicasse tudo. Mas mesmo um louco, ou um lagarto com dois metros de altura no Doctor Who, precisava de um motivo para fazer as coisas.

Quando disse isto aos outros, ao Gav *Gordo* e ao *Hoppo* (porque o facto de termos encontrado o corpo juntos não nos tinha aproximado de Mickey e continuámos a dar-nos pouco com ele depois disso), o Gav *Gordo* limitou-se a lançar-me um olhar de irritação, rodou o dedo encostado à têmpora e disse:

– Ele fez isso por ser marado, meu. Passado dos carretos. Lunático. Com pancada. Um membro efectivo da Brigada dos Tarados.

Hoppo pouco disse, excepto uma vez, quando o Gav *Gordo* se irritou e estava prestes a dar início a uma discussão. Nesse momento, *Hoppo* apenas comentou, sem levantar a voz:

– Talvez ele tivesse as suas razões. Nós é que não as compreendemos, porque não somos ele.

Estou em crer que, por debaixo disto tudo, eu continuava a alimentar um sentimento de culpa; pela minha participação nas coisas, em especial pelo estúpido incidente do anel.

Se não o tivesse lá deixado naquele dia, será que toda a gente estaria convencida da culpabilidade do senhor Halloran? Talvez sim, pelo facto de

se ter suicidado. Mas sem o anel é possível que não se precipitassem a atribuir-lhe o homicídio de Elisa. O processo não teria sido fechado tão cedo e a polícia talvez procurasse mais provas. A arma do crime. A cabeça dela.

Nunca fui capaz de me dar respostas satisfatórias para estas perguntas, para estas dúvidas. E assim, acabei por pô-las de parte. Com infantilidades. Que talvez nunca tenhamos deixado.



O tempo foi passando e os acontecimentos desse Verão começaram a esbater-se na nossa memória. Fizemos catorze, quinze, dezasseis anos. Os exames, as hormonas e as miúdas passaram a ocupar os nossos pensamentos.

Por essa altura, eu tinha outras coisas com que me preocupar. A saúde do meu pai tinha começado a piorar. A vida impusera uma rotina que me tornaria a existência miserável por mais sete anos. Primeiro a estudar, depois a trabalhar. Durante o dia, a conviver com a mente cada vez mais perturbada do meu pai, à noite, com a frustração impotente da minha mãe. Passou a ser a minha normalidade.

O Gav *Gordo* começou a encontrar-se com uma rapariga bonita e um tanto gorducha, chamada Cheryl. Além de também perder peso. De maneira gradual a princípio. Começou a comer menos e andar mais de bicicleta. Entrou para um clube de corrida e, embora tratasse tudo como uma brincadeira, em breve estava a correr mais depressa e a cobrir distâncias maiores, e o peso continuou a desaparecer. Como se estivesse a largar a sua antiga personalidade. E penso que foi que o que aconteceu. Além do peso, abandonou os comportamentos bizarros, a constante correnteza de piadas. Tornou-se mais sério. Adquiriu um perfil mais duro. Dizia menos graçolas, estudava mais, e quando não estava a estudar estava na companhia de Cheryl. Tal como antes tinha acontecido com Mickey, começou a afastar-se. O que deixava apenas dois: *Hoppo* e eu.

Tive algumas namoradas, mas nada sério. E algumas paixões assolapadas e impossíveis, uma delas por uma professora de Inglês de aspecto severo,

cabelos escuros, óculos pequeninos e uns olhos verdes incríveis. A menina Barford.

Quanto ao *Hoppo* – bem, *Hoppo* nunca pareceu interessar-se muito pelas raparigas até termos conhecido uma chamada Lucy (que acabaria por traí-lo com Mickey e seria a causa da briga na tal festa a que não fui).

Hoppo apaixonou-se, uma paixão a sério. Que eu nunca compreendi quando era rapaz. A rapariga era engraçada, mas nada de especial. Bastante apagada, por sinal. Cabelos castanhos escorridos, óculos. Também se vestia de maneira estranha. Saias plissadas compridas, botas, *T-shirts* tingidas e todas essas porcarias *hippies*. Não era uma tipa porreira.

Só mais tarde percebi quem ela me fazia lembrar: a mãe de *Hoppo*. Seja como for, pareciam dar-se bem e faziam um par interessante. Apreciavam as mesmas coisas, embora numa relação todos cedamos um pouco e finjamos gostar de algumas coisas para satisfazer a outra pessoa.

Com os amigos passa-se o mesmo. Não gostava muito de Lucy, mas fingia gostar para agradar a *Hoppo*. Por essa altura, eu andava com uma miúda que frequentava o ano anterior, chamada Angie. Tinha uma enorme cabeleira, arranjada em permanente, e um corpo jeitoso. Não estava apaixonado, mas gostava dela, que não era nada complicada (não é nesse aspecto, embora também não se fizesse muito difícil). Era fácil estar na companhia dela: descontraída e nada exigente. Com tudo o que se passava com o meu pai, era o que eu precisava.

Sáímos por diversas vezes na companhia de *Hoppo* e de Lucy. Angie e Lucy pouco tinham em comum, mas Angie era uma garota afável que se esforçava por agradar às pessoas. O que era bom, pois assim não tinha de ser eu a fazê-lo.

Íamos ao cinema, também íamos ao *pub* e, um fim-de-semana, *Hoppo* sugeriu algo diferente.

– Vamos à feira.

Nesse momento encontrávamo-nos no *pub*. Não era o The Bull. Nem pensar que o pai do Gav *Gordo* nos permitisse beber cervejas e comer uns petiscos. Era no Wheatsheaf, do outro lado da cidade, onde o dono não nos conhecia e não queria saber se tínhamos apenas dezasseis anos.

Estávamos em Junho, de modo que nos sentávamos cá fora, na esplanada, a qual não era mais do que um pequeno quintal nas traseiras mobilado com algumas mesas de madeira desengonçadas e bancos corridos.

Lucy e Angie reagiram com entusiasmo. Eu fiquei em silêncio. Não tinha voltado à feira desde o dia do terrível acidente. Não vou dizer que evitava todas as feiras e parques de diversões, apenas não sentia vontade de ir a nenhum.

Mas era mentira. Tinha medo. No Verão anterior esquivara-me a uma ida ao Thorpe Park alegando uma indisposição de estômago, o que era mais ou menos verdadeiro. O estômago dava-me voltas sempre que pensava em andar no carrossel ou noutra coisa qualquer. Só me acudia à memória a imagem da *Rapariga do Carrossel*, estendida no chão com a perna pendurada e o rosto adorável reduzido a uma massa de ossos e cartilagens.

– Ed? – perguntou Angie, a dar-me um apertão na perna. – O que dizes? Não queres ir amanhã à feira? – Sussurrou-me ao ouvido, numa voz um pouco entaramelada. – No Comboio Fantasma, deixo que me metas o dedo.

Por muito aliciante que a ideia fosse (até então só lhe tinha metido o dedo no ambiente pouco estimulante do meu quarto), apenas esbocei um sorriso forçado.

– Sim. Parece-me bestial.

Não parecia, mas não quis mostrar-me cobarde em frente de Angie e, por qualquer razão, em frente de Lucy, que me lançava um olhar estranho. Um olhar que me desagradou, como se ela tivesse percebido a minha mentira.



No dia da feira estava muito calor. Tal como da outra vez. E Angie cumpriu a promessa. Mas nem isso me deu o prazer que esperava, embora à saída do Comboio Fantasma sentisse dificuldade em andar. O que em breve desapareceu quando vi onde tínhamos vindo parar. Mesmo em frente do carrossel.

Não sei como, mas ainda não o tinha visto. Talvez oculto pela multidão, ou porque a minha atenção se concentrava noutras coisas, como

a minúscula minissaia de licra de Angie e o que me esperava tentadoramente alguns centímetros mais acima.

Estaquei, imóvel, a olhar para os compartimentos que rodopiavam. Vinda não sei de onde, a voz de Bon Jovi berrava nos altifalantes. As raparigas gritavam, deliciadas, quando os empregados do carrossel faziam rodopiar mais depressa as cadeirinhas.

Grita se quiseres ir mais depressa.

– Ei. – *Hoppo* surgiu ao meu lado e percebeu para onde eu estava a olhar.
– Sentes-te bem?

Assenti, pois não queria dar parte de fraco na presença das raparigas.

– Estou bem, estou.

– A seguir vamos ao carrossel? – perguntou Lucy, a dar o braço a *Hoppo*.

A pergunta foi feita em tom inocente, mas ainda hoje estou convencido de que havia ali qualquer coisa. Falsidade. Astúcia. Ela sabia. E dava-lhe gozo provocar-me.

– Pensei que íamos para o Meteorito – repliquei.

– Podemos ir depois. Anda lá, Eddie. Vai ser giro.

Detestava quando ela me chamava Eddie. Eddie era um nome de garoto. Aos dezasseis anos, gostava que me tratassem por Ed.

– Acho que o carrossel é uma treta – disse, a encolher os ombros. – Mas se querem fazer uma corrida de merda, por mim está bem.

Ela sorriu.

– E tu, o que dizes, Angie?

Eu sabia o que Angie ia dizer. E Lucy também.

– Se é isso que toda a gente quer, eu não me importo.

Por um instante, gostaria que se importasse. Que tivesse opinião própria, espinha dorsal. Porque outra palavra para «afável» é ser «mole».

– Bestial – disse Lucy, com um sorriso. – Vamos lá.

Dirigimo-nos ao carrossel e juntámo-nos à pequena fila para entrar. O coração saltava-me no peito. Sentia as mãos húmidas. Julguei que ia vomitar, ainda não tinha começado a corrida e já as contracções do estômago se tornavam insuportáveis.

Os participantes na corrida anterior saíram. Ajudei Angie a subir, a tentar mostrar-me cavalheiro e a deixá-la ir à frente. Coloquei um pé sobre a plataforma de madeira instável e detive-me. Qualquer coisa me chamou a atenção, ou melhor, qualquer coisa me perpassou pelo canto do olho. O bastante para me obrigar a virar.

Uma figura alta e esguia ao lado do Comboio Fantasma. Vestida de preto. Calças de ganga pretas e lustrosas, camisa larga e um chapéu preto de abas largas, à *cowboy*. Estava de costas para mim, a observar o Comboio Fantasma, mas consegui distinguir os longos cabelos louro-esbranquiçados que lhe desciam pelas costas.

Continuas comigo, Eddie?

Uma loucura. Impossível. Não podia ser o senhor Halloran. Não podia. O senhor Halloran estava morto. Desaparecido. Enterrado. Mas Sean Cooper também estava.

– Ed?

Angie olhava-me, intrigada.

– Sentes-te bem?

– Eu...

Olhei para trás, na direcção do Comboio Fantasma. A figura movera-se. Apenas vi uma sombra negra desaparecer na esquina.

– Desculpa, tenho de ir ver uma coisa.

E saltei do carrossel.

– *Ed!* Não te podes ir embora assim!

Angie lançou-me um olhar irado. Nunca a vira tão chateada. Não tive dúvida de que a nossa aventura no Comboio Fantasma podia ser a última durante muito tempo, mas naquele momento não tinha importância. Tinha de ir. Tinha de *saber*.

– Desculpa – tartamudeei outra vez.

Atravessei a correr o recinto da feira. Dobrava a esquina do Comboio Fantasma no momento em que a figura desaparecia por detrás das bancas do algodão-doce e dos balões. Acelerei o passo, fui de encontro a algumas pessoas que me insultaram. Não me importei.

Não sei se acreditava ou não que a aparição que perseguia era real, mas estava habituado a fantasmas. Mesmo já adolescente, continuava a espreitar à noite pela janela do quarto, para o caso de Sean estar lá em baixo. De cada vez que sentia um cheiro desagradável perguntava-me se não seria uma mão em decomposição a tocar-me no rosto.

Passei rapidamente pelos carrinhos de choque e pela nave espacial, que antes era uma grande atracção, mas que com o aparecimento das montanhas-russas e das rodas gigantes cada vez maiores agora não passava de uma sensaboria. Ganhava-lhe terreno. Até que a figura parou. Abrandei o passo e escondi-me atrás de uma barraca de venda de cachorros. Fiquei a vê-la levar a mão ao bolso para tirar um maço de cigarros.

Foi então que me apercebi do meu erro. As mãos. Não eram mãos brancas e de dedos finos, mas mãos rudes, escuras, de unhas compridas e irregulares. A figura virou-se. Fitei-lhe o rosto macilento, de linhas cavadas tão fundo que pareciam entalhadas com uma goiva; os olhos eram pedras azuis enterradas nas órbitas. Uma barba amarela descia-lhe do queixo, quase até ao peito. Não era o senhor Halloran, nem um jovem. Era um velho, um cigano.

A sua voz soou como gravilha agitada dentro de um balde.

– Estás a olhar para quê, miúdo?

– Nada... ehhh... peço desculpa.

Virei-me e fugi tão depressa quanto me permitia a dignidade – ou o que restava dela. Quando me considerei longe da vista dele abrandei o passo, ofegante, a tentar dominar as ondas de náusea que ameaçavam submergir-me. Até que abanei a cabeça, e em vez de um vômito soltei uma gargalhada. Não era o senhor Halloran, não era o *Homem de Giz*, apenas um velho trabalhador da feira, provavelmente careca sob o chapéu de *cowboy*.

Doido, doido, doido. Como o maldito anão de *Aquele Inverno em Veneza* (um filme que uns dois anos antes tínhamos visto em segredo em casa do Gav Gordo, apenas porque ouvimos dizer que Donald Sutherland e Julie Christie «o faziam» diante da câmara. Foi um desapontamento porque quase nada se viu de Julie Christie, apenas o traseiro branco e esquelético de Sutherland).

– Ed. O que se passa?

Levantei a cabeça e vi *Hoppo*, que corria para mim, seguido pelas raparigas. Deviam ter abandonado o carrossel. Lucy parecia bastante irritada com isso.

Procurei sufocar o riso, para não parecer doido.

– Julguei ter visto o senhor Halloran. O *Homem de Giz*.

– *O quê?* Estás a brincar?

Abanei a cabeça.

– Mas não era ele.

– É claro que não podia ser – declarou *Hoppo*, de testa franzida. – Está morto.

– Eu sei. Só que...

Olhei para os seus rostos, inquietos e intrigados, e assenti.

– Eu sei. Estava enganado. Foi uma estupidez.

– Anda daí – disse *Hoppo*, sem abandonar a sua expressão preocupada. – Vamos beber qualquer coisa.

Olhei para Angie. Esboçou um sorriso tímido e estendeu-me a mão. Estava perdoado. Com demasiada facilidade. Como sempre.

Mesmo assim, agarrei-a. Agradecido. Até que ela perguntou:

– Quem é o *Homem de Giz*?



Acabámos o namoro pouco tempo depois. Penso que não tínhamos muito em comum. Afinal, nem nos conhecíamos bem. Ou talvez eu já fosse um jovem com um historial de experiências desagradáveis que requeria alguém especial para partilhar esse fardo. Talvez tenha sido por isso que permaneci solteiro por tanto tempo. Ainda não encontrei essa pessoa. Ainda não. Talvez nunca encontre.

Depois da feira, despedi-me de Angie com um beijo e regressei a casa cansado, sob o calor ainda escaldante do fim da tarde. As ruas estavam estranhamente desertas, os moradores procuravam o fresco nas esplanadas das cervejarias e nos relvados das traseiras; até o trânsito era esporádico,

ninguém estava interessado em derreter dentro de uma grande caixa metálica.

Dobrei a esquina da nossa rua, ainda assaltado por uma sensação de estranheza por causa do incidente na feira. E também a sentir-me um pouco estúpido. Tinha-me assustado com facilidade, convencido de que poderia ser ele. Idiota. Obviamente, não era. Não podia ser. Mais uma intrujice.

Suspirei, percorri o caminho de acesso em passos pesados e abri a porta da frente. O meu pai estava sentado na sua cadeira de braços predilecta, na sala de estar, de olhar perdido na televisão. Na cozinha, a minha mãe preparava o jantar. Tinha os olhos vermelhos, como se tivesse chorado. A minha mãe não chorava com facilidade. Creio que nesse aspecto saio a ela.

– O que se passa? – perguntei.

Enxugou os olhos, mas não se deu ao trabalho de dizer que não se passava nada. A minha mãe também não mentia. Ou pelo menos era isso que eu então pensava.

– É o teu pai – disse ela.

Como se pudesse ser qualquer outra coisa. Por vezes – e continuo a sentir vergonha ao admiti-lo – chegava a odiar o meu pai por ele estar doente. Pelas coisas que a doença o obrigava a dizer e a fazer. Pela expressão vaga e perdida dos seus olhos. Pelo que a sua doença nos afectava, a mim e à minha mãe. Quando se é adolescente, o que se deseja acima de tudo é ser normal, e na vida do meu pai nada havia de normal.

– O que fez ele desta vez? – perguntei, a disfarçar mal o desdém.

– Esqueceu-se de quem sou – disse ela, e vi que as lágrimas teimavam em reaparecer. – Levei-lhe o almoço e ele olhou para mim como se não me conhecesse.

– Oh, mãe...

Puxei-a para mim e apertei-a com quanta força tinha, como se assim pudesse libertá-la da dor, embora uma parte de mim se interrogasse se por vezes esquecer não seria o melhor.

A memória – a memória talvez fosse esse o assassino.

2016

– Nunca tentes presumir. É coisa de idiotas.

Quando o fitei sem compreender, prosseguiu:

– Estás a ver esta cadeira? Acreditas que continuará aqui onde está durante toda a manhã?

– Sim.

– Estás a presumir.

– Parece-me.

O meu pai agarrou na cadeira e colocou-a sobre a mesa.

– A única maneira de ter a certeza de que esta cadeira vai ficar no mesmo sítio é grudá-la ao chão.

– Mas isso não é uma aldrabice?

Assumi um tom mais sério.

– As pessoas estão sempre a aldrabar, Eddie. E a mentir. É por isso que devemos questionar tudo. Tens de olhar sempre além do óbvio.

– Está bem – concordei com um movimento da cabeça.

A porta da cozinha abriu-se e a minha mãe entrou. Olhou para a cadeira, depois para o meu pai e para mim, e abanou a cabeça.

– Acho que nem quero saber.



Nunca presumas. Questiona tudo. Olha sempre além do óbvio.

Presumimos porque é mais fácil, mais cómodo. Não nos obriga a pensar muito sobre coisas que não nos agradam. Mas não pensar pode levar a não compreender e, em alguns casos, à tragédia.

Como a partida estouvada do Gav Gordo, que conduziu a uma morte. Porque era garoto e não pensou nas consequências. E a minha mãe, que não

pensou que contar ao meu pai a história de Hannah Thomas podia resultar em tanto mal, porque presumiu que o meu pai nunca revelaria a sua confiança. E o rapazinho que roubou um pequeno anel de prata e o tentou devolver porque julgava estar a fazer o que era certo e afinal estava errado, tremendamente errado.

Presumir pode levar-nos a outro tipo de enganos. Deixamos de ver as pessoas como de facto são e perdemos a noção daquelas que conhecemos. Presumi que fora Nicky a visitar o pai em St. Magdalene, mas afinal tinha sido Chloe. Presumi que perseguia o senhor Halloran na feira, quando era apenas um velho feirante. Até Penny, a *Dama do Jardim*, havia induzido toda a gente a enveredar por um sinuoso caminho de presunções. Todos acreditavam que ela esperava por Ferdinand, o noivo falecido. Mas Ferdinand não era o noivo. O noivo era o pobre Alfred. Durante todos aqueles anos, ela esperara pelo amante.

Não é um caso de amor imorredouro, mas de infidelidade e de identidade trocada.



A primeira coisa que fiz na manhã seguinte foram alguns telefonemas. Bem *a primeira coisa* foram algumas chávenas de café muitíssimo forte, e fumar meia dúzia de cigarros. Só *depois* fiz os telefonemas. Primeiro para Gav e *Hoppo*, depois para Nicky. Como já esperava, ela não atendeu. Deixo-lhe uma mensagem atabalhoada, que espero que apague sem ouvir. Por fim, telefono a Chloe.

- Não sei, Ed.
- Preciso que faças isto.
- Há anos que não falo com ele. Não somos chegados.
- É uma boa ocasião para reatarem.

Suspira.

- Estás muito enganado quanto a isto.
- Talvez sim. Talvez não. No entanto, não preciso de te lembrar, estás em dívida para comigo.

- Está bem. Só não percebo o que tem isto de tão importante. Porquê agora? Foi há trinta anos, caraças. Por que não deixas as coisas como estão?
- Não posso.
- Isto não tem nada a ver com o Mickey, pois não? Porque tenho a certeza de que a ele *não* deves nada.
- Não. – Penso no senhor Halloran e naquilo que roubei. – Mas talvez deva a outra pessoa e chegou o momento de pagar a dívida.



The Elms é um pequeno bairro de reformados nos arredores de Bournemouth. Há dezenas de propriedades destas ao longo da costa sul. A bem dizer, a costa sul é uma grande casa de repouso, onde algumas áreas são mais dispendiosas do que outras.

É justo que se diga que The Elms é um dos empreendimentos menos sedutores. O beco sem saída com pequenas vivendas quadradas é desinteressante e está em mau estado de conservação. Os jardins continuam bem cuidados, mas a tinta despega-se das paredes e as partes metálicas acusam os efeitos do tempo. Do lado de fora, os automóveis estacionados também contam a sua história. Pequenos, muito brilhantes, religiosamente lavados todos os domingos, sou capaz de apostar, mas todos eles com muitos anos em cima. Não é um sítio mau para alguém viver a reforma. Mas também não tem grande coisa para mostrar ao cabo de quarenta anos de labuta.

Por vezes penso que aquilo por que lutamos em vida é inútil. Trabalha-se duramente para comprar uma bela casa para a família e para andar ao volante do último modelo de um *Countryside Destroyer 4x4*. Depois, os garotos crescem e vão-se embora e troca-se o automóvel por outro mais pequeno, mais ecológico (só com espaço para o cão, lá atrás). Depois reformamo-nos e a grande casa de família transforma-se numa prisão, com portas fechadas e divisões a ganhar pó, e o jardim, que era tão agradável para os churrascos da família dá demasiado trabalho, além de que os miúdos já têm os seus churrascos. E assim, também a casa se torna mais pequena. E mais depressa do que julgamos, só existimos nós para cuidar. E

dizemos para nós que aquilo era formidável quando nos mudámos para lá, pois as divisões mais pequenas são menos propensas a fazer-nos sentir sós. Se tivermos sorte, saímos de cena antes de sermos reduzidos, uma vez mais, a viver sozinhos num quarto e a dormir numa cama com grades, incapazes de limpar o traseiro.

Armado com estes pensamentos exaltantes, estaciono o automóvel no espaço acanhado entre dois caminhos de acesso, defronte do número 23. Percorro o trilho curto e primo a campainha da porta. Aguardo alguns segundos. Estou prestes a tocar de novo à campainha quando através do vidro fosco distingo os contornos imprecisos de uma figura que se aproxima e oiço o restolhar das correntes e dos ferrolhos a abrirem-se. *Cuidadoso com a segurança*, penso. O que não é de surpreender, considerando a sua antiga profissão.

– Edward Adams?

– Sim.

Estende a mão. Após uma hesitação de alguns segundos, aperto-a.

A última vez que vi de perto o agente Thomas foi na soleira da minha porta, já lá vão trinta anos. Continua magro, mas não é tão alto como me recordava. Como é óbvio, agora também sou bastante mais alto, mas é certo que a idade diminui a estatura de um homem. O cabelo escuro é agora ralo e sobretudo grisalho. As feições angulosas são menos grosseiras, mas mais macilentas. Continua a assemelhar-se um pouco a uma gigantesca peça de *Lego*, mas derretida.

– Obrigado por ter aceitado receber-me – digo.

– Devo reconhecer que hesitei... mas Chloe espicaçou a minha curiosidade. – Afasta-se da porta. – Faça o favor de entrar.

Entro num corredor pequeno e estreito. No ar paira um ligeiro odor a comida requentada, à mistura com o aroma forte de um perfumador ambiental. É mesmo forte, este aroma.

– A sala de estar fica em frente, à sua esquerda.

Avanço e empurro uma porta que se abre sobre um compartimento surpreendentemente amplo, mobilado com sofás estafados e cortinas com flores estampadas. Ao gosto da antiga dona da casa, imagino.

Segundo Chloe, o avô mudou-se há alguns anos para o sul, depois de se ter reformado. Dois anos depois, a mulher morreu. Pergunto-me se terá sido então que deixou de cair as paredes e de arrancar as ervas bravas do jardim.

Com um gesto, Thomas convida-me a sentar no menos gasto dos sofás.

– Bebe alguma coisa?

– Ehhh, não, obrigado. Acabei de tomar um café.

É mentira, mas não quero transformar a visita numa ocasião social, considerando o assunto de que venho falar.

– Está bem – diz ele, de pé, um tanto desorientado.

Não deve receber muitas visitas, parece-me. Não sabe como agir quando tem outra pessoa em casa. Mais ou menos como eu.

Senta-se por fim numa posição rígida, com as mãos sobre os joelhos.

– Portanto, é o caso de Elisa Rendell. Já se passou muito tempo. Você é um dos garotos que a encontrou?

– Sim.

– E agora tem uma teoria sobre quem de facto a matou?

– Tenho.

– Pensa que a polícia se enganou?

– Penso que todos nos enganámos.

Acaricia o queixo.

– As provas circunstanciais eram convincentes. Mas eram só isso. Circunstanciais. Se Halloran não se tivesse suicidado, não tenho a certeza de que chegariam para lhe mover um processo. A única prova sólida foi o anel.

Sinto o sangue afluir-me ao rosto. Mesmo agora. O anel. O maldito anel.

– Mas não apareceu a arma do crime, não se encontrou sangue. – Calou-se por um momento, antes de prosseguir. – E, é claro, nunca encontrámos a cabeça.

Lança-me um olhar inquisidor e é como se trinta anos se tivessem evaporado de um momento para o outro. Como se uma luz se voltasse a acender nos seus olhos.

– Então qual é a sua teoria? – pergunta, inclinado para a frente.

– Antes disso, posso fazer-lhe algumas perguntas?

– Creio que sim, mas lembre-se de que não estive envolvido no caso. Não passava de um polícia de giro.

– Não é sobre o caso. É sobre a sua filha e o reverendo Martin.

Assume uma pose formal.

– Não percebo o que tem isso a ver com o resto.

Tem tudo, penso.

– Faça-me a vontade.

– Podia pedir-lhe que saísse.

– Pois podia.

Espero. O *bluff* está feito. Percebo que a sua vontade é pôr-me fora, mas tenho esperança de que a curiosidade e o velho instinto policial levem a melhor.

– Está bem. Faço-lhe a vontade. Mas é por Chloe.

– Compreendo – digo com um aceno de cabeça.

– Não. Não compreende. Ela é tudo o que me resta.

– Então e Hannah?

– Há muito tempo que perdi a minha filha. E hoje foi a primeira vez em mais de dois anos que falei com a minha neta. Se falar consigo significa que a verei mais vezes, faço-o. Percebe *isto*?

– Quer que a convença a visitá-lo?

– É óbvio que ela lhe dá ouvidos.

Nem por isso, mas ainda está em dívida para comigo.

– Farei o que for possível.

– Muito bem. Não posso pedir mais. – Recosta-se no sofá. – O que quer saber?

– Quais eram os seus sentimentos em relação ao reverendo Martin?

Funga de irritação.

– Pensei que fosse mais do que evidente.

– E quanto a Hannah?

– Era minha filha. Adorava-a. E continuo a adorá-la.

– E quando ela engravidou?

– Fiquei desgostoso. Qualquer pai ficaria. E furioso, também. Deve ter sido por isso que me mentiu a respeito do pai da criança.

– Sean Cooper.

– É isso. Ela não devia ter mentido. Depois senti-me mal, por ter dito o que disse acerca do rapaz. Mas naquela altura, se ele não tivesse já morrido, daria cabo dele.

– Tal como tentou fazer com o reverendo?

– Teve o que merecia. – Esboça um sorriso. – Creio que tenho de agradecer ao seu pai.

– Parece-me que sim.

Suspira.

– Hannah não era perfeita. Era uma adolescente como as outras. Tínhamos as nossas desavenças, por causa da maquilhagem, das saias curtas. Senti-me contente quando se envolveu no círculo religioso do reverendo Martin. Achei que seria bom para ela. – Solta uma risada amarga. – Não podia estar mais errado. Foi a sua desgraça. Antes disso éramos muito chegados. Mas depois não fazíamos senão discutir.

– Discutiu com ela no dia em que Elisa foi assassinada?

Confirma silenciosamente.

– Foi uma das discussões piores.

– Porquê?

– Porque ela foi visitá-lo a St. Magdalene. Para lhe dizer que ia ter a criança. E que ia esperar por ele.

– Estava apaixonada.

– Era uma criança. Nem sabia o que era o amor. – Abana a cabeça. – Tem filhos, Ed?

– Não.

– Um homem sensato. Desde que nascem, os miúdos enchem-nos a vida de amor... e de terror. Em especial as raparigas. Queremos protegê-las de tudo. E quando não conseguimos, sentimos que falhámos no nosso papel de pai. Faz muito bem em não ter filhos, poupa-se a muito sofrimento.

Agito-me no assento. Embora a sala não esteja muito quente, sinto-me sufocar de calor. Tento repor a conversa no rumo certo.

– Portanto, diz que nesse dia Hannah foi visitar o reverendo Martin, no dia em que Elisa foi morta?

Recompõe-se.

– Sim. Tivemos uma discussão terrível, e ela fugiu de casa. Não voltou para jantar. Foi por isso que passei a noite fora. A procurá-la.

– Esteve perto do bosque?

– Julguei que pudesse ter fugido para lá. Sei que era lá que por vezes se encontravam. – A sua testa enrugase. – Tudo isto foi relatado no momento oportuno.

– Elisa e o senhor Halloran também se costumavam encontrar no bosque.

– Era para onde iam muitos miúdos, para fazer o que não deviam. Miúdos... e pervertidos.

A última palavra sai-lhe num repelão. Baixo os olhos.

– Eu tinha uma grande admiração pelo senhor Halloran – digo. – Mas ao que parece era outro homem mais velho a andar com uma jovem, tal como o reverendo.

– Não. – Thomas abana a cabeça. – Halloran não se comparava com o reverendo. Não aprovo o que ele fez, mas não era a mesma coisa. O reverendo era um hipócrita, um mentiroso, sempre a proclamar a palavra de Deus enquanto fazia o que fazia com as raparigas. Foi ele que mudou Hannah. Fingia enchê-la de amor, quando na verdade só lhe enchia o coração de veneno, e quando isso não chegou encheu-lhe a barriga com um bastardo.

Os olhos azuis faiscaram. A saliva esbranquiçada cobria-lhe as comissuras dos lábios. As pessoas dizem que não há nada mais forte do que o amor. Têm razão. É por isso que as piores atrocidades são cometidas em seu nome.

– Foi por isso que fez o que fez? – pergunto sem erguer a voz.

– Que fiz o quê?

– Entrou no bosque e viu-a lá, não foi? De pé, como costumava estar quando esperava por ele. Foi aí que não conseguiu resistir? Agarrou-a e sufocou-a antes que tivesse possibilidade de se virar? Talvez não

conseguisse olhá-la nos olhos enquanto o fazia, *e quando percebeu o engano* já era demasiado tarde.

«Mais tarde voltou ao local para decepar o cadáver. Não sei bem porquê. Para esconder o corpo? Ou talvez só para baralhar as coisas...

– Que *raio* está você para aí a dizer?

– Estou a dizer que matou Elisa julgando que era Hannah. Tinham a mesma estatura, e Elisa até tinha pintado o cabelo. Era fácil enganar-se no escuro, furioso e de cabeça perdida como estava. Pensou que Elisa era a sua filha, que fora envenenada, corrompida, e carregava no ventre o bastardo do reverendo...

– *Não!* Eu adorava Hannah. Queria que ela tivesse a criança. Queria que a desse para adopção, mas nunca lhe faria mal. Nunca...

Levanta-se bruscamente.

– Não devia ter aceitado falar consigo. Pensei que podia mesmo saber alguma coisa, mas *isto*? Chegou a altura de sair.

Levanto os olhos para ele. Se espero ver-lhe uma expressão de medo ou de culpa, estou errado. Tudo quanto vejo é dor e indignação. Sinto-me agoniado. Um monte de merda. Acima de tudo, creio que cometi um engano terrível.

– Lamento...

Atira-me um olhar que me gela até aos ossos.

– Lamenta ter-me acusado de matar a minha filha? Não me parece que seja suficiente, *senhor* Adams.

– Não... não, claro que não é.

Levanto-me e dirijo-me para a porta. Nesse momento, ouço-o dizer:

– Espere.

Viro-me. Ele vem na minha direcção.

– Devia esmurrar-lhe as ventas pelo que acaba de dizer...

Pressinto um «mas». Pelo menos assim espero.

– Identidade trocada? É uma teoria interessante.

– E errada.

– Talvez não seja errada. Só a pessoa implicada.

– O que está a dizer?

– Além de Halloran, ninguém tinha razão para fazer mal a Elisa. E a Hannah? Bem, por essa altura o reverendo Martin tinha muitas seguidoras. Se alguma tivesse conhecimento da relação e da criança, podia sentir um ciúme *louco*, o bastante para matar por ele.

Ponderei a hipótese.

– Não faz ideia por onde andam agora?

Abana a cabeça.

– Não.

– Certo.

Thomas acaricia o queixo. Parece debater-se com qualquer coisa. Por fim, diz:

– Nessa noite, quando andava à procura de Hannah perto do bosque, vi alguém. Estava escuro, e à distância pareceu-me vestir um fato-macaco, como um operário, a coxear um bocadinho.

– Não me lembro de ouvir falar noutro suspeito.

– A pista nunca foi seguida.

– Porquê?

– Por que razão nos havíamos de dar a esse trabalho se tínhamos o culpado, e ainda para mais já morto, o que dispensava as despesas do julgamento? Além disso, não era uma descrição suficiente.

Ele tem razão. Não é uma grande ajuda.

– De qualquer maneira, obrigado.

– Trinta anos são muito tempo. Pode ser que nunca venha a encontrar as respostas que procura...

– Eu sei.

– Ou ainda pior. Pode encontrar as respostas, mas não serem as que deseja.

– Também sei isso.

Quando volto a entrar no automóvel, tremo da cabeça aos pés. Baixo o vidro da janela e tiro o maço de cigarros. Acendo um avidamente. Antes de entrar na vivenda tinha posto o telemóvel no silêncio. Pego nele e vejo que tenho uma chamada não atendida. Uma não, duas. Nunca fui tão popular.

Ligo para o correio de voz e escuto as duas mensagens entrecortadas, uma de *Hoppo*, outra de Gav. O teor é o mesmo:

– Ed, é sobre o Mickey. Já sabem quem o matou.

2016

Estão sentados à mesa do costume, mas em vez da *Diet Cola* Gav tem uma cerveja à sua frente.

Mal acabo de me sentar com a minha cerveja quando ele escarrapacha o jornal em cima da mesa, virado para mim. Olho para o título.

JOVENS DETIDOS POR ASSALTO NA MARGEM DO RIO.

Dois jovens de quinze anos estão a ser interrogados sobre o assalto fatal ao antigo residente local, Mickey Cooper (42). O par foi detido há duas noites, após nova tentativa de assalto no mesmo troço do caminho, junto ao rio. A Polícia «mantém em aberto» a possibilidade de os dois incidentes estarem relacionados.

Leio o resto do artigo. Não tinha ouvido falar no assalto, mas a verdade é que tinha mais em que pensar. Franzo a testa.

– Há qualquer coisa errada? – pergunta Gav.

– Não afirmam aqui que estes miúdos atacaram o Mickey – sublinho. – Não passa de uma conjectura.

Gav encolhe os ombros.

– E então? Faz sentido. Um assalto que correu mal. Não tem nada a ver com o livro dele, nem com os homens de giz. Apenas um par de bandidozecos a ver se sacavam umas lecas.

– Pode ser. Sabes quem são os miúdos?

– Ouvi dizer que um deles andava na tua escola. Danny Myers, conheces?

Danny Myers. Devia ficar surpreendido, mas não fico. Parece que já nada me surpreende na natureza humana. Mesmo assim...

– Não pareces convencido – diz *Hoppo*.

– De que Danny assaltou alguém? Imagino-o a fazer coisas estúpidas para impressionar os colegas. Mas matar Mickey...

Não estou convencido. É demasiado conveniente. Demasiado fácil. É *presumir* muito. E há mais qualquer coisa, não sei o quê, que não me deixa sossegar.

No mesmo troço do caminho, junto ao rio.

Abano a cabeça.

– Gav deve ter razão. É a explicação mais plausível.

– Os miúdos de hoje, hem? – comenta *Hoppo*.

– Sim. Quem sabe do que são capazes – concordo devagar.

Estabelece-se um silêncio prolongado, enquanto vamos bebericando as cervejas.

Por fim, digo:

– O Mickey havia de ficar chateado por lhe chamarem um «antigo residente local». Havia de esperar qualquer coisa como «distinto executivo», pelo menos.

– Pois é. Mas olha que «local» não deve ser a coisa pior que já lhe chamaram – diz Gav. E a sua expressão endurece. – Ainda nem acredito que pagou a Chloe para te espiar. *E* que nos mandou aquelas cartas.

– Penso que só queria apimentar o livro – digo. – As cartas eram uma maneira de arranjar um enredo.

– O Mickey sempre foi bom a inventar coisas – diz *Hoppo*.

– E a agitar a merda – acrescenta Gav. – Esperemos que tenha sido a última vez.

Hoppo ergue o copo de cerveja.

– Brindo a isso.

Estendo a mão para o meu copo, mas o movimento é desastrado, derrubo o copo e entorno a cerveja. Consigo agarrá-lo antes de se estilhaçar no chão, mas a cerveja derrama-se sobre o tampo da mesa e o colo de Gav.

Gav faz um gesto com a mão.

– Não te rales.

Sacode as calças de ganga para limpar a cerveja entornada. Mais uma vez me sinto chocado pelo contraste entre as mãos poderosas e os músculos atrofiados das pernas.

Pernas fortes.

As palavras acodem-me à memória sem que as procure.

Enganou-os a todos.

Levanto-me tão precipitadamente que por pouco não entorno o que resta das bebidas.

Gav deita a mão ao copo.

– Que raio foi isso?

– Eu tinha razão – digo.

– A respeito de quê?

Olho para eles.

– Estava *enganado*, e estava certo. É uma loucura, eu sei. Difícil de acreditar, mas... faz sentido. Porra. Tudo faz sentido.

O demónio disfarçado. Confessa.

– Ed, estás a falar de quê? – pergunta *Hoppo*.

– Sei quem matou a *Rapariga do Carrossel*. Elisa. Sei o que lhe aconteceu.

– O que foi?

– Um acto de Deus.



– Eu disse-lhe ao telefone, senhor Adams. A hora da visita já passou.

– E eu respondi-lhe que precisava de o ver. É importante.

A enfermeira, a mesma mulher soturna e alentada que já me recebera antes, olha para nós os três. (*Hoppo* e Gav insistiram em vir comigo. A velha quadrilha. Uma última aventura.)

– É uma questão de vida ou morte, calculo?

– Isso mesmo.

– E não pode esperar até amanhã de manhã?

– Não.

– O reverendo tão depressa não vai a lado nenhum.

– Eu não teria tanta certeza disso.

Lança-me um olhar estranho. Só então percebo. Ela sabe. Todos sabem, mas nunca ninguém disse nada.

– Não dá uma boa imagem, pois não? Quando os residentes saem? Quando os encontram a vaguear. São coisas que é preferível não revelar. Especialmente quando se espera que a Igreja continue a subsidiar?

Os olhos dela estreitam-se numa fenda.

– *Você vem comigo. Vocês os dois* – estala os dedos na direcção de *Hoppo* e *Gav* – esperam aqui. – Dirige-me outro olhar irado. – Cinco minutos, senhor Adams.

Sigo atrás dela pelo corredor. As lâmpadas fluorescentes compridas irradiam uma luz crua. Durante o dia, a casa ainda consegue fingir que é algo mais do que um hospital. À noite, não. Porque nos hospitais a noite não existe. Há sempre luz. Há sempre ruído. Gemidos e queixumes. Portas a ranger, a chiadeira das solas macias sobre o chão de linóleo.

Alcançamos a porta do quarto do reverendo. A *Enfermeira Simpatia* lança-me um derradeiro olhar de aviso e mostra-me cinco dedos antes de bater à porta.

– Reverendo Martin? Trago uma visita para si.

Por um instante louco espero que a porta se abra e que ele apareça, a sorrir-me com frieza.

Confessa.

No entanto, a única resposta é o silêncio. A enfermeira lança-me um olhar complacente e abre a porta com suavidade.

– Reverendo?

Apercebo-me da dúvida na sua voz, em simultâneo com uma lufada de ar frio.

Não espero. Passo por ela. O quarto está vazio, a janela está aberta, e as cortinas drapejam, sacudidas pela brisa da noite. Volto-me para a enfermeira.

– Não têm fechaduras de segurança nas janelas?

– Nunca nos pareceu necessário... – gagueja.

– Apesar de ele ter o hábito de andar por aí?

Olha-me.

– Só faz isso quando está perturbado.

– Se assim é, hoje deve estar perturbado.

– De facto está. Recebeu uma visita que o deixou muito agitado. Mas nunca se afasta para longe.

Corro até à janela e espreito lá para fora. O crepúsculo desce rapidamente, mas distingo a massa informe e escura do bosque. A curta distância. E para lá dele, através dos campos, quem daria pela sua presença?

– Nunca lhe acontece nenhum mal – continua ela. – Em geral, encontra sozinho o caminho de regresso.

Rodo nos calcanhares.

– Disse que recebeu uma visita. Quem foi?

– A filha.

Chloe. Veio despedir-se. Sou avassalado por uma onda de pavor.

Uma ou duas noites a acampar no bosque não faz mal a ninguém.

– Tenho de dar o alarme – diz a enfermeira.

– Não. O que tem a fazer é chamar a polícia. *Já!*

Passo a perna sobre o peitoril da janela.

– Onde julga que vai?

– Ao bosque.



É mais pequeno do que quando éramos crianças. E não se trata de percepção de adulto. O bosque tem vindo a ceder terreno perante o avanço dos empreendimentos residenciais, que crescem mais depressa do que os velhos carvalhos e sicómoros. No entanto, esta noite parece-me de novo grande e denso. O bosque é um lugar escuro e proibido, onde abundam os perigos e se agitam vultos tenebrosos.

Desta vez sou eu que vou à frente, a fazer estalar sob os pés os ramos secos, e a iluminar o caminho com uma lanterna emprestada (com alguma relutância) pela *Enfermeira Simpatia*. Uma vez por outra, o foco luminoso intercepta os discos brilhantes dos olhos de algum animal que depressa se some na escuridão. Há criaturas do dia e criaturas da noite. Apesar das minhas insónias e do sonambulismo, não sou uma criatura da noite. Definitivamente, não sou.

– Estás bem? – pergunta *Hoppo* atrás de mim, e sobressalto-me.

Insistiu em acompanhar-me. Gav ficou à espera no lar, para garantir que chamam a polícia.

– Estou – respondo num murmúrio. – Só me estava a recordar de quando éramos garotos e vínhamos para o bosque.

– Eu também – confirma *Hoppo*, também num sussurro.

Não sei por que razão falamos em segredo. Não há ninguém para nos ouvir. Ninguém, além das criaturas da noite. Talvez eu esteja enganado. Talvez ele não tenha vindo para aqui. Talvez Chloe me tenha dado ouvidos e alugado um quarto numa pensão qualquer. Talvez...

O grito eleva-se do bosque, como um espírito maligno a pressagiar a morte. As árvores parecem arrepiar-se e uma nuvem de asas negras adeja no céu nocturno.

Olho para *Hoppo* e ambos começamos a correr. À nossa frente, o foco da lanterna enceta uma dança irregular. Evitamos os ramos, saltamos sobre os tufo de ervas e emergimos numa pequena clareira, tal como antes. Tal como no meu sonho.

Estaco, e *Hoppo* esbarra nas minhas costas. Percorro o espaço com a luz da lanterna. No chão está uma tenda pequena, para uma pessoa, parcialmente caída. Em frente dela, uma mochila e uma pilha de roupas. Ela não está à vista. Experimento um alívio momentâneo... e volto a iluminar a cena. A pilha de roupas. Demasiado grande. Demasiado volumosa. Não são roupas. É um corpo.

Não! Corro e deixo-me cair de joelhos.

– Chloe!

Puxo para trás o capuz. O rosto está pálido, e em volta do pescoço apresenta marcas avermelhadas, mas respira. Uma respiração fraca, quase indistinta, mas respira. Não está morta. Ainda não.

Devemos ter chegado mesmo a tempo, e por muito que deseje vê-lo, confrontá-lo, isso terá de esperar. Para já, garantir que Chloe está bem é o essencial. Olho para *Hoppo*, de pé, hesitante, na orla da clareira.

– Temos de chamar uma ambulância.

Concorda com um movimento da cabeça, pega no telefone e franze a testa.

– Quase não tenho sinal.

Mesmo assim, leva-o à orelha... e de súbito desaparece. Não apenas o telefone, a orelha também. No seu lugar abre-se agora um buraco sanguinolento. Apercebo-me de um lampejo prateado, um jorro de sangue vermelho, e o braço dele cai ao nível da cintura, apenas preso por alguns pedaços de músculo.

Oio um grito. Não foi *Hoppo*. Ele olha-me em silêncio antes de se abater no chão com um gemido gutural. O grito foi meu.

O reverendo passa por cima do corpo prostrado de *Hoppo*. Na mão, brande um machado, brilhante e sujo de sangue. Por cima do pijama, traz vestido um fato-macaco de jardineiro.

Vestia um fato-macaco, como um operário, e coxeava.

Arrasta uma perna ao caminhar todo desajeitado na minha direcção. A respiração é ofegante, o rosto ceroso e alucinado. Se não fossem os olhos, pareceria um morto a andar. Os olhos, muito vivos, cintilam com uma luz que antes só vira uma vez. Em Sean Cooper. Um brilho de loucura.

Levanto-me com dificuldade. Todos os meus sentidos me gritam para fugir. Mas como posso abandonar Chloe e *Hoppo*? Mais concretamente, quanto tempo restará de vida a *Hoppo* antes de se esvaír em sangue? Ao longe, julgo ouvir o uivo das sirenes. Talvez seja só a minha imaginação. Por outro lado, se conseguir mantê-lo a falar...

– Então, vai matar-nos a todos? Matar não é pecado, reverendo?

– «Aquele que pecou é que morrerá; ao justo será imputada a justiça e ao pecador a sua maldade.»⁶

Olho para a lâmina do machado, de onde pinga o sangue de *Hoppo*, mas não recuo, embora sinta as pernas a tremer.

– Foi por isso que quis matar Hannah? Por ela ser uma pecadora?

– «Porque à meretriz basta um pedaço de pão, mas a mulher adúltera quer uma vida preciosa. Porventura pode um homem esconder fogo no seu seio, sem que as suas vestes se inflamem?»⁷

Acerca-se mais, a perna tolhida a arrastar consigo as folhas secas, o machado a balançar na mão. É como tentar manter uma conversa com um Exterminador bíblico. Mesmo assim, prossigo em desespero, a voz trémula:

– Ela trazia no ventre o seu filho. E amava-o. Isso não significava nada para si?

– «E se a tua mão direita for para ti origem de pecado, corta-a e lança-a fora, porque é melhor perder-se um só dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado à Geena.»⁸ «Se a tua mão ou o teu pé são para ti ocasião de queda, corta-os e lança-os para longe de ti: é melhor para ti entrares na Vida mutilado ou coxo, do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, seres lançado no fogo eterno.»⁹

– Mas você não cortou a sua mão. E não matou Hannah. Matou Elisa.

O reverendo hesita. Percebo a incerteza em que se debate e procuro tirar partido dela.

– Enganou-se, reverendo. Assassinou a rapariga errada. Uma jovem inocente. Mas isso já sabe, não sabe? E vamos ser sinceros, lá no fundo, bem no fundo, sabia que Hannah também era inocente. O pecador é você, reverendo. Um mentiroso, um hipócrita, um assassino.

Solta um rugido e lança-se sobre mim. Desvio-me no último instante, mergulho e acerto-lhe com o ombro no estômago. Oíço com agrado um som *huumf* quando o ar lhe foge dos pulmões e ele recua aos tropeções e depois uma dor atroz, quando o cabo do machado me atinge com violência na têmpora. O reverendo estatela-se no chão. Levado pelo ímpeto, caio em cima dele.

Procuro levantar-me e agarrar o machado, mas sinto a cabeça a latejar e a andar à roda. Está a pouca distância da ponta dos meus dedos. Estico-me e rodo para um lado. O reverendo vira-se, a esmagar-me com o seu peso. Envolve-me o pescoço com as mãos. Atinjo-o na cara, na tentativa de o afastar, mas os meus membros estão fracos e os golpes não surtem efeito. Engalfinhados, rodamos para um lado e para o outro. Um homem dolorosamente contuso a lutar com um morto-vivo. Os dedos dele apertam com mais força. Em desespero, procuro obrigá-los a abrir. O meu peito ameaça explodir, os meus olhos são carvões incandescentes a saírem das órbitas. Tolda-se-me a visão, como se alguém corresse devagarinho as cortinas.

Não era assim que isto devia terminar, arqueja o meu cérebro privado de oxigénio. Não é este o meu *grand finale*. Isto é um logro, um embuste. Isto é... e de repente oiço uma pancada surda e o aperto diminui. Consigo respirar. Afasto as mãos dele do meu pescoço. Recupero a visão. O reverendo fita-me de olhos esbugalhados de espanto. Abre a boca.

– *Confessa...*

A última palavra é babujada, à mistura com um fio de sangue escuro. Os olhos continuam a fitar-me, mas a luz que neles fulgurava extinguiu-se. Agora não passam de globos de cartilagem e fluido; o quer que seja que antes estava por detrás acaba por desaparecer.

Estrebucho para sair debaixo dele. O machado continua enterrado nas suas costas. Levanto os olhos. Nicky está de pé, ao lado do corpo do pai, o rosto e as roupas salpicados de sangue, nas mãos parece calçar luvas vermelhas. Olha para mim como se só naquele momento se desse conta da minha presença.

– Peço perdão, não sabia.

Deixa-se cair ao lado do corpo do pai e as lágrimas correm-lhe pela cara, à mistura com sangue.

– Devia ter chegado mais cedo. Devia ter chegado mais cedo.

⁶ Ezequiel, 18:20. (*N. do T.*)

⁷ Provérbios, 6: 26-27. (*N. do T.*)

⁸ Mateus, 5:30. (*N. do T.*)

⁹ Mateus, 18:7. (*N. do T.*)

2016

Subsistem perguntas. Imensas perguntas. Percebo os «comos» e os «quês», mas não tenho respostas para os «porquês». Não tenho todas as respostas. Nem de longe.

Ao que parece, Nicky meteu-se no automóvel depois de ouvir a minha mensagem. Quando não me encontrou em casa, procurou no *pub*. Cheryl disse-lhe onde tínhamos ido, e as enfermeiras contaram-lhe o resto. Sendo como é, Nicky veio atrás de nós. Fico contente por isso, *mais* do que contente.

Chloe resolveu fazer uma última visita ao pai. Foi um erro. Tal como foi um erro dizer-lhe que ia acampar no bosque. E o cabelo pintado de louro. Creio que foi o que desencadeou tudo. A súbita semelhança com Hannah. Um despertar no seu espírito.

Por falar no espírito do bom reverendo, os médicos ainda debatem o assunto. A tomada de consciência, andar (e matar) seria uma aberração temporária do seu estado quase catatónico, ou o contrário? Teria a invalidez sido sempre uma representação? Que desde sempre entendia o que se passava à sua volta?

Agora que está morto nunca viremos a saber. Todavia, tenho a certeza de que alguém há-de fazer nome e ganhar uns cobres a escrever um artigo sobre o caso, talvez mesmo um livro. Mickey deve estar a dar voltas na campa.

A teoria – sobretudo minha – é que o reverendo matou Elisa a pensar que era Hannah, a meretriz que carregava no ventre um filho seu e, na sua mente perturbada, a ruína da sua reputação Mas por que despedaçou o corpo? Bem, a única explicação é a que me citou no bosque:

– «Se a tua mão ou o teu pé são para ti ocasião de queda, corta-os e lança-os para longe de ti: é melhor para ti entrares na Vida mutilado ou coxo, do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, seres lançado no fogo eterno.»

Decepar-lhe os membros era uma maneira de garantir que ela entraria no reino dos céus. Possivelmente depois de ter percebido o erro que cometera. Ou talvez por causa disso mesmo. Quem poderá saber ao certo? Deus pode ser o juiz do reverendo, mas seria bom vê-lo numa sala de audiências, a encarar a acusação e os rostos severos dos jurados.

A polícia fala em reabrir o caso de Elisa Rendell. Hoje em dia, os processos de análise forense são mais evoluídos, existe o ADN e todas aquelas coisas fantásticas que se vêem na televisão e que podem provar sem margem para dúvidas que o reverendo foi o responsável pelo assassinio. Quanto a mim, não sustenho a respiração enquanto espero. Depois daquela noite no bosque e da recordação das mãos do reverendo no meu pescoço, duvido que alguma vez volte a fazê-lo.

Hoppo está a recuperar muito bem. Os médicos voltaram a colocar-lhe a orelha, embora não como estava, mas usa o cabelo bastante comprido. Quanto ao braço, estão a fazer o melhor que podem, mas os nervos são uma coisa complicada. Disseram-lhe que poderá, ou não, recuperar parcialmente os movimentos. Ainda é demasiado cedo para dizer. O *Gav Gordo* tenta consolá-lo dizendo-lhe que agora pode estacionar onde bem lhe apetecer (e que ainda ficou com uma mão boa para se masturbar).

Durante algumas semanas, os jornais fizeram-se notar pela sua presença irritante e indesejada na cidade, e em frente da minha porta. Não quero falar com eles, mas o *Gav Gordo* dá-lhes uma entrevista na qual refere por diversas vezes o seu *pub*. Quando lá vou, vejo que o negócio vai de vento em popa. Pelo menos houve uma coisa boa no meio de tudo isto.

A minha vida começa a regressar à rotina, com algumas excepções. Informo a escola de que não voltarei a trabalhar lá depois das férias de Outono e chamo um agente imobiliário.

Um tipo janota, com um corte de cabelo caro e um fato barato aparece lá em casa para ver tudo. Mordo a língua e tento refrear o que sinto quanto à intrusão enquanto ele mete o nariz nos louceiros, bate com os pés nas

pranchas do soalho e vai murmurando *hmmms* e *ahhhs* enquanto diz que os preços subiram em flecha nos últimos anos e que, apesar de a casa precisar de alguma «remodelação», menciona um valor que me faz erguer as sobrancelhas.

A tabuleta PARA VENDA é colocada alguns dias mais tarde.

No dia seguinte, visto o meu melhor fato escuro, aliso o cabelo e faço o nó de uma sóbria gravata cinzenta com todo o cuidado. Estou quase a sair quando alguém bate à porta. Resmungo impaciente *tinha de ser agora*, percorro rapidamente o corredor e escancaro a porta num movimento brusco.

Nicky está na soleira. Olha-me da cabeça aos pés.

– Mas que elegância!

– Muito obrigado. – Olho para o casaco verde-claro que traz vestido. – Calculo que não tenciones lá ir.

– Não. Só cá vim hoje para falar com o advogado.

Apesar de ter salvado três vidas, Nicky pode ser indiciada pela morte do pai.

– Não podes ficar um pouco mais?

– Tenho uma reserva no comboio. Diz aos outros que lamento, mas...

– Tenho a certeza de que vão compreender.

– Obrigada. – Estende-me a mão. – Só me queria despedir de ti, Ed.

Olho para a mão dela. Depois, tal como ela fizera há muitos anos, dou um passo em frente e envolvo-a num abraço apertado. O seu corpo inteiriça-se por um instante, mas depois corresponde ao abraço. Inalo o seu perfume. Não é baunilha e pastilha elástica, mas cigarros e almíscar. E não é um gesto de posse, mas de libertação.

Por fim, separamo-nos. Vejo-lhe uma coisa brilhante em volta do pescoço. Franzo a testa.

– Estás a usar o teu colar antigo?

Baixa os olhos para ele.

– Sim. Guardei-o sempre – diz, a segurar entre os dedos o pequeno crucifixo de prata. – É estranho, não é, guardar uma coisa tão associada a más recordações?

Abano a cabeça.

– Nem por isso. Há coisas de que não nos podemos separar.

Sorri.

– Cuida de ti.

– E tu também.

Fico a vê-la afastar-se e desaparecer na esquina. Posse e libertação. Por vezes são a mesma coisa.

Agarro no sobretudo, verifico se o cantil de bolso lá continua e saio porta fora.



O ar fresco de Outubro fustiga-me e mordisca-me as maçãs do rosto. Entro no automóvel, grato pelo abrigo, e ligo o aquecimento no máximo. Quando chego ao crematório já está morno.

Odeio funerais. Quem não odeia, excepto os cangalheiros? Mas alguns são piores do que outros. Os dos jovens, arrancados súbita e violentamente à vida. Os dos bebés. Ninguém devia ser obrigado a ver um caixão que parece feito para bonecas a descer para o abismo negro.

Outros parecem apenas inevitáveis. No entanto, a morte de Gwen foi um choque. Contudo, tal como com o meu pai, quando já se disse adeus ao espírito, é apenas uma inevitável questão de tempo até o corpo se seguir.

Não há muita gente a assistir. Muitas pessoas conheciam Gwen, mas os seus amigos eram poucos. Estão cá a minha mãe, o Gav *Gordo* e Cheryl. E alguns daqueles para quem fez limpezas. Lee, o irmão mais velho de *Hoppo*, não pôde – ou não quis – pedir uma licença. *Hoppo* está sentado na primeira fila, envolto num casaco acolchoado demasiado grande para ele, o braço suspenso num apoio de fabrico industrial. Perdeu peso e parece mais velho. O hospital só lhe deu alta há alguns dias. Continua a lá ir para fazer fisioterapia.

Gav está sentado ao seu lado na sua cadeira de rodas e Cheryl no banco corrido, do outro lado da coxia. Sento-me atrás deles, ao lado da minha mãe. Quando me sento, ela estende a mão para agarrar a minha. Como fazia quando eu era pequeno. Agarro-a e aperto-a com força.

O serviço fúnebre é breve. O que é ao mesmo tempo uma bênção e uma oportuna chamada de atenção para a precariedade da vida neste planeta, onde setenta anos de vida se podem resumir em dez minutos e algumas alusões a Deus, evasivas e desnecessárias. Quando eu morrer, se alguém mencionar Deus espero que arda para sempre no Inferno.

Pelo menos na cremação tudo acaba quando as cortinas se fecham. Não há procissão vagarosa até ao cemitério. Não se vê o caixão a descer para a cova hiante. Recordo-me muito bem disso tudo, no funeral de Sean.

Em vez disso, saímos em fila para o exterior e vagueamos sem destino pelo jardim das recordações, a admirar as flores. Gav e Cheryl prepararam um pequeno velório no The Bull, mas não creio que alguém esteja disposto a participar nele.

Converso um pouco com Gav, deixo a minha mãe a trocar algumas palavras com Cheryl e escapo-me furtivamente para fumar um cigarro rápido e beber um trago do cantil que trago no bolso, mas também para me furtar à companhia das pessoas.

Mais alguém teve a mesma ideia.

Hoppo está de pé junto a uma fiada de pequenas pedras tumulares que assinalam o lugar onde foram enterradas ou dispersas as cinzas de alguém. Sempre achei que as pedras tumulares no jardim do crematório se assemelhavam a versões mirradas das verdadeiras: um cemitério-modelo em miniatura.

Quando me aproximo, *Hoppo* ergue a cabeça.

– Ei?

– Como te sentes, ou é uma pergunta estúpida?

– Estou bem, creio. Embora estivesse à espera disto, nunca se está preparado.

Não. Ninguém está preparado para a morte. Para algo tão definitivo. Como seres humanos, estamos habituados a ter o controlo das nossas vidas. A prolongá-la, até aos limites. Mas a morte não tolera argumentações. Não existe um apelo final. A morte é a morte e tem todas as cartas na mão. Mesmo que a enganemos uma vez, não nos permite um segundo *bluff*.

– Sabes o que é o pior? – diz *Hoppo*. – Em parte sinto-me aliviado por ela ter partido. Para não ter de cuidar mais dela.

– Foi o que senti quando o meu pai morreu. Não te sintas mal por isso. Não estás contente por ela ter morrido. Estás contente porque o seu sofrimento acabou.

Tiro o cantil do bolso e estendo-lho. Hesita antes de aceitar e beber um gole.

– E o resto, como vai? O braço? – pergunto.

– Ainda tenho pouca sensibilidade, mas os médicos dizem que vai levar algum tempo.

Pois claro. Estamos sempre a dar-nos tempo. Até que um dia se esgota.

Estende-me o cantil. Ainda que me esteja também a apetecer, faço-lhe sinal para que beba mais um trago. *Hoppo* bebe outro gole enquanto acendo um cigarro.

– Então e tu? – pergunta. – Estás preparado para te mudares para Manchester?

Tenciono trabalhar algum tempo como professor substituto. E Manchester situa-se a uma distância razoável para me dar uma perspectiva das coisas. De muitas coisas.

– Quase. Embora tenha o pressentimento de que os miúdos me vão comer vivo.

– E a Chloe?

– Não vai comigo.

– Pensei que vocês...

Abano a cabeça.

– Achei que o melhor seria ficarmos amigos.

– É mesmo?

– É mesmo.

Porque, por muito lindo que fosse imaginar que eu e Chloe pudéssemos ter uma relação, a verdade é que ela não me vê assim. Nunca há-de ver. Não sou o seu género, e ela não é a pessoa adequada para mim. Além disso, agora que sei que é a irmã mais nova de Nicky, parece-me impróprio. As duas têm de construir pontes entre si. Não quero ser eu a derrubá-las.

- Seja como for, pode ser que encontre uma nortenha gira.
- Já vi coisas mais estranhas.
- Não é verdade?

Silêncio. Desta vez, quando *Hoppo* estende o braço para me devolver o cantil, pego nele.

– Espero que tudo tenha terminado – diz ele, e sei que não se refere apenas aos homens de giz.

- Creio que sim.

Embora ainda subsistam lacunas. Pontas soltas.

- Não me pareces convencido.

Encolho os ombros.

- Há coisas que ainda não compreendo.

- Como, por exemplo?

– Nunca te perguntaste quem terá envenenado *Murphy*? Nunca fez qualquer sentido. Quero dizer, de certeza que foi Mickey quem o soltou da trela. Talvez para te fazer sofrer, como ele estava a sofrer. E o desenho que encontrei, também pode ter sido o Mickey. Mas continuo a *não* imaginar o Mickey a matar *Murphy*. E tu? Consegues?

Reflecte um bom bocado antes de falar. Por um momento, pensei que não responderia. Até que ele diz:

- Não foi ele. Não foi ninguém. Intencionalmente.

Olho para ele.

- Não estou a perceber.

O olhar de *Hoppo* dirige-se para o cantil de bolso. Ofereço-lho outra vez. Emborça o resto do conteúdo.

– Já nesse tempo a minha mãe se baralhava com certas coisas. Colocava-as fora do sítio, nos lugares mais disparatados. Uma vez dei por ela a despejar cereais numa caneca de café e a acrescentar água quente.

Nada a que eu não tivesse assistido.

– Certo dia, talvez um ano ou dois depois da morte de *Murphy*, cheguei a casa e ela estava a preparar a comida do *Buddy*. Tinha posto comida numa tigela e estava a acrescentar-lhe qualquer coisa de uma caixa que tirou do

louceiro. Pensei que fosse comida seca. Até que percebi que era veneno para as lesmas. Tinha trocado as caixas.

– Merda!

– Pois é. Cheguei mesmo a tempo de evitar que ela lhe desse a tigela, e creio que até dissemos uma piada acerca disso. Mas fiquei a pensar se ela não teria feito o mesmo com *Murphy*.

Um caso a considerar. Não foi uma acção deliberada. Apenas um engano terrível.

Nunca presumas, Eddie. Questiona tudo. Procura sempre além do óbvio.

Não consigo evitar uma gargalhada.

– Durante todo este tempo interpretámos tudo mal. Outra vez.

– Desculpa não te ter contado antes.

– Por que razão havias de contar?

– Bem, penso que já tens a tua resposta.

– Uma delas.

– Há mais?

Inalo o fumo do cigarro com mais força.

– A festa. Na noite do acidente. O Mickey sempre afirmou que alguém lhe drogara a bebida.

– O Mickey estava sempre a mentir.

– Mas não acerca disso. Nunca bebia quando ia conduzir. Adorava aquele carro, não se arriscaria a estampar-se com ele.

– E então?

– Estou convencido de que alguém lhe deitou qualquer coisa na bebida. Alguém que desejava que ele sofresse um acidente. Alguém que o odiava mesmo. Mas que não contou com a presença de Gav.

– Tinha de ser um amigo muito mau.

– Não creio que se tratasse de um amigo de Mickey. Nem na altura nem agora.

– O que queres dizer?

– Viste o Mickey quando ele regressou a Anderbury. No primeiro dia. Disseste ao Gav que ele te falou.

– E então?

– Toda a gente presumiu que o Mickey vagueava pelo parque naquela noite porque estava bêbedo e a pensar no irmão morto, mas não me parece. Creio que foi lá de propósito. Para se encontrar com alguém.

– E foi. Um par de rufiões adolescentes.

Sacudo a cabeça.

– Nunca foram formalmente acusados. Não há provas suficientes. Além disso, sempre negaram ter estado perto do parque naquela noite.

Cala-se, a ponderar a questão.

– Talvez tenha acontecido como eu sempre disse, o Mickey estava bêbedo e caiu ao rio?

Confirmo com um movimento da cabeça.

– Não há candeeiros naquele troço do caminho. Foi o que disseste quando te contei que o Mickey tinha caído ao rio e morrido afogado. Certo?

– É isso.

Sinto um pequeno abalo no coração.

– Como sabias em que sítio ele caíra? A menos que estivesses presente?

A sua expressão perde vivacidade.

– Por que razão havia de matar o Mickey?

– Porque ele finalmente descobriu que foste tu o culpado do acidente? Ia contar ao Gav, escrever no livro? Diz-me tu.

Fita-me demasiado longamente, o que não me deixa à vontade. Depois, estende-me o cantil de bolso, a empurrá-lo contra o meu peito.

– Por vezes, Ed... é melhor não saber todas as respostas.

Duas semanas mais tarde

É estranho como a nossa vida parece pequena quando a deixamos para trás.

Ao fim de quarenta e dois anos, imaginava que o meu espaço sobre a terra havia de ser maior, a minha marca no tempo mais dilatada. Mas não, como acontece com quase toda a gente, a maior parte da minha vida – pelo menos a parte material – cabe sem dificuldade dentro de um grande camião de mudanças.

Fico a ver até que as portas se fecham sobre os meus últimos haveres, encaixotados e etiquetados. Os últimos, ou quase.

Dirijo aos homens das mudanças um sorriso que pretende ser jovial e cúmplice.

– Tudo em ordem?

– Tudo em ordem – repete o mais velho do grupo. – Tudo arrumado.

– Bom, bom.

Olho para a casa. O letreiro VENDIDO fita-me acusador, como que a dizer-me que de algum modo falhei, que aceitei a derrota. Pensei que a minha mãe ficasse triste por eu vender a casa, mas pareceu-me aliviada. Fez questão de não aceitar nem um tostão da venda.

– Vais precisar dele, Eddie. Instala-te. Um novo começo. Todos precisamos de um.

Levanto o braço quando o camião das mudanças se afasta. Aluguei um apartamento com uma única divisão, de maneira que a maior parte dos meus pertences vai directa para um armazém. Regresso à casa com todo o vagar.

Do mesmo modo que a vida me parece mais pequena, agora que os meus haveres foram retirados, inevitavelmente a casa parece-me maior.

Deambulo sem destino pelo corredor até que subo a escada em passos pesados e vou ao meu quarto.

Sob a janela, onde a cómoda costumava estar, há uma mancha escura no chão. Dirijo-me para lá, ajoelho-me e tiro do bolso uma pequena chave de parafusos. Introduzo-a na ranhura entre as pranchas e levanto-as. Lá dentro só ficaram duas coisas.

Pego com cuidado na primeira: uma grande caixa de plástico. Por baixo, dobrada, uma mochila velha. A minha mãe comprou-a depois de ter perdido a bolsa de cintura na feira. Já vos falei nisso? Gostava daquela mochila. Tinha uma imagem das Jovens Tartarugas Ninjas Mutantes e era muito mais porreira do que a bolsa de cintura. E também melhor para guardar coisas.

Tinha-a comigo quando pedalei para o bosque naquela manhã límpida e fria. Sozinho. Não sei dizer porquê. Era ainda muito cedo, e não tinha o hábito de ir sozinho para o bosque. Especialmente no Inverno. Talvez fosse um pressentimento. Afinal de contas, nunca se sabe quando se vai encontrar qualquer coisa interessante.

E nessa manhã encontrei uma coisa muito interessante.

Tropecei na mão. Passado o choque da surpresa e depois de algumas buscas, encontrei o pé dela. Depois, a mão esquerda. As pernas. O tronco. E, por fim, a peça mais importante do *puzzle* humano. A cabeça.

Repousava sobre uma pequena pilha de folhas, a olhar para a cúpula de arvoredo. A luz do Sol filtrava-se por entre os ramos despidos, a formar poças de luz no solo da mata. Ajoelhei-me a seu lado, estendi uma mão trémula de expectativa, acariciei-lhe os cabelos e afastei-os do rosto. As cicatrizes já não pareciam tão horríveis. Do mesmo modo que o senhor Halloran as dissimulara com os toques suaves do pincel, a morte também as suavizara com a carícia fria da sua mão esquelética. Era de novo bela. Mas triste. E perdida.

Acariciei-lhe o rosto com os dedos e depois, sem pensar, levantei-a. Era mais pesada do que pensava. E agora que lhe tinha tocado, não era capaz de a largar. Não a podia deixar ali, perdida entre as folhas amareladas do

Outono. A morte não só a tornara de novo bela como a fizera especial. E era eu o único a poder vê-la, o único a poder agarrá-la.

Com gestos cuidadosos e reverentes sacudi algumas folhas e coloquei-a na mochila. Ficava quente e seca, e não era obrigada a levantar os olhos para o sol. Também não queria que ela olhasse para a escuridão, ou que pedaços de giz se lhe enfiassem nos olhos. Por isso estendi a mão e fechei-lhe as pálpebras.

Antes de sair do bosque, peguei num pedaço de giz e desenhei indicações para o seu corpo, para que a polícia a pudesse encontrar. Para que o que restava dela não ficasse perdido por muito tempo.

No caminho de regresso, ninguém me interpelou nem me deteve. Se o tivessem feito, talvez confessasse. Quando cheguei a casa, levei para dentro a mochila com o meu novo e precioso bem e escondi-a debaixo das pranchas do soalho.

Percebi que tinha um problema. Precisava de falar de imediato à polícia sobre o corpo. E se me perguntassem pela cabeça? Não era um mentiroso convincente. Se percebessem que a levava? Se me metessem na prisão?

Foi então que tive a ideia. Peguei na caixa com os paus de giz e desenhei figuras de homem. Para *Hoppo*, para o *Gav Gordo* e para Mickey. Mas troquei as cores para criar confusão. Para que ninguém soubesse quem as tinha desenhado.

Cheguei mesmo a desenhar um homem de giz para mim e fingi – até para comigo – que o encontrara ao acordar. Depois, cavaleguei a bicicleta e dirigi-me ao parque de jogos.

Mickey já lá se encontrava. Os outros apareceram logo a seguir. Como eu esperava que fizessem.



Retiro a tampa do contentor e espreito lá para dentro. As órbitas vazias correspondem ao meu olhar. Algumas madeixas de cabelo estaladiço, fino como algodão-doce, agarram-se ao crânio amarelado. Olhando de perto continuam a notar-se pequenas incisões nos málares, onde a peça metálica do carrossel lhe retalhou a carne.

Não estive em descanso durante todo este tempo. Ao fim de algumas semanas, o cheiro a podre no quarto tornou-se insuportável. O quarto dos adolescentes costuma cheirar mal, mas não assim. Escavei um buraco na extremidade do quintal e guardei-a lá vários meses. Mas voltei a levá-la para casa. Para a ter perto de mim. Em segurança.

Estico o braço para lhe tocar mais uma vez. Depois, olho para o relógio. Reponho relutantemente a tampa, enfio a caixa dentro da mochila e desço a escada.

Meto a mochila no porta-bagagem do automóvel e cubro-a com vários casacos e sacos. Não espero ser parado e interrogado sobre o conteúdo da mala, mas nunca se sabe. Podia ser embaraçoso.

Estou quase a sentar-me ao volante quando percebo que me esqueci das chaves de casa. O agente imobiliário tem um conjunto, mas antes de sair tencionava deixar as minhas na caixa do correio, para o novo dono. Volto a pisar a gravilha do caminho, pego nas chaves e introduzo-as na...

Fico quieto. Na... do correio?

Procuro recordar-me da palavra, mas quanto mais tento mais ela parece escapar-me. ... do correio? O raio da... do correio?

Acode-me à memória o meu pai, a olhar para o puxador da porta, incapaz de se lembrar da palavra óbvia que se lhe esquivava, a confusão e a frustração estampadas no rosto. *Pensa, Ed. Pensa.*

E, por fim, chego lá. A *ranhura* do correio. É isso. A *ranhura* do correio.

Sacudo a cabeça. Estúpido. Entrei em pânico. Não foi nada. Estou só cansado e tenso, por causa da mudança. Está tudo bem. Não sou o meu pai.

Empurro as chaves pela abertura, ouço-as cair com um baque surdo e regresso ao automóvel.

A *ranhura* do correio. Pois claro.

Ligo o motor e arranco, em direcção a Manchester, e ao futuro.

Agradecimentos

Antes do mais, muito obrigada a si, caro leitor. Por ter comprado este livro com o dinheiro que tanto lhe custa a ganhar, por tê-lo levantado de uma biblioteca ou por tê-lo pedido emprestado a um amigo. Seja como for que aqui chegou, obrigada. Fico-lhe eternamente grata.

Os meus agradecimentos também para a minha fantástica agente, Madeleine Milburn, por ter tirado o meu original da pilha de textos não solicitados e reconhecer o seu potencial. A Melhor. Agente. De Sempre. Um obrigado também para Hayley Steed, Therese Coen, Anna Hogarty e Giles Milburn, pelo trabalho árduo e pela competência evidenciada. Formam um conjunto fantástico.

Obrigada à maravilhosa Maxine Hitchcock, de MJ Books, pelas nossas conversas sobre o cocó dos garotos pequenos e por ser uma editora tão inspirada e perspicaz. Agradeço também a Nathan Roberson, de Crown US, pelas mesmas razões (excepto as conversas sobre o cocó). Obrigada a Sarah Day pela correcção das provas e a todos os elementos da Penguin Random House pelo apoio que me deram.

Agradeço a todos os meus editores por esse mundo fora. Tenho esperança de que um dia nos poderemos conhecer pessoalmente.

Um grande e óbvio obrigado a Neil, o meu sacrificado companheiro, pelo apoio que me deu e por todas as noites que passou a falar para a traseira do monitor de um computador. Um obrigado para Pat e para Tim por tantas coisas, e para o meu pai e a minha mãe – por tudo.

Estou quase a terminar, prometo...

Obrigada a Carl, por me aturar as tagarelices sobre a minha escrita enquanto passeava o cão. E por todas as palavras de estímulo.

Por fim, os meus agradecimentos a Claire e a Matt, pelo magnífico presente que compraram para o segundo aniversário da nossa filha – um balde com paus de giz de várias cores.

Vejam o que fizeram.



Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2017, C. J. Tudor
© 2016, Planeta Manuscrito

Título original: *The Chalk Man*

Tradução: Victor Antunes

1.ª edição em epub: Janeiro de 2018

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-038-8 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

